

Maria Daniela Corrêa de Macedo

Jovens entre culturas: itinerários e perspectivas
de jovens Guarani entre a aldeia Boa Vista
e a cidade de Ubatuba

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Ciências

Área de Concentração: Movimento, Postura
e Ação Humana

Orientadora: Profa. Dra. Denise Dias Barros

São Paulo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Macedo, Maria Daniela Corrêa de

Jovens entre culturas : itinerários e perspectivas de jovens Guarani entre a aldeia Boa Vista e a cidade de Ubatuba / Maria Daniela Corrêa de Macedo. -- São Paulo, 2010.

Dissertação(mestrado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional.

Área de concentração: Movimento, Postura e Ação Humana.

Orientadora: Denise Dias Barros.

Descritores: 1.Adolescente 2.Guarani 3.Saúde indígena 4.Educação
5.Organizações indígenas 6.Redes comunitárias 7.Terapia Ocupacional

USP/FM/SBD-010/10

"E aquilo que nesse momento se
revelará aos povos.
Surpreenderá a todos, não por ser
exótico.
Mas pelo fato de poder ter sempre
estado oculto.
Quando terá sido o óbvio".

(Caetano Veloso. "Um índio", 1977)

À família e aos amigos

Agradecimentos

Anos de trabalho e dedicação não poderiam ser bem-sucedidos sem o apoio de muitas pessoas. Espero conseguir agradecer e nomear todos que participaram do processo de construção deste trabalho e possibilitaram meus itinerários entre São Paulo e Ubatuba até à conclusão desta dissertação.

Às professoras de graduação Umaia El-Khatib, Silvana Bragatto e Roseli Esquerdo Lopes, por terem apresentado e mostrado um olhar diferenciado para o campo social.

À Nalva, pelo apoio e incentivo na retomada de contatos com a comunidade Guarani, através de seu trabalho com as mulheres de Ubatuba.

À amiga e pesquisadora Juliana Testa, que acreditou e incentivou meu pleiteio no mestrado.

À Denise, minha orientadora, que acreditou na proposta e esteve sempre presente, apoiando, estimulando, questionando, ensinando e possibilitando o aprendizado de forma acolhedora e instigante, preocupando-se sempre com meu bem-estar e minha vida, além de minha formação como pesquisadora.

À amiga Gisele, pelo apoio e pela acolhida em sua casa.

Às amigas Cris e Renata, pela torcida e pelo carinho.

Aos amigos de república de São Paulo, Babi, Denaise, Denise, Kelly e outros tantos visitantes que sempre escutaram muito sobre os Guarani, sobre meus questionamentos, minhas angústias, dúvidas, e até aos momentos de desespero e alegrias compartilhados no meu viver entre São

Paulo e Ubatuba.

Aos meus pais e irmãos, em especial à Gabi pelas viagens, pela compreensão, apoio afetivo e por sempre possibilitarem, acreditarem, apoiarem e tornarem possíveis meus projetos.

À prima Juliana, pelo auxílio e apoio no momento de grande turbulência.

À todos os familiares e amigos que torceram por mim!

À comunidade Guarani da aldeia Boa Vista e aos jovens, a Madalena, o José, o Airton, o Mario, a Creuza, o Denilson, o Reginaldo, o Iléo, a Angelina, a Kerexu e o Kuaray pelo acolhimento, pela colaboração e por compartilharem suas vidas comigo.

Aos técnicos da aldeia Boa Vista, meus interlocutores nos momentos iniciais, a enfermeira Íris, a Dra. Gianna, a coordenadora escolar Nádia e, no processo, ao Dr. Sandro.

À Selma da CPI-SP, pelo apoio, por permitir minha participação nos grupos de discussão do Projeto Novos Futuros no Horizonte dos Guarani da aldeia Boa Vista e pelas conversas sobre o trabalho com a comunidade.

À banca do exame de qualificação — composta pela Profa. Dra. Marta Almeida, pela Profa. Dra. Maria Luisa Schimidt e pela Profa. Dra. Eliane Dias de Castro, pelas contribuições.

Ao grupo Metuia, pelo qual tenho muito orgulho do trabalho e por integrá-lo. Em especial à Talita, pelo nosso início juntas, à Débora, por sempre estar disponível e presente, e à Yuri, pelo apoio nos momentos finais.

Ao apoio da FAPESP- Fundação
de Apoio à Pesquisa do Estado
de São Paulo.

Sumário

Lista de abreviaturas e siglas

Lista de figuras e quadros

Resumo

Summmary

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Contextualizando escolhas e objetivos.....	5
1.2 Método.....	12
1.2.1 Procedimentos éticos.....	17
1.2.2 Pesquisa de campo.....	19
1.3 Construção, tratamento dos dados e de categorias de análise.....	22
2 HISTÓRIA E ESTUDOS SOBRE OS GUARANI: CONTEXTUALIZAÇÃO E LUGAR ATRIBUÍDO AOS JOVENS DA COMUNIDADE BOA VISTA.....	27
2.1 Estudos clássicos.....	27
2.2 Estudos atuais.....	42
2.3 Jovens Guarani, questões de vulnerabilidade e ritos.....	51
2.4 Projetos de intervenção social voltados para a juventude.....	60
3 A CIDADE DE UBATUBA, A ALDEIA BOA VISTA E OS JOVENS: TRÂNSITO E REDES.....	63
3.1 O município de Ubatuba.....	63
3.2 A aldeia Boa Vista.....	65
3.2.1 A população.....	73
3.2.2 Vida social e política: observação de campo e perspectivas dos colaboradores.....	78
3.2.3 A atividade econômica.....	84
3.2.4 Religiosidade.....	88
3.3 Organizações governamentais, não governamentais, religiosas e grupos que atuam na aldeia.....	93
4 SAÚDE E INTERSECÇÃO ENTRE MUNDOS.....	102
4.1 Saúde na aldeia.....	103
4.2 Saúde na cidade.....	107
4.3 Os jovens e a saúde.....	109
5 O JOVEM GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR: PROCESSOS E DESAFIOS.....	117
5.1 Implantação da Educação Guarani em Ubatuba.....	123
5.2 Frequentar a Escola na cidade: novos cenários.....	126
5.3 Escolarização: expectativas, dificuldades e espaços de construção de relações.....	134

6 ITINERÁRIOS, REDES E PERSPECTIVAS DE VIDA NA HISTÓRIA DE JOVENS GUARANI.....	147
6.1 Madalena Xapya: família e artesanato.....	147
6.2 Kerexu: mãe-professora.....	160
6.3 José: agente de saúde e atividade de caça.....	177
6.4 Airton Werá: artesanato/ coleta e religião.....	187
6.5 Mário Karáí Tataendy: política, conflitos sociais e família.....	198
6.6 Creuza Ara: artesanato e saúde.....	218
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	232
8 REFERÊNCIAS.....	241
ANEXOS.....	250
ANEXO A ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	250
ANEXO B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO...	251
ANEXO C LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	257
ANEXO D ENTREVISTAS.....	268
ANEXO E RELATO IRMÃ LUISINHA.....	316

Lista de abreviaturas e siglas

Funai	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
ISA	Instituto Socioambiental
TI	Terra Indígena
CAPPesq	Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa
HCFMUSP	Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
CPI-SP	Comissão Pró-Índio de São Paulo
TO	Terapia Ocupacional
NEHO	Núcleo de Estudos em História Oral
ONG	Organização não-governamental
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
USP	Universidade de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Lista de figuras e quadros

Figura 1 - Localização das aldeias do estado de São Paulo, incluindo a aldeia Boa Vista	69
Figura 2 - Localização aérea da aldeia Boa Vista, foto 1 - campo de futebol e casas e foto 2 - posto de saúde, casa da enfermeira e escola.....	70
Figura 3 - Fotos das antigas casas da comunidade Boa Vista, foto 1 - casa em madeira e foto 2 - casa em pau-a-pique.....	74
Figura 4: Foto das novas casas da comunidade Boa Vista, do Programa CDHU de São Paulo - casas com material em barro e madeira.....	75
Figura 5: Crianças Guarani da comunidade Boa Vista em riacho na Aldeia, foto 1 - crianças menores de quatro anos e foto 2 - crianças maiores de sete anos.....	78
Figura 6: Foto da casa de reza/ <i>opÿ</i> da comunidade Boa Vista.....	89
Quadro 1 - Descrição da composição familiar de Madalena, segundo gênero e situação de parentesco.....	155
Quadro 2 - Descrição da composição familiar de Kerexu, segundo gênero e situação de parentesco.....	170
Quadro 3 - Descrição da composição familiar de José, segundo gênero e situação de parentesco.....	182
Quadro 4 - Descrição da composição familiar de Airton, segundo gênero e situação de parentesco.....	188
Quadro 5 - Descrição da composição familiar de Mário, segundo gênero e situação de parentesco.....	208
Quadro 6 - Descrição da composição familiar de Creuza, segundo gênero e situação de parentesco.....	220

Resumo

Macedo MDC. Jovens entre culturas: itinerários e perspectivas de jovens Guarani entre a aldeia Boa Vista e a cidade de Ubatuba [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2010.

O estudo propôs conhecer as relações dos jovens Guarani com a comunidade da aldeia Boa Vista e a cidade de Ubatuba. O trabalho de campo e análises foram realizadas com 12 jovens entre 13 e 29 anos que participaram como colaboradores. As principais temáticas foram no campo da educação e saúde; além dos estudos das histórias de vida compostas nos eixos entre cidade/ aldeia relativos aos itinerários dos jovens, suas redes sociais e perspectivas futuras. Na saúde verificamos as tensões existentes nas relações de poder entre o conhecimento técnico-científico e os procedimentos Guarani de saúde. E na educação, o aprendizado e domínio do português aparecem como essenciais nas relações sociais interculturais, isto é, para o diálogo e negociações com outras culturas.

Descritores: 1. Adolescente; 2. Guarani 3. Saúde; Indígena 4. Educação; 5. Organizações indígenas; 6. Redes comunitárias; 7. Terapia Ocupacional.

Summary

Macedo MDC. Youths within cultures: itineraries and perspectives of the young Guarani among the village Boa Vista and the city of Ubatuba. [dissertation]. Faculty of Medicine, University of Sao Paulo, SP (Brazil); 2010.

This study intended to deepen the knowledge of the relationship of Guarani youths with the community of Boa Vista village and the city of Ubatuba (SP). Field work and analysis were performed with twelve 13- and 29-year old youngsters, in which they took part as collaborators. The main themes focus in the field of Education, Health and also studies of Composed Life History within the axis of the city-village related to the youths' itineraries, their social nets and of their future perspectives. In the Health issue, we witnessed the existence of tensions between the power of the technical-scientific knowledge and the procedures undertaken within the Guarani's own Health approach. In the Education issue, the fact of having fluency, learning and dominating the Portuguese language seems as an essential part of their social relationship with Brazilian society, because of the need to negotiate and dialog with other cultures.

Descriptors: 1. Adolescent; 2. Guarani; 3. Indigenous Health; 4. Education; 5. Indigenous Organizations; 6. Community Networks; 7. Occupational Therapy.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo desdobra-se de atividade desenvolvida junto à Coordenadoria de Assuntos da Mulher na aldeia Boa Vista, no município de Ubatuba (SP), com os serviços de saúde junto à Fundação Nacional de Saúde (Funasa), para realização de atenção em Terapia Ocupacional. Durante estes trabalhos surgiram inúmeras indagações acerca das condições atuais de vida, sobretudo dos mais jovens em sua circulação entre os serviços de saúde, a escola e outros espaços da cidade. Por jovens entendemos o segmento social (detalharemos mais adiante esta questão) formado por homens e mulheres que não são mais identificados por sua sociedade como criança, tendo realizado os ritos de iniciação que conferem um lugar entre os adultos, mas que não formam seu próprio núcleo familiar com independência econômica e habitacional. Os itinerários pelos quais se tecem laços e se constroem a passagem entre a aldeia e a cidade são as fontes e o foco principal deste estudo. As histórias dos jovens e suas perspectivas sobre seus projetos de vida, seus espaços sociais e suas identidades múltiplas constituem as temáticas que desafiam nossa compreensão, juntamente com a necessidade de apreender interações dos jovens Guarani-Mbyá com a cidade. Há ainda um interesse subjacente que deriva da ausência de reflexões realizadas na Terapia Ocupacional sobre as sociedades ameríndias no Brasil, apesar de existirem profissionais desenvolvendo ações com as mesmas. Acreditamos na importância de que os profissionais entendam a complexidade do diálogo entre pessoas que

passam por processos de socialização apoiados em valores históricos e lógicas distintas. Este é o caso das ações com jovens Guarani com os quais procuramos dialogar nesta pesquisa.

Por meio de visitas na aldeia Tekoá Jaexaá Porã (Boa Vista), iniciamos em novembro de 2005 uma aproximação com um outro mundo de relações e linguagens. O contato para inserção foi favorecidos pelos técnicos da saúde e pela coordenadora da escola local — nossos interlocutores naqueles primeiros momentos. Houve muitos estranhamentos e surgiram dificuldades, como nas questões linguísticas e gestuais: o corpo e a fala Guarani expressavam-se na introspecção. Ainda permanece forte na memória o momento da chegada em nossa primeira visita: a recepção e a abertura das crianças; os questionamentos dos adultos; os conselhos dos idosos e, a atitude dos jovens, buscando nos explicar sua cultura.

No mundo das interações com a cidade e também nos afazeres na comunidade, os jovens representam um segmento muito dinâmico. Eles estão ativamente presentes em muitas situações, envolvidos em atividades cotidianas ou de rituais. Rangel¹ enfatiza que a educação é um treinamento "constante e contínuo de aprendizagem das tarefas e do modo de ser masculino ou feminino".

A aldeia Boa Vista, de nome Guarani Tekoá Jaexaá Porã (Vista Bela), localiza-se no quilômetro 20 da rodovia BR-101 (Rio-Santos), no bairro do Promirim da cidade de Ubatuba, no Litoral Norte do estado de São Paulo, onde habitam os Guarani-Mbyá de nosso estudo.

Os Guarani representam hoje a maior população ameríndia encontrada

no Brasil. Segundo o Instituto Socioambiental² são cerca de 34 mil pessoas que se distribuem pela extensão de seis estados — Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul —, sendo 18 a 20 mil Kayowá, 8 a 10 mil Ñandeva e 5 a 6 mil Mbyá; também residem na Argentina, na Bolívia, no Paraguai e no Uruguai, sob diferentes denominações. No Brasil, são divididos em subgrupos, os Guarani-Ñandeva, os Guarani-Kayowá e os Guarani-Mbyá (grupo historicamente localizado nas regiões Sudeste e Sul do Brasil), e apresentam diferenças linguísticas, nas práticas rituais, nos costumes, na organização política e religiosa (cf. ISA³).

Nesse estudo, propomo-nos a apreender como os jovens de etnia Guarani-Mbyá da comunidade da aldeia Boa Vista vivem, interpretam e integram, de um lado, os conhecimentos considerados próprios ao seu modo de vida naquela comunidade e, de outro, como reinterpretem aqueles considerados adquiridos na relação com os modos de vida da cidade. Trata-se de compreender como veem e como se relacionam com estes conhecimentos para desenhar suas trajetórias e seus próprios projetos de vida.

Constatamos, na revisão bibliográfica, que existem muitos estudos sobre jovens indígenas, mas ainda são poucas as pesquisas referentes aos Guarani e, em menor quantidade, aos Guarani-Mbyá.

O universo dos Guarani contém diferenciações de modos particulares de apreender a realidade entre jovens e velhos, entre homens e mulheres. Os enfoques sobre a juventude são principalmente relacionados a questões ambientais (demarcação de terras, recursos naturais), emocionais (suicídio,

alcoolismo), biológicas (dependência química, doenças), fisiológicas (ciclo vigília/sono), religiosas (rituais de nomeação), educacionais (pedagogias, gramática) e sociais (como os rituais de passagem).

Cabe ressaltar os trabalhos de Tardivo^{4,5} e de Bairrão⁶, autores cujos estudos abordaram questões atuais relativas aos jovens e jovens Guarani com seus medos e expectativas. Em seu trabalho na aldeia de São Gabriel da Cachoeira (AM), Tardivo⁵ observou "um sofrimento intenso, difuso, generalizado em todo o grupo, provavelmente eles são a expressão da experiência emocional de toda a coletividade em que vivem". Em seu artigo, Bairrão⁶ assume, numa perspectiva social e psicanalítica, a adesão a religiões populares mediúnicas por parte de um largo contingente de adolescentes da periferia urbana da Grande São Paulo e acredita que "o adolescer denuncia a inaturalidade do desenvolvimento. O que está em pauta é a organização e reestruturação da vida social em torno da admissão, não cognitiva, da finitude".

É importante dizer que o suicídio é um fenômeno que fez da juventude Guarani uma temática de estudos que confirmam sua grande incidência notadamente na região de Dourados (MS). Diferentemente das aldeias do estado de Mato-Grosso do Sul, a comunidade Boa Vista não foi alvo de estudos sobre o mesmo segmento. Entretanto, trata-se de importante aldeia do estado de São Paulo, localizada muito próximo à cidade de Ubatuba, o que justifica nossos questionamentos sobre o viver "entre" culturas.

Com seus estudos no Mato-Grosso, Alcântara⁷ revelou que é muito frequente entre os jovens falar-se sobre o presente, no que está

acontecendo com eles. Quanto ao futuro, porém, as respostas são inexistentes ou evasivas.

1.1 Contextualizando escolhas e objetivos

Nesta pesquisa, buscamos compreender como os jovens da comunidade da aldeia Boa Vista organizam-se frente a relações constituídas pela situação de intensa circulação que caracteriza a contemporaneidade local. Quais os anseios, receios e expectativas dessa população jovem?

Para isso, descrevemos experiências, trajetórias e histórias de vida de jovens Guarani-Mbyá — interlocutores do momento de transição em curso entre dois *ethos*, duas lógicas e práticas sociais diferenciadas. Procuramos, assim, apreender as formas de negociações, conhecer os ambientes e os percursos singulares realizados na cidade, compreendendo, por outro lado, como a sociedade urbana responde à sua presença e a suas demandas. Analisamos as relações existentes com as instituições mais próximas, como a escola, serviços de saúde e o comércio (locais de venda de seus produtos). Cabe introduzir uma preocupação de gênero, isto é, diferenciar o que é pertinente para os homens e o que é para as mulheres. Percebemos que muitos trabalhos enfocam principalmente o universo masculino e seu ponto de vista. Este estudo focaliza todo esse processo sob a visão dos jovens.

Algumas questões desdobram-se do foco central, ou seja, buscamos conhecer as formas, os conteúdos e as dinâmicas de negociação cultural

dos jovens (homens e mulheres) em sua práxis cotidiana com outros segmentos e outras instituições da cidade e da própria aldeia. De forma mais precisa, discutiremos os itinerários individuais, considerando dois subgrupos. O primeiro, vinculado a educação formal; trata-se de alunos de 1º e 2º graus e professores Guarani. O segundo, vinculado à atividades de produção e à economia, para fim de troca/venda fora do espaço Guarani; em outras palavras, o artesanato e coleta de palmito.

Todos os nossos colaboradores têm entre 13 a 29 anos, faixa etária que corresponde a homens e mulheres que cumpriram os ritos de iniciação não sendo mais considerados como crianças. Vivem sob autoridade dos pais ou de alguém das gerações dos mais velhos e não constituem núcleo familiar independente. Embora uma das jovens tenha poder de decisão em sua família (questão, neste caso, ligada mais à economia que à religiosidade), retomaremos esta exceção mais adiante. Para este estudo, definimos como jovens no espaço Guarani da aldeia Boa Vista as pessoas que já podiam constituir família, mas que, ao mesmo tempo, não possuíam ainda independência econômica e social para constituir um novo núcleo familiar independente.

Abramo e León⁸ afirmam que existe hoje, no Brasil, uma tendência baseada em critérios estabelecidos pelas Nações Unidas e por instituições oficiais, como o IBGE, de definir como jovem a pessoa que tenha entre 15 e 24 anos de idade. Para os autores, o termo juventude ficou fora da tematização social por muito tempo — até meados dos anos 90, quando se passou a dar mais atenção ao tema, centrada, principalmente, na

preocupação social com os problemas vividos ou representados pelos jovens. Tratava-se basicamente de debate relacionado às dificuldades de inserção e integração social numa conjuntura marcada pela exclusão decorrentes da crise do trabalho e do aumento da violência que resultaram em profundas dificuldades de estruturar projetos de vida.

Desta forma, essa faixa etária ampliou-se. Abramo e León⁸ referem à possibilidade de, segundo o contexto sócio-histórico, estender-se a designação de jovem para uma faixa máxima entre 12 e 35 anos, como se constata em algumas formulações de políticas públicas dirigidas ao setor juvenil, caso de Costa Rica em sua "Política Pública da Pessoa Jovem". (cf. Abramo & León⁹)

Abramo e León⁸ afirmam ainda que a transição infanto-juvenil corresponde a um reconhecimento social por parte de seus pares e os adultos. Na maior parte das sociedades rurais e em diversos grupos étnicos, não existe um longo estágio de transição entre a infância e a plena inserção social, nem tampouco existe um conjunto de imagens culturais que distingam claramente os jovens de outros grupos etários. Existem "ritos de iniciação" (cf. Feixa¹⁰ apud Abramo e León⁸) que asseguram a transição de estatuto social. São reconhecidos como adultos os pelo fato de poderem adquirir autonomia social e econômica, além de assumir responsabilidades sociais. Mariza Peirano¹¹ define o ritual como "sistema cultural de comunicação simbólica", o qual se faz por meio de palavras e atos padronizados e se expressa em sequências ordenadas por múltiplos meios. Diz a autora (Peirano¹²) que,

estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como "performativa" em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz "sim" à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance.

Os ritos de iniciação e de passagem por sua vez, constitui temática importante na literatura antropológica¹. Eles correspondem à transformações simbólicas com implicações pessoais e sociais profundas. Durante tais transformações há um momento intermediário recoberto de indeterminação social. Para Van Gennep, trata-se da "margem" e para Turner, da situação "liminar". Van Gennep define três momentos ou fases invariantes: ritos de separação, de margem e de agregação. Para Turner, os ritos são formas de elaboração dos conflitos, dos dramas sociais.

Sobre a "situação social dos jovens", os autores Abramo e Léon⁸ remetem-se à análise territorial e temporal concreta, ou seja, como os jovens vivem e experimentam sua condição em um espaço e um tempo determinado, conjugando processos que vinculam a noção de juventude a elementos: o alargamento ou o prolongamento da juventude (como uma fase da vida produto de uma maior permanência no sistema educativo), o atraso em sua inserção sócio-trabalhista e de constituição de família própria com

¹ Ver: Van Gennep A. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes; 1978; Turner V. O processo ritual. Petrópolis: Vozes; 1974.

maior dependência em relação a seus lares de origem e menor autonomia ou emancipação residencial.

Nosso foco, neste estudo, recai sobre os jovens em seus mundos de relações, nos quais, segundo Augé¹³, recompõem-se a cada instante. O autor, em "Por uma antropologia dos mundos contemporâneos", afirma que este seria o grande paradoxo da contemporaneidade com sua diversidade de mundos. Para Augé¹³, os mundos comunicam-se entre si, cada qual com pelo menos uma imagem do outro, a qual (mesmo deformada com falas truncadas ou reelaboradas) permite que ninguém duvide da existência do outro. Ainda segundo o autor¹³, a dificuldade está em se reconhecer a heterogeneidade dos mundos, tanto na dimensão individual quanto social, sendo que a primeira constitui, de certa forma, um mundo em si mesmo, no qual a referência ao indivíduo sustenta um conjunto de informações políticas, econômicas e midiáticas. No segundo, as estruturas não são homogêneas. Portanto, os valores de um mundo podem ser válidos em outros mundos, mas considerando que seus membros não compartilham, necessariamente, dos mesmos valores. Assim, eles só pertencem a um mesmo mundo em relação a alguns de seus aspectos (cf. Augé¹⁴). A grande questão está na crise de relações, portanto, na crise da alteridade. Nosso estudo situa-se no campo da encruzilhada dos mundos novos onde se perde a pista mítica dos lugares antigos (cf. Augé¹⁵). Buscamos em algumas referências nossa base para entender esses novos lugares sociais.

A pesquisa inscreve-se na perspectiva da análise de um diálogo intercultural, que, segundo Santos¹⁶, não seria apenas a troca entre

diferentes saberes, mas entre diferentes culturas, entre universos de sentidos distintos e muitas vezes desproporcionais. O autor propõe a hermenêutica como um meio de se ampliar ao máximo a incompletude mútua, através de um diálogo que se desenrola, com um pé numa cultura e outro noutra; isto é o caráter dia-tópico (cf. Santos¹⁶)

Trabalhamos em diálogo permanente, discutindo tanto a formulação da pesquisa, como seu processo e resultados com a comunidade, particularmente com os jovens colaboradores. Nessa perspectiva, buscamos no trabalho de campo realizado durante vários meses a autorização das lideranças locais, dos órgãos oficiais e das pessoas diretamente envolvidas, além de seus familiares. Utilizamos para a grafia de nomes e palavras em Guarani a Convenção de 1953 sobre a Grafia de Nomes Tribais².

Para entender essa relação entre dois *ethos* diferenciados, da cidade e da aldeia, buscamos nos conceitos de tempo/memória, de experiência, de identidades e de redes sociais os fundamentos para a interpretação.

O interesse pelos percursos singulares levou-nos a histórias de vida de jovens Guarani, e estas à oralidade e à experiência trazida pela memória e pela recriação de espaços pelas relações identitárias e pelas redes de pertencimentos. Nessas condições, o relato oral se impôs como recurso metodológico.

² Esta Convenção foi assinada por participantes da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, de modo a uniformizar a maneira de escrever os nomes das sociedades indígenas em textos em língua portuguesa. Foi publicada na *Revista de Antropologia* (vol. 2, nº 2, São Paulo, 1954, p. 150-152) e posteriormente nas primeiras páginas (não numeradas) do volume organizado por Egon Schaden, *Leituras de etnologia brasileira* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976). Dados na página <http://www.geocities.com/julielatti/notas/n-cgnt.htm>.

Na trajetória individual e nas relações estabelecidas, diversas identidades são criadas. Elias¹⁷ enfatiza que, na identidade, "[...] não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós". Este autor, além de definir a identidade como relacional, afirma que a identidade humana estaria sempre relacionada com um processo específico de desenvolvimento. Para ele, a continuidade do desenvolvimento seria a condição para a identidade do indivíduo, tanto o de 10 como o de 50 anos de idade.

No processo de construção de identidade, Castells¹⁹ define a construção de significado com base em um atributo cultural, ou como um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. Castells²⁰ também enfatiza que identidades constituem fontes de significado para as próprias pessoas, que são por estas originadas e construídas por meio de um processo de individuação.

Nesse conjunto de relações, abordamos o conceito de rede como ilustrador das interpelações e conexões que interligam os itinerários e percursos de cada jovem. "Rede", como para Castells²¹, é para nós um conjunto de nós interconectados; ou seja, o que um nó é depende do tipo das redes de que faz parte, pois as redes são estruturas abertas capazes de se expandir de forma ilimitada.

A rede está em constante movimento, como assinala Elias¹⁸:

[...] é um tecer e destecer ininterrupto de ligações. É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar.

Em nossa perspectiva, a constante construção de identidades realiza-se pela experiência da coabitação de culturas e de mundos e da formação de redes sociais.

1.2 Método

Duas estratégias simultâneas modularam a realização da pesquisa. A primeira corresponde ao estudo bibliográfico, destinado ao conhecimento e ao embasamento de nossa discussão. Procuramos identificar, na produção acadêmica sobre os Guarani (sobretudo do estado de São Paulo), os estudos preocupados seja com as relações entre o mundo da aldeia e o mundo urbano, seja com a discussão de temas relativos à juventude. Foi preciso um período dedicado ao conhecimento e ao entendimento construído sobre a Sociedade Guarani e sobre juventude.

A segunda estratégia foi a importância dada ao trabalho de campo. A etnografia forneceu as bases para o desenvolvimento da pesquisa de campo. Trata-se de trabalho qualitativo realizado com apoio de observação e entrevistas precedido de longo período de construção de relações e aproximação com a comunidade e o modo de vida Guarani. Assumimos o desafio da descrição densa como defendida por Clifford Geertz³.

Algumas questões comuns exigem atenção, como sugerem Víctora et

³ "Descrição densa" foi o conceito usado por Geertz quanto ao papel da etnografia como interpretação do fato descrito, procurando suas motivações e seus objetivos — seus significados, não é apenas uma descrição minuciosa, mas uma leitura, uma interpretação (cf. Geertz C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar; 1978).

al.²². Existe a necessidade de compreender as práticas culturais em seu contexto social mais amplo, ou seja, as relações entre a manifestação de fenômenos específicos e determinada visão de mundo. Embora as práticas possam parecer de mais fácil observação, o mesmo não se pode dizer dos valores que as motivam e das regras que as organizam, em um código preciso que orientam as relações.

Castro²³ enfatiza que o trabalho antropológico é uma tarefa interminável. As sociedades, no nosso caso a sociedade Guarani, continuam a oferecer enigmas para uma etnologia, seja porque são vivas e em movimento, ou porque sempre estão a revelar faces novas, seja ainda porque o olhar e o entendimento se deslocam, inventando ou sendo influenciadas por novas perspectivas. Tal são os movimentos intrínsecos de toda ciência do homem, enfatiza o autor. Castro²³ afirma que Nimuendaju realiza na obra sobre os Apapocuva a dimensão de uma "descrição densa": não apenas apreende a questão organizadora de uma cultura ou forma de vida, como explora a incidência de tal questão ou tema sobre os comportamentos individuais e coletivos, elaborando o seu significado vivido. É esta a direção de nosso trabalho: percorrer narrativas de experiências individuais para apreender a complexidade coletiva.

A relação é intensamente potencializada no trabalho em campo. Rocha e Eckert²⁴ sinalizam a importância da ética da interação, da intervenção e da participação construída sobre a premissa da relativização, pois, no processo interativo em campo, o encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é construído nas tensões identidade/alteridade de

ambos.

A inserção da pesquisadora junto à comunidade iniciou-se em 2005, em decorrência de trabalho de atenção às pessoas com deficiência, realizado em colaboração com a Funasa. Os atendimentos foram domiciliares, havendo participação direta dos familiares e, frequentemente, de pessoas amigas das famílias. Na ocasião das visitas à comunidade, conhecemos os professores Guarani, os agentes de saúde e alguns jovens. Portanto, ao dar início ao trabalho de campo para este estudo, já havia um conhecimento mútuo. Aquela experiência foi, na realidade, o contexto no qual este estudo emergiu.

Obtivemos aprovação pela Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) em 20 de fevereiro de 2008 (Protocolo de Pesquisa nº 1168/07) e as atividades relativas a pesquisa de campo iniciaram-se em julho do mesmo ano, com autorização da Funai para entrada em TI (Terra Indígena). Realizamos visitas à comunidade semanalmente, em momentos quinzenalmente; estes momentos foram relevantes para a construção das histórias, o entendimento de questões relevantes e o conhecimento da cultura Guarani.

Optamos, neste estudo, pelo termo "colaborador" como utilizado por Meihy²⁵, o qual enfatiza a necessidade de se construir uma relação de colaboração entre entrevistador e entrevistado e de participação, respeitando-se a relação de alteridade, a aproximação e o envolvimento, substituindo termos como "informante", "objeto", "sujeito" e outros.

Nossa opção ética e metodológica assumiu a importância da

participação dos colaboradores nos processos de geração de conhecimentos a seu respeito. No comprometimento discutido por Schmidt²⁷, em seu trabalho sobre pesquisa participante, a autora ressalta que a alteridade é coprodutora da mudança social e convocada à participação, sendo o pesquisador obrigado a questionar sua pesquisa e sua pessoa quanto a seu engajamento político. Este envolvimento e engajamento adquire diferentes formas, dependendo das causas e lutas que são de cada povo/grupo.

No ano de 2007, a observação permitiu maior aproximação com os colaboradores. Tratou-se, com efeito, de fase em que partimos das visitas à Escola Dr. Esteves da Silva, do município de Ubatuba (SP). Ali, foi possível convidar os estudantes e os professores Guarani para colaborar com nosso estudo. Os estudantes foram o ponto inicial para a formação de nossa "rede", dos "indicados" para serem convidados para formar o grupo a ser entrevistado, da nossa "colônia" de jovens Guarani (cf. Meihy²⁶).

Os mesmos procedimentos e cuidados éticos (de explicar e solicitar o consentimento) foram realizados com cada novo colaborador indicado pelos estudantes e professor. A partir deles, encontramos outros colaboradores — ampliando a rede de contatos possíveis por meio da indicação destes estudantes-colaboradores — entre estudantes ou jovens envolvidos nos grupos de trabalho produtivo da aldeia Boa Vista.

Na Escola Dr. Esteves da Silva, tanto no período da tarde, quanto no da noite, contatava os jovens e observava o horário de intervalo e lanche, no qual me aproximava dos jovens da aldeia e da rotina escolar da qual faziam

parte.

As entrevistas foram abertas, a partir de roteiro de orientação temático (ver Anexo A). Inicialmente, trabalhamos com os jovens estudantes do período noturno (portanto, maiores de 15 anos) para entrevistas e estudos de caso, uma vez que eram os que possuíam maior domínio e fluência no português. A observação dos estudantes do período da tarde, que apresentavam maior dificuldade de diálogo, realizou-se por período mais longo; realizamos conversas informais na escola, na cidade e na aldeia. Todo o processo foi registrado em diário de campo, resultando, assim, num complemento ao capítulo sobre a educação.

As primeiras entrevistas foram realizadas com os estudantes colaboradores da Escola Dr. Esteves da Silva no ano de 2008. Vale ressaltar que compreendemos as entrevistas como encontros interpessoais para obtenção de informações verbais e/ou escritas. Foram abertas e não dirigidas, consistindo em um instrumento de pesquisa científica, a fim de gerar conhecimentos novos sobre vivências humanas (cf. Fontanella et al.²⁸).

Na escolha dos colaboradores, respeitamos as condições a seguir. 1) Ser considerado pela comunidade como um membro Guarani. 2) Residir na aldeia Boa Vista no momento do estudo. 3) Ter entre 13 e 29 anos de idade. 4) Pertencer a pelo menos um dos seguintes tipos de atividades: ser estudante ou professor (subgrupo 1); pertencer a um dos grupos de atividades econômicas — artesanato (realiza a produção e/ou venda do artesanato) ou coleta (realiza a coleta e/ou venda do palmito) (subgrupo 2; este subgrupo constituiu-se a partir da indicação dos estudantes e de

professores).

1.2.1 Procedimentos éticos

As pessoas convidadas a participar desta investigação foram esclarecidas em relação ao projeto de pesquisa, seguindo as orientações da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. O termo de consentimento livre e esclarecido (ver Anexo B) foi apresentado pela pesquisadora às pessoas que aceitaram o convite individualmente, ressaltando-se a liberdade de escolha em participar ou não da pesquisa, sem que isso acarretasse prejuízo no acompanhamento que recebem pela pesquisadora.

Heilborn²⁹ observa que mesmo as pesquisas que tratam de representações comportam questões éticas relevantes. Trata-se de encontrar, portanto, termos adequados de mediação entre lógicas e éticas distintas. Foi discutida a permissão para a utilização de registro em áudio em algumas situações e todas as informações foram disponibilizadas pela pesquisadora aos colaboradores.

Foram solicitadas as anuências de todas as pessoas convidadas a participar da pesquisa, assim como dos familiares dos jovens com idade inferior a 18 anos, respeitando-se o Estatuto da Criança e do Adolescente e os direitos dos colaboradores, dentro dos referenciais básicos da bioética de autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, assim como os preceitos éticos de salvaguarda, confidencialidade, sigilo e privacidade da

pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e as diretrizes éticas internacionais para pesquisas envolvendo seres humanos do Council for International Organizations of Medical Sciences (Cioms) de 1993. A colaboração foi voluntária, podendo a pessoa retirar-se da colaboração a qualquer momento do processo sem ônus ou constrangimentos. Avaliamos como desconfortos aqueles relativos a uma entrevista: possível timidez do entrevistado ou incômodo com o tema abordado; situações que podem ser vencidas por meio de uma atitude compreensiva do entrevistador; incômodo frente ao gravador, o qual pôde ser superado no diálogo com o pesquisador e com o acordo de que o áudio só foi utilizado mediante consentimento do entrevistado.

Seguindo os procedimentos éticos citados e pela característica da metodologia de coleta de dados, acreditamos que esta pesquisa ofereceu risco mínimo aos colaboradores.

A documentação para solicitação de autorização para realizar estudos em áreas indígenas possui legislação específica. A Instrução Normativa nº 0001/PRESI determina que o ingresso em terra indígena está sujeito a análise da Coordenadoria Geral de Estudos e Pesquisas (CGEP) da Funai, instruído o processo com o parecer do CNPq quanto ao mérito da pesquisa, aprovado em 22 de julho de 2008 (Protocolo Funai nº 0595/07).

Nossa solicitação para realização de pesquisa foi enviada aos órgãos responsáveis após a anuência verbal das lideranças locais (liderança e vice-liderança) e de representantes da Funasa na aldeia Boa Vista. A pesquisa

qualitativa exige a construção de relações de confiança, sendo que a ética é processo contínuo de conhecimento mútuo entre pesquisador, pesquisado e sua comunidade. Todo o processo de apresentação da proposta de pesquisa, os acordos e a instrução para sua efetivação começaram em junho de 2006, com visitas constantes à aldeia, conversas e reuniões com a comunidade e acompanhamentos de projetos que ali já aconteciam, além da convivência com a dinâmica local. Reiteramos que a autorização da pesquisa aconteceu somente em fevereiro de 2008 e a entrada em TI em julho de 2008, após passarmos por quatro avaliadores: Funai, CNPq, CAPPesq e Conep/MS.

As entrevistas foram armazenadas como banco de dados do Projeto Metuia⁴. Os resultados deverão ser apresentados em eventos do campo específico e de áreas afins, assim como nas instituições colaboradoras e para a comunidade Guarani, dada a importância de fazer estas reflexões circularem por diferentes instâncias e com diferentes interlocutores.

Sugerimos que cada colaborador escolhesse um nome a ser utilizado no texto.

1.2.2 Pesquisa de campo

Madalena foi a primeira jovem a aceitar colaborar com a pesquisa. Iniciamos as primeiras entrevistas na escola onde estudava e em locais de

⁴ Núcleo interinstitucional de estudos, formação e ações pela cidadania de crianças, jovens e adultos em processo de ruptura das redes sociais de suporte, atualmente com dois núcleos, na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O núcleo da USP está vinculado ao Curso de Terapia Ocupacional, o qual articula ações de ensino, pesquisa e extensão em terapia ocupacional social.

sua sugestão, como a aldeia e o acompanhamento na festa de Bertioga. Nosso segundo colaborador foi Airton, que estudava no mesmo período que Madalena; as primeiras entrevistas foram na feira da cidade e, depois, em locais sugeridos por ele, como a aldeia, o calçadão do centro da cidade e a escola. Com Kerexu, professora da comunidade, as entrevistas ocorreram na aldeia e em locais que propôs: sua casa, o campo de futebol e a sala de aula da escola da aldeia. Kerexu sugeriu que convidássemos também seu marido, Mário, que realiza caça e plantios, pois ele acompanhou algumas de suas entrevistas e se interessou pela pesquisa; os encontros com ele realizaram-se em lanchonetes e no curso de computação na cidade. Quanto à Creuza, que confeccionava artesanato, as entrevistas tiveram lugar na feira de artesanato, em sua casa, no centro de Ubatuba e no centro de São Paulo. Airton sugeriu José, jovem que realiza caça e coleta de palmito; com este, as entrevistas aconteceram no posto de saúde da aldeia e em sua casa. O universo de pesquisa foi, portanto, composto por seis estudos de caso.

Os momentos das entrevistas foram construídos durante toda a pesquisa de campo e inúmeros encontros foram realizados para o resultado de alguns registros em áudio. No entanto, a interação entre pesquisadora e os jovens se deu nesses encontros, que começaram na escola, mas se estenderam pelas ruas da cidade, praças, comércios, feiras, pontos turísticos, aldeia e suas casas. Como nos diz Augé¹³, a entrevista de longa duração torna-se, então, uma necessidade. No face a face com o pesquisador, segundo este autor, o colaborador elabora o relato e a

representação de sua existência; ele unifica, ordena e hierarquiza as diversas situações às quais pertence; além disso, constrói uma imagem de si mesmo que integra as representações que os outros fazem dele, produzindo-se, assim, como ator social e propondo, ao mesmo tempo, uma imagem da sociedade em que vive.

A construção dos dados empíricos se compôs no formato de cinco encontros com cada jovem, com duração de cerca de uma hora, respeitando-se a escolha do colaborador quanto a local e horário para a concessão da entrevista. Esta opção facilitou conhecer os circuitos e trajetos de cada colaborador a partir do mapeamento feito anterior às entrevistas, dos locais e atividades de cada colaborador que estavam anotados no diário de campo.

As entrevistas concentraram-se em questões como projeto de vida, questões de gênero, alcoolismo, família, etnia, educação, cultura, atividades em geral, lazer, ritos, preconceito e trabalho, principalmente. Devido aos acompanhamentos, ao conhecimento dos seus "lugares" e à diversidade de experiências, o número de entrevistas, ainda que reduzido, proporcionou certa profundidade em cada uma das situações analisadas, por dois eixos temáticos, saúde e educação.

Todo o processo foi construído em campo com os colaboradores da pesquisa. Constantemente, fizemos anotações no diário de campo sobre os acompanhamentos e entrevistas, sobre os relatos informais acerca dos itinerários e das atividades cotidianas. Interessante observar que, na relação em campo, foi possível realizar primeiramente e com maior facilidade as

entrevistas com as mulheres e, depois, com maior exigência de trabalho de aproximação, com os homens. Embora mantenhamos boas relações com todos os jovens e culturalmente os homens sejam os representantes e porta-vozes na relação social, encontramos mais espaço entre as mulheres, que demonstraram mais disponibilidade para as entrevistas.

1.3 Construção, tratamento dos dados e de categorias de análise

Para Queiroz³⁰, a entrevista é a forma mais antiga e mais difundida de construção de dados orais, considerada muitas vezes como técnica por excelência, o que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador, e pode seguir um roteiro ou se desenrolar a partir de questões e temas.

O trabalho com relato oral, ainda segundo Queiroz³⁰, sempre constituiu a maior fonte humana de conservação e difusão do saber. Sua transmissão diz respeito tanto ao passado mais longínquo, quanto ao passado muito recente e à experiência cotidiana, e se refere a legados do antepassado, à comunicação da ocorrência próxima no tempo, com noções adquiridas diretamente pelo narrador, por outros meios que não a experiência direta, e a antigas tradições do grupo ou da coletividade.

Benjamin³¹ observa que a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. O autor³² enfatiza que a reminiscência trazida por intermédio da oralidade funda a cadeia da tradição, a qual transmite os acontecimentos de geração em geração: a rememoração

do romance surge ao lado da memória trazida pelo narrador.

Relativizar, fazer adequação sobre o que e como escrever ou dizer fazem parte do processo de construção das relações com o Outro, ou seja, da confiança e credibilidade entre o pesquisador e seu colaborador. Benjamin³² observa ainda que a relação entre o narrador e sua matéria — a vida humana — é uma relação artesanal. E é sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência — a sua e a dos outros — transformando-a num produto sólido, útil e único.

Bessa³³, apoiado em Benjamin, publicou nos anos 30 *Experiência e pobreza*, obra na qual delinea o conceito de experiência a partir da constatação de sua perda: o declínio da experiência proviria da perda de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana. A tradição é, assim, retomada e transformada em cada geração na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho. Esta perda pode acarretar, também, o desaparecimento das formas tradicionais de narrativa, cuja fonte está nessa transmissibilidade. A arte de narrar tornou-se rara, pois parte da transmissão de uma experiência que já não é possível, dado que são poucas as possibilidades de se viver experiências no mundo moderno, excessivamente industrial.

Para Benjamin³², na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.

A entrevista caracteriza-se pela suspensão do cotidiano, do habitual, para o ato da lembrança, do relembrar, do ressignificar. No processo com o

outro de suscitar lembranças, encontramos a riqueza de experiências e significações, pois, de acordo com Halbwachs³⁴,

as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios.

O tratamento dos registros orais das entrevistas seguiu contribuições da metodologia utilizada pelo Núcleo de Estudos em História Oral (Neho) da USP. Após a transcrição, a passagem do oral para o código escrito das palavras ditas ainda em estado bruto, foi realizada a textualização, na qual se eliminam as perguntas e alguns erros gramaticais, são retiradas as palavras sem peso semântico e são retirados sons e ruídos em favor de um texto mais claro (cf. Meihy²⁵).

A passagem do oral para o escrito teve a intervenção do pesquisador. Preocupamo-nos em buscar o estilo de cada colaborador e manter alguns "erros gramaticais" como caracterização cultural do português como segunda língua, preservando ao máximo a fidelidade com que foram relatadas as experiências. No Anexo D, estão na íntegra os textos aprovados pelos colaboradores.

Segundo Víctora et al.²², a história de vida, além de recuperar as experiências dos indivíduos, pode recolher crenças, mitos e tradições, permitindo melhor entendimento da história e trajetória dos colaboradores. Ou seja: não só a história é considerada, mas o fato de fornecer elementos culturais faz com que seja mais bem compreendida, num âmbito mais coletivo. Nesse sentido, as redes de relações apoiam as análises no

entendimento da organização, dos intercâmbios, das trocas e dos tipos de fluxos estabelecidas para a estruturação das identidades eu-nós e da experiência (cf. Benjamin³², Elias¹⁷, Castells²¹).

Outra questão analisada será a busca do entendimento dos "entre lugares", "entre mundos", ou seja, dos contextos intersticiais que constituem os campos identitários, subjetivos ou coletivos, nas relações e nos processos interculturais (cf. Fleuri³⁵): a relação estabelecida entre aldeia e cidade, os serviços nacionais dentro da aldeia, a aldeia usando serviços na cidade, como saúde e educação.

A análise das entrevistas foi realizada em duas etapas:

1. Após a transcrição da entrevista com o colaborador, foi realizada com este uma conversa sobre a entrevista textualizada para conferir sua validade e fidedignidade e produzir informações complementares.

2. Articulação entre o material empírico e os conhecimentos teóricos. Neste estudo, dedicamo-nos ao eixo sobre a saúde e a educação e as histórias de vida. O diálogo constante entre pesquisador e o colaborador foi imprescindível para a análise dos dados. Buscou-se dar visibilidade acadêmica ao conhecimento Guarani, sem descaracterizá-lo e descontextualizá-lo.

Portanto, utilizamos duas perspectivas para análise. Uma refere-se à reconstituição da história de vida de seis colaboradores, com o objetivo central de mostrar suas redes de interdependência e seus "entre" lugares/mundos. Os seis itinerários fazem emergir da singularidade o processo de construção de identidades capazes de ressignificar e dar

historicidade à experiência entre a comunidade e a cidade. A reconstituição das histórias de vida em forma textual — produzida no diálogo entre pesquisador e colaborador — é um recorte guiado pelos objetivos de compreensão e explicitação deste estudo. Optamos por inserir trechos, às vezes longos, dos relatos com o intuito de garantir a integridade da linha de raciocínio dos colaboradores e dividi-las em itinerários, redes e perspectivas de vida na história dos jovens Guarani. A partir de temáticas comuns, repensamos conexões, as quais serão trabalhadas nos itens relativos à saúde e educação.

O estudo da Sociedade Guarani é discutido no diálogo com os autores durante a breve história dos Guarani e de específicas da cultura, principalmente sobre a juventude.

Há uma vasta literatura sobre os Guarani vinculada à religião e às relações sociais, políticas e econômicas. Foram as revisões bibliográficas dos autores clássicos e dos trabalhos mais relevantes publicados por Castro³⁶ e Meliá³⁸ que serviram de guia e orientação para a contextualização deste estudo.

Além de apresentar os pontos centrais discutidos pelos teóricos mais importantes, buscamos apreender a visão sobre os jovens, seu modo de vida, assim como ressaltar o tratamento dado às questões atuais correlatas. Ou seja, tornou-se fundamental introduzir temas como a violência, o suicídio, o alcoolismo e o uso dos meios de comunicação nas aldeias Guarani, dialogando com a bibliografia específica.

2 HISTÓRIA E ESTUDOS SOBRE OS GUARANI: CONTEXTUALIZAÇÃO E LUGAR ATRIBUÍDO AOS JOVENS DA COMUNIDADE BOA VISTA

Na época da invasão europeia, segundo Castro³⁶, os povos Tupi-Guarani controlavam quase todo o litoral brasileiro e a bacia do Paraguai, e sua população somava em torno de 4 milhões de pessoas. Ainda segundo o autor, hoje os povos que falam a língua da família Tupi-Guarani são cerca de 20 mil no Brasil (dados de 1982) e se encontram dispersos numa enorme área da América do Sul, do norte da Argentina à Guiana Francesa, do litoral do Nordeste brasileiro ao alto Solimões.

Castro³⁶ vê os Guarani do sul do Brasil e do Paraguai quase como uma província separada dentro do campo dos Tupi-Guarani, devido às particularidades da situação histórica e geográfica, às características culturais e ao estilo dominante da etnologia ali praticada. O autor comenta o vasto e rico material produzido sobre os Guarani, mas lamenta a restrição a temas como mitos e cantos sagrados, sem aprofundamento em aspectos da morfologia e estrutura social. Entretanto, a produção sobre os Guarani colocou questões instigantes e fundamentais como o problema do lugar da vida religiosa na reprodução social e as razões e formas da extraordinária resistência apresentada face à civilização europeia e posteriormente, à sociedade e ao Estado brasileiros.

2.1 Estudos clássicos

Castro³⁶ traçou, em uma obra de revisão, uma análise histórica e teórica sobre a produção antropológica acerca dos Tupi-Guarani. Sua análise iniciou-se pelos trabalhos do antropólogo Alfred Métraux. Este último sistematizou a produção dos cronistas quinhentistas e seiscentistas, além da produção das primeiras décadas do século XX sobre os Tupinambá e os Guarani. Métraux, em 1927, publicou *Migrations historiques des tupi-guaranis*, obra na qual defende a hipótese de que a migração dos Tupi-Guarani teria começado antes da invasão europeia, devido a sua expansão pela costa brasileira em busca do Paraíso, onde foram encontrados pelos europeus. Este autor apoia-se nos estudos (1914/1978) de Nimuendaju⁴⁰ sobre os Apapocuva-Guarani.

Em 1928, Métraux lança *La civilization matérielle des tribus tupi-guaranis*, obra marcada pelo difusionismo e pela determinação da área original de dispersão dos Tupi-Guarani, que, ao contrário de Martius, Schmidt, Krause e outros estudiosos, situa na região entre a margem direita do rio Amazonas, o rio Paraguai, o rio Tocantins e o rio Madeira. Métraux⁴² definiu os Tupi-Guarani como um povo antes difusor que inventor de cultura (material).

Ainda apoiado nos trabalhos de Nimuendaju sobre os Guarani, Métraux estabeleceu as grandes linhas mitológicas e cosmológicas tupis-guaranis, como a antropologia ritual e o tema da Terra sem Males como motor do profetismo. Segundo Meliá³⁸, o conceito etnológico de Terra sem Males, tão utilizado na literatura atual, foi alvo de um exame crítico dos produtores e criadores, Nimuendaju e Métraux. Mesmo assim, segundo Castro³⁶, Métraux

não oferece nenhuma teoria consistente sobre o canibalismo e ao profetismo, que define como messiânico, mas aponta a notável continuidade entre as culturas Tupi-Guarani estudadas *in situ* por etnógrafos contemporâneos e a imagem da sociedade tupinambá deixada pelos cronistas. Ainda segundo Castro³⁶, Métraux, que escreveu vários artigos sobre os Guarani, como tem em *Handbook of South American Indians*. Não encontramos em nosso trabalho de campo referências diretas à Terra Sem Males. Os jovens colaboradores deste estudo relatam seus trânsitos por vários locais, interessados na busca de um lugar melhor e não especificadamente a Terra sem Males. Kerexu conta que sua família percorreu muitos locais e como sua mãe, umas das primeiras a ocupar o atual território da aldeia Boa Vista:

"A minha mãe fala que a família dela andava muito e ia pra cá, ia lá para outros lugares, eu gosto do lugar que escolheram pra mim (...) Faz tempo (...) ela está desde que (...) Fundou a aldeia, só que ela, a mãe e as irmãs foram os primeiros que vieram para aldeia (...) Minha mãe fala que nasceu no Itariri, litoral sul, agora os pais, avós, de onde vieram não sei, mas ela fala que andaram por quase todos os estados e vieram para cá e voltaram de novo."

Na introdução à obra de Nimuendaju (1987), Castro³⁷ observa que, embora montanhas de papel tenham sido dedicadas aos diferentes povos Guarani (Mbyá, Ñandeva, Pãi-Kayowá), estes continuam cheios de mistérios, devido à complexidade de sua cultura, sua espantosa capacidade de desterritorialização — o que sugere um deslocamento entre a sociedade e qualquer suporte morfológico estável, apontando talvez a língua como locus da preservação da identidade Guarani — e por seu poder de

superação dos infinitos obstáculos que foram postos entre eles e seu *teko*, seu modo de ser: o mar terá sido o menor de tais obstáculos. O jovem José explicita que a língua constitui ainda em nossos dias uma grande força identitária: "Para nós, para mim, mais importante é a cultura, assim, a língua; a língua e a crença que a gente tem. O nosso ritual, que é mais importante pra mim, o que eu posso, não perder mesmo é a língua, que mais importante pra mim é a língua."

O marco do período moderno da etnologia dos Guarani está para Castro³⁷ no trabalho de Curt Nimuendaju (1914) sobre a mitologia dos Apapocuva-Guarani, que influência Métraux e apresenta para a atualidade a questão do profetismo Guarani, além de definir contornos de um campo que nos movemos até hoje. A obra descreve o pessimismo histórico Guarani, além de fazer minuciosa reconstrução histórica das migrações Nhandeva em busca da Terra sem Males; também descreve o xamanismo e o profetismo, a cosmologia e o ciclo da criação e preciosidades sobre a complexa teoria Guarani acerca da alma e da pessoa (que envolve a polaridade palavra/comida, divindade/animalidade, osso/carne, etc.). Juntamente com Schaden, Nimuendaju inicia longa discussão sobre a natureza e a influência jesuítica na cosmologia Guarani. E Castro³⁷ relata que Nimuendaju descarta firmemente qualquer marca jesuítica apreciável na religião dos Apapocuva, como fez Leon Cadogan⁴⁸ mais tarde quanto à teologia dos Mbyá-Guarani, um debate que ainda perdura.

Meliá³⁸ destaca em *As lendas da criação...* de Nimuendaju a boa tradução de Charlotte Emmerich para o português e as excelentes

introdução e revisão de Eduardo Viveiros de Castro. Castro³⁷ comenta, por sua vez, que as questões abertas na obra proporcionaram a fundamentação da etnologia dos Guarani contemporânea e influenciaram trabalhos subsequentes, como os de Alfred Métraux, Egon Schaden, Leon Cadogan, Pierre e Hélène Clastres, Georg Grünberg e outros. Observa que, se os Guarani são os seres do devir, a destruição do mundo não é um termo, mas uma linha de fuga que os arrasta para um além sempre adiado, e isto é o presente.

Segundo Castro³⁶, Egon Schaden, em 1959, publica dois capítulos sobre os fatos Tupinambá e Guarani, na primeira edição de *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*, resultado da tese de doutorado apresentada em 1945. Este autor expôs os resultados de seu trabalho em *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*, de 1962, obra na qual também recorre aos dados coletados por Nimuendaju, Cadogan e outros, de maneira a abranger várias diferenças culturais entre as parcialidades Guarani. Para Meliá³⁸, Schaden é leitura obrigatória para quem quer conhecer os Guarani.

Em seus trabalhos, Schaden mostra o "predomínio extraordinário" da religião sobre todas as outras esferas da vida social. Aponta a vida religiosa como o lócus da resistência cultural Guarani e a apresenta como área da vida dos Guarani que o contato teria exacerbado, chegando aí à teoria das migrações e do profetismo como efeito reativo do contato, dentro de uma lógica da privação. Além da sua preocupação com a mudança cultural, expõe dados importantes e detalhados sobre a estrutura social dos Guarani (cf. Castro³⁶).

No capítulo III de *A mitologia heróica...*, Schaden⁴³ afirma que o messianismo é sempre condicionado por um movimento desenvolvido no interior da própria cultura nativa e se deve principalmente a uma situação de desequilíbrio provocado pelo contato com a civilização ocidental. Discorda de Métraux, o qual apresenta o caráter anticristão e antieuropeu dos movimentos místicos provocados por messias como argumento a favor da origem dos índios e vê os religiosos como homens-deuses que anunciavam uma idade de ouro caracterizada pela longa vida ou imortalidade dos crentes e, sobretudo, pela obtenção de alimento sem a necessidade de caçar ou trabalhar na roça.

No capítulo VII, Schaden⁴³ discorre sobre a mitologia heróica dos Apapocuva e sobre o mito tribal dos gêmeos Nyandererykeý e Tyvýry, filhos de Nyanderuvusú ("nosso pai grande") e Nyanderú Mbaekuaá ("nosso pai conhecedor de todas as coisas"), respectivamente. E encara como importante no mito não só a simbologia que representa a cultura, mas a função que tem de garantir as representações religiosas fundamentais, além da correlação com as práticas cerimoniais, como a dança medicinal trazida por Nyandererykeý, de cuja eficácia os Apapocuva julgam depender seu próprio destino: é em torno da dança que gira toda a vida religiosa do grupo. Como o exemplo de Nimuendaju, citado por Schaden⁴⁴:

A mais importante de todas as danças medicinais é o nimongaraí (ni= para si; mō= fazer; caraí= magia). Realiza-se uma vez por ano, na época em que estão verdes os frutos do campo, especialmente o milho, isto é, entre janeiro e março. O objetivo da festa é o de afastar, para todo o ano, as influências maléficas que possam atingir os homens, bem como as plantas e os animais alimentícios. Com antecedência, avisam-se

também os índios de muito longe e que, por assim dizer, já deixaram de pertencer à tribo; tem-se observado que nessas festas muitos daqueles que, em leviana cegueira, haviam declarado que nem mais queriam ser índios retornaram contritos ao convívio dos seus. O nimongaraí é a única ocasião em que se pode ver uma horda guarani reunida até o último homem.

A dança medicinal também faz parte da cerimônia de imposição do nome às crianças, no qual o chefe religioso descobre o nome correspondente à alma da pessoa. Ainda segundo Schaden⁴³, Nimuendaju, além da coleta do mito da criação e destruição do mundo, traz questões como a importância da religião como centro da organização social e o desenrolar do grupo sob a orientação da tradição mítica.

Schaden⁴³ também discorre sobre a importância do líder religioso e sobre como os poderes xamanistas constituem a maior fonte de prestígio; a posição social mais elevada e de maior autoridade fica para o religioso mais poderoso, caracterizando o tipo social ou padrão definido pelas culturas Tupi-Guarani. O jovem José discorre sobre as relações de poder na sua comunidade, sendo justificada a obediência à religião como organizador social, representada na figura da liderança religiosa:

"Aí que começa, da gente não esquecer da religião, das línguas também porque o pajé, ele fala da religião e na língua também, então, o que o pajé pede, como, se ele quiser alguma coisa, a gente tem que fazer, cumprir a ordem do pajé (...) Como o pajé fala, hoje quero todo mundo na casa de reza, quero falar um pouco da religião porque para nós é importante e todo mundo vai ter que ir, a gente vai."

Schaden⁴⁵ descreve com clareza, em 1954, as semelhanças entre os grupos Guarani (Mbyá, Nhandeva e Kayowá) — objetos, lugares, escolhas e

comportamentos — e enfatiza o fator religioso como determinante social. Dizem os Mbyá que não podem permitir casamentos com indivíduos de fora de sua comunidade, porque estes não sabem rezar, isto é, não podem participar satisfatoriamente das cerimônias religiosas: "Só Guarani de verdade é que reza" (cf. Schaden⁴⁶).

Outro fator importante é a questão da organização do trabalho. O progressivo abandono dos padrões de trabalho coletivo pelos Guarani acarreta para muitas comunidades certo grau de desorganização social, como consequência direta da individualização das preocupações econômicas. Já o entrosamento entre os grupos indígenas na economia regional leva ao restabelecimento do trabalho cooperativo, mas em moldes já muito modificados (cf. Schaden⁴⁷).

Durante nossa pesquisa de campo, foi possível observar a organização coletiva para caça, coleta do palmito e venda do artesanato. Há uma interação complexa e, no caso do artesanato, nem sempre quem faz/coleta é quem vende as peças: o dinheiro da venda fica geralmente com o produtor, mas pode haver troca de favores. Quando existe trabalho realizado de forma cooperativo, como na caça, o produto é principalmente distribuído na família extensa. A jovem Madalena explicita a possibilidade de outro vender seu artesanato:

"Não estou pensando em fazer pra vender (...) Ainda tem um pouquinho sim (...) Acho que vou deixar pra alguém vender na cidade."

José explica a relação da caça, a dificuldade de armazenamento e a distribuição para a comunidade, sendo que:

"(...) às vezes, a gente mata um porco-do-mato que é grande e não come tudo no mesmo dia, fica ruim, não tem onde guardar. A gente divide com a comunidade toda, até onde dá. Não tem jeito de armazenar. No mesmo dia tem que ter um jeito de comer tudo."

A mudança de um sistema cooperativo para a individualização causa um transtorno adaptativo e integrativo para toda a cultura. Segundo Schaden⁴⁵, a maior dificuldade consiste na noção mínima de correspondência de valores nas transações comerciais, isto é, de como lidar com o dinheiro e questões de valores. Outra grande dificuldade para os Guarani é a presença de forma diversa de economia em que não se verifica a noção do lucro e um correspondente pensamento finalista. Existe, ao cotidiano, uma tendência relacional a todas as atitudes.

Schaden⁴⁵, por fim, apresenta fatores que podem ser consequência da frustração em conexão com as situações de contato entre culturas. O ideal de cultura e vida, fator de coesão da comunidade, perde sua força, e se percebe uma dissolução do grupo, afirma Schaden⁴³. A autoridade, antes ligada ao líder religioso, hoje está enfraquecida, porque sua função não responde às exigências das novas condições de vida; o poder tem que ser dividido com outras lideranças (deslocamento da sacralização do poder). Ocorre ainda o uso de ensinamentos cristãos para explicar frustrações e uma possível reinterpretação do mito. O autor conclui que o resultado negativo das cerimônias e a miséria decorrente das atividades econômicas resultam em depressão psíquica, mania de perseguição, fuga para doença, e outros comportamentos, como o uso abusivo do álcool, chegando excepcionalmente à tanatomania (obsessão da morte) e ao suicídio.

Esta problemática permanece relevante. Os jovens colaboradores falaram de suas aflições diante de comportamentos gerados pelo uso do álcool e de suas consequências. Kerexu diz que está constantemente "preocupada do álcool fragilizar as famílias já que elas são o eixo da cultura Guarani, tudo está organizado e centralizado segundo as famílias".

Madalena complementa, discorrendo mais diretamente sobre a relação entre o uso de bebida e a fragilização do poder social dos mais velhos, relatando que

"(...) outra coisa que eu acho muito ruim aqui é a bebida (...) o pessoal esta saindo e bebendo muito...às vezes eles brigam e às vezes não, porque é muita bebida (...) agora os jovens não, os jovens não participam disso, agora os mais velhos participam (...) quem tem que cuidar dos índios acaba fazendo isso (...) são os mais velhos que participam, os jovens participavam e depois de conversar eles pararam um pouco, os mais velhos não (...) É proibido vender bebida para índio."

Para Castro³⁶, Leon Cadogan é o principal especialista sobre os Guarani, embora não fosse um antropólogo de formação. Sua produção consiste, sobretudo, em compilações, comentários e exegeses de textos Guarani, formando um trabalho etnográfico riquíssimo. A obra principal de Cadogan é *Ayvu rapyta* (cf. Cadogan⁴⁸), coletânea de textos míticos comentados na qual revela um longo ciclo de cantos esotéricos dos Mbyá, que serviram como base para várias tentativas de interpretação, especialmente as de Clastres⁴⁹ e Clastres⁵⁰. Os cantos e mitos Guarani são fontes dos estudos do autor Clastres⁴⁹, no qual enfatiza que a sociedade Guarani constrói-se com base em seu mundo religioso: sem esse

ancoradouro a sociedade desmorrionaria. A relação com sua espiritualidade é o que lhes mantém a identidade coletiva, o que os reúne em uma comunidade de crentes (cf. Clastres⁵¹).

Castro³⁷ afirma sobre Cadogan que este coloca um problema instigante também possível de ver nos trabalhos de Nimuendaju e Schaden: a importância dos líderes religiosos como formuladores do discurso cosmológico.

Outras críticas feitas por Meliá³⁹ acerca de Cadogan⁴⁸ são de que este trabalho seria:

una etnología implícita de la cultura religiosa de los Mbyá, contenida en esa selección de palabras con las que el Mbyá auténtico construye la casa de la memoria en la que vive. No tenemos de otro pueblo guaraní un registro tan precioso y útil como este Diccionario.

Meliá³⁸ define Cadogan como o único que demonstrou capacidade de fazer registros particulares de cada um dos diferentes grupos linguísticos dos Guarani e lamenta que o trabalho tenha sido plagiado ou meramente copiados por outros autores. Conclui que os textos de Cadogan⁴⁸ são admiráveis e despertam muito interesse, não justificando seu mau uso.

Sobre os Mbyá, Meliá³⁸ introduz um tema que já foi citado por Cadogan em 1971 (Ywyrá ñeery) e parece cada vez mais relevante: a figura do Kechuita, que se desliga de sua base histórica para adquirir forma mítica. Com isso, retomo questões trazidas por Clastres⁵⁰ (apud Castro³⁶) sobre a originalidade dos Tupi-Guarani: para estes, é possível superar a condição humana de modo radical e se tornar divino sem passar pela prova da morte.

Cadogan, em seus escritos, trouxe a essência por meio da experiência com os povos Mbyá, com os quais conseguiu os relatos dos mitos. Após

libertar um Guarani da cadeia de Villarica, conseguiu transcrever tais relatos para o idioma Mbyá e depois traduzi-los para o espanhol; são os capítulos de *Ayvu rapyta* sobre a gênese dos Mbyá, os fundamentos da língua humana, a criação da terra e dos sete paraísos, a nomeação, os mitos do fogo, os irmãos gêmeos, as curas medicinais, as relações com a natureza e outros de importância histórica.

Segundo Castro³⁶, outros autores que se destacam são Bartolomé Meliá e Georg e Friedl Grünberg, que em 1976 publicaram estudo sobre os Pãi-Kayowá. Menciona também Meliá, o qual abordou, em publicação de 1981, a relação entre os jesuítas e os Guarani e atribui peso maior que o consensual à influência missionária sobre a religião Guarani (cf. Castro³⁷); além disso, publicou em 1973 a importante coletânea de cantos de um povo com trágica história de contato genocida com a sociedade paraguaia.

Algumas das críticas de Meliá³⁸ referidas em sua revisão bibliográfica foram importantes para a compreensão da história da sociedade com a qual trabalhamos, na qual não faltam nem paixão nem mistério, e seu interesse por este trabalho define-se pela atualidade do tema. Os Guarani, para este autor, estão em nossa vida, são modernos por sua inegável atualidade e pelas utopias que sustentam. Ademais, considera que os diferentes resultados de sua investigação etnológica devem-se mais às diversas políticas a que foram submetidos os Guarani, dependendo do país em que estão.

Apesar das críticas às reproduções de Pierre Clastres, Meliá³⁸ coloca Pierre e Hélène Clastres como referência para outros autores. Afirma que seus

textos etnológicos são mais filosóficos que etnográficos, como Castro³⁶, que, embora reconheça a grande dívida etnográfica que sua obra tem para com Cadogan, aponta o trabalho dos Clastres como a tentativa mais inovadora e sofisticada de se atingir as implicações filosóficas e políticas do pensamento Tupi-Guarani. Teria sido com os Clastres que os Tupi-Guarani saíram de certo confinamento etnográfico a que estiveram relegados nos últimos anos. Pierre Clastres publicou também, sobre os Guarani e os Aché, *La société contre l'État*, de 1974.

Mas, para Castro³⁶, foi de Hélène Clastres o grande esforço interpretativo sobre os Guarani. Em *Terra sem Mal: o profetismo tupi-guarani*, de 1978, a autora segue a tradição de Métraux, ao articular os dados dos cronistas com dados etnográficos contemporâneos, com a diferença de buscar dar conta das mudanças históricas ocorridas do século XVI até hoje, uma análise que mostra a natureza intrínseca, não reativa ao contato, das crenças Guarani na Terra sem Mal e da eclosão dos movimentos migratórios em direção ao Paraíso.

Na introdução de *Terra sem Mal...* — um dos títulos deste texto, dada a relevância da religiosidade para os Guarani —, Clastres⁵⁰ discorre sobre a história e os percursos dos Guarani. Enfatiza que, entre as sociedades do litoral, foram as tribos Tupi as primeiras a desaparecer logo no início do século XVIII, diferentemente do processo dos Guarani, que sofreram a investida jesuítica só no começo do século XVII, no Paraguai, com as chamadas "reduções". O padre Antonio Ruiz de Montoya fundara 11 reduções entre 1622 e 1629 e, mais adiante, o Estado Jesuítico do Paraguai;

isto é, durante mais de um século e meio, trinta cidades isolaram os Guarani, mais de 200 mil índios controlados apenas pelo papa e pelo rei da Espanha. Após a expulsão dos jesuítas, em 1768, aquelas cidades foram confiadas aos franciscanos. Naquele período os Guarani abandonaram as missões e se instalaram nas aldeias.

Em tempos de guerra, quando muitas cidades foram arruinadas, eles se estabeleceram em pequenas aldeias. Em 1848, o ditador Carlos Antonio Lopez obrigou esses índios a se deslocarem para as aldeias dos paraguaios. Esta é, resumidamente, a história pós-colombiana dos Guarani, segundo Clastres⁵⁰.

Certos grupos de Guarani conseguiram escapar dos jesuítas e colonos e conservaram sua autonomia, permanecendo muito tempo em territórios inacessíveis. Descendem talvez dos chamados Caingá os grupos dos Mbyá, Chiripá e Paim. Os Mbyá viveram dispersos em aldeias do Guairá, entre Yuty ao sul e San Joaquín ao norte. Apesar de, em geral, terem perdido sua língua, todas conservam uma tradição religiosa. Os estudiosos são unânimes em ressaltar a importância conferida à vida religiosa, porque nesta e só nesta encontraram ao mesmo tempo a razão e o meio de resistir ao mundo dos brancos (cf. Clastres⁵¹).

Mas a grande questão de Hélène Clastres foi a Terra sem Mal (já trazida desde o século XVI pelos Tupi-Guarani). A autora traduz nos cânticos a essência mitológica, conhecida pelos Guarani como "belas palavras" e reforça a oralidade como forma de transmissão de saberes do modo de ser e conhecimentos espirituais.

O jovem Airton conta sobre sua experiência com um grupo de dança e

canto, no qual se utiliza da oralidade, e relembra os ensinamentos recebidos pelos antecessores:

"Nos cantos as palavras podem mudar. A gente mesmo que muda. Isso, nós que fazemos. As músicas vão mudando, mas existe também as que os avós, os pais cantavam. Tem uma que fala assim, nós moramos numa aldeia muito linda que se chama aldeia Boa Vista, onde todas as tardes as crianças cantam e dançam junto com o nosso pajé, que é o nosso curandeiro."

Para Castro³⁶, em *Terra sem Mal...*, Hélène Clastres trata a tensão contraditória entre o político e o religioso, na sociedade Tupi-Guarani, como anterior à conquista europeia. A produção tendencial dos Guarani em criar uma instância política exterior ao corpo social, como um Estado, teria levado o grupo a contraproduzir uma negação radical e simétrica da sociedade e um movimento religioso de desterritorialização que se fundava na abolição das regras constitutivas da vida social — reciprocidade, proibição do incesto e trabalho, assim como o profetismo e a migração em busca da Terra sem Mal. Para Clastres, o fracasso necessário do movimento levou, na atualidade, à interiorização ascética do tema do Paraíso para os Guarani e ao individualismo radical destes povos (cf. Castro³⁶).

Clastres⁵² também descreve o canibalismo Tupinambá, mas não questiona este enigma da etnologia dos Guarani, para saber como a prática dos antigos Guarani deu lugar ao recalque e à denegação do complexo canibal entre os Guarani modernos, e até se transformou em seu oposto: um "pitagorismo" alimentar em que o consumo de carne impede a transfiguração divina do xamã.

Nos relatos atuais, que obtivemos na comunidade Guarani da Boa Vista, os Guarani e os *yvyra'ija/ karaí/ xeramoí* que comem determinadas carnes enfraquecem o espírito para suas rezas.

2.2 Estudos atuais

A dinâmica ritual e a importância do espaço e do território para a história dos Guarani são dimensões sobre as quais repousam a própria dinâmica da vida dos jovens com os quais trabalhamos.

Cândida Graciela Chamorro Arguello, uma estudiosa atual dos Guarani, mostra a importância do ritualismo em sua organização social. A autora descreve particularmente o ritual do *nimongaraí* ou rito de nomeação dos Mbyá-Guarani (cf. Chamorro Arguello⁵³). Define os diferentes ritos até o momento culminante da nomeação, antecedida por longos rituais, como a dança (*xondáro jeroky, jeroky*), o rito de planificação (*ñemboaguyjevete*), a terapia de cura (*jepopixy*) e a recepção dos nomes (*nimongaraí*). Estes momentos podem se repetir ou coexistir; todos são embalados pelo som do violão, de violinos e outros instrumentos.

A dança dos *xondáro* é descrita com ricos detalhes. A autora explica que esta dança masculina — da qual participam meninos, jovens e adultos — era usada como forma de luta contra as invasões dos brancos. Hoje deve ser praticada e ensinada. Desenvolve as crianças, tornando-as ágeis (*irari*) e espertas (*imba'e kuaa*), além de alegrar e divertir (*ombovy'a*) toda a comunidade (cf. Chamorro Arguello⁵⁴).

Em nossa pesquisa de campo, nossa participação no *nimongaraí* aconteceu no ano de 2008. No momento, da dança dos *xondáro*, observamos que, como a preparação para o devir, alguns jovens colaboradores ascendiam seus *petýnguá* e dançavam em torno do altar, outros compunham o grupo de músicos.

A autora observa que, dentro da casa de reza, na qual a entrada é coordenada inicialmente pelos *xondáro* e pelos rezadores, estes fazem as saudações próximas ao altar (*amba*); com o uso do cachimbo cheio de fumo (*petýnguá*), sopram fumaça, até esta se esgotar, sobre os elementos do altar. Várias palavras e gestos são ditos e feitos pelos pajés (*yvyra'íja/karaí/xeramoí*), por aquele que canta (*oporaíva*), pelos ajudantes e pela comunidade.

Quanto à terapia de cura, o ritual de fumaça e a massagem (em que o rezador expele a fumaça sobre o paciente e a inspira novamente, em coordenação com movimentos parecidos com o da tapotagem, pequenas batidas com a mão em concha sobre todo o corpo), Nimuendaju²² explica que a liderança religiosa tira as doenças com as pontas dos dedos ou faz fluir o halo mágico de sua boca às palmas das mãos fechadas em forma de concha. Elas são lavadas cuidadosamente para reiniciar e despejá-lo sobre o corpo do doente.

Presenciamos muitas mães levando seus filhos ao rezador para a cura, Creuza Ara foi a colaboradora que conhecemos neste momento e que levou seu filho com problemas respiratórios para participar do ritual. Entorpecidos pela fumaça, lembramos dos choros das crianças e da concentração da

comunidade neste momento introspectivo. O rezador parecia dançar com a fumaça, utilizando as mãos e os dedos para coordenar a coreografia.

Outro momento do rito de nomeação descrito por Chamorro Arguello⁵³ é o *jeroky*, do qual a maioria da comunidade participa. Um cantor faz seu lamento de costas, e formam-se filas em frente ao altar: alguns garotos, com as maracas de mão; algumas meninas, que se posicionam de mãos dadas atrás dos rapazes; e, um pouco afastadas, as mulheres adultas, que portam nas mãos um bastão de ritmo (*takua*). Inicia-se o canto, e os instrumentos coordenam a marcação. Os movimentos circulares e em semicírculo completam a dança. É interessante observar que este momento do ritual é uma dança feita principalmente por jovens.

Estranhamos num primeiro momento o *jeroky*, pois o lamento feito pelo grupo ecoa por toda a *Opÿ* (casa de reza) num som bem agudo dos cânticos das mulheres. A maioria dos jovens participou desse momento com seu canto e dança.

Chamorro Arguello⁵³ relata que, com os vigias na porta, chega o momento ápice da cerimônia, o *nimongaraí*. Vulgarmente chamado de batismo, confirmação (mas cujo sentido próprio é o de nomeação), é uma cerimônia na qual os sacerdotes da comunidade descobrem o nome das crianças, com toda a significação que o nome tem para os Guarani. Costuma-se dizer que os Guarani não têm nome como se tivessem uma coisa — eles são nome, e cada nome vem a ser como uma cifra poética que acompanha a pessoa desde o seu nascimento até a sua morte (cf. Meliá apud Chamorro Arguello⁵³; Bartolomé⁵⁵).

O ritual, segundo Chamorro Arguello, é realizado por sacerdotes (*yvyra'ija/karaí/xeramo*) e assistentes, chamadas *juxuka ñemotenonde* (as que precedem ou presidem *jexuká*) juntamente com as mães das crianças a serem batizadas, estas no colo das mulheres. Sentam-se em bancos, em frente ao altar, e um sacerdote inicia suas invocações. Chamorro Arguello⁵³ observou neste momento, enquanto o sacerdote ia descobrindo o nome das crianças, dois movimentos: o da comunidade, recebendo oficialmente seus novos membros, e, mais uma vez, o ouvir e ver, os nomes da onomástica (lista) tradicional do grupo. Os nomes relacionavam o novo com a comunidade que os recepcionava e sua história, já que muitos dos nomes tradicionais ou sagrados estão relativamente escassos e sempre um outro atenderá pelo mesmo nome. Isso mostra o caráter coletivo do nome e da identidade, e uma relação profunda de pertença entre as pessoas e os seus nomes.

Nimuendaju⁵⁶ também relata sua experiência no *nimongaraí*, quando recebeu seu nome guarani, numa madrugada fria em Poñoquí, uma velha aldeia. Soavam os *mbaracás* do rezador e as tacuás das mulheres, marcando fortemente os cânticos, quando se fez ouvir a melodia do *ñanderá-poraí* no silêncio da floresta, canto estranhamente selvagem, parecendo um sinal, por meio do qual o Guarani busca despertar forças sobrenaturais, que saem de dentro do seu corpo, a fim de cultivá-las para qualquer objetivo religioso ou mágico. Finalizando o ritual, escuta-se em voz bem alta e clara: *Muendajú-ma-nderey! Nandereyigua nde! Nandéva nderenoi Nimuendajú!* ("Muendajú é teu nome! Tu fazes parte de nossa tribo! Os Guarani te chamam Nimuendajú!").

Emocionamo-nos neste momento da nomeação, no qual a expectativa da comunidade para o nascimento de um nome, do recebimento de mais um membro para a comunidade Guarani expandia-se por toda a casa de reza. Os que recebiam os nomes ficavam na frente e os rezadores ao seu redor, circundando-os com muita fumaça e dizeres. Logo escutávamos dizeres sobre aquela pessoa, finalizando com o nome em Guarani. Sentimos muita necessidade nesse momento em saber a língua Guarani, pois as palavras pareciam emocionar todos da comunidade e serem relevantes para o entendimento de como seria a pessoa que recebeu o nome, como algo que os marcam identitariamente.

O *nimongaraí*, o principal ritual realizado até hoje nas comunidades dos Guarani, retrata e reforça a identidade de grupo, de etnicidade e de coesão, e revive os desejos e buscas da Terra sem Males, em contato com o místico e o *ethos*. Além disso, o nome reafirma a continuidade do povo, da língua, da cultura e sua significação, como dos Jekupé, Tupã, Karaí, Kuaray, Ara, Poty, Kerexu e outros. Enfatizei este texto sobre o *nimongaraí* devido à importância religiosa e social deste ritual na vida prática da comunidade Guarani que vivenciamos em campo.

Observamos a suspensão do cotidiano nestes momentos ritualísticos e os novos papéis que os jovens representaram em sua comunidade. Muitos jovens colaboradores participam ativamente das danças, cantos, tocando instrumentos e coordenando junto às lideranças religiosas alguns momentos da cerimônia. Ocorre a mudança no cotidiano, as mulheres realizam o almoço para toda a comunidade e para os visitantes; as mais jovens preparam a bebida *kaguyjy*

(bebida feita com milho verde, que deve ser mascado para fermentação e misturado com água). Apenas meninas de 13 ou 14 anos, que não atingiram a puberdade, podem prepará-lo. Segundo os mais velhos, tomam o *kaguyjy* para o Guarani limpar o corpo, deixando-o sadio (cf. Felipim⁵⁷). Todos encontram novas relações de poder e de privilégios e alteradas a dinâmica da comunidade nestes momentos ritualísticos.

Meliá³⁸ cita os trabalhos teológicos que Chamorro Arguello publicou em 1995, 1996, 1998 e 1999, os quais, como outros clássicos, reafirmam que a espiritualidade Guarani é uma experiência da palavra.

Outra estudiosa atual dos Guarani é Maria Inês Ladeira, que aborda em seus trabalhos a importância da questão da terra para as comunidades Mbyá e faz uma reflexão teórica sobre a significação da terra e as migrações realizadas em busca da Terra sem Males (cf. Ladeira⁵⁸ e Ladeira⁵⁹). Meliá³⁸ observa que, tanto na dissertação, quanto na tese, Ladeira descreve em seus trabalhos de pós-graduação as estratégias de ocupação de espaços mediante uma concepção mítica e sua análise é crítica com relação a escolhas, seu significado, constituição e uso da terra pelos Mbyá. A pesquisadora relata que muitas aldeias do estado de São Paulo originaram-se do estabelecimento de famílias extensas vindas do sul, que não suportaram as pressões da Funai e os modos de vida lá existentes e procuram, no litoral paulista, melhores condições e a mítica Terra sem Males. Os deslocamentos dos Guarani, qualificados de ciganos ou nômades pelos leigos, só acontecem, então, nos territórios já conhecidos e conservados a partir da visão de mundo dos Guarani, essencialmente religiosa (cf.

Ladeira⁶⁰).

Ladeira⁶¹ caracteriza e descreve trajetórias e a história de fundação das aldeias dos Guarani do estado de São Paulo, além de algumas em que estes convivem com outras etnias, como a Kaingang e a Terena, e mestiços. A autora distribui as aldeias da seguinte forma: as aldeias livres no estado (no litoral sul, em Itanhaém e Itariri, situam-se as aldeias do Rio Branco e Itariri; no litoral norte, as aldeias Rio Silveira, em São Sebastião, e Boa Vista, em Ubatuba); na periferia da cidade de São Paulo, está a aldeia de Barragem, ou Morro da Saudade (que se integra socialmente ao núcleo Crucutu na mesma região), e, próxima a Itapecerica da Serra, fica a aldeia Mboi-Mirim. Na capital paulista, as aldeias em que os Guarani vivem semi-integrados às populações regionais são as da Barragem e do Jaraguá; no litoral, em Mongaguá, Peruíbe e Juqueí.

Sobre a aldeia Boa Vista, Ladeira⁶¹ comenta que esta se formou a partir do assentamento de três famílias que abandonaram a aldeia Rio Silveira devido a uma cisão política, o que levou a líder religiosa Catarina a fundar, no sertão do rio Promirim, em Ubatuba, uma das mais recentes aldeias, formada na década de 60, onde ainda residem seus filhos e netos. A autora chama atenção para o fato de que o solo da região não é muito fértil, mas existem pequenas plantações e nas proximidades nasce o palmito silvestre. A subsistência baseia-se, também, na confecção de artesanato para venda em feiras livres.

Outra questão tratada por Ladeira é que, há séculos, os Guarani dialogam e se mantêm em contato constante com nossa sociedade, com a

qual estabelecem relações econômicas imediatas, como a venda de artesanato, a prestação de serviços esporádicos e a aceitação de doações (roupas, alimentos). Mas isso não significa que suas práticas econômicas sejam iguais às nossas e que, com a proximidade dos brancos, estes não possam interferir na autonomia da vida social e nos hábitos diários dos Guarani aldeados.

O estudo de Ladeira e Azanha⁶² retrata a história e a trajetória dos Guarani-Mbyá do litoral de São Paulo. Mostra que a procura/escolha pelo "lugar" (*tekoa*) onde possam viver "conforme os nossos costumes" (*ñandereko*) parece constituir a motivação básica das "andanças" (*oguatá*) dos Mbyá. Mas, para a fixação, necessitam de condições, como local em meio ao mato onde possam plantar, distância dos brancos e ausência de conflitos. A *tekoa* não é somente a terra, mas está associada à casa e às relações com os parentes: é onde enterram os mortos e rezam, onde têm a possibilidade de exercer o direito divino de fazer suas roças. E quando os Mbyá definem a Serra do Mar como "terra boa" (*tekoa porã*), isso significa que ali ainda podem produzir as normas tradicionais em termos do uso da terra e da relação com os parentes. Essas escolhas não são aleatórias, pois vários dos pontos do litoral são tidos como territórios onde já viveram seus antepassados, e a perambulação e a procura de fixação sempre ocorrem nestes mesmos locais, seguindo uma tradição histórica e/ou cosmológica.

Segundo Ladeira e Azanha⁶², o grupo familiar dominante na aldeia Boa Vista são os descendentes de dona Rosa — que nasceu no Rio Grande do Sul, nos anos 30, veio para o litoral com sua mãe, dona Catarina, seu pai

Bernardes e os primos José Bonifácio e Valentina, que viviam em Ubatuba, e outros. Moraram em Itariri, e, na década de 60, dona Catarina, à frente de seu grupo, seguiu para a aldeia Boa Vista.

Ainda segundo Ladeira e Azanha⁶², Boa Vista é a aldeia do litoral que mantém relações mais frequentes com as aldeias do litoral do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, devido à proximidade geográfica, a laços de casamento e ao fato de que ambos os grupos são originários do Rio Grande do Sul e migraram no mesmo período.

Cherobim⁶³ observa os povos do litoral de São Paulo, numa análise antropológica em que reconstitui a história desse local, seus habitantes, seus contextos sociais, econômicos e político. Dá ênfase a questões religiosas e econômicas dos Guarani, como forma de resistência, relação com outros segmentos da sociedade e continuidade da sua própria cultura. O autor afirma que, apesar do depauperamento demográfico e de um processo aculturativo centenário, os Guarani permanecem culturalmente diferenciados e etnicamente identificados e mantêm um corpo de regras orientadoras de comportamento de seus membros, como reprimir casamentos mistos ou revitalizar uma religião que permita a congregação num movimento contra-aculturativo. Entre eles, não se observa decréscimo de natalidade nem aumento da mortalidade, o que levaria à extinção biológica. Tudo isso caracteriza o momento atual de um processo histórico que colocou os Guarani e os da sociedade brasileira na mesma trama de relações conjuntas.

2.3 Jovens Guarani, questões de vulnerabilidade e ritos

Somados dos processos rituais iniciáticos, destacam-se atualmente no estudo sobre os jovens às questões ligadas à saúde e à educação. Estas últimas configuram-se como preocupação de autores na vinculação às atividades e projetos de intervenção social. No entanto, uma parte significativa dos estudos que localizam os jovens na literatura a cerca dos Guarani aparecem associados a fenômenos de ruptura sociais, como o suicídio, o alcoolismo e a violência.

O tema do suicídio foi trabalhado por Meihy⁶⁴ tanto na visão dos Guarani-Kayowá, quanto dos brancos, diferenciando espacialmente esta divisão, como de "dentro" e de "fora": os que estão na aldeia, "dentro", localizados na reserva e, generalizando, as três culturas (Guarani, Kayowá e Terena); e os que estão ao entorno, de "fora", na cidade de Dourados, os brancos. O autor explicita uma divisão dentro da reserva, a existência de duas vertentes, uma de opinião mais tradicionalista, representada pelos Guarani-Kayowá, e outra com um projeto mais modernizador, próxima dos brancos, representada pelos Terena. Relata que a forma mais comum de suicídio entre os Kayowá (embora haja facilidade de encontrar venenos nas plantações e de utilizá-los) é a asfixia e o enforcamento, que é mais instantâneo e menos trabalhoso. Na asfixia, todo um cerimonial é feito antes do ato.

O isolamento é sempre em contato com a natureza, como a tradição do mito da origem Kayowá; a perda da memória é instantânea, motivada

pelo transe e se recupera uma memória do pretérito. Assim, no ato desta forma de morte, se refaz a tradição "perdida" e a cultura Kayowá se reafirma (cf. Meihy⁶⁵). Em qualquer forma ou opção, observa-se a manutenção da integridade do corpo, e o tórax e a garganta são as partes nas quais se materializam as tentativas de suicídio. Segundo os Kayowá, a fala sustenta a vida, e a vida se manifesta pela fala, sendo a garganta, portanto, o veículo da vida, mas por onde também corre a morte. Para os Kayowá, a religiosidade está muito ligada a este desejo e ato. Alguns relatos indicam a utilização de feitiços por outros ou mesmo a atração pela existência da Terra sem Mal, expressa no desligamento deste mundo e na busca de um lugar melhor em outro.

Outra visão sobre o suicídio, segundo o autor, é a dos brancos, que estão envolvidos de alguma forma com a questão da aldeia. Para eles, a superpopulação da aldeia, a exploração capitalista e as injustiças sociais são fatores que influem no fenômeno das mortes. Também é discutida a questão da terra, que deixa de ser o lugar da vida espiritual e passa a ser meio de sobrevivência material, a tradução do religioso para o econômico.

O autor enfatiza que a proximidade com a cidade e os diversos deslocamentos, principalmente na busca de trabalho, fazem com que, muitas vezes, os jovens se vejam submetidos a um convívio alheio ao seu *ethos*, o que traz para a aldeia a transformação dos hábitos, começando pela inversão dos valores. A influência das diversas religiões altera conceitos e impõe novos preceitos, transformando o entendimento de mundo dos Guarani e suscitando outras questões diante da "modernização" das

sociedades ameríndias originárias.

Em Meihy⁶⁴, também está em destaque a questão do jovem, suas escolhas e perspectivas, a relação de duplicidade entre as diversas culturas que os cercam e a sua definição de identidade. Nos relatos, além de outros temas, muito se fala das influências políticas e de políticos na vida da comunidade e da interferência de grupos que utilizam interesses momentâneos em época de eleições. Airton relata que, quando precisa de algo, recorre aos políticos para pedir apoio como eles mesmos [os políticos] também o fazem:

"Às vezes, vou à cidade pedir alguma ajuda, é tipo, prefeito, vereador, essas coisas, corro um pouco atrás deles. Às vezes, no meu nome ou no nome da aldeia também. Temos alguns políticos que conhecem alguns índios, alguns, não são todos também."

Os desafios do viver entre culturas diversas são igualmente importantes, tanto para os que moram na cidade, como para os diversos grupos Guarani e Terena que compartilham a mesma área da reserva. Notam-se mudanças de comportamento, de alimentação e busca de outras atividades, outras formas de lazer que não se encontram na aldeia e, ainda, na frustração de não se ter aquilo de que se apreendeu a gostar, como roupas e outros bens de consumo. Em diversas ocasiões, verifica-se a dificuldade dos jovens em se interessar pelas coisas "antigas" e da cultura. O autor refere-se à importância das diferenciações provocadas pela educação formal e pelo trabalho e a inadaptação ao sistema dos brancos, em confronto com a necessidade dessas novas práticas.

Consideramos relevante a observação em Meihy⁶⁴ quanto à relação entre a idade e o momento em que ocorrem os suicídios. A principal faixa

etária está entre 12 e 17 anos; é o momento da escolha entre casar, o que implica aceitar a tradição, ou sair da aldeia para trabalhar — e negar, quase sempre, o projeto local.

Alcântara⁶⁶ discute a juventude entre os Guarani da reserva de Dourados, no artigo sobre a percepção do tempo/memória dos jovens. Em obra mais recente⁶⁷, a autora aborda principalmente as questões envolvidas no suicídio de jovens desta reserva do Mato Grosso do Sul e mapeia a realidade e o contexto no qual estão inseridos e as novas estratégias de negociação cultural que estão sendo forjadas, construídas e reconstruídas com vistas à sobrevivência cultural (cf. Alcântara⁶⁸).

A autora correlaciona este local de pertencimento (como *in between*) às mudanças socioculturais que estão sendo negociadas constantemente. O jovem hoje não mais realiza os antigos rituais de passagem, mas cria seus próprios ritos para ser considerado adulto. Diante dos novos comportamentos, o suicídio está presente, e a opção da morte torna-se uma das possibilidades da conjugação verbal da "negação do futuro simples ou do futuro próximo".

Morgado⁶⁹ também está entre as obras que trazem a temática do suicídio e questões conexas. O autor acompanhou desde 1990 os índices de suicídio entre os jovens de Dourados e considera o fator de urbanização como sufocador, pois são jovens capturados pela cidade, sem fuga para a floresta, sem qualquer chance de inserção ocupacional, uma situação de desvalia extrema, restando-lhes somente a autoimolação. Apresenta como pseudocausas os cultos evangélicos e o consumo de bebidas alcoólicas na comunidade. O autor fundamenta-se na "hipótese do recuo impossível" e

afirma não se contrapor a esta, mas se aprofundar nas causas já aventadas, como a "morte cultural", grau extremo da degradação cultural mencionada pelos antropólogos, e a "ausência de perspectiva" citada pelos indigenistas. Vê dois eixos de sujeição máxima da pessoa nestas causas: nenhuma possibilidade de território e degradação extrema de condições universais de dignidade do ser humano. Conclui o autor que há sociedades ameríndias urbanizadas sem tragédia, porque tiveram alguma inserção socialmente condigna.

Tardivo⁷⁰ apresenta extenso trabalho com os jovens de São Gabriel da Cachoeira e busca, através de uma clínica diferenciada, respostas para a problemática do jovem, como os crescentes índices de violência e as mortes violentas. Mediante trabalho em grupo, realizou o procedimento de desenhos com temas da técnica de Vaisberg⁵ e analisou as respostas de 10 jovens para a questão "Desenhe um jovem de São Gabriel nos dias de hoje", que revelaram seus conflitos, modos de vida e opiniões sobre a temática do trabalho. A autora argumenta que é preciso considerar a questão da adolescência e da situação social em que os jovens estão inseridos, juntamente com aspectos culturais e antropológicos. Observou um sofrimento intenso, difuso e generalizado em todo o grupo pesquisado, que provavelmente é a experiência emocional de toda a coletividade da qual faz

⁵ Técnica de desenho utilizada por Vaisberg em "Desenhos com Tema" (in Trinca W., organizador. Formas de investigação clínica em psicologia: o procedimento de desenhos-estórias e desenhos de famílias com estórias. São Paulo: Vetor Psico-pedagógica; 1997). Também citado em: Vaisberg TMJA, Corrêa YB, Ambrosio FF. Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana. Anais do IX Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro; 2000. p. 331-341.

parte tal grupo. Relata que este condensa todo o sofrimento e a morte a que estão sujeitos esses adolescentes, que têm todo direito à vida e que tão cedo se veem impedidos de viver.

Souza e Guarnelo⁷¹ voltam-se para temática muito questionada como causa/consequência, quando tratam de jovens: os autores abordam os conceitos sobre o uso de bebidas alcoólicas por comunidades ameríndias, evidenciando o uso indiscriminado do termo "alcoholismo". Desmistificam o alcoholismo e argumentam que, historicamente, o uso de bebida alcoólica ocupava lugar privilegiado em diversas culturas; após a Revolução Industrial, a alta produção, a queda dos preços e o aumento da disponibilidade dessas bebidas modificaram seu uso e revelaram um outro lado de seu consumo, associado à violência, à discórdia e à dor. Citam a pesquisa "Diagnóstico Antropológico Participativo sobre a Manifestação do Alcoholismo entre as Sociedades Indígenas no Rio Grande do Sul: Subprojeto Mbyá-Guarani", conduzida por Luciane Ouriques Ferreira, em 2001. Esta autora, tentando compreender o problema a partir da lógica dos Guarani, além de investigar formas de intervenção fundamentada no saber dos Mbyá, construiu a categoria êmica "beber problema", para se referir à pessoa que começa a contrariar sua organização social. Além disso, ela observou que entre os Mbyá não é importante saber se um indivíduo tem uma dependência física e biológica do álcool e que a forma de beber passa a ser considerada como problema no momento em que começa a trazer impactos negativos na vida da pessoa, da família e comunidade, isto é, os problemas causados pela contrariedade de regras e ordens de coesão social. A autora também

considera a redução das terras como fator determinante, pois dificultou aos Mbyá reproduzir seu "modo de ser" (*ñandereko*) e introduziu questões religiosas, como falta de *Opÿ* (casa de reza) e *Karaí* (especialistas da medicina tradicional), prejudicando a religião com o divino e permitindo a instalação e manutenção do "beber problema".

Souza e Guarnelo⁷¹ finalizam com propostas de abordagens qualitativas para a compreensão do problema e de instrumento de quantificação para avaliar seu nível em áreas populacionais vulneráveis, de maior concentração, permitindo melhores planejamentos de intervenção.

Os pesquisadores Azevedo e Adorno⁷² averiguam e compreendem as questões que contornam a maternidade e o comportamento reprodutivo dos jovens, seja pela ótica de diferentes gerações, seja pela interação com não índios que vivem ao redor (cf. Azevedo e Adorno⁷²). Outras temáticas aparecem no trabalho, próximas às problemáticas dos jovens da aldeia Boa Vista, como é o caso da diferenciação de gênero, as influências da vida moderna, a vizinhança com a cidade e outras culturas, as mudanças no modo de ser dos Guarani e as perspectivas futuras.

Segundo Azevedo e Adorno⁷², há um desejo geral nos jovens de continuar estudando. Muitos pensam em cursar faculdade antes do casamento. Existem indícios de que padrões culturais da população não índia foram incorporados, como também de busca de ascensão profissional e financeira, em conformidade com os valores das sociedades industriais modernas. Além disso, ocorrem políticas de ação afirmativa, com a oferta, na cidade de São Paulo, de bolsas de estudo nas universidades para

estudantes índios. O jovem Airton justifica o porquê do desejo de retornar à escola para concluir seus estudos:

"Estou querendo voltar a estudar, vou ver ainda. Acho que pra mim é importante. Antes eu fiz até a quarta série aqui na aldeia (...) Acho que a educação está meio por baixo ainda, estudar um pouco pra se formar melhor. Acho que se tivesse uma ajuda, vir alguma pessoa de fora, autoridade, acho que daí seria bom na cidade, agora se trouxesse pra aldeia também era bom. É tipo aldeia Tenondé Porã, lá eles têm escola dentro da aldeia e acho que se forma dentro da aldeia mesmo, acho que vai até o 1º grau, até 8ª série. Tudo dentro da aldeia. O estudo é bom pra você aprender o português melhor, falar melhor e falar diante das autoridades sobre os seus direitos, lutar pelo seu direito."

A jovem Kerexu complementa que, com o estudo, poderá mudar de profissão, sendo, portanto, uma opção para trabalhos futuros e inserção na comunidade:

"Faria outro curso, mas eu num posso continuar, até porque vai ter outras pessoas que vão ocupar meu lugar, então, tem que pensar numa outra, tenho que fazer o que vai ser bom pra mim, porque não vai ser só eu sozinha, aqui pra sempre, a professora, vai surgir mais oportunidade e vou pensar no que vou fazer (...) Mas tem várias possibilidades, pensei até em fazer turismo, num sei se é legal, tem que ver ainda (...) Aí que está o problema, eu penso e quero fazer, onde, então? Tem várias coisas..."

Quanto à questão da maternidade, os autores concluem que — assim como o desejo, o planejamento, a rejeição e outros fatores desse universo — a dimensão mítica e ritualística ainda esteja presente entre os Guarani, embora aparentemente os rituais que permeiam a gestação tenham sofrido mudanças (como observamos, novas composições entre os saberes rituais e os saberes técnico-científicos em saúde estão sendo construídos pelos jovens).

Rangel⁷³ apresenta uma reflexão sobre os rituais de iniciação, abordando de forma ampla essa questão indígena sem discriminar etnia. Enfatiza que cada grupo indígena possui seu ritual específico e a diferenciação do que é ritualístico do homem e da mulher como duas categorias distintas. Comenta os rituais de iniciação e situações relatadas por jovens.

Os jovens da comunidade Guarani da aldeia Boa Vista dizem que muitos rituais de iniciação encerram-se com a cerimônia do casamento. Para as mulheres, a contar da primeira menstruação, em que pode ocorrer reclusão por longos períodos. Para os homens, são feitas provações físicas e emocionais, como ensinamentos de valores e crenças. Madalena fala sobre os ritos pelos quais passam e sobre o seu rito, como seu povo lida com a transformação do corpo da mulher, que juntamente com tal mudança, iniciam intensivamente o aprendizado dos afazeres femininos e a preparação para o casamento:

"Quando é a primeira vez da menstruação, os mais velhos cortam o cabelo da menina, cortam tudo o cabelo, e elas ficam com a mãe nos trinta e uns dias sem fazer nada, trancada na casa (...) eu fiquei quinze dias (...) Eu chorava pra sair (...) Dia e noite trancada (...) Pra comer, a minha mãe que cozinhava pra mim, era sem sal e sem açúcar, era tudo natural mesmo (...) E a gente pintava o rosto também, gente mais velha quando pinta mulher no rosto é pra espantar todos os maus espíritos que está, perto dele, pra não fazer mal a ela (...) Quando sai, a mãe da menina tem que ajudar, se tem um homem pra casar, sai e casa se não tem, não casa não (...) A minha eu sai da casinha, num tinha, e num queria casar também, depende da mulher (...) Eu achei bonito e vou continuar mesma coisa quando tiver filha, vou fazer isso com minha filha, mas eu não tenho ainda."

2.4 Projetos de intervenção social voltados para a juventude

Há produção importante e atual sobre os Guarani dentro de um quadro de preocupações institucionais, tanto do Estado brasileiro, como de organização internacional, religiosa e ONGs. Existe preocupação em desenvolver projetos de intervenção social, e discutem-se a educação, a saúde e a economia, principalmente.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) distribui desde 2008 o folheto (da série Tecnologia, Informação e Inclusão) em que aborda o tema "Juventude e internet" e a questão dos meios de multimídia nas aldeias (cf. Unesco⁷⁴). Os Pontos de Cultura, que começaram a funcionar no fim de 2006 com apoio do MinC (Ministério da Cultura), o qual disponibilizou equipamentos multimídia, foram os disparadores de uma intervenção de manutenção de valores e valorização cultural, como nas aldeias Guarani de Krukutu e Tekoá Pyaú, em São Paulo, e na Bororo de Meruri. Os jovens Bororo e Guarani estão recebendo oficinas de capacitação digital em produção, edição e finalização de vídeo no Centro de Educação e Cultura Indígena, projeto administrado pela ONG Instituto das Tradições Indígenas (Ideti), em convênio com as Secretarias de Educação locais. O resultado será difundido para outras aldeias, para fins de integração entre estas, além de gerar, junto com o artesanato, renda para a comunidade.

O projeto da ONG Vídeo nas Aldeias nasceu em 1987, com o antropólogo e documentarista Vincent Carelli, quando pretendia, por meio do vídeo, apoiar

estas sociedades a recriar a imagem e resgatar suas identidades (cf. Unesco⁷⁴). Na linha da preservação dos valores, o que parece atraente é a possibilidade de manter vivas suas culturas, registrando seus idiomas, gravando e arquivando mitos, lendas além dos conhecimentos ancestrais.

Também sobre o recurso dos multimeios em aldeias dos Guarani, Otre⁷⁵ retrata o trabalho de jovens que produzem audiovisuais, fotografias, blogues, fotologues e um jornal impresso, e encontraram na comunicação uma alternativa face à marginalidade com que são tratados na cidade; buscam seus direitos à voz e ao espaço social em suas próprias comunidades pois jovens índios solteiros não pertencem à organização tradicional indígena nem tampouco estão inseridos entre os brancos. Do trabalho realizado, Otre destaca o desenvolvimento da autoestima como resultado desse processo, além do favorecimento de mobilização por transformação social e a formação crítico-educativa.

Após o esforço de organização, os jovens começaram a se sentir pertencentes à comunidade e a serem ouvidos pelos brancos, embora acreditem que isto se deva a interesses políticos da comunidade como um todo. Antes, a comunidade vivia fundamentada sobre a oralidade e a memória; atualmente, registra-se, por meio das escritas textuais, audiovisual cinematográfica, virtual e iconográfica, a realidade dos jovens Guarani ou Terena da cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul, que antes eram desprezados pelos seus e pelos brancos. Assim, mobilizaram-se para escrever a sua história e de sua Sociedade.

Outro trabalho desenvolvido na aldeia de Dourados foi o realizado pela

parceria da Anthares Multimeios e da equipe de terapeutas ocupacionais do grupo Metuia da USP, juntamente com jovens da Ação Jovens Indígenas (AJI), de Dourados. Oficinas de vídeo e construção de blogues foram estratégias para o envolvimento dos jovens e à produção do vídeo *Que país é este*⁶, sobre a realidade do grupo local. Nestes trabalhos, com recurso aos multimeios, e em muitos outros, desenvolvidos por entidades governamentais e não governamentais, observamos que os jovens encontram sua identidade e valorização cultural, seja dentro do próprio grupo, seja perante a sociedade não-índia.

Concluimos que os lugares e espaços de pertencimento, os itinerários realizados pelos jovens e a ampliação de fronteiras são estratégias criadas para construção de suas identidades nos locais descritos, vivenciadas em campo e relatadas pelos jovens, como na cidade de Ubatuba, na comunidade Boa Vista, e junto a órgãos com os quais estabelecem suas relações sociais e de serviços, como saúde e educação. Estes locais estão em intersecção entre mundos e lógicas diferenciadas, em que a crise da alteridade se coloca e os jovens buscam estratégias para se constituírem na sociedade contemporânea.

⁶ Realizado a partir de oficinas de preparação de jovens por Gianni Puzzo, cujo projeto é dirigido por Maria de Lourdes. O vídeo é de 2006; duração, 9 min 52 seg; produção, Ação dos Jovens Indígenas (AJI) de Dourados (MS). Sinopse: grupo de jovens indígenas há anos luta para ter voz ativa na sociedade e no meio em que vive, a Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa, em Dourados (MS), com população de três subgrupos linguísticos (Ñandeva, Kayowá e Terena), e procura promover a união destes subgrupos em torno do diálogo, para dentro e para fora da reserva.

3 A CIDADE DE UBATUBA, A ALDEIA BOA VISTA E OS JOVENS: TRÂNSITO E REDES

Os jovens coabitam e transitam por diversos espaços no município de Ubatuba, principalmente o centro da cidade e o bairro Promirim, onde se localiza a comunidade da aldeia Boa Vista. As atividades são diversas e formam suas redes de relações, juntamente com alguns órgãos que são importantes nesta malha: a Funai, a CPI-SP e Congregação Vicentina.

3.1 Município de Ubatuba

Ubatuba, o município em que nossa pesquisa se desenvolveu, é cidade turística do litoral norte paulista, com grande afluência de turistas nos meses de verão. Lá reside uma população composta por grande diversidade de comunidades, como as de caiçaras, quilombolas, migrantes vindos dos estados de Minas Gerais e Bahia, estrangeiros e Guarani, dentre outras.

Ubatuba possui cerca de 80 quilômetros de extensão, em uma faixa oriental voltada para o oceano Atlântico e uma faixa de planície, entre o mar e a serra, que varia de 8 a 16 quilômetros de largura (cf. Camargo⁷⁶).

O clima é fator importante: chove muito durante o ano todo, o que resulta em um dos maiores índices pluviométricos do Brasil. Segundo Camargo⁷⁷, a justificativa está na posição intermediária ou de transição do município entre o clima tropical e o subtropical. A área é cortada pelo Trópico de Capricórnio e sofre os efeitos de sua localização, da maritimidade e da

formação geomorfológica, além de sua cobertura vegetal.

O nome Ubatuba tem várias interpretações, e muitas derivam da língua tupi. Pode ser entendido como formado por *uu'wa*, "planta da família das gramíneas" (cana silvestre com a qual os Tamoio faziam flechas), ou *i'wa*, "árvore, canoa, embarcação", e *'tíba*, suf. coletivo; portanto, "muitas flechas" ou "muitas canoas", dentre outras acepções. Recebeu inicialmente o nome de Iperoig — que também designava a "Terra dos Tamoios", local que traz em sua raiz as grandes batalhas tupi —, trocado para Ubatuba com o tratado "Paz de Iperoig" (cf. Camargo⁷⁸).

Em Ubatuba, na antiga aldeia de Iperoig, residiam os Tamoio, que, segundo Hans Staden, chamavam a si próprios de Tupinambá. Nesse local, desenvolveu-se a Confederação dos Tamoios, no século XVI, em 1563 — a luta dos Tupinambá, com apoio dos franceses que desejavam implantar a França Antártica no Brasil, contra as investidas das ações exploratórias e escravistas dos portugueses (cf. Camargo⁷⁹). Embora existisse grande vantagem das sociedades locais sobre os portugueses, eclodiu em 1553 forte epidemia de sarampo, durante a qual grande parte da população indígena da região piratiningana e largamente os Tupinambá do litoral foram afetados. Assim, a força combinada de armas e doenças garantiu uma vitória decisiva contra os Tamoio em 1567; em poucos anos, dizimou-se a população originária do Planalto (cf. Monteiro⁸⁰).

A economia ubatubense está baseada no veraneio e no serviço público. Muitos estabelecimentos comerciais ampliam seus negócios em época de turismo, concentrada no final e início de ano. Comerciantes,

pescadores, artesãos, domésticas e funcionários públicos formam a grande maioria da população, além dos jovens que buscam ocupação e meio de desenvolvimento no esporte e nas atividades de lazer.

Os jovens da cidade criam um circuito entre os bairros onde moram: a avenida central (Iperoig), a praia e os serviços oferecidos para atividades de lazer e ocupação, como o Projeto Guri, a Fundart, a Secretaria de esportes, a pista de *skate* com quadra de basquete, as escolas e as *lan houses*.

O Projeto Guri é uma parceria da Secretaria de Cultura paulista e oferece oficinas musicais para crianças e jovens. A Fundart é uma fundação de parceria com a Prefeitura ubatubense que proporciona oficinas culturais de teatro, música, dança, artesanato e outros. A Secretaria Municipal de Esportes tem cursos de basquete, futebol, natação, vôlei e *surf*, entre outros. A pista de *skate* e a quadra de basquete localizam-se na avenida Iperoig, local muito frequentado pelos jovens e onde também se localiza a feira de artesanato na qual os Guarani expõem suas peças para venda.

A existência de poucos cursos profissionalizantes e de escassas instituições de ensino superior com vagas para os jovens na cidade, das quais a maioria é paga, deixa sem perspectiva profissional essa população que busca alternativas fora da cidade. Muitos estudam em Taubaté e Caraguatatuba, cidades próximas com cursos profissionalizantes, faculdades, polos industriais, localizadas respectivamente a oeste e a sudoeste de Ubatuba.

3.2 A aldeia Boa Vista

Segundo relatos dos moradores da comunidade e conforme Ladeira e Azanha⁸¹, a aldeia Boa Vista formou-se em meados dos anos 60, quando três famílias, vindas da aldeia de Rio Silveira, chegaram à região e ali se estabeleceram. Na época, a única ligação com Ubatuba era uma pequena trilha, de quatro horas de caminhada, e o contato com a população local (basicamente caiçara) era esporádico e pacífico.

Os moradores ainda relatam que, em momentos posteriores, suas famílias vieram de outras regiões do litoral de São Paulo e do sul do País, como o estado do Paraná, e também do Paraguai e da Argentina. Segundo Cherobim⁶³, os mais antigos identificam-se como os "do Rio Grande" e consideram-se hospedeiros, os mais recentes vieram "do Paraná", sendo denominados "hóspedes". Estes últimos não podem assumir lugares de liderança. Observamos em campo que existe maior dificuldade para disputa de liderança os grupos vindos posteriormente aos da família de dona Santa, mas não foi percebido que seja "proibida" a prática de disputa entre os grupos. Dos Guarani que fundaram a aldeia e ocuparam a região, só a esposa do cacique, dona Santa Rosa, e sua irmã Jandira ainda lá residem; os outros faleceram ou foram para outras aldeias. Ladeira e Azanha⁶² ainda observam que os grupos dominantes da aldeia Boa Vista e Boa Esperança são originários do Rio Grande do Sul e migraram no mesmo período, mantendo intercâmbio de relações sociais, políticas e laços de casamento.

Ladeira e Azanha, em trabalho de 1988 citado por Rodrigues⁸², apontam duas possíveis rotas dos Mbyá no Brasil. A primeira sai da

Argentina e entra no Brasil via Rio Grande do Sul, formando mais tarde em São Paulo os aldeamentos do Rio Branco e da Boa Vista (Ubatuba) e no Espírito Santo, o da Boa Esperança. A segunda rota, traçada a partir do Paraguai em direção ao Paraná, deu origem a vários aldeamentos, dentre os quais o de Rio das Cobras e o de Palmeirinha. É esta segunda rota ao longo da qual, mais tarde, se encaminhou a maioria da população Mbyá dos aldeamentos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo a CPI-SP⁸³, com a construção da rodovia Rio-Santos (BR-101), na década de 70, acelerou-se a ocupação da região. A especulação imobiliária e a grilagem de terras geraram conflitos com os moradores, tanto caiçaras, como Guarani e remanescentes de quilombos. Os Guarani moradores da aldeia Boa Vista, além de sofrer sensível redução no seu território, passaram a viver um contato mais intenso com a população local da cidade de Ubatuba. Nesse processo, começaram a consumir novos produtos, o que gerou a necessidade de renda. Com isso, aumentou a importância da venda do artesanato na economia da aldeia. Na década de 80, ainda segundo a CPI-SP⁸³, a comunidade da aldeia Boa Vista já era formada por 16 famílias e ocupava uma área de 250 alqueires.

Na mesma década, iniciou-se o processo de reconhecimento e demarcação das terras indígenas no estado de São Paulo (ver no Anexo E). Irmã Luisinha relembra, em sua entrevista, que participou e lutou durante todo o processo de demarcação das terras da aldeia Boa Vista, que só seria homologada em 1987. A Terra Indígena (TI) da aldeia Boa Vista foi identificada em 1986 e obteve sua demarcação física efetuada nos termos

do Convênio Funai–Sudelpa 004/84, sancionada por despacho do governador paulista.

Em 14 de abril de 1987, a área foi demarcada pelo governo federal, por meio do Decreto nº 94.220, e homologada por decreto presidencial, com uma área de 920,66 hectares e perímetro de 15,557 quilômetros. Segundo dados da Funai⁸⁴, a aldeia Boa Vista foi registrada em 27 de setembro de 2000, sendo a superfície da área registrada de 906 hectares e seu perímetro de 15 quilômetros. No mesmo ano, a Terra Indígena foi registrada no Cartório Regional de Ubatuba. Preocupados com a invasão de coletores de palmitos e caçadores clandestinos, os Guarani reivindicam desde 2001 que a Funai inicie o processo de revisão dos limites de sua terra, processo esse em negociação até os dias atuais.

Segundo CPI-SP⁸³, a TI Boa Vista está completamente cercada pelo Parque Estadual da Serra do Mar (PESM) e totalmente inserida na Área Natural Tombada da Serra do Mar e na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

Os Guarani lutam pela ampliação da área, a fim de permitir melhor desenvolvimento do grupo e de suas famílias, que crescem e precisam de mais terras para caça, coleta, plantação, moradia e realização de suas práticas e rituais. Mesmo tendo seu território demarcado, a comunidade ainda enfrenta sérios problemas para assegurar uma vida digna, pois a terra não é mais a mesma, nem a flora, nem a fauna, e suas necessidades também se modificaram. A caça, que constituía importante fonte de sua alimentação, já não é tão abundante na região. Além disso, a população da

aldeia cresce em ritmo acelerado, e também aumentam as demandas por alimentos e artigos manufaturados.

Esta área, situada no coração da Mata Atlântica, tendo consigo os encantos da mata preservada, com sua biodiversidade de fauna e flora, é atravessada pelo rio Promirim. Desenhada por paisagens de montanhas e cachoeiras, é muito usada por seus habitantes, seja para banhos, seja para o lazer, principalmente pelas crianças, no período do verão: desincumbidas das tarefas escolares, concentram-se nas atividades recreativas, que desenvolvem nos riachos próximos à trilha.

Figura 1 - Localização das aldeias do estado de São Paulo, incluindo a aldeia Boa Vista

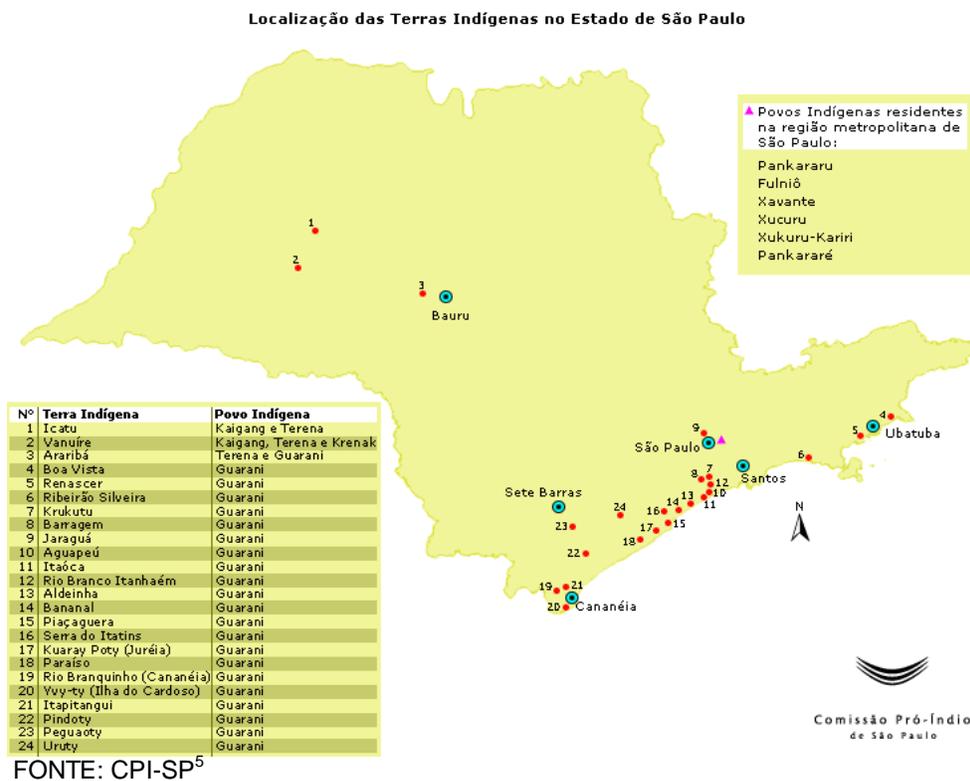


Figura 2 - Localização aérea da aldeia Boa Vista, foto 1 - campo de futebol e casas e foto 2 - posto de saúde, casa da enfermeira e escola



FONTE: Google earth

Para chegar à região demarcada, é preciso seguir pela mata uma estrada que parte do quilômetro 20 da BR-101 até o local do posto de saúde, a casa da auxiliar de enfermagem e a escola, na parte alta da aldeia, primeiro local a que se chega, únicos pontos com energia elétrica. Algumas famílias utilizam a energia solar, geradores ou lampião. Após mais ou menos um quilômetro de caminhada, passando por riachos, corredeiras e obstáculos naturais, com presença de variedades de vegetais e animais, encontram-se as casas, que se espalham por toda a região. Não se respeitam regras espaciais, mas familiares, com núcleos definidos em espaços delimitados.

Como afirma Schaden⁴⁵, os Guarani se estabelecem, sempre que possível, no seio da mata. Suas aldeias, longe de constituir conglomerados compactos de habitações, consistem em casas isoladas, mais ou menos distantes umas das outras, espalhando-se pelas clareiras abertas na

floresta. Em geral, não é possível determinar um "centro" da aldeia, a não ser que se considere a *Opÿ*, casa de reza, de festas religiosas, lugar que é ponto de convergência das atividades sociais e religiosas do grupo.

Retomamos o conceito já citado por Ladeira sobre a *tekoá*, para os Guarani, lembremos que é o "*lugar onde é possível manifestar nossa maneira de ser (teko)*". Segundo Almeida⁸⁵, a *Tekoha* é entendida como propriedade coletiva, pertencente a todos que o habitam. Para os Kaiowá, a cada família extensa ou *te'yi* corresponderá, dentro da *Tekoha*, um espaço que o autor denomina "cantão", o espaço em que se situa a família extensa. O *Tekoha* (a aldeia toda, todo território) tem uma área bem definida, delimitada geralmente por colinas, riachos ou rios e é propriedade comunal e exclusiva (*tekohakuaaha*): não se permite incorporação ou presença de estranhos e é uma instituição divina criada por *Ñande Ru*. Pode variar de tamanho e em quantidades de famílias, mas sua estrutura e função se mantêm iguais: tem liderança religiosa própria (*tekoaruvixa*), geralmente de idade e sempre homem; e política (*mboruvixa, yvyraija*) (Meliá apud Almeida⁸⁶).

Segundo o jovem Mario e a jovem Kerexu, outras denominações são usadas pelos Guarani-Mbyá da aldeia Boa Vista, como, por exemplo: à família nuclear não encontraram uma denominação específica; à família extensa chamam *joegua'memei*; ao chefe de família, *ouvixa*; ao pajé, pode ser *yvyra'ija, karaí ou xeramoi*; e o cacique é o *tekoaruvixa*. *Mboruvixa* seria uma expressão para falar com o cacique, se dirigir ao cacique ou denominação de algum chefe, *yvyra'ija* também usado para um tipo de

rezador, respeitado pela comunidade e *xeramoí* é também para denominar os mais velhos, não necessariamente religioso.

A Terra Indígena da aldeia Boa Vista localiza-se em região montanhosa, com poucas áreas planas; cortada por vários rios e riachos. A biodiversidade existente é grande, com presença de animais — como porcos-do-mato ou caititus, cutias, gambás, tatus, coelhos, capivaras, pacas, preguiças, tamanduás, quatis, veados e macacos —, alguns dos quais são caçados pelos Guarani e usados na alimentação. A aldeia situa-se em um altiplano de onde se tem vista panorâmica do oceano Atlântico.

Na região do rio Promirim, uma cachoeira atrai os turistas que frequentam a região, pela sequência de quedas d'água onde se pode tomar banho e nadar. À beira da rodovia Rio-Santos, onde os banhistas deixam seus carros para ir à cachoeira, geralmente nos fins de semana, feriados e época de temporada, os Mbyá instalam uma banca de artesanato, seja com tecidos no chão, seja sobre um pedaço de papelão, ou usam a guia da rodovia para expor as peças. Essa forma de comércio acarreta riscos, pois, além da falta de estrutura para expor e realizar as vendas, estão diretamente no acostamento da rodovia, local de intenso trânsito de carros, caminhões e outros veículos. Este local da cachoeira fica próximo da entrada que dá acesso à aldeia. Portanto, toda a família, pais e crianças, circulam nessa região durante o ano inteiro.

A aldeia fica a aproximadamente 20 quilômetros do centro da cidade de Ubatuba. Apesar das dificuldades geográficas de acesso, há um movimento constante. Eles compram na cidade alimentos e roupas, vendem peças

artesanais na feira de artesanato e palmito na feira de alimentos. Além disso, os jovens estudam na cidade, a partir do 5º ano.

3.2.1 A população

A população Guarani-Mbyá residente na aldeia Boa Vista inclui crianças, jovens, adultos e idosos. Com passados de diferentes experiências, são retratos de futuras histórias. Em 2006, constatamos, através dos dados do posto de saúde, uma variação de recém-nascidos a 83 anos de idade entre os residentes da aldeia. A população era de 150 moradores, organizados em 33 famílias e subdivididos em grupos familiares. A distribuição de idosos, adultos, jovens e crianças era: oito pessoas com mais de 60 anos de idade; 19 adultos entre 30 e 59 anos; 51 jovens entre 12 e 29 anos; e 71 crianças, desde as recém-nascidas (RN) até aquelas com 11 anos. Os números e a proporção são os do formato que o serviço de saúde da aldeia Boa Vista utiliza para quantificar seus dados epistemológicos. Constatamos, nesse período, alguns casos clínicos: um casal que sofre de alcoolismo crônico (30 e 38 anos); uma menina de 3 anos e um garoto de 18 anos com deficiência; um caso de deficiência auditiva (74 anos); e um caso de albinismo (8 anos).

Em 2007, os números eram 68 homens e 68 mulheres, distribuídos em 30 famílias. Em 2008, eram 70 homens e 64 mulheres, também distribuídos em 30 famílias. O número de óbitos foi de três entre 2007 e 2008, todos de adultos.

Em 2009, verificamos que os números de habitantes e de famílias

havia diminuído: sete pessoas com mais de 60 anos, 17 entre 30 e 59 anos, 44 entre 12 e 29 anos e 63 de RN a 11 anos, distribuídos em 30 famílias. Existe uma luta constante pela sobrevivência e pela adaptação às necessidades atuais; hoje, as necessidades e desejos vão além do alimento industrial, e incluem aparelhos eletrônicos e roupas, dentre outros.

Até o ano de 2007, as moradias eram construídas de muitas formas: com vigas de madeira, em pau a pique, com chão de terra batida, de variados tamanhos e materiais diversos. Algumas eram de alvenaria, outras de madeira ou taipa; algumas tinham cobertura de palha (como as casas de reza) e mostram semelhanças com casas rurais e caiçaras. Pouco mobiliário: fogões a lenha, camas construídas com vigas de madeira ou simples uso de esteiras e colchões, prateleiras de madeira para guardar roupas e utensílios. Nem todas as moradias tinham banheiro; quando existia, ficava do lado de fora da casa e do tipo "fossa".

Figura 3 - Fotos das antigas casas da comunidade Boa Vista, foto 1 - casa em madeira e foto 2 - casa em pau a pique



CRÉDITO: Maria Daniela Macedo

Segundo a Funai⁸⁷, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e

Urbano (CDHU), ligada à Secretaria Estadual de Habitação paulista, firmou convênio com a Prefeitura de Ubatuba para a construção de 50 casas na aldeia Boa Vista. O Programa Moradia Indígena que promove desde 2002 a construção de casas para comunidades nas aldeias do estado de São Paulo, programou para o ano de 2005 a construção de mais 110 unidades, nas aldeias de Boa Vista e Morro da Saudade (Barragem). Em 2004, foram construídas ao todo 129 casas. O Programa investe em novos projetos nas aldeias Krukutu, Bananal, Aguapeú, Rio Branco e Rio do Azeite, totalizando mais 111 moradias. Este programa é uma parceria entre a Funai e a CDHU de São Paulo. Na aldeia Boa Vista, iniciaram-se as obras em 2007, sendo mantidas até os dias atuais, com entrega de quase todas as casa para os moradores da comunidade.

Figura 4 - Foto das novas casas da comunidade Boa Vista, do Programa CDHU de São Paulo - casa com material em barro e madeira



CRÉDITO: Maria Daniela Macedo

A aldeia passa por momentos de mudanças. Novas habitações estão sendo construídas; há um projeto do governo federal para a implantação de energia elétrica; há um projeto da Casa de Cultura, parceria do governo federal com a Comissão Pró-Índio — mudanças que podem ser hipóteses para as futuras transformações sociais na aldeia. O objetivo da Casa de Cultura, por exemplo, é estimular o turismo e desenvolver produções artísticas locais, com apresentações de cantos e dança, tirando das casas dos moradores e da casa de reza o local comunitário de visitas, apresentações e venda do artesanato.

Hoje, as casas são construídas em blocos de tijolo de barro, de madeira e com telhados cobertos com telhas. As pias e os fogões a lenha também são em alvenaria; na parte externa das moradias, o banheiro tem vaso sanitário e pia, o tanque está com água encanada (a aldeia dispõe de água encanada e instalações sanitárias implantadas pela Funasa). A maioria das moradias tem dois quartos e sala conjunta com cozinha e uma varanda externa. Nem todos os moradores estão ainda acomodados nas novas moradias.

As famílias de mesmo nome moram em proximidades, chamadas de família extensa ou *joegua'memei*, como vilarejos. Segundo Almeida⁸⁵, para os Kayowá, o *tekoha* é a referência primeira do indivíduo, superada apenas pela área do *te'yi*, *joegua'memei* (para os Mbyá), região dentro do *tekoha*, no qual a família extensa se define espacialmente. Os grupos macrofamiliares ou *te'yi/joegua'memei*, se constituem unidade, seja para organização da economia, da política, da religião e do parentesco, seja no relacionamento

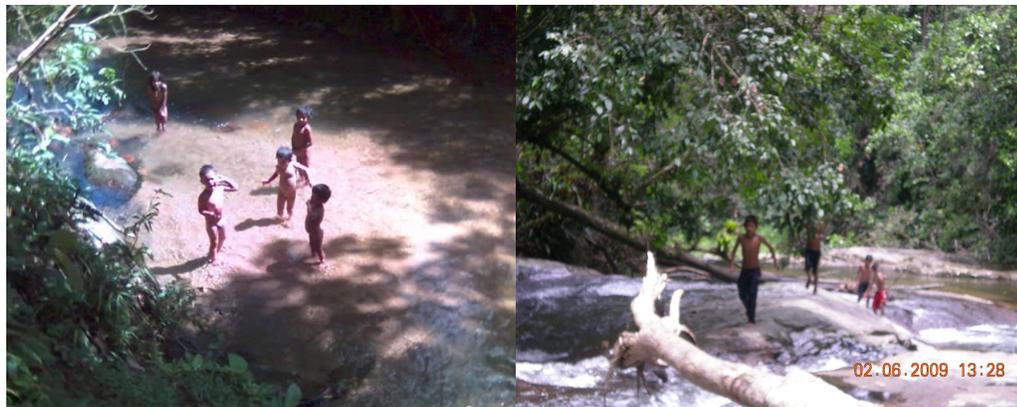
com unidades idênticas dentro de áreas determinadas, definindo assim sua ocupação do espaço.

Algumas agregam em seu espaço o filho casado e sua esposa ou a filha casada e seu esposo. Não identificamos nenhuma regra para a escolha de moradia e local, que fica a critério do novo casal. Com as novas construções, tenta-se alocar cada família em uma moradia, mas ainda respeitando o espaço da família extensa.

Almeida⁸⁵ também relata que, ao desaparecerem as *ogajekutu* (casas grandes, onde habitavam todos de uma mesma família extensa), promoveu-se a fragmentação física da família extensa, que morava "debaixo de um mesmo teto", em um processo de descaracterização da organização familiar Guarani; e isso teria ocorrido na arquitetura, com a matéria-prima, com a disposição física das famílias e com a própria concepção de habitar. Decompuseram-se em diversas habitações (*xero*) apropriadas ao cotidiano das famílias nucleares; contudo, não se dividiu o *te'yi*, *joegua'memei* (família extensa) nem se comprometeram as estruturas do sistema social Guarani.

Observamos que, no verão, as crianças de até 4 anos de idade ficavam nas corredeiras menores, as de até 7 nos riachos e as com mais de 10 anos nas corredeiras e quedas, e que eram observadas de longe pelos jovens sentados em grandes rochedos. Esse fato demonstra a relação de cuidado, mesmo que distanciado, entre os jovens e os mais novos. A rede de relação familiar coloca-se como fundamental na formação da identidade e na busca de estratégias para a vida contemporânea.

Figura 5 - Crianças Guarani da comunidade Boa Vista em riacho na aldeia, foto 1 - crianças menores de quatro anos e foto 2 - crianças maiores de sete anos



CRÉDITO: Maria Daniela Macedo

Para Rodrigues⁸⁸, a organização entre os Guarani-Mbyá fundamenta-se nas relações familiares e se sustenta na solidariedade entre os componentes da família extensa, formada, segundo a tradição, pelo casal, suas filhas, os genros e os netos. As famílias mantêm uma mobilidade que lhes garante importante intercâmbio entre as aldeias, reforçando as redes de relações sociais e de reciprocidade: laços afetivos; visitas a parentes e troca de conhecimentos adquiridos nas relações com as diversas sociedades envolventes.

3.2.2 Vida social e política: observação de campo e perspectivas dos colaboradores

A família extensa (*joegua'memei*) é a unidade social fundamental Guarani: organizam-se por famílias em torno de um velho sábio (*xeramoí*), geralmente chefe religioso. Não há na sua história uma chefia unificando

toda a sociedade. Uma liderança política não religiosa (mas que retira desta sua legitimidade) é parte do processo de contato e interação iniciada com a chegada dos europeus.

Segundo o jovem Mario, algumas mudanças vêm ocorrendo na relação de poder da comunidade, como o chefe de família poder ser um jovem, isto é, o prestígio e o respeito estão vinculados além da questão religiosa com questões como a econômica. Sua mulher, Kerexu, diretora da escola da aldeia, exerce grande influência nas decisões de sua família extensa (*joegua'memei*) juntamente com sua mãe, a chefe de família.

O poder político está atualmente dividido entre duas figuras, o(s) chefe(s) religioso(s) e a(s) liderança(s) política(s). Mario relatou que o cacique, chamado de *tekoaruvixa*, representa uma liderança política; as principais lideranças religiosas, são chamadas de *xeramoí/karaí/yvyra'ija* (homens), os que realizam o rito de nomeação, ligados à cura e outros ritos, *xejaryí/ kunhã karaí* (mulheres), ligadas às práticas de cura e outras. Também encontramos, nos textos de Ferreira⁸⁹, a expressão *karaí* para designar religiosos e especialistas em curas tradicionais.

A comunidade mantém suas formas tradicionais de organização política e comunitária. O líder representante (chamado de cacique/*tekoaruvixa*) e o religioso (*pajé/xeramoí/karaí/yvyra'ija*) são os que coordenam as cerimônias, com cantos, danças, invocações e o batismo em si (rito de nomeação, chamado *nimongaraí*).

A disputa de poder e a tomada de decisões estão concentradas nas figuras das lideranças, tanto organizativas, como religiosas: são duas a três

famílias que disputam ideias e posições na aldeia Boa Vista.

Em 1987, fundou-se a Associação Indígena Tembiguaí. Esta tem sido parceira da Comissão Pró-Índio de São Paulo na concepção e na execução dos projetos de desenvolvimento sustentável e cultural para a aldeia Boa Vista. Atualmente, é pouco ativa, seja nas questões locais, seja na negociação com grupos. Os jovens têm almejado retomar a associação para a criação de parcerias em projetos e perspectivas futuras para a comunidade.

O cacique/*tekoaruvixa* é o interlocutor entre a comunidade e as instituições do Estado e é ele, igualmente, quem vai discutir e decidir com toda a aldeia as posições e decisões cabíveis.

Geralmente, as reuniões são feitas na casa de reza (*Opj*) ou no pátio da escola, com a presença de toda a comunidade. Após exaustiva discussão em que se busca o consenso sobre a temática em pauta, realiza-se uma forma de assembleia democrática. O *tekoaruvixa* falará em nome do grupo, tanto nas negociações, quanto nas decisões.

As alianças acontecem muito cedo entre os Guarani. Quando ocorre a menarca e o menino fica jovem, principiam as especulações e os namoros, que logo resultam no casamento, se os pais autorizarem. O novo casal constrói sua moradia ou vai residir com os pais da noiva ou noivo, não obedecendo a nenhuma regra aparente (nos casos observados). Desta união, nascem vários filhos — em média três, na maioria das famílias. Mantém-se um modelo monogâmico de família e aceitam-se separações, cada um tendo sua casa após o rompimento ou voltando a morar com a

família. Novos enlaces podem surgir, com segundo e até terceiro companheiro. Airton relata que hoje os mais jovens estão evitando o casamento muito cedo e aconselha essa postura com exemplos de sua experiência:

"Tem alguns jovens que eu acho que casa cedo sim, mas tem alguns também que não, alguns, olham para os casais e vê que é difícil, espera mais um pouco, agora as meninas, algumas são os pais mesmo que fazem casar. Também faz parte da cultura. É que hoje em dia pra mim, acho que é difícil a convivência dos mais jovem, ter um relacionamento bom, como marido e mulher é difícil e é isso que eu falo pro jovens de hoje, como eu já tenho vivido isso, conheço um pouco. E alguma palavras eu passo também pra eles, ou eles perguntam, a maioria são os meninos mesmo. Meu primeiro casamento foi com dezesseis anos. É, adolescência, você não sabe o certo ,o que mais não quer e assim fica e você acaba numa só, você escolhe uma, daí casei, só que não deu muito certo não, eu achei melhor a gente se separar. Não tive filhos com ela. Depois foi uma outra vez. Cheguei a namorar, às vezes é a família que decide, às vezes é o cacique também, fala que isso não está certo, tem que casar, assim que aconteceu comigo. Uns cinco meses juntos. Não tive filhos. Pouco tempo. É, voltei pra cá, ai casei novamente e estou até hoje."

Esse novo comportamento pode ser identificado como resultado da relação entre mundos, nos quais o trabalho e outros fatores antecedem o casamento. Alcântara⁹⁰, em estudos com os jovens de Dourados, percebeu que houve a ressemantização dos lugares de passagem, pois não é mais o rito de passagem masculino para fase adulta, com perfuração dos lábios que caracteriza a passagem para vida adulta, mas o fato de irem para usinas, trabalhar no corte de cana-de-açúcar, isto é, ganharem o próprio dinheiro para poder casar.

Schaden⁴⁵ observa que as relações com outras etnias ou povos não são bem aceitas entre os Mbyá, os quais não admitem elemento estranho em sua comunidade. Chegam a não viver em boa harmonia com famílias de outra etnia, pois os integrantes destas não saberiam rezar, ou seja, não podem participar satisfatoriamente das cerimônias religiosas: "Só Guarani de verdade é que reza", explicou uma índia de um grupo. Em seus estudos, o autor só teve notícia de um caso excepcional, em que um Guarani da aldeia do Rio Branco teria se casado com mulher praiana. Os Mbyá, principalmente os mais velhos, entendem esse processo de uniões mistas e insistem na "relação que existe entre o número crescente de uniões interétnicas e os fenômenos de desorganização social e desintegração cultural" (Schaden⁹¹).

Rodrigues⁸⁸ relata que o costume de união entre os membros das diferentes famílias ou com parentes de outras aldeias é mantido nos moldes tradicionais, como na aldeia Boa Vista, isto é, se a união matrimonial não se dá com outro Mbyá, ou etnia, o casal não poderá mais viver na aldeia.

Segundo relato em campo, a união não é realizada juridicamente e somente acontece com a autorização familiar; o casal passa a morar junto, se as famílias estiverem de acordo. O acordo da união é realizado na família e na comunidade. Ainda se relata que, havendo interesse de ambos, o rapaz conversa com a família da moça e a pede em casamento; se os pais concordam, chamam os mais experientes e idosos ou as lideranças para conversar com os noivos. Ocorre, portanto, uma reunião dos interessados e familiares. O casal recebe orientação da parte dessas pessoas, como, por exemplo, das lideranças religiosas e política, do *tekoaruvixa* e sua esposa,

dos *xeramoí*, dos *karaí* e de outras pessoas influentes da aldeia. Decidem então com quem vão morar e como farão para constituir a nova família.

Schaden⁴⁵ afirma que o índice da desorganização social vivida pelos Guarani atuais, com exceção dos Mbyá, é a pouca estabilidade das uniões conjugais. Mas também se pode observar na aldeia Boa Vista o movimento de novas práticas sociais: com a separação dos casais, muitas mulheres ficam com a responsabilidade de criar seus filhos. Com a dissolução da relação, buscam suporte na família extensa, como Madalena relatou: moram várias pessoas na casa dos seus pais, e seu filho vê no avô a figura paterna e afetiva; está separada do marido, que mudou para outra aldeia.

"Na minha casa mora meu pai, minha mãe, uma menina que é adotada, meu filho e eu (...) Meu filho está com três anos (...) É o Daniel (...) E ele vive somente com o avô dele (...) Vive com ele (...) Ele não dorme comigo, não (...) Às vezes eu chamo ele pra ir dormir comigo, mas ele fala assim: "eu não quero dormir com você não, eu quero dormir com meu avô".

A questão de gênero perpassou por vários momentos as conversas com Madalena, e foi sobre a maternidade e casamento que ela fez seus destaques. Observamos o grande número de mulheres que vivem sozinhas com seus filhos e os criam sozinhas, os homens têm circulado muito mais por outras aldeias e deixam suas esposas e filhos, constituem outras famílias; a criação, a educação e a responsabilidade com os filhos têm se tornado um papel principalmente feminino, pois a maioria, desiludida com seus relacionamentos, não casa mais, ficando para a família extensa a responsabilidade de abrigar e alimentar a todos, para as mulheres:

"Não sei se está bem a vida das mulheres (...) Outra

coisa aqui também é o que os homens fazem com as mulheres (...) Deixam os filhos (...) Gravidez (...) Uma sobrinha casou e o marido foi embora e deixou grávida (...) Que horror essas coisas (...) Num trabalha aqui não precisa ficar junto (...) Mas num trabalha lá também (...) Ai muito esquisito (...) Não pode não (...) Porque acho que na cultura não pode deixar a mulher grávida e ir embora."

A família é rede de suporte para toda a comunidade. A organização da comunidade se dá pela organização social das famílias, primeiro em famílias nucleares, convivendo num mesmo espaço físico, com regras e liderança, da família extensa (*joegua'memei*), compondo a *tekoa* (aldeia, comunidade).

3.2.3 A atividade econômica

No dia a dia da aldeia, estão presentes a busca pelo alimento, na caça e na colheita; o trabalho, como fonte de renda, na produção de artesanato (cestas, brincos, colares, adornos, instrumentos musicais e de caça, dentre outros), na retirada do palmito (comercialização), nas atividades dos poucos com profissões e assalariados (como agente de saúde, professor, agente sanitário); as tarefas domésticas; as atividades escolares; os cuidados e tratamentos de saúde; o lazer (como jogo de futebol aos domingos, banhos de cachoeira); a manutenção e a preservação da área.

A comercialização do artesanato é a principal atividade econômica da aldeia Boa Vista, correspondendo a cerca de 48% da receita anual (cf. CPI-SP⁸³). A venda é realizada na aldeia (casa de reza/*Opý*), nas moradias, à beira da rodovia, na feira de artesanato e em algumas lojas da cidade de Ubatuba. A venda do palmito juçara (*Euterpe edulis*) representa outra

importante fonte de renda para a aldeia Boa Vista, produzindo 12% da receita anual.

Os Guarani, segundo a CPI-SP⁸³, realizam outras atividades geradoras de renda, como comercialização de mudas de espécies nativas e apresentações de música e dança tradicionais em eventos culturais e escolares.

A dança e a música são organizadas em grupos e coordenadas por diferentes pessoas. O jovem Airton coordena um grupo e explica como é a dinâmica deste seu trabalho:

"As palestras eu faço junto com o grupo de canto e de dança. Fica lá, a gente faz apresentação na aldeia e apresentação fora também da aldeia. E, às vezes, eu venho também junto com o grupo pra falar um pouco da nossa cultura, falar da dança e do canto e o que significa também (...) Tem um grupo de canto e dança, a gente ensaia pra depois divulgar o grupo e demonstra nossa cultura, como que é o dia a dia na aldeia. Contamos na apresentação o dia a dia na aldeia."

Para subsistência, mantêm roças de milho, mandioca, feijão e batata-doce, entre outras, além de culturas tradicionais (como a do milho Guarani *avaxi etei*), que não são suficientes para o sustento.

O artesanato é atividade realizada há séculos pelos Guarani. Tradicionalmente, cumpria funções utilitárias e ritualísticas, mas passou a ser comercializado em meados do século XX e tornou-se uma das mais importantes fontes de renda."Esse foi o meio encontrado pelos Guarani de inserir-se na sociedade de mercado e, simultaneamente, fortalecer sua cultura, num processo que conjuga diálogo e resistência" (cf. CPI-SP⁸³).

Na aldeia Boa Vista, encontramos vários tipos de artesanato, como a

cestaria. As peças são criadas com precisão nos grafismos geométricos — variados, diferentes de um artesão para outro, mantendo, no entanto, uma relativa homogeneidade nas formas, cores e estilos — e delicadeza no corte milimétrico das tiras de taquara.

Outros tipos de artesanato são esteiras, leques, adornos (colares, pulseiras e anéis), instrumentos musicais (chocalhos, paus-de-chuva e tambores), utensílios (arcos, flechas e machadinhas) e miniaturas de madeira que representam animais da Mata Atlântica, principalmente as onças.

A maior parte da matéria-prima utilizada provém da Mata Atlântica (sementes, taquaras, madeiras, frutos e dentes de animais). Outros materiais, como miçangas e linhas, são adquiridos no centro de Ubatuba.

Madalena reafirma a importância do artesanato como forma de renda e como parte de sua cultura. Ela destaca preferência pelos trabalhos com miçanga e explica o processo de confecção do cesto de taquara:

"O que eu gosto de fazer é pulseira de miçanga... Aprendi a cestaria, mas dá trabalho... Gosto mais das miçangas... para fazer cesto a matéria é a taquara... Tem que pegar no mato... Põe pra secar... Pintada faz antes o tingimento e se quiser natural fica branco... a cor que eu gosto de fazer é do modo natural... Eu gosto de fazer cesto pequenininho... O artesanato pra mim ajuda um pouco... Ajuda assim pra comprar as coisas, ajuda um pouco... Sim, desde criança aprendi a fazer artesanato... Usamos se não for pra vender... Usa mais o chocalho na hora da reza."

Airton relata os artesanatos que confecciona e o processo da coleta dos materiais:

"Depois de fazer artesanato em casa, se tiver alguma

atividade pra buscar, algumas peças no mato, na floresta. Aí eu vou pro mato buscar madeira, taquara, cipó que a gente usa (...) Para o artesanato. Deixo ele preparado, preparo pra fazer o artesanato (...) É tem alguns dias que a gente fica só no artesanato, fazendo tipo cesta, arco-flecha, sarabatana e tem o dia marcado também que a gente vai pra caçar."

Portanto, o artesanato se coloca como atividade significativa e uma experiência que trazem desde a infância com simbolismos e traços identitários, nos quais se reconhecem Guarani.

A coleta do palmito e sua venda na feira livre no centro de Ubatuba é atividade constante na vida de alguns jovens. Primeiramente, devido à escassez de palmito próximo às casas, longas caminhadas são feitas pelas matas e trilhas para se encontrar o palmito silvestre. Alguns fazem o plantio tanto do palmito silvestre, quanto do palmito juçara e entendem a necessidade deste plantio devido à sua escassez e ao forte auxílio na renda e alimentação. Depois da coleta, armazenam e levam à feira livre para venda, rotina semanal para muitos jovens. A venda é realizada aos sábados na feira livre, no período da manhã; alguns também vendem na feira de artesanato à noite. Airton explica:

"Bom, às vezes, trabalhando na feira a gente ganha, até que faz um bom proveito, mas, às vezes, não, sobra muito palmito também. Da aldeia a gente corta, um dia a gente corta palmito, e trás até a aldeia, do mato, mas depois no outro dia a gente trás pra feira, vêm até a pista e pega o ônibus até chegar na feira. Fica até a feira acabar, depois que acaba tem que voltar pra aldeia de novo. De vez em quando assim eu venho muito pra cidade, pra vender o palmito e o artesanato também (...) Algumas pessoas ainda coletam o palmito."

José explica o que acontece na aldeia Boa Vista:

"No caso a gente roça, alguns da aldeia, alguns não; a maioria é palmito, que é meio de sobrevivência também."

Portanto, o palmito torna-se uma atividade econômica, mas também está vinculado à vida na mata e ao modo de ser Guarani, pertencente à relação com a natureza e com o conhecimento que os indígenas têm da região.

A linguagem comercial é algo que vão elaborando, tanto na venda do palmito, quanto no artesanato. Desenvoltura e fluência vão adquirindo nas idas e vindas relativas às feiras, na experiência do entre mundos, no conflito da relação com o diferente; portanto, a feira se torna um local de constante trânsito de pessoas de diferentes lugares, um espaço de diferentes encontros, possível para a construção de novas identidades.

3.2.4 Religiosidade

Durante o mês de janeiro, realiza-se a “festa do batismo” (rito de nomeação, *nimongaraí*). A “festa” ocorre uma vez por ano, quando as crianças que nasceram desde a festa anterior recebem o nome na língua Guarani.

Segundo José, esta prática não tinha uma data específica. Acontecia preferencialmente no verão, mas, com o contato com outras culturas, instituiu-se uma data para a cerimônia:

"Na verdade, isso, pra nós, isso do *nimongaraí*, quem inventou a data foi o pessoal dos não índio. Não tinha, aí o pessoal fala que é vinte de janeiro, trinta, dia vinte e nove de janeiro, mas o pessoal não índio anotava no papel, e começou essa data; Mas essa data nem era

pra ser divulgada, só que recentemente foi divulgada, e pra nós é todo dia, toda noite tem essa reza. Como dar o nome das crianças, às vezes, não precisa ser no *nimongaraí*, porque se o pajé e a pessoa, a mãe da criança, conversam com cacique, com pajé, faz, num tem dia, num tem hora certa, não, tem que ser naquele dia, naquela semana, tal data, não é isso. Isso do *nimongaraí* é índio, só que inventaram esse nome, data, assim. Isso pra nós de ser em janeiro, o pajé fala que é no verão porque é época que o pessoal fala que o espírito fica tudo jovem, que os deuses ficam tudo jovem, então, é no verão."

O ritual acontece na casa de reza, que tem um espaço amplo e é construída em pau a pique. Seu telhado, coberto com palha, tem ornamentos religiosos; há instrumentos musicais pendurados nas paredes. O altar central é decorado com penas, chocalhos e uma canoa ao centro do altar, com um cocar em cima.

Figura 6 - Foto da casa de reza/*opÿ* da comunidade Boa Vista



CRÉDITO: Maria Daniela Macedo

Observamos que toda a comunidade se prepara para a festa e o recebimento das visitas vindas de outras aldeias no dia oficial para o batismo, quando são batizadas crianças de várias aldeias. Limpam-se todos os arredores das casas e das trilhas; as plantações ganham atenção especial. Estabelece-se um clima de renovação, de colocar a casa em ordem, de se reorganizar para o outro ano. Enquanto os adultos organizam a estrutura da aldeia, as crianças se dedicam principalmente à recreação e os jovens ficam divididos entre essas tarefas e o acompanhamento dos turistas em visitas pela aldeia.

A festa dura todo um fim de semana, de sábado à noite até a manhã de domingo, quando acontece o batizado das crianças.

Vale lembrar que a língua falada é o Guarani — o português é a segunda língua —, como forma de manter a cultura e resistir às transformações sociais. Os Guarani reforçam o uso da língua com os cantos, outra forma de resistência, e na religião, que se mantém por meio dos rituais e das práticas. José exemplifica a importância da língua Guarani para sua comunidade e sua ligação com a religiosidade:

"O nosso ritual, que é mais importante pra mim, o que eu posso não perder mesmo é a língua, que de mais importante pra mim é a língua. A gente está mantendo a cultura, porque, sabe, os Guarani, não estou falando só daqui, no geral, somos único Guarani que menos perdeu a língua, a cultura, parece pelo que eu sei, então, a gente está mantendo e vai manter isso pra sempre e vai depender das pessoas, por exemplo, que se vai querer mudar, muda, agora, perder acho que num perde. Entre nós, só fala Guarani. Todo mundo respeita."

Os grupos musicais existentes são compostos por crianças,

coordenadores e músicos. As melodias são antigas, lembradas pelos mais velhos para o resgate da cultura e sua preservação no futuro. Eles também compõem novas melodias e músicas, dependendo do grupo e seu coordenador.

Airton realiza ensaios com grupo de crianças para apresentação de canto e dança; algumas músicas é ele mesmo quem compõe:

"Ainda existe esse grupo de canto e dança, a gente ensaia de vez em quando. Cada criança que quiser cantar pode ir, entrar pra cantar, dependendo, assim, dá vontade da criança. Costumamos ensaiar na casa de reza mesmo... As músicas vão mudando, mas existe também que os avós, os pais cantavam... "

Meliá³⁸ discorre sobre a novidade de comunicação da palavra Guarani, assumida por várias comunidades, que são as discografias, os CDs em áudio. Sobre os Mbyá, menciona *Ñande Reko Arandu: Memória Viva Guarani* (2001) e *Yvy Ju: Caminho da Terra sem Males* (2002). O primeiro, gravado pelas quatro aldeias Guarani-Mbyá — Rio Silveira (São Sebastião, SP), Sapucaí (Angra dos Reis, RJ), Morro da Saudade (Parelheiros, distrito de São Paulo, SP) e Boa Vista (Ubatuba, SP) —, traz relatos de que os Guarani sempre tiveram cânticos, que geralmente falam da cultura, da religião, da travessia da Terra Sem Males, dos pássaros — cânticos da paz.

Segundo os relatos contidos em *Ñande Reko Arandu: Memória Viva Guarani*³², tudo tem significado para o Guarani. Por exemplo, o cântico da criança. No raiar do dia, todas as crianças cantavam os cânticos tradicionais que estão no CD. Eram os mais velhos que ensinavam as crianças a cantar e explicavam a importância, o significado daquele cântico.

Ainda no relato contido no CD, dizem sobre a preocupação em resgatar e preservar a cultura, mesmo sofrendo muita pressão: "Nós temos espaço físico, nós temos a casa de reza, nós temos o espaço onde fazemos nossas rezas, nossos cânticos." Consideram também importante para os povos indígenas e não indígenas conhecer a realidade dos Guarani. "Na nossa cultura a gente não escreve, a gente somente fala, é através do oral que a gente pega os conselhos dos mais velhos."

Sobre os instrumentos, contam que o Guarani sempre os utilizou. Segundo relato no CD⁹², usavam o violão feito de casca de tatu e, às vezes, de madeiras, como *nhandepá* ou cedro, e o faziam em formato semelhante ao do violão atual — isso antes do contato com os jesuítas, muito antes da invasão dos portugueses; aliás, já tinham sua própria afinação. A rabeca também já tinha outra afinação. O Guarani já tinha seu próprio violãozinho com cinco cordas, representando Tupã, Kuaray, Karaí, Jakaraí, Tupã Mirim. Os instrumentos são chamados de *M'baracá* (a viola), *Rawé* (a rabeca), *Takuapu* (as varetas), *Anguapu* (o tambor) e *Maracá Mirim* (o chocalho).

A dança é muito representativa. É utilizada nos rituais como forma de expressão e comunicação com a espiritualidade. O *xondáro*, como vimos, é uma expressão da cultura e da religiosidade. Segundo texto do CD *Ñande Reko Arandu: Memória Viva Guarani*⁹², esta dança é uma forma de defesa. Hoje, faz parte do dia a dia da aldeia Guarani; é praticada para ter equilíbrio e para ter saúde, conforme relatado no encarte.

Conta-se também que *xondáro* era como preparação para ser guerreiro. Em outros tempos, os Guarani usavam arco e flecha, atiravam

numa pessoa, e se a pessoa fosse *xondáro*, pegava a flecha, com o reflexo. (cf. *Ñande Reko Arandu: Memória Viva Guaraní*⁹²).

Na aldeia Boa Vista, realizam-se todas as noites o encontro para dançar e cantar, quando o mestre/coordenador da dança está presente na aldeia. O *xondáro*, dançado pelos homens, e o *tangará*, pelas mulheres, além da dança do *tiro*; todas essas danças foram resgatadas e coordenadas por um Guarani da comunidade.

Esses encontros são também momentos de lazer e diversão para eles, local de encontros, de sociabilidade e confraternização, além de espaço em que se renova a cultura e o modo de vida Guarani.

3.3 Organizações governamentais, não governamentais, religiosas e grupos que atuam na aldeia Boa Vista

Há diferentes agentes com presença instituída e constante no espaço da comunidade Boa Vista. Entre os mais relevantes, encontram-se as instituições educacionais (estadual), de saúde (Funasa) e representativa (Funai), as entidades não governamentais, como a Comissão Pró-índio, e religiosas, como a Ordem das Irmãs Vicentinas. São as mais atuantes e constituem fortes presenças nas negociações e na promoção de projetos locais.

A Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP) foi fundada em 20 de outubro de 1978. Reúne antropólogos, advogados, professores universitários e médicos. Em 22 de junho de 1979, a CPI-SP constituiu-se legalmente

como organização não governamental que tem como beneficiários os povos indígenas e as comunidades remanescentes de quilombos do Brasil. Seus objetivos são, segundo CPI-SP³: ser porta-voz das populações indígenas, devendo apoiar qualquer iniciativa destas no sentido de expressarem diretamente suas reivindicações; informar a coletividade dos casos concretos de ameaças à integridade física, territorial e cultural, com a finalidade, de assessorar os órgãos públicos na procura de soluções apropriadas para os problemas que surjam.

A CPI-SP trabalha junto aos Guarani e às comunidades quilombolas para garantir seus direitos territoriais, culturais e políticos. Procura, também, contribuir para a construção de um Estado que se reconheça multicultural e pluriétnico. Nos 25 anos de sua existência, as principais atividades foram de participação em debates sobre os direitos indígenas e quilombolas e de atuação em diferentes áreas. Auxiliou na Assembleia Constituinte de 1987-1988, quando as sociedades ameríndias obtiveram várias conquistas jurídicas, e na primeira titulação de terra de quilombo no país, em 1995. Participa de fóruns e divulga as lutas dos índios e quilombolas, no Brasil e internacionalmente.

As ações levadas em parceria pela CPI-SP e a comunidade Boa Vista tiveram origem na década de 80, quando os advogados do Departamento Jurídico da CPI-SP defenderam a comunidade no processo judicial que garantiu a demarcação de suas terras. A CPI-SP retomou sua atuação na aldeia Boa Vista em 1998, com apoio à iniciativa da comunidade de reconstruir a Casa de Reza (*Ñande Ropy'i*). Com a retomada da parceria, foi

possível propor à comunidade um projeto para resgatar o cultivo de milho *avaxi etef* (espécie plantada apenas pelos Guarani), que tem um significado muito especial para sua vida ritual. Algumas sementes do milho guarani foram trazidas de aldeias do Paraná e plantadas tanto em roças coletivas, como em roças familiares. A aldeia pode retomar a importante festa da colheita do milho, que muitos nunca tinham presenciado.

Em 2001, com apoio financeiro do Fundo Nacional do Meio Ambiente do Ministério do Meio Ambiente (MMA), a CPI-SP elaborou um plano de negócios para o artesanato dos Guarani da aldeia Boa Vista. Para a definição do projeto, realizaram-se diagnósticos da situação ambiental, sociocultural e econômica da terra indígena e da comunidade Guarani da aldeia Boa Vista. Os diagnósticos forneceram dados para o projeto Novos Futuros no Horizonte dos Guarani da aldeia Boa Vista, que vem sendo desenvolvido desde 2002.

Desde 2003, assim, a CPI-SP executa, junto com a comunidade Guarani e com o apoio do Fundo Nacional do Meio Ambiente e da ação dos Três Reis Magos, agência de cooperação do Movimento de crianças e jovens católicos (DKA-Áustria⁷), o projeto Novos Futuros no Horizonte dos Guarani da aldeia Boa Vista, que tem como objetivo instrumentalizar os Guarani da aldeia Boa Vista para a gestão ambiental de seu território e a gestão econômica de sua produção de artesanato, por meio de ações que

⁷ A Ação dos Três Reis Magos (DKA Áustria) é a agência de cooperação do Movimento de Crianças e Jovens Católicos (Katholische Jungschar). Desde 1955, a Ação dos Reis Magos vem possibilitando o apoio a projetos e programas na África, América Latina, Ásia e Oceânia (cf. <http://www.dka.at/index.php?id=portugues>).

possibilitem a intensificação do manejo sustentado dos recursos naturais do território indígena, a valorização da cultura tradicional e o aumento das possibilidades do artesanato como gerador de fonte de renda.

Na primeira etapa do projeto, foi organizada uma oficina de educação ambiental. A oficina, de acordo com CPI-SP⁸³, teve por objetivo promover uma auto-avaliação sobre o uso da floresta, a produção do artesanato e a atual exploração da palmeira juçara e suas consequências ambientais. O resultado foi uma cartilha entregue aos participantes e moradores da aldeia.

As atividades da CPI-SP foram constantes. Sua ação ampliou-se por meio de iniciativas tais como a melhoria da produção do artesanato, sua apresentação com etiquetas que contam a história e o trabalho da comunidade Guarani e a elaboração de projeto para a construção da Casa da Cultura (em implementação).

Participamos de algumas reuniões da CPI-SP com a comunidade da aldeia Boa Vista para reavaliação dos projetos e continuidade de outros. Foram exibidas imagens da oficina de fotografia realizada com crianças e jovens e as etiquetas de identificação da comunidade para os artesanatos. Avaliaram como não possível a continuidade das oficinas de tingimento com corantes naturais, devido à organização social da comunidade. Não realizavam as atividades da oficina com todos os núcleos familiares, poderia ser mais eficaz se ocorresse nas famílias extensas, mas, naquele momento, os recursos de materiais e equipamentos não eram suficientes para viabilização de vários grupos.

Outro órgão presente na comunidade da aldeia Boa Vista é a Funai. A

primeira Constituição brasileira, outorgada em 1824, ignorou completamente a existência das sociedades indígenas no País; prevalecia a concepção de uma sociedade homogênea, desconhecendo-se a diversidade étnica e cultural brasileira. Em 1834, um ato institucional designou como competência das assembleias provinciais a tarefa de promover a catequese e agrupar os índios em estabelecimentos coloniais, facilitando a apropriação de suas terras.

A preocupação com a institucionalização da questão indígena iniciou-se com o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, mais tarde apenas Serviço de Proteção aos Índios (SPI), criado pelo Decreto-Lei nº 8.072, de 20 de junho de 1910, com o objetivo de ser o órgão do governo federal encarregado de executar a política indigenista. Sua principal finalidade era proteger as sociedades ameríndias e, ao mesmo tempo, assegurar a implementação de uma estratégia de ocupação territorial do País.

A Constituição de 1934 foi a primeira a tratar dos direitos dos povos indígenas, assegurando-lhes a posse de seus territórios e atribuindo à União a responsabilidade pela promoção de política específica. As outras constituições, de 1937 e de 1946, ratificaram tais responsabilidades.

Por volta de 1957, o SPI entrou em processo de crise administrativa e ideológica. Segundo a Funai⁸⁴, a situação agravou-se quando funcionários do órgão passaram a enfrentar acusações de improbidade administrativa, inclusive com relação ao patrimônio das sociedades indígenas. Em 5 de dezembro de 1967, já no período de regime militar, o SPI foi extinto e criou-

se a Funai para substituí-lo, por meio da Lei nº 5.371. Esta é, desde então, o órgão do governo brasileiro que implementa a política indigenista oficial, dando cumprimento ao que está determinado pela legislação nacional.

A lei que criou a Fundação definiu as seguintes finalidades: estabelecer as diretrizes da política indigenista e garantir seu cumprimento; gerir o patrimônio indígena; fomentar estudos sobre as populações indígenas que vivem em território brasileiro e garantir sua proteção; demarcar, assegurar e proteger as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, exercendo o poder de polícia dentro de seus limites, para evitar conflitos, invasões e ações predatórias que representem riscos para a vida e a preservação cultural e do patrimônio indígena; promover a prestação de assistência médico-sanitária e a educação elementar; despertar o interesse da sociedade brasileira sobre os assuntos correlatos.

Em 1973, a Lei nº 6.001, conhecida como Estatuto do Índio, formalizou os procedimentos a serem adotados pela Funai, especialmente no que diz respeito à demarcação de suas terras e ao aprimoramento do processo de regularização. Com sede em Brasília e com administrações executivas regionais (AERs) por vários estados do território brasileiro, a Funai, por intermédio de seus funcionários, administra as questões indígenas.

Quando foi fundada, o papel da Funai era de integração dos indígenas à sociedade nacional (cf. Funai⁸⁴), dentro da ideologia civilizatória de que suas próprias sociedades precisavam "evoluir". Ainda assim, estima-se que o Estatuto do Índio representou um avanço em relação à política indigenista antes praticada pelo SPI. O Estatuto assegurou aos índios o acesso ao

quadro de pessoal da Funai, com representatividade e participação na implementação de alguns programas e projetos destinados às comunidades.

Segundo a CPI-SP⁸³, a Funai dispõe de apenas uma sede no estado de São Paulo, localizada em Bauru — uma reminiscência dos tempos do SPI. Essa sede está distante das Terras Indígenas do Litoral, do Vale do Ribeira e da Capital, o que dificulta o atendimento às reivindicações das respectivas populações e exige descentralização e ampliação do serviço. Devido à distância e à presença de poucos funcionários distribuídos pelo estado, fica difícil acelerar os processos decisórios, principalmente se relacionados à situação fundiária, um dos maiores problemas.

O Estatuto do Índio ainda coloca os povos originários das terras hoje brasileiras em situação de tutela e dificulta muitos processos de emancipação e resoluções. A legislação, embora sirva para proteger, representar e lutar pela causa dos índios, torna-se muitas vezes opressora e controladora. Diversas questões têm que passar pela autorização e pela fiscalização da Funai, o que revela a ausência de autonomia e autodeterminação dessas sociedades. Qual seria a melhor relação entre estas e o Estado? Autonomia, tutela, proteção? São questões sobre as quais é preciso refletir. Em nossa experiência, observamos organização e discussão dos grupos, como a comunidade dos Guarani, que não precisariam de um órgão de proteção, mas, sim, de um órgão de apoio — para a demarcação e a ampliação das terras em território nacional, por exemplo.

A Congregação Vicentina realiza trabalhos com a comunidade da

aldeia Boa Vista desde a década de 80, por intermédio da Irmã Luisinha. Ela participou ativamente das suas lutas e causas, como a de demarcação das terras da aldeia Boa Vista e de implantação da escola e do posto de saúde (Ver anexo E).

Mantém seu trabalho com visitas constantes à aldeia, apoio nas lutas e reivindicações, além de participação ativa na cerimônia do *nimongaraí*. Respeitada pela comunidade, ela conta que, quando está entre os Guarani, sente-se como eles e respeita muito sua cultura e sua religião. Mesmo assim, difunde os ensinamentos cristãos, mesclando-os com questões míticas Guarani e no momento dos ritos.

"(...) em 87, então, eu fui liberada da escola. As irmãs falaram, vamos deixar ela só com os índios, e eu fiquei só com eles. Então, melhorou o trabalho, porque eu já ficava nas aldeias; participei mais das rezas, aprendi todos os cantos, a dançar com eles e fumava cachimbo, acreditando também, porque Deus é um só, o modo de rezar que é diferente. Então, muitas pessoas perguntavam pra mim, mas como que a senhora é religiosa e não ensina a sua religião pra eles, a senhora acredita nessas coisas? Eu sempre falo, Deus é um só, o modo de rezar pra Deus, o que vale é o que está dentro, o espiritual; então, se eu estou ajoelhada, rezando com o terço na mão, é a mesma coisa d'eu estar dançando e cantando, que é uma alegria muito grande. Naquela hora que a gente está rezando, a emoção, tudo isso é oração. Agora, a gente numa aldeia, por exemplo, introduzir essas coisas, nós estamos estragando a vida deles, estamos atrapalhando a cultura. Então, sempre eu pensei, respeitar, dar valor nas coisas deles, na língua, procurar aprender um pouco de guarani pra dar valor, não ficar falando só português (...)."

Sobre sua história com a aldeia de Ubatuba, ela conta:

"(...) aqui em Ubatuba, tinha o Lacerda, que dizia que era dono daqui, que trouxe os índios aqui, para os

Índios tomarem conta do pedaço pra ele e pra fazer alguma cultura aqui, até cacau eles plantaram pro Lacerda aqui; só que a terra não era dele, a terra era do governo. Então, começou a surgir essa ideia de uma terra pro índio, e onde eles estavam nós começamos a organizar umas lideranças pra lutar pela demarcação das terras, pelos direitos dos índios. E naquela época teve muita rivalidade, porque tinha umas ONGs que trabalhavam com os índios, tinha o CTI, tinha o Cimi, Conselho Indigenista Missionário. Esse Conselho é da Igreja Católica; o presidente dele sempre é um bispo, mas quem trabalha nas áreas chamam missionários; então, eles iam nas aldeias, não pra ensinar religião, eles iam também pra ensinar os direitos dos índios. Muito bom isso, mas tinha certas coisas que, no meu caso, por exemplo, socorrer os índios, havia muita crítica; eles achavam que não devia levar pro médico, o pajé que tinha que curar, só numa situação de extrema doença, de tuberculose, não tinha outra coisa, tinha que salvar a vida (...) Então, houve essa divisão; eu continuei fazendo, porque eu achei que tinha que fazer (...)"

As ligações entre a igreja, o cristianismo e as Sociedades Guarani, particularmente a comunidade Boa Vista, necessitam de estudos específicos. São complexas e se atualizam na dinâmica interna das mudanças sociais. Neste estudo, destacamos mais diretamente a educação e a saúde como partes das expressões de uma vida constituída em/entre diversos mundos de referência e de construção identitária, as quais desenham, também, os contornos das relações entre alteridades entrelaçadas por histórias de conflito e de aproximações.

4 SAÚDE E INTERSECÇÃO ENTRE MUNDOS

Existem na comunidade Guarani da aldeia Boa Vista serviços públicos, que marca a presença do Estado brasileiro e formam espaços de intersecção entre práticas culturais diferentes. Trata-se de instituições da educação, da saúde, além da Funai. Somam-se a estas, entidades não governamentais e religiosas.

A saúde e a educação constituem-se por espaços transitados e reconhecidos pelos jovens Guarani. Neste estudo, apresentamos individualmente os espaços de circulação reconhecidos como legítimos pelos jovens da aldeia e a relação que estes estabelecem com os serviços desses locais. Nesses lugares, existem a observação e a formação de laços entre diferentes modos de ser, o que favorece as mais diversas combinações individuais na construção das identidades, tanto singulares, como coletivas.

A saúde pode ser percebida como um espaço que gera mediação cultural entre cidade e aldeia, entre modos de vida e, principalmente, entre percepções dos processos de saúde/doença. Entretanto, há questionamentos frente às formas e aos conteúdos das relações entre as práticas Guarani e as propostas do serviço de saúde sob responsabilidade da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), do Ministério da Saúde. Em 1999, a assistência médico-sanitária às populações indígenas foi transferida da Funai para a Funasa, por meio da Medida Provisória nº 1.911-8, de 29 de setembro. Está em curso mais uma modificação, pois se pretende que seja

incorporada ao SUS a responsabilidade de ações em saúde.

Segundo Gonçalves⁹³, foi a partir da implantação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), em 1999, que se passou a dar mais importância a questões de saúde. Em 29 de agosto de 2008, o Projeto de Lei 3.958⁹⁴ alterou a Lei 10.683/2003, dispondo sobre a organização da Presidência da República e dos ministérios e criando a Secretaria de Atenção Primária e Promoção da Saúde, à qual estará vinculada a saúde em terras indígenas e outros segmentos sociais como negros e mulheres. Propõe-se, neste projeto de lei, a transferência das competências e atribuições exercidas pela Funasa para essa Secretaria. Ainda em discussão, o projeto pode acarretar mudanças nas relações e na prestação dos serviços às comunidades. O projeto recebeu críticas das comunidades, as quais argumentam que não fizeram parte das discussões de sua criação e elaboração, e da Funasa, que se sentiu ameaçada pela sua extinção.

4. 1 Saúde na aldeia

Na aldeia Boa Vista, há um posto de saúde e uma casa onde reside a auxiliar de enfermagem, que há 15 anos está na área. Atualmente, ela é a responsável, junto com os agentes de saúde, pela prestação de primeiros socorros à população.

O posto de saúde foi criado em 1985, no contexto da organização e da luta pela demarcação de terra. O trabalho era realizado sob responsabilidade da Fundação Nacional do Índio e por uma auxiliar de

enfermagem contratada em 1993 e residente na aldeia. Ela confirma que até 1999, o posto de saúde era totalmente coordenado pela Funai, com centralização da assistência, registro de dados e encaminhamentos. No início da década de 80, uma enfermeira era a responsável pela Funai, em Ubatuba. Em 1986, assumiu por concurso público outro coordenador, que atua até os dias atuais, responsável pelas comunidades Guarani e Tupi da aldeia Boa Vista e da aldeia Renascer, respectivamente. Segundo os relatos, todas as funções — educação, saúde, questões ambientais, sanitárias, fundiárias e de negociações — eram, na época, realizadas pela Funai, quando foram transferidas para a Funasa (Ministério da Saúde). Desta forma, até 2000, a auxiliar de enfermagem trabalhava sozinha nos atendimentos de rotina, vacinação e acompanhamentos familiares ou encaminhava os casos mais complexos para o Hospital de Ubatuba ou para a Casa de Saúde do índio (Casai), em São Paulo. Acumulava igualmente a responsabilidade de dar encaminhamento às necessidades sociais, como pedidos de aposentadoria e regularização de documentação e registros. No entanto, é importante dizer que a contratação da equipe de saúde viabilizou-se pelo convênio com o Projeto Rondon. O médico, a enfermeira coordenadora e o dentista foram contratados em 2000. Novas instalações foram construídas e, em 2002, houve a inauguração do novo espaço do posto. Este tem melhor estrutura, organização e maior número de salas. A construção e a aquisição de equipamentos foram realizadas pela Funasa. Em 2005, uma médica do município prestava atendimento três vezes por semana na aldeia, graças a um convênio da Funasa com a Secretaria de

Saúde de Ubatuba. Os casos mais graves eram encaminhados para os hospitais de Ubatuba e de São Paulo. Uma vez por semana, a população recebia atendimento odontológico no bairro do Puruba, próximo da aldeia.

Atualmente, o posto de saúde também dispõe de uma equipe multidisciplinar de saúde indígena (EMSI): médico, dentista, enfermeira, agentes de saúde e saneamento e auxiliar odontológico. O espaço é formado por quatro salas destinadas à farmácia, ao atendimento médico, ao atendimento odontológico e ao arquivo. Há uma varanda onde as pessoas aguardam os atendimentos. A sala de farmácia funciona, igualmente, como sala da enfermagem. Todas as salas são equipadas para o atendimento de rotina e os encaminhamentos para tratamentos complexos estão vinculados ao escritório no centro da cidade. O escritório não oferece atendimento médico aos usuários; funciona como referência para todas as aldeias de Ubatuba e seu trabalho é burocrático.

A auxiliar de enfermagem, que acompanhou as mudanças por mais de uma década, considera que houve melhorias importantes na atenção à população, como a maior disponibilidade de medicamentos e de equipe e mais continuidade e fluxo dos encaminhamentos. Hoje, existe uma caminhonete disponibilizada pela Funasa para viagens da equipe de saúde e para levar as pessoas para consultas e internações em outras cidades. A equipe de saúde realiza esporadicamente palestras sobre alcoolismo, vacinação, disposição do lixo, cuidados de higiene e outros temas.

Segundo a auxiliar de enfermagem, em sua experiência o uso de medicação sempre foi aceito no local, havendo resistência à internação ou à

consultas em hospitais, principalmente no caso dos idosos. Comumente, a população recorre em primeiro lugar aos recursos de cura da própria comunidade; depois, procuram assistência no posto de saúde. Os usuários mais frequentes são as crianças. O número de atendimentos tem permanecido estável, mas aumentou o número de partos feitos na aldeia; antes estava mais equilibrado entre a aldeia ou o hospital. O parto realizado na aldeia é acompanhado pelas parteiras locais. Cada parteira mantém método próprio para o parto, que pode ser acompanhado por uma ou várias parteiras.

A busca do atendimento de saúde é espontânea e de iniciativa das pessoas e famílias. Mas existem atendimentos domiciliares realizados pela equipe, como procedimento de rotina. Vale lembrar que atualmente, os agentes de saúde, de saneamento e auxiliar odontológico (funcionários da Funasa) são da comunidade da aldeia Boa Vista.

Ainda segundo a auxiliar de enfermagem, desde que ela começou a trabalhar no posto de saúde Boa Vista teriam ocorrido mudanças relevantes, que desequilibraram a comunidade e alteraram suas rotinas: diminuíram as práticas religiosas, mudaram a dieta e os hábitos alimentares, cresceu a presença dos aparelhos eletrônicos e das comidas industrializadas (para alguns, melhores que as locais). No entanto, há campos em que os costumes Guarani são ainda muito fortes, como a nucleação em torno de uma liderança religiosa, geralmente um *xeramoï* (alguém mais velho), o ritual de rezas, os usos de ervas para curas e outros fins e o uso de chás. Costuma-se mesclar o uso de medicamentos da biomedicina e os locais, assim como as orientações

médicas com as religiosas.

Notamos que a presença da auxiliar de enfermagem parece exercer grande influência no comportamento e no ideário locais. Observamos que, por morar na comunidade, a enfermeira — que está há muito tempo nesta função — ocupa um lugar mais privilegiado do que os outros técnicos, devido à proximidade e à mais ampla possibilidade de ação, tanto no que diz respeito a questões vinculadas aos comportamentos e à cultura brasileira, como diante das práticas técnico-científicas em saúde. O posto de saúde e a própria pessoa da auxiliar de enfermagem, em sua interação com as pessoas da aldeia Boa Vista, parecem constituir um dos espaços de entrelaçamento de dois mundos em que muitas contradições se fazem presentes em fronteiras porosas, tanto na saúde, como em outras situações.

4.2 Saúde na cidade

Além dos serviços de saúde da aldeia, outros são utilizados pelos jovens e pelas pessoas da comunidade nas cidades de Ubatuba e de São Paulo, como a Santa Casa de Misericórdia e a Casa de Saúde Indígena (Casai), respectivamente.

Existe um trânsito constante. Todos os dias, crianças ou famílias são levadas à cidade para consultas, realização de exames, vacinação ou acompanhamentos. Os exames e acompanhamentos dos recém-nascidos ocorrem em Ubatuba, nas Unidades Básicas de Saúde vinculadas ao Programa Saúde da Família. As consultas com especialistas

(dermatologista, ginecologista, oftalmologista e outros) são realizadas nas Unidades Básicas de Saúde ubatubenses ou em hospitais de São Paulo (no caso de cardiologistas, neuropediatras, nutricionistas e outros). As pessoas ficam nos locais de atendimento, e, muitas vezes, o diálogo com os atendentes é intermediado pelo motorista: é ele quem entrega a documentação e explicita o caso. A alimentação é feita nos restaurantes conveniados com a Funasa, o que cria mais uma motivação para ir a consultas na cidade de Ubatuba.

Também acontecem muitas viagens para a cidade de São Paulo. Neste caso, a intermediação entre os especialistas e os usuários é responsabilidade da Casai; a alimentação e o pernoite acontecem na própria Casai, onde permanecem pessoas originárias de sociedades ameríndias de todo o Brasil. Os quartos geralmente são distribuídos por grupos étnicos: pacientes e acompanhantes ficam juntos. Há relatos de famílias que habitam por meses na Casai, que tem estrutura para acomodar as pessoas até o fim dos seus tratamentos.

Gonçalves⁹³ realizou sua pesquisa na Casai, para entender as relações existentes entre as diversas culturas que convivem por algum tempo neste local para realização de seus tratamentos — tanto as relações entre as diversas etnias, como entre o serviço de saúde e técnicos de saúde. Relata a autora que observou, no primeiro momento, um local depressivo, fato decorrente talvez de se tratar de uma instituição de saúde, onde as pessoas vão realizar seus tratamentos, muitas com a condição de saúde considerada grave. A autora ainda relata que era frequente encontrar os índios em suas

camas ou assistindo televisão. Com o convívio e conhecendo melhor as pessoas e o funcionamento das instituições, mudou sua percepção. Discorre a autora sobre a relação do local com a mudança na rotina dos índios, muito ligada ao trabalho, e também sobre a falta da possibilidade da vida em comunidade como grande fator para o clima do local.

Nesses locais, as fronteiras da comunidade tornaram-se elásticas e complexas; a transferência e a coabitação de valores tornam-se intensas. Vimos que os conhecimentos e modos de ser da sociedade nacional são apreendidos e compõem novas identidades, junto aos conhecimentos considerados da cultura Guarani. Mas ressaltamos o sofrimento experimentado em especial pelos jovens, que vivenciam intensamente as relações de poder e comportamentos impostos e exigidos pela sociedade nacional, relação esta que é desigual e de difícil composição. Nessas condições, o diálogo é uma possibilidade para amenizar a opressão de valores.

4.3 Os jovens e a saúde

Observamos que os jovens concebem a saúde, os serviços e os cuidados medicamentosos como antes não pertencentes à sua cultura, mas que compõem uma nova concepção que se inscrevem igualmente em suas vidas e no projeto de suas comunidades. No contexto atual de profunda transformação social, a possibilidade da educação formal parece ser considerada como fundamental. Kerexu, uma de nossas colaboradoras,

ênfatiza a importância do bilinguismo, ou seja, do domínio do português, para melhorar nas relações ou mesmo para trabalhar na aldeia:

"(...) as duas línguas são importantes, uma é para comunicação e outra porque faz parte da cultura — tem que manter da cultura — e outra é para comunicação. A escola, a saúde que não faziam parte da cultura; a partir de agora, quem se formar, vai se formar pra ser um doutor, um professor, uma dentista, por exemplo, para trabalhar na aldeia. Tem que entender português e que entender a cultura também, acho importante (...)."

José acrescenta:

"(...) penso pro futuro na aldeia ter mais pessoas estudando, ter como fazer um curso de medicina ou outras coisas, ser o próprio índio a trabalhar na aldeia (...)."

Os jovens entrevistados parecem considerar os serviços de saúde como importantes na coexistência com o modo de vida Guarani para compor novos projetos. Destacam as práticas e os serviços de saúde, mesmo que não pertencendo à sua cultura, como algo já integrado ao dia a dia, embora seja necessário criar estratégias para melhorar sua dinâmica e funcionamento. As críticas recaem, principalmente, sobre o transporte de pacientes até hospitais distantes e sobre as dificuldades das consultas.

Madalena expõe sua expectativa:

"Pro futuro espero que mude mais um pouquinho a aldeia (...) Como a estrada, de chegar até lá na aldeia (...) abre a estrada até a aldeia. Seria melhor para todos nós (...) O carro vai descer lá (...) Por exemplo, o carro da Funasa vai até lá buscar o paciente."

Entretanto, os tratamentos realizados na cidade comportam

dificuldades, pois a pessoa é obrigada a transitar em lógicas e espaços muito diversos daqueles de sua comunidade.

"É, às vezes, eu vou procurar alguns amigos pra pedir ajuda ou fazer compra, ou vou no hospital. É muito corrido e é ruim também, porque têm que viver assim. Na floresta não tem barulho nenhum, na cidade é meio apavorado. Você fica, que nem eu fico, com dor de cabeça na cidade."

A percepção dos processos ligados à saúde, mesmo coexistindo com outras concepções, permanece vinculada ao mundo religioso, às lógicas e às interpretações Guarani. Kerexu lembrou o papel do conhecimento de seus parentes, que utilizam ervas e processos rituais para o parto:

"O chá é pra ajudar a nascer, pra ser mais rápido... Erva-de-são-joão, uma plantinha, toma um chá bem quente... São as parteiras que fazem... Desde que sente dor, toma o chá. Se for pra nascer logo, a contração vem mais rápido; se não for, a dor passa (...). Demorou muito [o parto] da Marisol; eu tomei remédio, mas existe, como na nossa cultura, essas coisas de ter espírito, e minha tia falou que foi por causa disso também que demorou (...). Porque, não seria a hora de ter as contrações, mas [os espíritos] fazem com que eu sinta dor, venha as contrações, mas que a criança não nasça (...). Por exemplo, é como se eles ficassem atrapalhando de uma pessoa terminar o seu trabalho. No meu caso, só esperei e pedi pra Deus pro parto ser rápido, e porque na hora você num sabe se é por causa do espírito ou se é porque tem que acontecer mesmo. Mas a pessoa que cuida sabe se é alguma coisa, por isso que sempre leva o remédio e o cachimbo (...)."

As relações com a religiosidade são muito presentes nas sociedades originárias do atual território brasileiro. Ainda que cada uma tenha desenvolvido um sistema cultural particular, é possível, segundo os

estudiosos, apontar princípios gerais de seu conhecimento: o processo saúde/doença transcorre dentro de uma ordem cosmológica, que abarca forças da natureza, forças invisíveis e forças sociais e humanas (cf. Langdon, apud Gonçalves⁹⁵).

Frequentemente, os Guarani procuram antes a cura ritual, familiar ou orientada pelo chefe religioso, para depois procurar o serviço de saúde. Afirmam que esta dinâmica tem se modificado em algumas famílias. Os agentes de saúde respeitam as práticas individuais.

"Porque agora mudou um pouco, algumas famílias pensam diferente: vai levar pro médico que o médico resolve. Alguns não, alguns procuram o pajé. Assim, depende da família, porque não adianta a gente chegar e dizer: tem que levar para o pajé, porque, às vezes, o pessoal não entende (...) O que a gente faz é o que é melhor para família. Eu acho que a maioria estão procurando o pajé, por enquanto, mas não sei até quando mais."

Para os Guarani, a saúde está vinculada à natureza e ao território, ao parentesco e à relação de confiança entre as pessoas, como elucida nossa colaboradora durante seus trabalhos de parto:

"Parteiras aqui têm várias. Então, eu sempre vou com minha tia Olga, eu confio muito nela. Quando ganhei o Fernando, estava chovendo muito, e não dava pra chamar, porque o rio estava muito cheio, tinha as outras parteiras. Na hora, vi que elas não sabiam muito o que fazer. Agora, a Olga não, deixa a gente tranquila, por isso que ganhei a Marisol sozinha com ela (...) Demorou muito. Quando a Olga chegou, eu já estava bem cansada; ela trouxe um chá, remédio feito, eu tomei, e logo que tomei o bebê desceu, ele nasceu (...)."

Em seu relato, o jovem José explicitou a composição e as formas de

interação, intersecção e negociação social que se realizam entre concepções, práticas, sentidos e saberes distintos. O diálogo torna-se essencial para este processo. Ao discorrer sobre sua experiência como agente de saúde, sua situação de fronteira entre seu trabalho — que espelha a visão da sociedade nacional — e sua comunidade, ele foi enfático:

"Quatro anos como agente (...). Porque antes, de não ter isso, um funcionário indígena, era mais difícil; tem gente, mulheres, homens com mais dificuldade de falar (...). A gente, que estudou um pouquinho, a gente sabe falar, explicar pro paciente; então, a gente é contratado e orienta o paciente, o mais idoso que não fala, a gente tem que falar em Guarani. Hoje, o agente é um facilitador para chegar orientação de saúde. É que é difícil, a gente é contratado pra fazer isso, então, a gente tem que fazer as orientações. Você vê que primeiro a gente procura o pajé, que é o curandeiro, depois a gente procura o médico. Até as crianças. Eu acho, no meu modo, no meu ponto de vista, está indo bem, porque tem as doenças, tipo pneumonia, isso, o curandeiro, ele não sabe qual é a erva que cura o tipo da pneumonia, mas o médico sabe o que é isso, e tem coisa que médico não sabe, mas o curandeiro sabe, tem que seguir os dois caminhos. Primeiro era difícil o diálogo; agora está melhor (...) porque a gente, como eu, já fala um pouco mais em português também (...) Sim, a questão da língua é importante pro trabalho."

Nos relatos de José, o papel de intermediação foi evocado diversas vezes como parte do trabalho do agente de saúde:

"Eu acho importante a função do agente de saúde, porque ajuda um pouco a comunidade... que nem as crianças ou, às vezes, faz acompanhamento; a gente acompanha o paciente quando vai para cidade ou São Paulo. Dificilmente o Guarani entende. Entender é difícil, tem algumas palavras que são mais complicadas. Então, a maioria dos Guarani aqui da aldeia entende só palavras simples, por exemplo, água, sabe pedir se está com fome, pode falar, mas o que está sentindo, de sintomas, aonde que sente, é difícil

de explicar; qual dor, como que está, como é que a criança está comendo? Então, nessa parte, é importante o agente de saúde porque ajuda."

Gonçalves⁹³, em trabalho sobre a intermediação entre culturas, afirma que o Ministério da Saúde vem se esforçando para estruturar um subsistema diferenciado de atenção de saúde indígena. No entanto, a autora entende que este deva ser integrado ao SUS, com participação comunitária e respeitando-se as especificidades de cada sociedade e sistema cultural.

A relação dos jovens com os serviços na cidade é facilitada quando o agente se coloca no papel de intermediador entre as pessoas da comunidade e os serviços. No caso, o agente José diz que:

"(...) fui acompanhar na cidade uma paciente que foi fazer exame (...) Fui no laboratório. Às vezes eu falo com a secretária, às vezes ela; as palavras que as mães não sabem responder, eu posso ajudar, eu fico lá. Eu não acho, fácil, falar com as pessoas na cidade, porque o português é um pouquinho difícil; então, de vez em quando, eu sinto dificuldade para falar, conversar com as pessoas. Algumas palavras são mais, como no laboratório, na consulta médica, que o médico fala de um outro jeito que a gente não entende, algumas palavras são complicadas pra nós, a gente não entende (...)."

Sobre a impessoalidade dos tratamentos na cidade, alguns dos procedimentos, especificadamente no hospital, foram criticados por Kerexu:

"A diferença que achei [no parto], aqui na aldeia tem mais cuidado (...) Por exemplo, aqui na aldeia, na hora de ganhar o neném, a mãe não se move mais, fica ali pra esperar. Agora, na cidade, tem o lugar onde ganha neném e tem o pré-parto; quando chega a hora, a hora mesmo de nascer, tinha que sair da cama do pré-parto e ir pra outra cama, pra ganhar o neném. Isso pra mim foi um pouco mais difícil..."

Outra questão apontada como problemática foi a relação com a equipe de saúde que atua na comunidade, sobretudo as formas de tratamento dado às pessoas que necessitam de maior qualidade na escuta e compreensão das diferenças culturais. Ainda ocorrem abusos de poder, enfatiza Mário:

"(...) Porque a própria equipe se acostumou com o indígena, quando não acha que não está certo, enfermeira ou equipe, fala com palavrão, parece briga; só que os índios não falam, então, se acostumam com isso também (...). Só que a Marinalva já reagiu, deu o troco, e até a enfermeira acha que ela é brava. Mas quem não vai responder? Todo mundo tem o direito de se defender, acho que eu também; você acostuma mal porque que as índias não falam, porque até os índios não respondem, têm dificuldade de responder. A acho que pra isso deveria a própria equipe (...) ser bem profissional; não é qualquer pessoa que deveria ir à aldeia pra trabalhar. Porque o juruá [branco], está certo que é inteligente e formado como enfermeiro, doutor. Mas tem que ser bem profissional (...) é difícil, não só aqui (...) em geral."

Nesse desafio do diálogo para a composição de um serviço de saúde melhor, os jovens sugeriram que haja maior coerência da parte dos profissionais e que sejam abertos ao entendimento. Sobre sua experiência com a equipe de profissionais, Mario ressaltou:

"(...) a maioria das pessoas não sabem, não procuram entender o que a gente quer falar, o que a gente fala; por isso, o pessoal que trabalha com Guarani, tem que ser bem profissional e entender um pouco de psicologia."

Concluimos que a fronteira entre a instituição de saúde e a comunidade move-se tanto para dentro, com a moradia e a presença permanente da auxiliar de enfermagem e dos atendimentos domiciliares,

como para fora do território, nas idas e vindas dos tratamentos. A contratação de membros da comunidade Guarani como agentes de saúde, agentes sanitários e auxiliares odontológicos introduziu campos de permeabilidade e de constante produção de intersecção (com negociações e conflitos) entre a comunidade (os Guarani) e a cidade, e os serviços na aldeia (as instituições do Estado).

As ações e a presença da equipe de saúde no território Guarani formam um ambiente importante, em que modos de vida e compreensão de mundo se veem diante de um diálogo necessário. Novos conhecimentos e valores estão sendo apreendidos no âmbito das práticas de saúde, na dinâmica do trabalho dos agentes de saúde Guarani e, igualmente, nas idas e vindas entre a aldeia e hospitais e clínicas. Concluimos que, na relação com os dois mundos, a partir da experiência, os jovens são os que mais sofrem com este momento de encontros culturais e estão compondo suas próprias concepções em saúde.

Nos relatos apresentados, foi possível dar realce à disposição dos jovens Guarani para integrar saberes e à grande necessidade do diálogo intercultural para melhorar a atenção oferecida pelos serviços de saúde. Mesmo assim, a coexistência e a coabitação de práticas e lógicas diferenciadas constituem importante desafio, tanto para os Guarani, quanto para os profissionais de saúde, principalmente neste momento de alterações legais e da reorganização dos serviços de saúde frente a sua possível incorporação ao Sistema Único de Saúde.

5 O JOVEM GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR: PROCESSOS E DESAFIOS

A educação é temática que desde o início perpassa esta pesquisa. O campo da pesquisa começa na escola: os primeiros contatos de observação e convivência com os jovens ocorreram nesse espaço, e surgiram questões específicas sobre o estudar, como, por que e outras questões trazidas pelo grupo na convivência, na observação e em relatos. Primeiramente, buscamos entender como se compreende o desenvolvimento humano e a educação na Sociedade Guarani, em que os conhecimentos são transmitidos de geração para geração. Depois, analisamos a questão institucional vinculada à educação formal.

Schaden⁴⁵ observa que a criança Guarani é muito independente e, na medida em que ocorrem seu desenvolvimento físico e sua experiência mental, participa da vida, das atividades e dos problemas dos adultos. A principal característica da cultura é a noção de que o desenvolvimento deve ser livre e independente em cada indivíduo, sem que exista a possibilidade de se interferir excessivamente neste processo. O mesmo autor esclarece ainda que a educação ideal, para a sociedade Guarani, deve respeitar o desenvolvimento psíquico e moral da pessoa e não se acredita na conveniência e eficácia de práticas educativas, corretivas e diretivas, a não ser excepcionalmente ou por via mágica.

A professora Kerexu exemplifica a via mágica no momento da nomeação, na qual alguns aprendizados, dons e missão são designados, e

conta:

"(...) o Mário fala que quando ficar mais velho quer fazer esse trabalho [pajelança], não que ele queira por querer, mas por vocação. Os mais velhos já falaram pra ele que ele nasceu com esse dom, então, depende dele continuar ou não. Porque na hora do batismo sempre o *xeramoí*, um tipo de pajé, se for a criança que tiver o dom, já sabe o que vai ser no futuro; a minha irmã caçula, quando o *xeramoí* falou que ela tem, que é tipo pajé, só que ela é mulher, uma *xejaryí* (...) Uma pessoa respeitada (...)"

Um interlocutor Guarani explicou a Schaden que a criança não precisa de escola, porque o saber vem de Deus, mostrando assim, a grande ligação entre religiosidade e a formação da pessoa e de sua personalidade (cf Schaden⁴⁵). Esse respeito à personalidade e à vontade individual desde a infância tem outras consequências, como a recusa de se criar um processo educativo apoiado na repressão, pois, para o Guarani, as tendências da criança nada mais são que a manifestação da sua natureza, que é inata.

Schaden⁴⁵ discute igualmente as mudanças ocasionadas pelos modos de vida adquiridos na relação com outras culturas, criando aspirações sociais antes não conhecidas. Como decorrência, a atitude perante a educação tem-se modificado, e hoje muitos jovens consideram a educação formal como via privilegiada para conseguirem emprego e adquirirem os bens desejados.

Brandão⁹⁶ considera que a educação, um domínio da cultura, é condição constante da recriação da própria cultura. Individualmente, a educação — uma relação de troca de saber entre pessoas — participa da criação da própria pessoa. Aprender significa realizar em cada experiência

humana individual a passagem da natureza à cultura. Assim, o indivíduo assimila a cultura e, ao mesmo tempo, se constitui, à medida que vai aprendendo.

Para o autor, a educação transita de um lugar de reprodução do saber comunitário a um lugar de um saber erudito, isto é, para um novo tipo de relação de poder. O autor considera, também, que a educação popular tornou-se a fração do saber daqueles que, presos ao trabalho, existem à margem do poder. Trata-se de uma divisão social do conhecimento que se deu de diferentes formas nas várias sociedades. Na comunidade Boa Vista, escutamos os mais velhos afirmarem que os mais novos não têm mais interesse no aprendizado da cultura. Kerexu explicita sua preocupação no futuro com os ensinamentos e com os mais velhos:

"(...) tem que pensar no futuro da família, dos filhos, enfim, dos mais velhos. Eu penso como que eu tenho que fazer para que os mais velhos sempre tenham vontade de continuar, de ensinar os mais jovens, porque alguns velhos, não por interesse deles de esquecer, mas por que os jovens não se interessarem mais; então, sempre busco me integrar com os mais velhos porque é conversando, pedindo, dando atenção para eles, porque os mais velhos vão ficando sempre mais velhos (...)"

A institucionalização do conhecimento coloca questões e desafios novos, como o bilinguismo e a escrita. Meliá⁹⁷ discute as duas línguas, além do fator determinante da escrita, ou não escrita, das línguas — o guarani é uma língua oral, cuja escrita foi criada/recriada por castelhanos. O autor descreve a alfabetização dos Guarani realizada pelos jesuítas e enfatiza que toda a "força de uma sociedade deve estar voltada, sim, às condições de

possibilidade de uma língua falada, sem restrições nem perdas à sua liberdade, e isso é o que a escrita, por si só, ainda não pode oferecer às línguas indígenas" (cf. Meliá⁹⁸).

Ao resenhar o trabalho que Aracy Lopes da Silva e Mariana Kawal Leal Ferreira organizaram sobre o processo de escolarização, Ferreira¹⁰⁰ observa que, nesta obra — uma coletânea de artigos a respeito de experiências de escolarização vivenciadas por diversas etnias e processos educativos em contextos multiétnicos que transcendem o aspecto formal da educação escolar indígena —, as autoras entendem que a escola revela-se tanto como um espaço de confrontos interétnicos, quanto de criação de novas formas de convívio e reflexão no campo da alteridade.

As autoras propõem, ainda, que a escola indígena seja considerada como um campo de "fronteira" e assim a definem, por se constituir num espaço que possibilita tanto o trânsito e a articulação como a troca de conhecimentos, tanto o confronto como a redefinição das identidades dos agentes e grupos sociais (sejam índios ou não índios) envolvidos no processo. Sendo assim, a escola torna-se um lugar de emergência e construção de diferenciação e de expressão da diversidade, portanto, de identidades/alteridades.

Em "Educação indígena na escola", Meliá⁹⁹ argumenta que, através da educação, os povos indígenas possibilitam que seu modo de ser e sua cultura se reproduzam nas novas gerações e, ao mesmo tempo, encaram com relativo sucesso situações novas — embora, ainda hoje, a escola possa ser a ponte e a estrada que levam para o individualismo, eliminando tanto a

alteridade quanto a diferença. O autor conclui que a experiência da educação em sociedades ameríndias terminam por oferecer às nossas sociedades um enriquecimento, pois a alteridade como fruto da ação pedagógica, não só possibilitará a expressão de diferença, como também poderá contribuir para um mundo mais humano de pessoas livres na sua alteridade.

Godoy¹⁰¹, em trabalho sobre diálogos interculturais, apresenta uma análise da história da educação indígena, das políticas públicas e das concepções dos Guarani, como a compreensão sobre o pensamento indígena, no qual o mito tem o poder de fundamentar um modelo de saberes e de condutas. Ele acredita que projetos sociais ligados à cultura podem criar mediações de situações em que as identidades ameríndias recriam-se para dar sentido às novas gerações. Assim, uma lógica diferenciada de pertencimentos impõe-se por meio de uma linguagem intercultural que se apoia num passado mítico comum.

O desafio que se apresenta para a apropriação da escrita por uma cultura fundada na oralidade é tema também discutido por Barros e Ventres¹⁰², que explicitam os embates entre a lógica constitutiva da instituição da escola ocidental como reducionista ao universo da escrita, vinculada ao suporte papel e um tempo-espço metódico, assim fragmentado do mundo da vida, e a tradição oralizada Guarani, fundada na religiosidade. Os autores observam ainda que a construção de uma práxis pedagógica intercultural, comprometida com o diálogo entre grupos étnicos diferenciados em uma sociedade nacional plural, implica também a formação

e a contextualização dos professores não índios⁸.

Quanto à legislação, Silva¹⁰³ afirma que a Constituição de 1988 inaugurou no Brasil novas relações entre o Estado e as sociedades originárias, ao reconhecer a pluralidade cultural nacional. Isto é, ficou assegurado e garantido o direito à diferença, substituindo-se a perspectiva incorporativa anterior. Ainda segundo o autor, a presença dos grupos indígenas explode o mito de que o Estado é, por definição, um espaço homogêneo. O Estado tem que se haver com vários Outros, com valores diferentes, relações de produção distintas e que falam diferentes línguas; no entanto, na prática do estabelecimento de novas relações, pouca coisa mudou e muito se retrocedeu, alterando-se a concepção de escolas indígenas como "oferta" do Estado, em contraposição à perspectiva do movimento indígena, ou seja, de construção de projetos indígenas de escola, escolas próprias, seguindo a necessidade e interesse de cada sociedade.

Fleuri¹⁰⁴ discute a "interculturalidade na educação" como o modo a compreender o "diferente" que caracteriza a singularidade e a irreprodutibilidade de cada sujeito humano. Entretanto, apresenta como eixo conceitual referente às questões e reflexões da temática intercultural e educacional a possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule. Enfatiza que o amadurecimento da sensibilidade para com o tema das diferenças culturais é uma conquista

⁸ Ver, a propósito, a Lei nº 11.645, de 8 de março de 2008, que regulamenta a inserção, no conteúdo programático das escolas da rede regular de ensino, do estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena.

recente, reportando-se ao documento "Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais", de 1978, da Unesco.

5.1 Implantação da Educação Guarani em Ubatuba

A Prefeitura de Ubatuba fundou a Escola Indígena Tembiguaí em 1987. Borges¹⁰⁵ relata que, em 1988, ocorreu um movimento organizado por diversas lideranças indígenas e entidades — apoiadas na Constituição Brasileira, que, no parágrafo 2º do artigo 210, respalda legalmente o direito dos povos indígenas a uma escolarização diferenciada —, cuja pressão conseguiu que o ensino fundamental regular fosse "ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem".

Desde 2004, a Escola está sob a responsabilidade do governo estadual. Os níveis escolares são os de ensino em Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino da Língua e da Cultura Guarani. No início de 2005, contava com 30 estudantes na Educação Infantil e Fundamental (da 1ª à 4ª série), três professores Guarani (dois homens e uma mulher), uma auxiliar pedagógica e uma merendeira. Atualmente, todos os professores Guarani tiveram formação pela Universidade de São Paulo no contexto do Magistério Superior Intercultural Indígena.

Em Ubatuba, a Escola Indígena funciona em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que se responsabiliza pela contratação de merendeiras e pelo fornecimento da merenda.

A Escola Indígena Tembiguaí, segundo relatos de professores, respeita os objetivos definidos pela comunidade como importantes para a formação de suas crianças: o resgate da sua cultura, o bilinguismo, o conhecimento de outras culturas para contribuir na formação e na conquista de meios próprios de subsistência. Segundo Borges¹⁰⁶, "não apenas uma educação para índios", mas um projeto de escolarização que procura ser específico em iniciativas que vão sendo construídas e efetivadas, no processo, pelas comunidades. Não basta que o professor seja Guarani ou Xavante ou mesmo que o ensino seja bilíngue; para Borges¹⁰⁶, é necessário que este ensino esteja comprometido com um projeto político mais amplo de valorização cultural e soberania das sociedades no contexto de uma sociedade nacional que reconhece sua diversidade.

A Educação Escolar Indígena Guarani da aldeia Boa Vista teve, em 2008, cerca de 50 estudantes. As crianças que ingressam no 1^a ano são alfabetizadas em idioma guarani; a partir do 3^a ano do Ensino Fundamental I, é introduzida a língua portuguesa. Fora da aldeia, na cidade e seus bairros, estudam os alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Esses estudantes complementam seus estudos na escola da aldeia com o ensino de língua e cultura guarani.

A língua de expressão é o guarani, sendo o português a segunda língua. As crianças iniciam a aprendizagem do português a partir dos 7 ou 8 anos de idade. Antes disso, usam apenas o guarani para se comunicar e adquirir conhecimentos, o que é reforçado com a prática dos cantos.

Segundo Rodrigues⁸⁸, as sociedades ameríndias começaram a

registrar parte de seu conhecimento acumulado por meio da escrita apenas a partir do final do século XX. Mas o conhecimento entre os Guarani é fundamentalmente transmitido oralmente, pela observação, pela imitação, por orientações, conselhos e tentativas de acerto, de geração para geração, de pais para filhos, principalmente.

Entre 1991 e 1999, uma série de decretos mudou profundamente o quadro institucional da educação formal nas Sociedades Indígenas: o Decreto nº 26/91 da Funai⁸⁴, que transferiu a atribuição de coordenar a educação indígena da Fundação Nacional do Índio para o Ministério da Educação; 2) o Decreto nº 1.904/96, que instituiu o Programa Nacional de Direitos Humanos; 3) a Lei nº 9.394/96 (Lei Darcy Ribeiro), que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional; 5) e a Resolução Nacional nº 3/99, que fixou as diretrizes nacionais para o funcionamento das "escolas indígenas".

Todo o processo de escolarização deve ser entendido juntamente com o processo histórico. Segundo Borges¹⁰⁷, muitas comunidades Mbyá do sul do Brasil são oriundas do norte do Paraguai, onde foram escolarizadas por religiosos. Lá, o espaço escolar apresentava-se como oportunidade para a catequização, caracterizando-se por processos de experiências traumáticas, resultando em resistência e aversão e como algo prejudicial, principalmente no Rio Grande do Sul. Nos estados próximos de São Paulo, os Guarani demonstram menos receio, pois a discussão foi mais dialogada entre os grupos de apoio e as comunidades. Isso permitiu que alguns grupos apresentassem propostas pela escolarização, e algumas aldeias chegaram a

reivindicar escolas em suas comunidades.

Resistências à entrada da escola nas aldeias e à institucionalização do ensino aconteceram em muitas situações que se opuseram à nova lógica educacional. Este é o caso da aldeia Boa Vista, segundo relatos de jovens, justificando o tardio ingresso em escolas. Hoje, a Escola Tembiguaí foi assumida como importante pela comunidade, que reivindicam melhores estruturas e maior apoio para a escolarização de suas crianças e jovens.

Desde 2008, há alfabetização de adultos por meio da Educação para Jovens e Adultos (EJA). Muitos se animaram a aprender a ler e escrever, tanto em guarani, como em português.

A Escola Tembiguaí mantém relações de parceria com os governos municipal e estadual. É preciso reconhecer que se trata de processo conflituoso e com desafios. Embora a escola seja indígena e os professores venham da comunidade, a Tembiguaí é algo da expressão de uma sociabilidade e de formas de conhecimentos não guarani e implica a presença da sociedade brasileira no bojo da comunidade. Elas geraram, portanto, uma relação e um campo de fronteira, pois, como já foi observado por outros autores, possibilita a troca de conhecimentos, o confronto e a redefinição de identidades. Atentamos, no entanto, para o fato de que, dadas as possíveis relações de poder, a sociedade nacional possa, em certos momentos, criar situações de opressão e de desqualificação dos conhecimentos locais.

5.2 Frequentar a escola na cidade: novos cenários

A partir do 5º ou 6º ano do Ensino Fundamental II, os jovens frequentam as escolas dos bairros próximos ou da cidade de Ubatuba. Podemos avaliar a saída para a cidade ou os bairros como um movimento de ampliação de fronteiras, com a aldeia estendendo-se para "fora" nesta nova situação.

Na cidade de Ubatuba, acompanhamos o cenário da educação regular, ou seja, jovens Guarani que, à tarde, frequentavam o Ensino Fundamental II e, à noite, o Ensino Médio e o Supletivo na Escola Dr. Esteves da Silva. Cada período e ciclo apresentavam dinâmicas diferentes. Os adolescentes Guarani frequentadores do período da tarde pouco interagiam com os outros estudantes; não participavam da merenda e ficavam sentados em grupo no pátio central da escola. Diziam ficar incomodados com o barulho e a agitação do intervalo das aulas. As cenas que presenciamos foram de grande isolamento, sem interação do grupo da aldeia com os outros estudantes.

No período noturno, a relação em grupo era diferente. Os jovens não ficavam juntos, eram mais independentes e interagiam com outras pessoas no intervalo, mesmo que com pouco diálogo. Também se diferenciavam dos grupos da tarde em relação à alimentação, pois todos os do período noturno, logo que saíam das salas, dirigiam-se para as filas do lanche. Mas alimentavam-se e logo se encaminhavam para as salas de aula, sem muita interação.

Muito diferente foi a situação que encontramos em 2008 no acompanhamento de outro grupo de estudantes Guarani, ainda do

Fundamental II, no período da tarde. Ocorreu grande mudança no comportamento: não ficavam mais isolados e participavam da merenda. A estudante Guarani conversava com as outras; os meninos Guarani estavam interagindo mais em brincadeiras e em grupos de conversa; eles não mais andavam em grupos separados, mas ficavam dispersos por vários grupos de estudantes.

A inspetora de alunos contou que (por iniciativa própria e devido à experiência com outros grupos Guarani) buscou favorecer um movimento de interação entre os estudantes da aldeia com os da cidade, incentivando a participação dos primeiros nas atividades grupais, na merenda e nas brincadeiras. Ela afirmou que eles estavam mais participativos nas atividades educativas.

No segundo semestre de 2008, após a greve dos professores das escolas estaduais, os jovens Guarani que estudavam no período da tarde na Escola Dr. Esteves foram transferidos para a unidade escolar do bairro Puruba, no período da manhã. Os jovens Guarani que estudavam no período noturno já não frequentavam mais as aulas quando ocorreram as mudanças. Na nova escola, além da mudança de lugar, houve a mudança de dinâmica. Estavam mais próximos da aldeia e não passavam mais pelo centro urbano. Os estudantes da nova escola são, em sua maioria, crianças e jovens das comunidades caiçaras ou de praias e sertões próximos. Portanto, neste, momento, vivenciamos outras questões em campo.

Kuaray, Kerexu, Angelina, Reginaldo, Madalena, Airton são alguns dos jovens que acompanhamos nas atividades educacionais em 2007 e 2008.

Suas histórias permitem discutir a importância do sistema educacional formal na construção dessas gerações Guarani que circulam entre a cidade e aldeia e constroem suas identidades múltiplas a partir de mundos muito diversos. A fim de apresentar as histórias em suas singularidades, nós as dividimos aqui em dois grupos: 1) os jovens que estudavam no período da tarde em 2007, 2) os jovens que foram transferidos para a Escola José Belarmino Sobrinho, no bairro do Puruba em 2008.

Os jovens acompanhados no período noturno serão discutidos na sequência, mas em outro formato e em questões diferenciadas.

Kuaray e Kerexu, o casal de jovens observados e acompanhados no ano de 2007, frequentavam a 5ª série (ou 6º ano do Fundamental II) do período da tarde na Escola Dr. Esteves. Ambos tinham 13 anos. Os jovens são primos, não interagiam nem faziam a refeição no horário do lanche. Ao recordarmos deles, surge uma forte imagem: seu isolamento no bicicletário do pátio da escola. Em nossa primeira visita à escola, perguntamos aos estudantes se conheciam algum jovem da aldeia, e logo nos mostraram o "canto" em que sempre ficavam, dizendo que possivelmente os encontraria ali.

Proteção, diferenciação, estranheza, medo? Era forte o impacto daquela imagem dos jovens apartados e separados física e simbolicamente dos outros estudantes.

Na sala de aula, mantinham o mesmo comportamento arredoio. Sentavam-se próximos um do outro e não interagiam muito, apenas com aqueles que sentavam ao seu redor. Kerexu chegou a dizer que só se

relacionava com a colega de sala que sentava na sua frente e outros eram amigos da aldeia. Essa observação em sala foi muito difícil devido ao ambiente e às poucas oportunidades de conversar com os jovens. Mas pudemos observar seus cadernos, nos quais desenhavam muitas paisagens, casas e pessoas com cocar, em meio às anotações das aulas. Com o tempo, foi possível conhecer um pouco mais sobre a vida desses jovens: o apreço pela natureza; a prática comum de pintar, colorir e enfeitar seus cadernos com adesivos e a atitude de não falar muito de si nem interagir muito com adultos, apenas em seus círculos ou "grupos" de amigos.

Antes mesmo de terminar o ano letivo, todos aqueles jovens da aldeia haviam parado de estudar. A jovem Kerexu engravidou e iniciou a preparação para o casamento. O jovem Kuaray passou a acompanhar outros homens da aldeia em suas atividades. Ambos pareciam se preparar para o modo de vida dos adultos com o aprendizado de afazeres cotidianos e a constituição familiar.

Kerexu teve um filho e casou-se com um jovem vindo da aldeia de Paraty-Mirim. Atualmente, seus afazeres são principalmente vinculados aos cuidados com a família e com a casa — conseguiu uma casa nova da CDHU-indígena, onde mora com o marido e o filho. Está, aparentemente, mais tranquila em relação à maternidade e gosta da vida de mãe, mas diz que ainda pretende voltar a estudar.

Kuaray ficou durante o ano de 2008 afastado da escola, realizando atividades orientadas pelo avô. Saiu da casa da mãe e passou a morar com os avós. Também ajuda na coleta e venda do palmito, nas plantações e nos

cuidados com a irmã mais nova. Voltou a estudar na mesma escola, em 2009, mas no período noturno, juntamente com um grupo de oito rapazes da aldeia.

Ambos com seus 15 anos, os dois jovens conversam com mais frequência e mantêm um diálogo mais aberto; parecem mais participativos na vida da comunidade e de sua família extensa.

Comentaram o sentimento de pressão da comunidade para o retorno ao estudo e o desejo deles de maior escolarização. Não conseguem explicar muito bem por que motivo querem retornar aos estudos, mas sempre fazem referências às oportunidades de trabalho e a melhores condições de vida.

No início do ano de 2008, conhecemos alguns jovens da aldeia Boa Vista que estudavam na Escola Dr. Esteves da Silva. Eram Angelina (16 anos), seu irmão Iléo (13 anos) e os irmãos Reginaldo (15 anos) e Denílson (17 anos). Todos frequentavam a 5ª série (ou 6º ano do Fundamental II). Logo nos primeiros encontros, observamos que interagem com outros grupos da escola e transitavam por todo o espaço do pátio.

Quando chegamos, Reginaldo escutava rádio com fones de ouvido próximo ao local da merenda e Angelina conversava com outros estudantes na mesa de refeição. Denilson interagia no mesmo local com outras garotas e Iléo corria pelo pátio, brincando de pega-pega. Angelina e Denilson foram os que se dispuseram a conversar sobre a escola e suas atividades. Iléo só queria brincar e Reginaldo mantinha-se com os fones no ouvido. Todos, porém, aceitaram participar da pesquisa. Em outros momentos, o mesmo movimento foi observado e os comportamentos mantidos: Denílson e

Angelina em grupos de conversa; Reginaldo mais isolado nos cantos ou encostado em paredes, escutando seu rádio; e Iléo sempre brincando com outros estudantes.

A inspetora de alunos colocou-se como facilitadora no momento de intervalo e iniciou um movimento de incentivá-los a interagir com os outros estudantes. Observamos que havia boa relação entre ela e os estudantes da aldeia. Ela sempre procurava conversar com todos, além de reforçar que, se quisessem, poderiam fazer a refeição. O grupo alimentava-se na escola todos os dias. Em maio do mesmo ano, foram transferidos para a Escola José Belarmino Sobrinho, do bairro do Puruba.

Iniciamos outro processo de autorização para entrada na nova escola, com nova exigência de autorização escrita dos pais. Após a realização de todos os trâmites, foi possível reiniciar os acompanhamentos.

Quando nos encontrávamos na aldeia com alguns desses jovens, Angelina contava que estava gostando da escola do Puruba e que tinha mais amigos. Os outros afirmavam não haver diferença. No momento em que voltamos a nos encontrar, o ano letivo já se encerrava. Dessa forma, aconteceram poucos encontros. Os professores elogiavam o empenho de Iléo, dizendo que ele interagiu e participava da rotina escolar. Denílson e Reginaldo não sabiam se no próximo ano retornariam aos estudos; não sabiam nem se tinham sido aprovados.

Em 2009, todos continuaram estudando no Puruba, embora Reginaldo tenha nos procurado para dizer que não gostava de estudar no bairro e que queria voltar para a Escola Dr. Esteves da Silva e estudar na cidade. Na

mesma semana em que nos procurou, o vimos no terminal rodoviário da cidade à espera do ônibus; relatou-nos que sempre fazia isso e que gostava de andar no centro. A mãe não sabia como lidar com a situação, pois o outro filho queria continuar estudando no bairro, e orientou o filho Reginaldo a nos procurar.

Portanto, este grupo, que teve interferência da escola em seu processo de interação com os outros estudantes da escola, apresentou-se mais participativo na rotina escolar, embora os jovens tenham mostrado suas individualidades no processo escolar.

Nota-se, portanto, que houve diferenças entre o grupo acompanhado em 2007 e o de 2008. Foram momentos e situações distintas os vivenciados durante cada ano de acompanhamento. Embora os jovens do primeiro grupo dissessem que era importante ir à cidade para estudar e que gostavam, também, da possibilidade de fazer novos amigos, pareceu-nos que tinham dificuldades: eram muito reservados e nem a refeição faziam na escola.

A idade pode ser relevante para a discussão do primeiro grupo, pois hoje, com 15 anos, Kuaray e Kerexu são mais comunicativos e participativos na aldeia; mas não deixamos de frisar que os diferentes e distintos processos da experiência e individualidades podem interferir na desenvoltura e segurança nas relações.

Outro fator relevante foi o apoio da inspetora escolar aos jovens transferidos para a escola do bairro do Puruba. Esse suporte, na escola Dr. Esteves, favoreceu a inserção dos estudantes na rotina escolar e auxiliou no convívio com os outros estudantes. A preocupação de mantê-los em sintonia

com a dinâmica escolar foi imprescindível para a boa relação que mantiveram tanto em sala de aula, quanto no pátio da escola.

Para os jovens, a mudança de escola não pareceu somente positiva. Reginaldo, por exemplo, ficou insatisfeito e desejava retornar para a escola anterior. Acreditávamos que uma escola com menor número de estudantes, num bairro próximo e com alunos que moravam por perto facilitaria a relação com a rotina escolar e com os colegas. Mas consideramos que essa observação não pode ser conclusiva, pois exigiria mais tempo de observação e continuidade dos acompanhamentos.

Observamos que, independentemente da localização, são importantes as iniciativas facilitadoras de interação, pois o local da escola se torna próximo e com relação identitária e a escola revela-se tanto como um espaço de confrontos interétnicos, quanto de criação de novas formas de convívio e reflexão no campo da alteridade. (cf. Lopes apud Ferreira¹⁰⁸)

5.3 Escolarização: expectativas, dificuldades e espaços de construção de relações

Os jovens Madalena e Airton estudavam no período noturno da escola Dr. Esteves. Kerexu trabalhava no artesanato e como professora e José na, coleta de palmito e como agente de saúde. Suas contribuições foram importantes para a discussão sobre a educação e sobre a construção de histórias de vida que se tecem entre a aldeia e a cidade. Neste contexto de jovens adultos, observamos experiências diferenciadas.

Na vida de Madalena, a escola é espaço central, pois além das expectativas e exigências dos estudos, a bolsa escola auxilia a compor sua renda de mãe de família. Esta atividade é cheia de obstáculos e contradições. Ela referiu-se diversas vezes às dificuldades que enfrenta para estudar na cidade de Ubatuba:

"(...) só que agora eu estou estudando aqui, no Esteves, eu gosto, só que às vezes eu tenho preguiça de vir pra cá, porque é muito longe da aldeia. Na volta da escola dá medo, tenho que ver aquele morro e subindo no escuro dá medo. Eu chego de lá da escola já dormindo."

O ambiente do ensino noturno na escola é muito diferente do período da tarde. Madalena sentava na primeira carteira e em frente ao professor. Esperava o horário do lanche para conversarmos. Logo que saía da sala, Madalena dirigia-se para a fila do lanche, como a maioria dos estudantes. O sinal tocava e o barulho também diminuía e só ficava o barulho de panelas batendo, vassouras caindo — era a hora da faxina.

Na escola, ela parecia bem mais à vontade que na aldeia; muito sorridente, tentava se expressar claramente e era muito atenciosa com a proposta de nossa pesquisa. Parecia não ter dificuldade em estar na escola ou de se relacionar. Mas, em alguns momentos, Madalena enfatizou as dificuldades de estudar na cidade e os obstáculos, como a grande frequência de chuvas. A exigência do estudo formal é considerada necessária para garantir melhores condições de vida, já que a proximidade com a comunidade não índia forçou nova língua, outros costumes e desafios de sobrevivência. Esta não é, porém, tarefa fácil. Ela explica:

"(...) Só que é muito difícil pra nós estudar, pra gente que mora na aldeia, é muito longe, às vezes eu falto muito também, por causa da chuva, mas eu quero estudar... Está muito difícil, por que eu moro muito longe (...) Eu tô tentando estudar, longe, à noite."

Kerexu reafirma as dificuldades e os obstáculos enfrentados pelos jovens para conseguir prosseguir seus estudos e transitar entre a aldeia e a cidade:

"(...) tem vários que concluíram a quinta série que tem que estudar fora, tem que sair da aldeia pra ir pra cidade ou vai no mais perto, e uns não vão porque é longe, não acostuma e não termina, fica difícil, dependendo dos cursos, tem que fazer a noite, então fica difícil, porque não é fácil enfrentar o sol dia a dia de vir de lá pra cá, minha irmã mesmo ia fazer o Primeiro ano esse ano, acabou não fazendo por causa disso, ela tava tendo dor de cabeça, por causa do sol, todo dia de manhã e voltava tarde, subia o morro com sol e acabou tendo problemas."

Para Airton, a escola apresenta-se como espaço de construção de relações sociais e identitárias relevante. Ele relata suas dificuldades, mas também o lado positivo que percebe nas relações e redes que estabelece com professores e colegas.

"Antes, a primeira dificuldade que eu achei, por exemplo, foi sair daqui às 17 horas pra voltar, chegar aqui de novo à meia noite e meia, só que nesse período que a gente ia, não sabia se ia chover ou se ia alguma coisa acontecer, porque às vezes tinha noite clara, noite escura e é difícil pra gente ir e voltar, se tivesse algum transporte até que seria melhor e assim incentivava um ao outro pra ir também, só que nesse trajeto pra ir e voltar é muito difícil, tem que descer morro, subir morro de novo, chegar aqui muito tarde também é difícil pra gente, por isso que eu saí. Às vezes, levava algumas coisas, guarda-chuva, mas aqui em Ubatuba muda o tempo rapidinho e é difícil você saber se vai chover ou se não vai chover. Não, mas era bom, professores eram bons também, respeitavam a gente na cultura diferente, era muito bom a escola. Em

grupo, era uma viagem ir para a escola. Tinha Edmilson, Danilo, Edson, Mário, tinha o Daniel, Adriana. Era bom porque na escola mesmo não encontrei nenhum defeito não. A amizade era quase a mesma, eram adultos também, respeitava, era bom. Estou querendo voltar a estudar, vou ver ainda. Acho que pra mim é importante. Só estudei no Esteves. Antes eu fiz até a quarta série aqui na aldeia."

Madalena explicitou-nos sua exigência para melhorar na relação com os não índios. Acredita que o diálogo seja o facilitador, mas que para eles ainda está muito difícil:

"Eu quero aprender mais (...) Só que é muito difícil pra nós (...) Porque a gente fala de outra forma (...) A gente aqui falando de português (...) A gente consegue ver a pessoa falando (...) Mas só que na hora de responder (...) Não sei como (...) É difícil falar (...) Para escrever não (...) Pra mim é fácil (...) Difícil é falar mesmo (...) Eu acho importante e eu quero falar bem o português."

Madalena considera ainda que o mais importante na escola seja aprender a língua. Isso se tornou tão valioso que ela pretende que seu filho frequente a escola e acredita que quanto antes aprender melhor. Pondera que será para ele aprender a se relacionar com os não índios:

"Eu aprendi o português com (...) nove anos (...) Foi na escola (...) Eu estudei (...) na aldeia (...) da primeira à quarta série (...) E na primeira e segunda estudei com índio (...) Com o meu irmão (...) que é professor (...) E da terceira à quarta já estudei com professora não índia (...) Ela que me ensinou a língua (...) Meu filho não está aprendendo ainda (...) mas eu quero (...) que ele aprenda a falar (...) Ele fala já o guarani (...) Meu filho ainda não está na escola (...) Acho que quando tiver quatro eu vou mandar (...) Ainda é muito pequeno pra vir pra cá (...) Eu acho importante estudar desde novinho (...) Pra mim a escola ajuda na linguagem (...) Pra aprender mais o português (...) Ajudou eu começar desde nova".

Kerexu avalia a escolha do aprendizado do português pela comunidade como algo além de uma segunda língua, um recurso para se alcançar outros objetivos, como uma melhora na relação com as pessoas da sociedade brasileira e para o aprendizado de funções no trabalho:

"(...) eles acham que o português, estudar o português, ajuda a interagir com os não indígenas, aprende a trabalhar e a ter o trabalho (...)"

Quando José foi estudar e aprender o português, seu objetivo era único; como citado por Kerexu, gostaria de arrumar emprego:

"O meu objetivo era trabalhar quando fui estudar, mas não nessa função. Pensei em fazer a medicina, só que (...) hoje é mais ou menos na área (...)"

Airton diz que, na escola, a fluência do português até facilita suas relações, assim como no caso dos mais jovens:

"Na escola é sozinho que fico, os jovenzinhos, eles falam a segunda língua, mas alguns não sabem falar, eles são muito tímidos, eles chegam, eles entendem só que não sabe nem falar, nem responder. Eu tenho muitos amigos. Tem alguns engraçados. A professora também fala que moro na aldeia. Tem um amigo que mora lá no corcovado, ele conhece os índios de lá, aquele lá enche o saco. Acho que é só brincadeira mesmo que os caras fazem. Na minha sala sou sozinho."

Outras curiosidades surgiram quando conversamos com Madalena sobre outras áreas, como ciências, matemática e história, e as proximidades e os distanciamentos com os conteúdos que são aprendidos na escola. Ressaltou seu sofrimento com a matemática, pois em guarani os números são em escalas menores e são ensinados de forma diferente. As observações de Bello¹⁰⁹ são coincidentes com as de Madalena:

Chamou-me muito a atenção na minha primeira pesquisa (Bello, 1995) a forma de contar que os índios Guarani-Kaiová declaravam conhecer: Petei (1), Mokôî (2), Mbohapy (3), Irundy (4), Tynerôî (5) e Teiová (6). Segundo Philipson (1966), o numeral tynerôî teria relação com irundy hae nirûy (quatro mais o isolado), embora não necessariamente tenha essa derivação. Tynerôî é o resultado de combinar ty (segunda parte de Irudy) mais nirui – isolado da multidão. Já teiová, na forma completa, seria petei-ová (um em frente), ou seja, o primeiro dedo da outra mão. Os numerais seguintes formam-se incluindo a expressão *rire* (depois), isto é, teiová rire petei (7), teiová rire mokôî (8) e assim sucessivamente. Contudo, se tiverem que contar 12 elementos, os Guarani-Kaiová expressam essa quantidade dizendo: teiová teiová javy (seis e seis de novo) e a partir daí teiová teiová rire petei (13), teiová teiová javy rire mokôî (14) e assim sucessivamente. Para continuar com a sucessão numérica devem-se considerar os grupos de seis que possam ser formados, agregando-se unidades que estiverem além desses grupos, isto é, os números compostos são expressos através de estruturas aditivas e multiplicativas.

Para Madalena, algumas disciplinas se aproximam mais de sua realidade e da forma que percebe o mundo, mas a matemática parece excessivamente abstrata:

"Das outras matérias história é mais fácil pra mim (...) Porque (...) Eu gosto da matéria também (...) Ciência também eu gosto (...) Estudo dos animais (...) Que eu conheço já da aldeia (...) É mais fácil (...) A matemática é difícil pra mim (...) É que na minha cultura num tem número assim (...) Tanto número (...) Pra mim fica difícil (...) É diferente (...) Mas estou conseguindo estudar (...) Escrevo em guarani também (...) Eu sei escrever tudo (...) Na escola gosto mais de português e não gosto mesmo de matemática, sou péssima em matemática, não sei por quê".

Airton trouxe a questão da terceira língua como algo particularmente difícil.

"A matéria mais difícil é inglês. Algumas pessoas já me ensinaram o inglês fora da escola. É complicado. É uma terceira língua. Gosto mais de ciências e português. Acho que eu gosto de aprender a falar certo, aprender novas palavras e na ciência eu gosto de estudar mais os animais, o corpo humano, é o que eu gosto mais."

José, atualmente agente de saúde, conta que passou por várias escolas, mas que não pode dar continuidade aos estudos. O currículo escolar lhe parece muito distante da realidade e dos anseios dos estudantes. Ele ressalta a importância do ensino profissionalizante:

"Eu estudei no Puruba, estudei no Deolindo. No Esteves, também. Quando a gente era mais novo pretendia estudar e a gente saia e gostava de estudar, tinha alguns colegas que fizemos amizade e isso era legal. Eu tinha dificuldade em algumas matérias, eu tinha dificuldade de matéria como química e outro igual matemática, mas não é matemática? Física. E português também, tem algumas matérias, que a gente não entendia direito, tem várias coisas que a gente, uma palavra só e muda muito. Alguns entendiam e algumas não, a maioria dos professores não entendiam que a gente tinha dificuldade, que a gente era índio, então, uns pegavam mais leve com a gente porque ensinava e alguns, algumas que estavam nem aí; se é índio é cego (...) às vezes, a gente fica até chateado, de vez em quando, a gente pensa até em desistir, algum já desistiu, eu também desisti. Eu gostava mais de ciências, geografia, eu gostava mais. Não teve nada haver com minha profissão. O meu objetivo era o estudo pra conseguir emprego porque a função, nem passou pela minha cabeça. Estudei até primeiro grau. Pretendo voltar só que é complicado. O difícil porque pra nós é longe, a gente como passou da idade, estuda a noite, só tem a noite e às vezes, que nem aqui, não paga a passagem, só que de outro lado, pra comer um lanche é difícil, a gente não tem dinheiro pra comprar. Eu não sei, se me sentia bem na escola porque eu nem percebia qual lugar era melhor. Eu fui, às vezes, sozinho, tem dia que a gente ia em turma, tem dia que ia sozinho."

Sobre sua relação com o ambiente escolar, Madalena diz que sempre gostou, foi bem acolhida, fez amizades e interagiu com os grupos que estudava, tanto na sala de aula, como nos intervalos de lanche:

"Os alunos são legais (...) Tenho amigos, conversam comigo, perguntam da família, como é a vida dos índios e eu faço pra eles também, eu pergunto, a gente troca ideia (...) Pergunto curiosidade (...) Faço muitas perguntas pros meus amigos de sala de aula (...) Eles falam pra mim: como é que é a vida de um Guarani que tinha lá? Eu falo (...) Converso bastante sim."

As idas e vindas de Airton levaram-no a vivências diferenciadas e a conviver com turmas diferentes. Isso possibilitou a ampliação de suas relações e algumas outras contradições. O momento em que pode ensinar aos *juruá* (como ele mesmo diz) possibilitou-lhe um novo espaço e lhe trouxe segurança, minimizando conflitos dos encontros e reencontros interculturais.

"Como já tinha estudado antes na cidade, no meio dos *juruá*, acho que é o mesmo de antes, tudo é igual não muda nada. Antigamente, quando não tinha parado ainda, eu tinha colegas, eu parei, agora fui e tinha pessoas novas, não eram os mesmos que estudavam. São pessoas legais também. As aulas são muito boas, desde o primeiro dia. Mas não são os mesmos professores. Algumas, como a professora de história, perguntam mais pra mim como é história, quando envolve os índios, negros, portugueses, daí ela faz algumas perguntas pra mim e tem algumas perguntas que ela faz, eu respondo por que nem ela conhece. Conto pra sala. Pergunta como, ela fala que tinha duzentos e cinquenta mil índios no Brasil, então ela perguntou pra mim se estava certo, eu falei que pelo meu conhecimento tinham mais. Acho que não conhece muito não a nossa etnia, conhece a gente que está na escola."

Apesar de considerar importante a relação com a cidade, Kerexu conta que sua experiência no ambiente escolar e os diferentes tratamentos que

recebeu dos jovens da cidade a fizeram sofrer com o preconceito vivido:

"(...) eu não gostei muito, porque não me adaptei, mas estudei mesmo assim, comportamento do não indígena é totalmente diferente, não consegui acompanhar, não que não conseguia, eu mesmo não gostava, alguma coisa é diferente (...) Tinha adolescentes muito agitados, eu achava esquisito, estranho (...) Eu acho que faltava um pouco de respeito, as crianças não tinham muito respeito um pelos os outros e isso incomodava um pouco, como na escola que eu estudei, estudava sozinho e às vezes alguns mexiam comigo, eu não gostava, acho que só porque são brancos, e índio é diferente; num é diferente, é tudo igual, e isso eu não gostava."

Após enfrentar obstáculos e desqualificações, Kerexu relata sua formação na cidade e seu percurso escolar:

"Estudar pra mim era importante, porque eu pensava, se eu estudar, terminar meus estudos, depois ajudava ela [mãe], pensava isso (...) A gente pensa uma coisa e num é, vai pra frente e ainda num é como a gente pensa, vão acontecendo coisas (...) Como eu! Estudava, antes de terminar, casei, engravidei, tive que parar, então, tem coisas que acontecem, no meio do caminho, enfim, eu tive oportunidade de fazer o curso e continuar até agora (...) Quando eu estudava fazendo sexta série, eu parei porque engravidei, mas surgiu a oportunidade de fazer o magistério para formação de professores, eu fiz, na época que quase não tinha ninguém com o estudo além da quinta série, era eu, o meu irmão e o Roberto que estava a tempo na educação."

Em nossos últimos encontros, Madalena pareceu desanimada com a situação da escola e com as dificuldades que enfrentava para estudar:

"Minha vida está muito difícil, que até parei de estudar (...) é por causa da estrada mesmo. Não tem carro, então, eu parei. Mas quero estudar de novo (...) Agora fico aqui em casa, fazendo de tudo um pouquinho."

No entanto, a formatura dos professores indígenas na Universidade de

São Paulo foi um estímulo para Madalena continuar seus estudos; apresentou-se como possibilidade de um futuro profissional. Durante a cerimônia de entrega do diploma, disse que havia se sentido mais animada, pois seus conhecidos da comunidade haviam conseguido se formar e tinham histórias parecidas com a sua — mostrando-lhe que, se fora possível para eles, por que não seria para ela? Sobre o evento e suas reais possibilidades, Madalena disse:

"Eu gostei da formatura (...) Deu mais vontade de estudar (...) Mas tem que ser nível superior (...) Posso depois que terminar o segundo grau (...) Posso fazer magistério (...) Terminei a 7ª (...) Agora só falta a 8ª (...) Decidi parar de estudar (...) Gostava de tudo (...) Vão abrir outras séries na aldeia (...) Não sei se vai dar pra eu estudar."

Apesar dos obstáculos, Madalena considera as relações constituídas na escola como parte de sua rede de suporte e importantes para sua organização e futuro, frente à suas expectativas de melhora das relações com o mundo dos "brancos":

"Eu quero continuar meus estudos (...) Saber mais coisa da vida dos brancos (...) Acho mais importante pra mim é estudar agora nesse momento."

Para Kerexu, estudar constitui um caminho para se conseguir um trabalho. Comenta sobre seus projetos:

"Quando é a única mulher, assim era difícil, que nem hoje, tem bastante pessoas que já estão estudando, levando pra frente seus estudos, o que é interessante, que aqui quase ninguém estudava porque era longe, ou porque saia de noite, a aula era noite, muitos assim desistiam e hoje algumas mulheres, estão continuando, terminando, é importante, que nem a minha irmã Marialva, está no primeiro ano, quase terminando, tem outros fazendo supletivo, alguns pararam, pela idade tem que fazer a noite, isso é importante, pra eles

mesmo (...) O estudo hoje acho que é pra conseguir trabalho e levar sua vida, tem vários professores, então não sei como que vai ser daqui algum tempo (...) Como conseguir trabalho aqui dentro da aldeia para todos (...)"

Ainda que considere a formação escolar como "ponte" para se conseguir um trabalho, Airton diz que não é prioridade na vida da comunidade e que seria melhor se as autoridades tivessem interesse em estender a seriação na escola da aldeia até o ensino fundamental completo. Para ele, a escolarização ajuda no aprendizado do português, não somente como recurso para se conseguir um trabalho, mas para favorecer sua organização e as reivindicações dos seus direitos. Mas, em outras atividades da comunidade como o artesanato, a caça, e outros, a segunda língua não é importante. Contudo:

"Acho que a educação está meio por baixo ainda, estudar um pouco pra se formar melhor, acho que hoje é só isso. Acho que se tivesse uma ajuda, vir alguma pessoa de fora, autoridade, acho que daí seria bom na cidade, agora se trouxesse pra aldeia também era bom. Como na aldeia Tenonde Porã, lá eles têm que se formar dentro da aldeia mesmo, tem escola dentro da aldeia, acho que vai até 8ª série. Tudo dentro da aldeia. O estudo é bom pra você aprender o português melhor, falar melhor e falar diante das autoridades, sobre os seus direito, lutar pelo seu direito, agora trabalho de artesanato, as coisas assim que a gente faz na aldeia continua mesmo, não muda nada."

Airton também relata o trânsito pela cidade, pelas lanchonetes onde comem antes da aula. Nestes espaços, estabelecem relação com os moradores e comerciantes e facilitam o deslocamento entre cidade e aldeia. Diz ele:

"Eu venho por aqui, esse caminho. Às vezes venho

direto ou a gente faz um lanchinho primeiro, antes de entrar na escola. Ali no calçadão mesmo que lanchamos."

Kerexu discute a influência da educação sobre a cultura Guarani, as mudanças ocorridas, os conhecimentos apreendidos na cidade. Ela considera que o diálogo "entre" culturas é essencial para ela mesma:

"Eu to falando da geração de hoje, por exemplo, na minha infância comecei a estudar, então, isso não é mais a cultura, vive mais fora de casa, tem que ir pra escola, tem todo dia, acho que hoje em dia, a educação é diferente também, a educação dos pais, que a gente aprende a cultura (...) Como estudei fora da aldeia (...) eu aprendi outras coisas, nem é da cultura (...) De outra cultura, a cultura dos brancos, o estudo mesmo que faz parte, quem fez fora, como eu, aprende outras coisas, a educação é diferente, porque a família Guarani desde que vira mocinha, o rapazinho já tem família, eu vejo diferente."

Atualmente, os jovens afirmam que as exigências para mais fluência no português derivam também da comunidade, que cobra dos que saem para estudar que tragam conhecimentos e intercâmbio para todos.

Airton se refere a sentimentos contraditórios e conflituosos diante da complexidade do aprendizado e da necessidade de adquirir conhecimentos que possam ser úteis para trabalhar na aldeia:

"Eu acho que sou igual a todos sim. É, em algumas questões sim e outras não. Hoje pra mim é difícil, ter que estudar e também algumas coisas da cidade têm que levar, como alguns cursos que dão aqui, a gente tem que aprender, levar daqui pra lá, porque só estudar, só estudar, terminando, depois tem que ter alguma coisa a mais pra você fazer, mas fica faltando esse espaço porque cada vez mais as coisas vão aumentando, cada vez mais vai complicando, você tem que ir aprendendo cada vez mais, levando também qualquer coisa pra aldeia. Tem algumas coisas que também não pode levar pra aldeia, mas se algum

indiozinho se formar em alguma coisa, tipo secretariado ou informática, seria melhor trabalhar na aldeia junto com a gente."

A educação ocupa, portanto, um espaço relevante na construção identitária na vida dos jovens deste estudo, tanto para os que vivem e transitam pelo sistema educacional quanto para os que já passaram ou almejam seu retorno. Enfatizamos que o domínio a língua portuguesa perpassou todas as temáticas. A educação, principalmente o aprendizado da segunda língua, tem como objetivo principal a relação com os *jurua* (brancos), nas trocas comerciais e negociações políticas. É, assim, uma estratégia de resistência e de manutenção da cultura.

A educação torna-se fronteira porosa de grandes conflitos. A instituição escola amplia sua estrutura dentro da aldeia, mesmo sendo os professores Guarani, pois traz em si conceitos, métodos e racionalidades distintas. Outro movimento denso que observamos foi o da saída dos jovens para as instituições escolares de "fora", criando lugares privilegiados de diálogo e de interação com a sociedade brasileira. Mas isso ainda é insuficiente e repleto de contradições no diálogo intercultural para que se criem formas de coabitação menos desigual ou preconceituosa. Buscamos, através dos breves relatos, exemplificar tentativas de diminuir distanciamentos e desenvolver possibilidade de aproximações em relações multiculturais na educação. Os jovens parecem percorrer caminhos ainda muito solitários e com grande esforço e sofrimentos pessoais.

6 ITINERÁRIOS, REDES E PERSPECTIVAS DE VIDA NA HISTÓRIA DE JOVENS GUARANI

6.1 Madalena Xapyra: família e artesanato

Através da história da jovem Madalena, analisamos os itinerários realizados entre a aldeia e cidade, entre outras aldeias e outras cidades, e os laços que se formaram, principalmente, na sua função de acompanhante. Constatamos que o artesanato é o elo que possibilita a criação de laços com sua cultura e sua identidade. Sobre o futuro, não demonstra projetos concretos, mas tem como ideal a luta pela melhoria de vida das comunidades ameríndias.

Madalena é uma jovem que em 2008 tinha 18 anos, filha de uma das mulheres de grande liderança e que é, também, uma das mais antigas moradoras da aldeia. A jovem que nasceu e morou na aldeia Boa Vista a maior parte de sua vida, teve um filho — hoje com 4 anos — em seu casamento com um jovem da comunidade Boa Vista. Separou-se e vive um cotidiano de tarefas domésticas e afazeres compartilhados com a mãe e as irmãs; todas moram em casas próximas uma das outras. Na época em que iniciamos suas entrevistas falou de si e de sua família:

"Meu nome é Madalena, tenho 17 anos e minha família é tudo índio; tem meu pai, tem dois irmãos mais velhos que eu e três irmãs, eu sou a caçula. O que gosto de fazer em casa é ajudar minha mãe um pouco e, às vezes, de tarde saio pra cachoeira e na volta eu gosto de fazer algum esporte, jogar bola ou um pouquinho de vôlei."

Suas tarefas são constituídas de cuidados às crianças de sua família, seja seu filho ou suas duas sobrinhas, uma nascida em 2008, e sua irmã com deficiência, nascida em 2003. Sobre essas atividades, ainda falou sobre a função de acompanhante que exerce na família (com sua mãe ou irmãs), tanto nas idas ao médico, como em compras, nos bancos e nas viagens, entre outras situações.

Madalena acompanha e auxilia a irmã que tem uma filha com deficiência em vários momentos, como nos atendimentos médicos, tanto em São Paulo como em Ubatuba:

"Eu ajudava um pouco minha irmã quando precisava... ajudava quando ela ia pra São Paulo, eu fico com a Mariana e ela fica com a lara... Eu ficava lá na Casai."

A Casa da Saúde Indígena (Casai) é um local onde se encontram sociedades ameríndias, do Brasil todo, que vão ali para tratamentos especializados na capital paulista. Lá se desenvolvem diferentes relações e novas experiências, em momentos conflitantes, como as citadas pela jovem, do encontro de diferentes culturas e línguas:

"Eu conheço um pouco porque eu ia pra São Paulo na Casai e eu vi muitas etnias, vieram conversar comigo... Muita gente... eu fui acompanhar minha mãe que estava com sinusite. Eu fiquei lá... quase um mês... Tem vários povos lá na Casai... São os povos do Xingu... é Krucutu... a gente conversa um pouco... porque eles têm a língua igual a nossa... a fala deles... é igual a nossa... algumas palavras mudam... mas a gente entende... a gente conversa muito em português."

A jovem afirma que, quando é possível, cria estratégias para não ir à cidade. Mas relata neste trecho que o estudo e a necessidade de conseguir

um dinheiro extra para fazer compras na cidade são motivações para seu deslocamento. Embora frequente, trata-se de rotina considerada árdua por muitos deles que precisam viver no vaivém "entre" a cidade e aldeia:

"Eu venho pra escola e venho direto pra cá... Não gosto de vir para a cidade... Em final de semana, às vezes, venho... Para comprar alguns alimentos... Às vezes, eu faço artesanato, brinco, colar, e o turista vai à aldeia... Compra... E no final de semana eu venho pra cidade. Eu não vendo artesanato na cidade... Mas outra pessoa vende pra mim... E outras pessoas também vêm pra cá... Eles vêm e depois voltam pra aldeia."

Os itinerários de Madalena são desenhados, também, pelo estudo, pela vida em família e a preocupação em manter-se próxima dos seus, o que a torna interessada em seus modos de vida e preocupada com as questões que afetam o conjunto da sociedade Guarani:

"Agora eu gosto mais de estudar e na minha casa eu gosto mais de ajudar minha mãe, e o que gosto menos, eu não sei, não sei explicar... Eu quero me formar, mais tarde, ajudar meu povo, é isso que eu penso."

Começamos nossos encontros e entrevistas na Escola Esteves, quando frequentava a 7ª série ou o 8º ano do supletivo. Passou por dificuldades enquanto estudava, as quais, segundo ela, teriam inviabilizado a continuação de seus estudos, devido à distância somada ao fato de ser a única mulher a estudar à noite.

Mesmo que ela não esteja estudando no momento, pretende retornar os estudos e fazer pedagogia. As atividades ligadas à esfera da religiosidade são mencionadas como algo importante na sua vida:

"Quando eu não venho na escola eu acordo cedinho também, faço algumas coisas como o artesanato e à

tarde eu vou na casa de reza e fico lá até onze horas, às vezes fico um mês sem frequentar quando vou na escola, quero dormir cedo, num entro na casa de reza, porque eu gosto de casa de reza, sim... Eu gosto de cantar.... dançar... não sei muito bem o que significam as músicas, só que eu gosto dessa música."

Durante a análise dos relatos, percebemos a força de coesão da religião. Para Cherobim⁶³, a religião pode ser um elemento aglutinador do grupo enquanto expressão étnica, no qual encontram solidariedade, como segurança, apoio, auto-identificação, sendo esta dimensão religiosa sinônimo da dimensão índia de vida dos Guarani.

No ano de 2007, Madalena morou na aldeia de Paraty (RJ). Logo que retornou para a aldeia Boa Vista, o marido mudou-se para aldeia de Itaoca, separando-se de Madalena. A relação com o ex-marido parece ainda não resolvida para ela, permanecendo fonte de sofrimento e desentendimentos, ainda que mantenha uma relação cordial e leve o filho para visitas, deixando-o passar períodos relativamente longos com o pai na aldeia onde ele reside:

"Estou separada do meu marido... ele foi pra outra aldeia... eu tenho liberdade agora."

Embora a jovem colaboradora faça muitas visitas em outras aldeias, insiste sobre o sentimento de passagem e não pertença a essas outras territorialidades:

"Fui na aldeia de Itaoca, lá em Mongaguá, litoral sul de São Paulo... Não gostei muito... Não consegui ajudar lá, não acostumei, então, eu voltei pra cá... É muito diferente por causa da água, porque falta muita água lá... É na floresta, mas... Não tem água do rio... Tem uma caixa, mas só que acaba. Um tanto da água para todos nós... De resto, é bom."

Sempre que retorna, reinicia seu trânsito entre Ubatuba e a aldeia Boa Vista com sua mãe e familiares, sobretudo para comprar material para os artesanatos:

"Eu cheguei era dia 3 da outra aldeia... Já fui com minha mãe na cidade... Ela foi pegar a aposentadoria dela, então, eu fui com ela... O material para o artesanato... minha mãe é que compra... Em Ubatuba mesmo."

Na aldeia, Madalena é sempre vista na presença de alguém de sua família, nos afazeres domésticos, nas consultas médicas locais, no fazer do artesanato e outras atividades. O artesanato é uma atividade que sempre está presente em seu discurso, seja como trabalho, seja como técnica, seja ainda por prazer estético; confere campo de valorização da indumentária como algo pertencente a sua vida e identidade Guarani.

Durante as entrevistas e o acompanhamento dos itinerários de Madalena, ficou evidente essa ligação estreita com a atividade de artesanato. Ela considera como próprio da cultura tanto o fazer, quanto o utilizar os objetos construídos — brincos, colares e chocalho. O artesanato é colocado em destaque, pois constitui uma das formas de renda:

Eu gosto de fazer artesanato... Eu faço brinco... colar... pulseira de miçanga... Eu faço também cesto... O grande eu não sei fazer não... Às vezes, eu falo pra minha mãe me ensinar, mas... Não tem tempo... E num dá... Tem muita gente que faz o cesto grande... Meu pai... Minha irmã Marina também... Eles sabem fazer... É com artesanato que ajudo na renda... Eu recebo bolsa família... E o Ação Jovem⁹, que é do governo

⁹ Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004 (Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências). In: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/>. O programa Ação Jovem, do governo estadual paulista, foi criado em junho de 2004 com o objetivo de transferir renda e auxiliar jovens carentes a concluir sua escolaridade básica. A prioridade é atender estudantes com renda familiar

também, porque eu estudo aqui... Ajuda muito.

O artesanato pode ser vendido na aldeia e na cidade, mas, como Madalena não costuma frequentar a feira, entrega seus produtos para outros da comunidade venderem. Prevalece a regra de que a renda é de quem confeccionou o artesanato e se estabelece assim uma relação de troca de serviços. Durante o período que estive em outra aldeia, ficou complicado para a jovem confeccionar os artesanatos; então, resolveu diminuir sua produção e optou por entregar para outras pessoas venderem: ainda tem um pouquinho, sim... Acho que vou deixar pra alguém vender na cidade.

A afinidade e o gosto da jovem pelo artesanato ficam ainda mais evidentes quando vai a alguma feira ou evento; são os artesanatos que chamam sua atenção e admiração:

Eu gostei dos artesanatos dos Tupi-Guarani e dos Guarani também na formatura... Tinha muito brinco, gostei... Eram de madeira... Não comprei. Só ficava olhando... Era madeira, não sei como eles faziam, parece que eles queimavam, faziam desenhos... Alguns de carinhas, alguns eram conjuntos.

Madalena reafirma o sentido do artesanato para sua vida, como forma de renda e parte de sua cultura, e a preferência pelos trabalhos com miçanga.

Procura sempre novidades em artesanatos de outros grupos e sociedades. Diz que se sente mais "índia" quando usa um brinco para ir à

inferior a dois salários mínimos, pertencentes à faixa etária de 15 a 24 anos, com estudos incompletos e que residam em locais de alta vulnerabilidade social e concentração de pobreza.

Dados da página:

<http://www.saopaulo.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=83489&c=6>.

cidade. Ainda hoje as peças artesanais representam um núcleo de persistência cultural e de identidade étnica (cf. Cherobim¹¹⁰). Ressaltamos, assim, o sentido do artesanato como estratégia de afirmação identitária na sua vida, além de ser experiência que compartilha com os seus desde a infância com sua forte carga simbólica e afetiva.

Ela fez uma reflexão sobre as mudanças ocorridas com as roupas e o modo de ser e considera importante continuar o uso de roupas semelhantes às dos antepassados mesmo fora da aldeia e que a identidade é expressa, igualmente, na forma de se vestir:

Gostei também dos Paresi e dos Cuicuro... Parece que eles são mais índios mesmo, ficam todos nus, os colares no pescoço, gostei deles assim... Pra mim ser mais índio é não usar mesmo roupa. Ter enfeite também, pintura. Eu gosto muito de ver assim o índio pintado, eu também gosto, mas não uso, só de vez enquanto, só na aldeia, e eles não, eles saem assim na cidade, com pintura e tudo, eu acho lindo... Acho que hoje estamos um pouco perdendo de como ser índio devido à roupa também (...) Eu acho que é assim, eu penso assim... Como índia, eu penso que mesmo saindo para cidade eu queria usar um brinco de pena, um colar, mesmo usando roupa, eu penso assim, eu quero sempre usar colar, um brinco.

Encontramos Madalena junto a outras mulheres da aldeia que estavam vendendo artesanato em uma festa na cidade de Bertioga. Sua mãe assistia as apresentações de diversos grupos étnicos no telão. Fomos Madalena e eu andar pela feira de artesanato. Ela mostrou-nos os artesanatos dos grupos que conhecia, como os Tupi-Guarani, da aldeia Renascer de Ubatuba, e os Paresi, de que mais gostou, pois faziam todos os adereços em miçangas muito coloridos; comprou um brinco de penas deles.

Madalena disse que gostaria de fazer pintura corporal. No outro dia nos encontramos e procuramos etnias para fazer a pintura; ela quis fazer a pintura corporal com os Paresi. Escolhemos os desenhos, que ficavam expostos para ilustração; quis o braço e escolheu o desenho que parecia com os trançados de cestaria do seu povo. Os Paresi que fizeram nossa pintura conversaram muito com Madalena; queriam conhecer a aldeia Boa Vista, pois Madalena timidamente contou que fica próximo à praia e eles moram no interior do Mato-Grosso: perguntaram se tínhamos fotos de lá, queriam conhecer melhor o lugar.

Na "festa do índio" em Bertioga, participamos juntas de alguns momentos. Madalena teve muito interesse em apreciar os artesanatos de diferentes origens. Sobre este evento, comentou:

Acho importante comemorar o dia do índio... Eu achei bonito a festa, legal, conheci muitos tribos diferentes, você também, conversei com eles... Interessante, tinha muitos artesanatos, muito lindos, diferentes, gostei... Eu gostei muito também das danças, das danças dos Cuicuro... eles dançaram e depois brincaram, gostei e lembro das brincadeiras... que eu estava dançando e eles brincaram.

Foram muitos moradores da aldeia nesta viagem à Bertioga. Madalena conta que, antes de ir para a festa na cidade, foram visitar ou conhecer a aldeia onde ficariam hospedados:

Ficamos na aldeia de Bertioga (...) Rio Silveira (...) Acordávamos, e depois a gente ia para escola, pra conhecer a aldeia, depois, quatro horas, a gente ia para Bertioga, o ônibus vinha (...) o lanche era na aldeia mesmo.

Os afazeres da casa e a vida ao entorno de seus familiares não só

fazem parte do modo de vida, como alicerçam as relações sociais Guarani. A relação de troca e ajuda mútua é por ela referida como forma de retribuição por morar na casa dos pais. Ela aguarda sua casa que faz parte do programa CDHU-indígena:

Eu gosto de ajudar minha mãe, porque eu moro, durmo na casa dela, então eu ajudo... Moro eu, meu pai, minha mãe e uma criança que é adotiva e meu filho também... Ajudo minha mãe a fazer comida, às vezes, ajudo a lavar a roupa também... Lá em cima eu morava lá pro meio... Eu tinha um quarto na casa dos meus pais... ficava eu e o meu filho... A gente morou sozinho lá pra cima quando meu marido estava aqui.

Quadro 1 - Descrição da composição familiar de Madalena, segundo gênero e situação de parentesco

Iniciais do nome	Grupo social	Gênero	Data de nascimento	Parentesco
AS	Guarani	M	11/03/1946	Esposo
SRS	Guarani	F	05/05/1952	Esposa
ESS	Guarani	M	15/04/1992	Filho adotivo
TTF	Guarani	F	19/11/2001	Neta
DSSB	Guarani	M	21/07/2004	Neto
Madalena S S	Guarani	F	30/05/1990	Filha

FONTE: Dados de registros da Funasa - notas de pesquisa de campo

As atividades de Madalena, além dos afazeres domésticos, cuidados da casa e alimentação, são complementadas pelo lazer (como os banhos de cachoeira) e pelo trabalho (como o feitiço do artesanato), desenhando seu perfil e suas redes de relações, fortalecidas principalmente na família:

(...) Como gosto de esportes, às vezes eu jogo com as meninas; conheço bem a Marli, e a gente fica jogando vôlei sozinhas mesmo... é mais de final de semana... mas ao banho de cachoeira eu vou com várias pessoas.

Sua rede de suporte é formada pela família extensa, que tem poder na aldeia Boa Vista. Filha de líder, convive com as relações estabelecidas nas relações de poder que existem na nova hierarquia Guarani, que, além da autoridade religiosa, tem o cacique como a figura de poder e liderança máxima respeitada por toda comunidade. Para Schaden⁴⁵, além da autoridade do *ñanderú* (*pajé/xeramoil/karaí/yvyra'ija*), foi instituído um poder civil e designado ao cacique (capitão), escolhido principalmente pelas qualidades físicas, coragem, generosidade, talento de comando e de orador, e como controle está a própria comunidade, que o mantém no cargo enquanto não os aborreça.

Também relata sobre a hereditariedade do cargo, que geralmente os considerados legítimos são os pertencentes à família de algum chefe falecido. Madalena pertence à primeira família que chegou à aldeia Boa Vista e isso é fonte do respeito.

Madalena refere-se, muitas vezes, às atividades da vida doméstica e aos cuidados com o outro. A alimentação aparece em seu relato como uma das principais atividades. Ela enfatiza, por exemplo, o *typá* experimentado nas manhãs da aldeia Boa Vista, e explica como se faz o bolinho que comem todas as manhãs:

(...) De manhã aquele bolo de trigo, que é nossa comida, o *typá*... Eu gosto de fazer isso... A receita é um quilo de trigo, um pouco de sal, um pouquinho de óleo também e água. A gente molha, faz a massa, frita no óleo e pronto... Comemos com café... Têm o de farinha de fubá também, mas eu não sei fazer... Acho que tem o mesmo nome... Minha mãe que sabe fazer.

Conversamos sobre as diferenças de atividades do homem e da

mulher Guarani e a divisão social do trabalho e papéis sociais. Ela ressaltou a importância do resguardo durante o período menstrual, considerado como conhecimento. Afirma que o homem não deve se alimentar com refeições preparadas por mulher que está menstruada. Neste caso, ela estaria imprópria:

De diferente para as mulheres eu acho... da menstruação da mulher indígena, porque quando a mulher indígena fica menstruada não faz nada, acho que uma semana; disse que não pode fazer, que nem a comida pros homens; toda vez que eu fico menstruada conto pra minha mãe, e minha mãe que faz a comida, porque não podem comer minha comida; a mulher pode, eu acho isso diferente (...) você conhece a merendeira, então disse pra ela que, quando menstruar, contar pra não poder cozinhar mais, e ela conta... Pode fazer outras coisas como lavar roupa, lavar louça... E a mulher quando fica menstruada, não pode comer assim, comida salgada, doce... tem uma comida especial, sim... Um arroz sem sal, sem açúcar, arroz cozido com água pura.

O ritual da menarca é importante expressão da concepção dos ciclos de vida e de como sua sociedade compreende essa transformação da mulher, que, com a mudança no corpo, inicia intensivamente o aprendizado de atividades femininas e sua preparação para o casamento.

O ritual de nomeação é muito significativo para toda comunidade. O nome traz toda uma simbologia implícita e um forte sentimento de pertencimento para o grupo. Tivemos a oportunidade de participar de um desses momentos. Madalena explicou o significado de seu nome em Guarani: "Meu nome é Xapyra... Significa sereno da madrugada."

Segundo Alcântara⁶⁶, hoje se constata a ressemantização dos lugares de passagem. Mas, ainda encontramos na aldeia Boa Vista relatos breves

sobre o ritual de passagem dos homens da fase de criança para a adulta, da realização do furo infralabial, a perfuração dos lábios — *tembete*⁶⁶ —, que não acontece com todos, como no caso das mulheres, mas com os homens que não obedecem e não seguem as orientações/ensinamentos dos mais velhos:

É diferente, quando eles ficam mocinhos, eles furam os lábios, mas não são todos, alguns só, pra não falar muito; furam aquele garoto que fala palavrão, essas coisas todas, o mais velho fura... quem não fala muito, não faz nada.

Os rituais de passagem não estão presentes da mesma forma na vida de todos. Tornou-se opção de cada família como realizar os seus ritos. O que aparentemente é marcante nesta fase de transição é a preocupação em ensinar e o aprendizado das atividades econômicas, como a produção e a venda do artesanato, a coleta e a venda do palmito. Para Alcântara⁶⁶, outros rituais de passagem, estão surgindo em outras comunidades, como em Dourados, como a busca de trabalho e a falsificação de documentos para facilitação da inserção no mercado de trabalho antes dos 18 anos, pois todos buscam sua organização financeira para o casamento e para constituir família, isto é, voltam-se prioritariamente para as atividades ligadas à estruturação social e econômica necessárias para o casamento.

As questões ligadas ao gênero, à maternidade e ao casamento foram, direta ou indiretamente, temáticas de vários momentos em nossas conversas. Atualmente, o número de mulheres que criam sozinhas seus filhos vem crescendo. Segundo Alcântara⁶⁶, a situação de jovens sem companheiros as coloca em uma condição de liminaridade que pode

ameaçar a ordem social. Os homens têm circulado muito mais por outras aldeias, deixando suas esposas e filhos e construindo famílias em mais de um local. Desta forma, a criação, a educação e os cuidados cotidianos dos filhos têm se tornado papel preponderantemente feminino.

Para Madalena, a justificativa dos homens está na falta de trabalho e na busca de melhores condições em outros locais, mas as mulheres mantêm suas redes de interdependência com suas famílias, não arriscando a vida dos filhos em andanças. Alcântara⁶⁶ ainda observa que, com isso, ocorre o desarranjo social em relação ao papel masculino devido a longos períodos longe da família, obrigando as mulheres a se ocuparem de espaços sociais e de trabalho antes destinados apenas aos homens, fato que termina por lhes conferir maior prestígio.

Madalena demonstra, no entanto, sua insatisfação frente a questões que sua aldeia ainda não conseguiu resolver:

É, espero muito que as coisas melhorem... Às vezes, penso que queria mudar de aldeia também, que tem alguma aldeia que tem melhores [condições] que aqui, tem carro, tudo, mas inquietação do pensamento... Não quero deixar minha família... A aldeia de Itaoca... Lá tem um carro... Que vai pra escola buscar os alunos... A cidade é muito longe... Mas o carro vai até lá a aldeia.

Presenciamos as atividades de Madalena quando se preparava para acompanhar seu pai a uma reunião de lideranças em Porto Alegre para discutir a questão da terra e demarcações de territórios indígenas. Disse que sempre acompanhou seu pai e tem interesse em ajudar seu povo.

A questão que se inscreve como importante na perspectiva de futuro

para Madalena é a de melhorar a expressão na língua portuguesa; vincula-se à participação em reuniões (para entender a cultura dos *juruá*), para preservar sua cultura e lutar por melhores condições de vida:

(...) Eu quero ajudar meu povo... Eu quero defender o direito do valor da terra... Aqui a terra já é nossa, mas eu quero isso... Defender não só do meu povo Guarani, mas todo o povo do Brasil... Eu penso assim.

Sua expectativa para o futuro da aldeia é de melhoria de acesso e de melhores condições de transporte. Como foi percebido, esse trânsito entre cidade e aldeia é considerado necessário e essencial, sendo, hoje, parte da vida dos Guarani de Ubatuba. Isto é, tanto integra sua vida econômica, como faz parte das estratégias ligadas à educação formal, à busca de alimentos e à saúde, entre outros aspectos. Eles estão, nesse "entre" mundos e, em ambos os mundos, e exige-se, também, maior espaço na cidade.

Madalena valoriza seus costumes e ritos, e através de experiências particulares (como em seu rito de passagem após sua menarca, sua identidade e imagem Guarani) parece ganhar maior amplitude e profundidade. Comentou que pretende estudar para *defender seu povo* e lutar por mais terras e reporta-se a seu pai como um exemplo e grande conhecedor de sua cultura.

6.2 Kerexu: mãe-professora

Casada com Mário Karaí, Kerexu tinha 23 anos e três filhos quando aceitou colaborar neste estudo em 2008. Ela é professora da Escola

Índigena Tembiguaí, sendo a única mulher da aldeia Boa Vista com segundo grau completo e com formação para trabalhar como professora indígena. Kerexu realizou sua formação em curso da Universidade de São Paulo. Seu irmão mais velho é professor como ela, sugerindo que existe uma influência da família em sua trajetória na educação formal.

A análise da história de Kerexu possibilita desvelar seus itinerários voltados tanto para o trabalho em sua formação de professora e na venda de artesanato, como para o cuidado com a família. Ainda que possua suporte familiar, em alguns momentos surgem conflitos entre o trabalho como professora e a vida doméstica. Outra rede bem definida na vida de Kerexu é a escola.

Kerexu tem uma ligação muito forte com sua família; moram na parte alta da aldeia, afastados da maioria das outras famílias. Ela, como Madalena, é filha de uma das primeiras fundadoras da aldeia Boa Vista. Sua rotina diária na comunidade divide-se entre os cuidados da família, da casa, o artesanato e o ensino. Entretanto, ela dedica-se ao estudo e viaja para São Paulo com tal finalidade de aprimoramento profissional:

"Meu dia a dia é, durante a semana, assim, levantar de manhã, ir pra escola, ficar com as crianças, ir pra casa, fazer os afazeres da casa, o trabalho da escola; tem o trabalho que eu que faço também pra levar lá pra São Paulo; em pouco em pouquinho, vou fazendo."

Seu trabalho como educadora está dirigido para crianças com até cinco anos de idade. Ela demonstrou grande preocupação com sua formação e com a maneira de transmitir conhecimento aos seus alunos.

O trabalho como professora gerou transformações em sua vida, pois

afirma sentir falta de mais tempo para a vida doméstica, o artesanato e o trabalho da lavoura, atividades antes realizadas com seus pais. O "tempo moderno", diz ela, "entrou na vida e no modo de ser Guarani". Essa dupla pertença e a necessidade de lidar com diferentes temporalidades parecem gerar novas possibilidades, mas, ao mesmo tempo, angústia; são expressões e manifestações desses complexos itinerários "entre" culturas. Ela ressalta o papel dos mais velhos e da importância de valorizar os que detêm o conhecimento da cultura como enfatiza no relato:

"(...) então, se eu não tivesse, mais o trabalho da educação, ficaria lá, levantava de manhã, fazia as minhas coisas, do dia a dia mesmo, trabalhar em casa; então, tem que sair com as filhas; eu não tenho muito tempo pra fazer minhas coisinhas, que eu gosto, fazer artesanato, de plantar mesmo; eu gosto de lavoura, essas coisas; então, fica meio difícil, porque a gente sempre fica pensando no trabalho, de como a gente tem que fazer pra melhorar, como pensar no futuro da família, dos filhos, enfim, dos mais velhos. Eu penso como que eu tenho que fazer pra que os mais velhos sempre tenham vontade de continuar, de ensinar os mais jovens, porque alguns, não por interesse deles de esquecer, mas por que os jovens não se interessam mais. Então, sempre busco me integrar mais com os mais velhos, porque é conversando, pedindo, dando atenção pra eles; porque os mais velhos vão ficando sempre mais velhos, que nem minha mãe sempre fala. As crianças querem que a gente dê atenção, os mais velhos também; a partir dos que vão tendo mais idade, vão ficando que nem crianças, precisando de atenção. Então, eu tenho esse hábito de tentar fazer com que a pessoa se sinta bem, principalmente os mais velhos, na sua postura, simplesmente você vai fazer com que se sinta bem."

A definição de horários de trabalho que coincidem com as práticas religiosas constitui uma tensão a ser gerenciada neste espaço de intersecção — que se revela nas atividades da escola — de lógicas

diferenciadas originadas em mundos distintos. A chegada da luz elétrica à aldeia é outra fonte de indagação sobre o futuro e sobre possíveis mudanças e/ou busca de agenciamento de formas de coabitação de práticas sociais diferenciadas. A jovem se diz inquieta, pois teme a mudança de muitos hábitos; sobretudo, receia que haja interferência negativa nas expressões da religiosidade.

"Aos poucos, a gente estuda e a gente tem que pensar sempre no estudo e no trabalho, enfim, a cultura em si, fica um pouco afastada, eu indo lá fazer esse curso, invés de à noite eu ir na casa de reza, não to lá, to fazendo outro trabalho, interfere um pouco... Mudanças, um monte de coisas mudando, coisas novas também, mas, os jovens tendo as coisas do branco, esquecem da cultura deles, num vai mais na casa de reza, tudo isso vai esquecendo, num é que esquece, mas vai ouvir música, as pessoas saem pra ir na festa, tudo interfere, que nem o caso aqui, daqui pra frente, se vier a luz, vai ficar em casa assistindo televisão, novela."

A presença da escola tem, por um lado, reflexos significativos, segundo Kerexu, na rotina da comunidade e, particularmente, em sua vida:

"Eu sou mais caseira, fico mais em casa com meu filho, eu gosto de cuidar da casa, do terreno, e como eu trabalho na educação, na área de educação, agora eu to em férias, então eu curto mais a minha família, fico mais em casa, porque assim quando eu estou trabalhando, num dá muito tempo de fazer as coisas, igual artesanato, eu gosto de fazer artesanato mais quando voltar às aulas já num tenho tempo, me dedico mais às atividades que tenho que fazer, então, tem vez, que o meu dia, é um pouquinho diferente, do que é o dia-a-dia da cultura... Por exemplo, as crianças vão na escola todo dia, bem cedo, vão para escola, e hoje faz parte do meu dia a dia."

Por outro lado, ela diz se identificar com sua profissão, além de ter prazer em ensinar às crianças, principalmente a escrita:

"Desde que entrei na escola, pensava em ser professora... Na escola toda a atenção é para as crianças... Eu aprendendo, eles aprendendo também, é assim... Eu tento passar o melhor, o melhor que... Tenho de mim... De mim pra eles, porque como é uma educação diferenciada, desde criança, porque agora também os próprios pais, não é como antigamente, a educação é diferente... Então, os pais também querem que a educação seja diferenciada dos outros, aprenderam que hoje já tem escrita, eles querem que aprendam a escrita Guarani primeiro, depois para saber o que não é indígena."

Acredita Kerexu que, além do conteúdo escolar propriamente, as crianças beneficiam-se da forma ali proposta de convivência em grupo, pois

"(...) esse tempo que eles estão na escola, eles vão assim se conhecendo uns aos outros, que, às vezes, a família é um pouquinho distante, as crianças não conseguem, quer dizer, a própria família que se distancia uma da outra, e as crianças que sentem... Aqui ficam juntas (...) Eu acho interessante, não é todos que ficam assim sempre junto, tem alguns que não saem de casa, ficam mais em casa com a família, não sai pra brincar com outros amiguinhos, então eu acho que talvez esse dia seja especial pra alguns que ficam mais com a família, agora quem mora mais nessa parte aqui sempre fica mais junto, lá de cima é mais difícil de vir pra cá, os pais não deixam, principalmente, quer dizer, tem na minha família também, tem a minha irmã que ainda é aluna do Adílio, então ela sempre fica em casa, agora de sexta feira que tem atividades, ela vem pra cá."

Kerexu valoriza a importância da participação de outros moradores para o ensinamento da cultura, lendas, mitos e outros:

"(...) É também tem dia dos mais velhos contarem os causos, a história."

Como educadora, tem refletido sobre a postura dos pais em relação ao trabalho realizado e a dificuldade de justificar que outras disciplinas são tão importantes quanto o aprendizado do português, pois os pais consideram

esse aprendizado o facilitador nas relações entre culturas.

"Tem alguns pais que até hoje não aceitam as crianças ficarem aqui, porque acham que elas só brincam, eles acham que é só brincar e não aceita... Não entendem... Tem reunião, a gente explica, mas mesmo assim, tem alguns pais que não aceitam... Eles falam que tem crianças que ficam brincando, que ficam muito junto, que as crianças vão querer sempre isso, vão acostumar só brincar, então, os pais acham que pode acontecer isso... Eles querem que eles aprendam o português."

Borges¹¹¹ apoia-se nas considerações de Aracy Lopes¹¹² sobre a educação indígena para discutir a educação como forma de controle social interno. Ele ressalta que cada pessoa internaliza modos de vida de sua sociedade, garantindo a sobrevivência e continuidade enquanto identidade coletiva e formação histórica. Toda experiência de escolarização no País, desde os jesuítas até as propostas da Funai, e mesmo as experiências com ONGs, tem se realizado em movimentos "de fora para dentro" coordenados por agentes externos às comunidades.

Kerexu faz uma reflexão de seu estatuto de mãe-professora, pois deverá receber seus três filhos em sua sala de aula e isto a aflige:

"Sempre levei meus filhos pra escola, Fernando já está na idade de escola, a Marisol que ainda ta nova, vai e me acompanha mesmo e o Eduardo também fica lá... É a preocupação de agora ficar com mais dois... Quando tinha só ela e o Fernando era um pouquinho... Cuidava dela e do Fernando; Marisol era bebê de colo, e o Fernando já entendia o que a gente falava, então ficava melhor... Ficavam na sala de aula... O Fernando é meu aluno... Tenho oito, dez alunos... Eu me preocupo porque as crianças... Também pela idade merecem atenção, então, eu levando o meu filho fica mais complicado, tem que dar outra atenção e para os alunos é outro, outro tipo de atenção... Então, isso me preocupa um pouco."

Como já referido, fica muito presente a dificuldade identificada por ela em conciliar o cuidado dos filhos com o trabalho e estudo. Ela incomoda-se, ainda, em deixar os filhos com outros.

"Não é muito fácil, não, ter o trabalho e ter que se dedicar aos filhos... Porque, às vezes, a gente sente de ficar longe do filho, igual quando fiz o curso eu não queria deixar o Fernando, mas não podia levar também. Então, tinha que levar só a Marisol, ficava bem sem mim, mas a gente não sabe se ficando está ficando bem, fica preocupado; eu ficava preocupada."

Entretanto, afirma que o curso de formação de professores da Universidade de São Paulo, o Magistério Indígena, foi de grande valia:

"Eu gosto de ser professora. O curso ajudou muito, porque ali era um curso diferenciado, a gente estudava como poderia atuar na aldeia, como dar aula em uma cultura diferente, como podia trabalhar sem interferir o português, com a cultura. Então, eu acho que foi muito importante."

Quando Kerexu se refere a sua própria experiência como estudante, afirma que não teve boas lembranças das escolas da cidade: sentia-se muito discriminada e desrespeitada pelos colegas. Ela questiona a forma como as escolas ensinam a cultura dos ameríndios:

"Até pouco tempo existia isso, de uma cultura não ter que misturar com a outra; então, eu ainda ouvi essas histórias dos mais velhos, da cultura, de como eles faziam para se proteger para não se misturar, e os brancos falando, parece, assim, diferente da realidade. Então, hoje em dia, devia haver mesmo, de quem quer entender, tem que pesquisar, fazer uma pesquisa, para que eles possam entender. Como eu via escrito, *essa terra tinha dono*, como tinha dono? Se a gente ainda existe, como na televisão, pode ser escrito assim, *essa terra tem donos, mas foram tomadas pelos invasores*, devia ter, mas por isso que eles falam tudo ao contrário, assim como se tivesse existido e não existisse mais, então, muitos brancos ainda não

conhecem a cultura, e quando falam indígenas não sabem o que é, então, acho interessante isso."

Sobre sua participação na pesquisa considera importante esclarecer a realidade da comunidade Guarani hoje:

"É bem interessante a pesquisa. Você vê, eu fui estudar fora, e tinha matérias falando de indígenas, e era também diferente; alguns falavam o contrário do que é na realidade, do que acontecia na comunidade indígena. Falo assim, tendo pessoas como você fazendo pesquisa, entrevista, vendo um pouquinho da realidade, dá para você tentar entender, falar o certo, não o que os outros falam ao contrário, que até existe uma tribo... Não tem muito haver o que contam."

Para Alcântara⁶⁶, presenciamos novos rearranjos sociais em relação aos papéis/lugares masculinos e femininos, alterando-se as relações sociais que envolvem prestígio. Kerexu entende que algumas atividades que considera da cultura Guarani, como o artesanato, foram modificadas com a presença da instituição escola. No cotidiano da comunidade, há mudanças: em vez de sair para caçar, coletar, plantar, fazer o artesanato ou a reza, as crianças e jovens vão frequentar a escola ou o espaço escolar. É enfática quando relata:

"Eu gostava mais era de ajudar minha mãe, ficar com meu irmão, fazer as coisas que ela fazia."

Kerexu circulou bastante por outras cidades em ocasiões de apresentações de dança ou ainda para estudar, vender artesanato; mas nunca permaneceu longo tempo em outro local, e afirma gostar muito da aldeia Boa Vista.

Ela diz que não se identifica com a itinerância de alguns Guarani.

Considera que o movimento entre aldeias não permite que laços familiares e vínculos se construam:

"É, eu nasci nessa aldeia e até hoje moro lá... Nasci, cresci e hoje já tenho a minha família, meu casamento, e eu acho que está bem no lugar, pra mim é perfeito. Eu vejo muitas famílias de aldeia em aldeia, mudando aqui, e outro ano vai pra outra aldeia; assim, não aproveita bem o que vive na aldeia, eu acho. Porque tem que saber viver, conhecer as famílias, os parentes, o que tem de importante e o que é de importante da cultura que tem na aldeia. Algumas famílias vivem com esse jeito, vai e volta... é mais andarilha... Eu já tentei, que nem visitar meu irmão em outra aldeia; só que não vou, às vezes eu vou pra ficar uma semana, dois dias, aí eu volto, pra ficar mais dias."

Borges¹¹¹ enfatiza que os deslocamentos Guarani — segundo pesquisas mais recentes, como a de Brand¹¹³ — não estariam especificadamente ligados a questões religiosas, já que um pequeno grupo Mbyá se dirigiu ao litoral: para eles, o movimento estaria ligado ao aumento demográfico e à necessidade de novos espaços para o manejo agroflorestal que adquiriam, permitindo incorporar novas áreas.

Kerexu considera sua família diferente das outras da comunidade; Mora distante da maioria, tecendo relações de proximidade somente na família extensa. Eles realizam as atividades, como artesanato e os afazeres domésticos, juntos.

"Meu nome é Kerexu, tenho 22 anos, eu moro na minha aldeia desde que nasci... Então, a minha família é um pouco diferente da nossa comunidade, é mais junto, entende? Eu estou falando da nossa família, da minha mãe, dos meus irmãos; a gente vive afastada um pouco das outras famílias, mas a nossa é mais junta... e nós, no dia a dia, a gente trabalha junto, faz coisa junto..."

O aprendizado do artesanato ocorreu com os mais próximos. Recorda com alegria os momentos de trabalho coletivo que fazia para ajudar a renda de sua mãe:

"Isso eu gostava de fazer mesmo, ajudar minha mãe... Ela fazia artesanato, dá o sustento pra casa, pra compra as coisas... Só o que fazia era ajudar ela nessa parte."

A feira de artesanato na cidade constitui, em sua opinião, um local que favorece a formação de laços sociais e rede de suporte. Assim, apesar de suas muitas atividades novas, o artesanato se mantém, e o deslocamento para a cidade torna-se ainda mais frequente e constante no verão. Ela e sua mãe comparecem assiduamente a feira para venda de seus artesanatos.

Na vida de Kerexu, além do trabalho como professora e a família, o artesanato é realizado desde muito nova e mantém até os dias atuais. Apropria-se identitariamente desta atividade, como algo do seu modo de ser Guarani:

"O artesanato é uma fonte de renda também, ajuda a família um pouquinho... É mais na temporada, na temporada que o pessoal vem, e a gente aproveita pra vender... Mas é cansativo, porque é muito longe, e a pé, o morro, subir a pé, mas é bom pela recompensa... Mais não é assim sempre que a gente vem também; às vezes o tempo também atrapalha, a chuva, e como aqui chove muito, não é sempre que a gente vem; que nem, na época do feriado: tem vezes que o tempo tá bom, tá ruim; esse ano não choveu muito na temporada, mas o ano passado a gente quase num veio pra cá."

Os deslocamentos por vários espaços, como a cidade, a feira de artesanato, as consultas médicas, a escola e a vida na comunidade Guarani, fazem parte de seus itinerários, suas redes de relações e da constituição de

suas identidades. Enfatiza como grande questão a vivência "entre" cidade/aldeia:

"É importante para mim pensar como eu tenho que levar a vida, as duas culturas, de uma, a outra, não interferir muito; então, sempre penso nisso também."

Sobre a constituição de sua família extensa relata:

"Aqui tem três famílias, meu irmão que é casado e tem duas filhas, agora vai ter mais um, e espero que seja menino porque ele quer muito que seja menino... Aqui só tem três famílias, tem eu e minha família e a minha mãe, que tem minhas três irmãs, até minha irmã casar... Minhas irmãs são a Marialva, Lindalva e Meirinalva, a Marialva ta no primeiro ano, a Lindalva ta no quinto e a Meirinalva ta no quarto, então as outras duas já estudam fora, a mais velha estuda de manhã e a do meio a tarde e chega à noite aqui... A Meirinalva está com o Adílio na quarta série, porque o Adílio que é o professor, então está com o irmão."

Quadro 2 - Descrição da composição familiar de Kerexu, segundo gênero e situação de parentesco

Iniciais do nome	Grupo social	Gênero	Data de nascimento	Parentesco
MBS	Guarani	M	17/08/1982	Esposo
M Kerexu P	Guarani	F	05/06/1985	Esposa
FPBS	Guarani	M	24/03/2003	Filho
MPBS	Guarani	F	05/06/2005	Filha
EPBS	Guarani	M	26/09/2008	Filho

FONTE: Dados de registros da Funasa - notas de pesquisa de campo

Há, porém conflitos nas relações com membros da sua família, além de se observar pouca proximidade entre sua mãe e a irmã.

A bisavó Catarina foi uma das fundadoras da comunidade de Boa Vista e se tornou por muito tempo pessoa de referência nas discussões da comunidade. Cherobim⁶³ relata que em Ubatuba, apesar de haver um

"chefe", as reuniões tinham Catarina como centro, evidenciando-se seu grande prestígio entre os Mbyá. Ela tem receio que este prestígio da família não se reafirme no futuro:

"Ainda não sei se vou ter mais filhos... Ainda mais que a minha família não está bem grande, porque minha mãe... não tem mais parentes, assim próximos, só Dona Santa por parte da mãe, só... São irmãs, mas só por parte de mãe, então, ela até que é meio sozinha."

Ela demonstra muito interesse nas histórias que os mais velhos contam sobre as experiências vividas e as lendas que os constroem como grupo:

"Quando eu vou nas outras aldeias é para visitar as pessoas mais velhas. Eu gosto de conversar sobre as coisas do passado, eu gosto de ouvir... História!"

Hoje exerce função de poder na sua família, graças ao prestígio, conquistado por sua postura, seu perfil integrador e pela escolarização, o trabalho como professora e atualmente diretora da escola. Isto é, novos rearranjos sociais são construídos para determinar a posição de poder, instituído principalmente devido à desenvoltura nas relações e diálogos interculturais e por preservar o modo de vida e valores da cultura Guarani.

A comemoração do aniversário é outro momento de encontros e festas. Kerexu relata com detalhes as transformações que acompanhou durante sua vida:

"Hoje a festa de aniversário tem bolo, refrigerante, doce, mas antes não tinha, antes era arroz feito com frango ou era peixe, agora que tem bolo, tem mais é doce... Tem o cachorro-quente, de salgado só isso... É agora estamos mudando... Às vezes, faz o bolo ou manda fazer... Que nem antigamente fazia festa comprava um bolo ou um porco... Hoje não, é mais bolo, doce, essas coisas... Acho que gosto dos dois; acho que se for um bolo como, num como muito doce e

carne também não como muito, vou mais para fazer parte da festa mesmo... Quando acontece é mais para ficar junto, todo mundo alegre, conversando."

Percebemos que a comemoração do aniversário já integra os costumes adquiridos na relação com a cidade, como ocorreu com a mudança dos alimentos. Embora exista uma preocupação da comunidade com a alteração dos costumes alimentares, principalmente da parte dos mais velhos, uma vez que o consumo de alimentos tem ligação com a religiosidade, essas práticas estão sendo transformadas.

Mesmo reconhecendo um intenso processo de mudança social, Kerexu considera que sua comunidade é, entre as aldeias que conhece, uma das mais resistentes e mantenedoras da cultura Guarani. Ela atribui grande valor ao uso da língua Guarani e acredita que, através da cadeia de transmissão das práticas sociais que vêm de geração para geração, é possível que os hábitos e as práticas históricas sejam apreendidos pelos mais jovens, reiterando a identidade coletiva:

"Na parte da cultura aqui, eu vejo que está ainda cem por cento, porque eu já fui em várias aldeias, vi uns mais velhos que falam a língua e tem outros que não falam, sabem falar mais não falam, falam português desde pequenininho, vão falando português, deixa de lado a língua e vai aprendendo português, aqui não, fala mais em Guarani, fazem as coisas que ainda faz parte da cultura, de artesanato, tem alguns que caçam ainda, as casas de reza, nessa parte a cultura ta bem... Conversando com as crianças que não conhecem como que se faz uma armadilha ou como que se faz uma cesta, uma trança sozinha, então aprende na escola... As danças começam desde cedo, fora da escola já começa; os pais vão na casa de reza, leva junto, acaba aprendendo."

Sobre sua religiosidade, Kerexu conta que, além de frequentar os ritos

da casa de reza, participa das rezas diárias durante alguns momentos do dia e busca os sentidos dos sonhos com o auxílio das pessoas mais experientes.

"Do dia a dia da minha cultura eu falo, é conversa com os mais velhos, às vezes, eu penso que está um pouco difícil, tem que conversar, a pessoa tem que entender, dar conselhos para você, tem que conversar e explicar parte por parte, então, eu vou falar um pouquinho, porque eu gosto de falar, falar até terminar, como eu, na hora de levantar, eu faço assim, acordo, tem as rezas de manhã, conversa sobre o que sonhou, então, o sonho sempre tem o seu significado só que a gente tem o costume de falar com os mais velhos também e nem sempre a gente tem a resposta, então, eu busco a melhor forma, viver bem o dia-a-dia, eu sou assim, de tarde, gosto de estar, sentir, então, hoje em dia o jovem, não está nem aí, porque antigamente chegava à tarde, meio dia mesmo, era hora de parar um pouquinho, de refletir, de enfim pedir pra Deus para que se sinta bem, que fique bem, à tarde a mesma coisa, chegou quatro horas não faz mais nada, fica ali refletindo, enfim, pra descansar, a noite caiu e que seja pra descansar bem, pedir pra família, então, eu ainda faço isso, essa hora fica um pouco difícil também porque tem o trabalho, tem que ir lá embaixo trabalhar, essas coisas que, então, as vezes atrapalha um pouco, e a tardinha eu vou na casa de reza e as vezes eu fico até bem tarde lá, volto durmo, porque tem que acordar cedo (...)"

Kerexu pondera sobre as mudanças que ocorreram na comunidade e acredita que a vida não será igual para seus filhos:

"Vai mudando, porque aqui também, desde criança, pequeninha, ia com meus pais na casa de reza, fazer atividades, plantio, colheita, hoje, a maioria não participa mais... Que nem eu mesma, já não faço mais roça, já não pratico mais o que os antigos faziam, então vai mais além do falar mesmo... Já mudou... Vai ser diferente com meu filho, porque também estão crescendo, com ambiente, com viver diferente. Que nem quando meu pai ainda era vivo, eu ia junto com ele, pegar semente, fazia roça, fazia as armadilhas,

então, hoje, num tem mais essa pessoa que possa ensinar meus filhos; que nem eu mesma, vi mas não aprendi a fazer, então, fica complicado... Meu marido também não faz, ele falou que desde pequeno convivia com o pai e já trabalhou na lavoura... Meu filho tem que aprender mais o lado que ele possa crescer e viver, se formar em alguma coisa pra ele poder trabalhar e levar a família, totalmente diferente."

E conclui, dizendo sobre o presente:

"Não tem como viver só com os costumes... Você vê hoje, tudo é questão de dinheiro, então, não dá para você viver apenas com o que você planta, poderia ser, mas acho que já acostumou, então, para maioria não faria sentido."

Mas ela revela, também, o desejo da mudança, que se manifesta agregado a outros projetos de melhoria das condições de vida dos jovens, os quais vincula ao estudo, ao trabalho fora da aldeia, além do casamento mais tardio:

"Ainda tem, assim, os que querem conhecer/ viver a vida sozinho, como que fala? (...) É, solteiro, mas que estuda, quer crescer na vida, já tem outro pensamento, quer trabalho fora da aldeia, num são todos, mas já é influência do não índio também, mas é bom, todo mundo vai, num é todo mundo, mas vai gente que vai, é importante."

Sobre sua profissão e seu futuro parece incerta; pensa também na possibilidade de mudança de seu espaço profissional:

"Faria outro curso, mas eu num posso continuar, até porque vai ter outras pessoas que vão ocupar meu lugar, então, tem que pensar numa outra, tenho que fazer o que vai ser bom pra mim, porque não vai ser só eu sozinha, aqui pra sempre, a professora, vai surgir mais oportunidade e vou pensar no que vou fazer (...) Todo ano renova nosso contrato de professor, como eu disse, daqui a pouco vai surgir mais professores, as pessoas vão formando e vão querer trabalhar e nem

sempre na educação, mas tô esperando só."

A perspectiva de Kerexu é positiva quando fala da educação:

"Essa situação, no futuro pelo menos, vai melhorando, vai ter de quinta a oitava série nas aldeias, então pelo menos, nem todos, mas os jovens vão poder se formar até fazer o terceiro grau... Somos nós mesmo porque não tem outros professores (...) Daqui pra frente pretendo trabalhar com as crianças, com os jovens, então, vou pensar ainda no que vou ter que fazer."

Kerexu demonstrou grande preocupação com o futuro de sua comunidade:

"(...) se for pensar no futuro, eu penso, me formar em uma outra área, dentro de uma área que eu possa ajudar a comunidade e fazer um trabalho que vejo que aqui ainda não tem, ser uma pessoa que esteja na frente, procurando mostrar, o que deveria ter na aldeia, como agora, chegando época de eleição, só na época de eleição vem vários prefeitos, candidatos, vem procurar para que o pessoal votem neles, mas fazer trabalho fica esquecido na comunidade, então, deveria ter uma pessoa dentro dessa área também, de trazer informação, fazer projetos, para que funcione, a gente aqui, dentro da aldeia, também num dá, alguma vantagem tem que trazer, num trazem nada de bom pra comunidade, então, eu pretendo me formar mais de uma vez, estou pensando nisso ainda, na área de Antropologia, mas estou pensando ainda."

Kerexu interessa-se pela discussão política e com a liderança das mulheres:

"Ajudar as lideranças mesmo... Que nem na minha comunidade: os Guarani sempre foram assim, as mulheres principalmente, sempre foram mais baixas que os homens, sempre os homens que iam na frente. É até hoje, são poucas aldeias que tem liderança feminina... Não sei, acho que é por não entenderem muito da questão política."

Cherobim⁶³ retrata em seu trabalho a participação das mulheres Mbyá na política, citando o prestígio de Catarina, bisavó de Kerexu, na comunidade de Boa Vista.

Ela pretende permanecer na aldeia Boa Vista, mas já sentiu vontade de morar no Sul, devido a seu gosto pela terra e pelas histórias contadas pelo marido sobre a existência de muitas plantações:

"Eu penso em ficar na Boa Vista, mas já pensei em mudar... Já pensei se eu for, vou pro Sul... Meu marido veio de lá, o Mário, penso no sul, porque lá tem plantação, não é que nem aqui, aqui são poucas e poucos alimentos que dão na terra... Ele quer, veio de lá, os pais do meu marido moram lá... Mas daí tudo vai depender de tempo, de como vai ficar daqui pra frente, se alguma coisa mudará ou não, nunca se sabe, daqui a pouco fala uma coisa que vai fazer, mas, às vezes tem que, num sei, aceitar a outra maneira que senão num vai dar certo."

Como alternativa, para companhia de sua filha, pensou até em adoção, pois:

"Daí penso nela, sempre tem algum, não aqui na aldeia, mas em outra, que dá o filho, aí eu podia adotar... Talvez não seja tão fácil, mas... É uma possibilidade."

A jovem professora pretende construir material didático para a comunidade. Relata que fizeram livros na aldeia Boa Vista, mas já faz muito tempo, e hoje sente falta de material para trabalhar:

"(...) até penso em fazer um livro, fazer uma cartilha, acho importante escrever... Material pedagógico aqui também num tem, a maioria que tem vem do estado do Paraná, lá eles fazem, as cartilhas, os livros... Na época era só o Roberto que trabalhava, ele com mais lideranças fizeram o livro, agora de historinha foi o Roberto fez a história e o desenho foram as crianças... Sim, agora quero montar um projeto meu."

Finaliza, contando de suas intenções de fazer outro curso, como Antropologia. Deseja mudar de profissão, mas considera que nem sua família está preparada nem sua vida está organizada para viabilizar a realização de uma outra graduação:

Mas tem várias possibilidades, pensei até em fazer turismo, num sei se é legal, tem que ver ainda... Aí que está o problema, eu penso e quero fazer, onde, então? Tem várias coisas.

Kerexu coloca-se constantemente no trânsito entre cidade/aldeia e convive com os conhecimentos apreendidos com os Guarani e com os adquiridos fora de sua sociedade e na relação com a cidade. Seus processos de construção identitária e de pertencimento desenham-se em contexto marcados pela diversidade de lógicas e de valores ainda que sua rede de suporte esteja fortemente vinculada à família e à seus trabalhos, tanto na educação, quanto no artesanato.

6.3 José: *agente de saúde e atividade de caça*

Conheci José desde meus primeiros momentos na aldeia Boa Vista, em 2006, quando realizava atendimentos em Terapia Ocupacional. Ele tinha 19 anos nessa época. No começo de 2007, passou a trabalhar como agente de saúde e se mostrou colaborativo e sensibilizado pelo nosso interesse sobre a comunidade. Pai de duas meninas, casou-se com uma jovem que é filha de um dos líderes e irmã de Madalena, uma de nossas colaboradoras.

Em seu relato, disse que namorou muitas jovens, mas as perdia para

outros Guarani que vinham de fora, de outras aldeias. Após afirmar que não conseguira casar com nenhuma das namoradas, insistia em dizer que as mulheres acham os Guarani de outros lugares mais bonitos. Conta que foi sua esposa quem o pediu em namoro e, depois, em casamento. Afirma que, quando o casal tem problemas conjugais, conversam com os mais velhos de sua família. Sua esposa é, segundo ele, muito ciumenta e refere que não ter liberdade para sair sozinho, ou para ir ao bar ou jogar futebol, pois sua esposa sempre quer ir junto.

Falou que gosta de dançar forró e que organizam danças quando recebem visitas de outras aldeias. Eles organizam essas festas nas casas e nos quintais e, às vezes, tocam, "mas não sabem muito ainda", ensaiam quando podem; como destaca, "tudo de brincadeira, nada profissional".

José tem interesse muito grande por eletrônicos; sua casa foi uma das primeiras a ter aparelhos de televisão (que funciona alimentado a gerador). Ele também possui aparelho de som, teclado musical e telefone celular. Está sempre com o cabelo com gel e penteados diferentes, além de mudar com frequência as cores do cabelo. Comunicativo, gosta muito de brincar com todos, principalmente falando em Guarani com os que não são da aldeia Boa Vista.

Destaca-se durante as cerimônias religiosas. Segundo sua cunhada, ele está predestinado a ser um grande líder religioso e a se dedicar à religiosidade, pois já foi dito por outros religiosos, os que fazem o ritual de nomeação, os *xeramoí/karaí/yvyra'ija*, no seu *nimongaraí*, que será também um *xeramoí* muito forte e importante. Nas cerimônias, fica visível seu

destaque, sua desenvoltura e interação nos cânticos e danças.

Na análise de sua narrativa, procuramos entender suas redes. Além da sua atividade profissional como agente de saúde e de sua condição de pai de família, mantém atividades valorizadas socialmente, como a caça, e é presença de destaque nas práticas religiosas. Destacamos, também, o interesse particular de José por eletrônicos e pela tecnologia.

José diz gostar do ambiente familiar e como ele mesmo disse: de ficar "curtindo o lar", mas, devido a seu trabalho, precisa circular por diversos lugares e espaços sociais, sobretudo ligados ao sistema de saúde, tanto na cidade, como na aldeia. O trabalho de agente de saúde modificou sua rotina:

"Agora não faço nada, porque trabalho o dia inteiro, agente de saúde, de manhã tenho que ficar no posto. Mas se num der, a gente faz um, tipo de jogo de bola... E a noite, a gente vai todo dia para casa de reza. Agora a gente depende do trabalho também, e se num tivesse trabalhando ia arrumar um jeito de trabalhar, para sobreviver. Eu prefiro mais os dois, porque os dois sempre tem que estar fazendo, o trabalho e atividades da comunidade."

Uma dificuldade que encontra no trabalho como agente é a definição dos horários de trabalho, que seguem a lógica da cidade, diferente das utilizadas nas plantações, na caça, no artesanato:

"Na roça, assim, a gente não tem horário, porque aí a gente pode sair às nove e pode parar às treze horas ou, às vezes, quinze. Agora, na função de trabalho, já é diferente: tem que sair às sete, ao meio-dia parar para almoçar e depois das duas até às dezoito horas. É muita coisa."

Ele trabalha no artesanato, gosta de jogar bola, de música e adquire aparelhos eletrônicos para seu lazer:

"(...) trabalho, lazer é todo dia, a gente a tarde joga uma bolinha e para alguma renda a gente faz algum artesanato, sarabatana, cestinha, cestões. Também faço e é minha esposa que vende. Eu toco um pouco de violino, meu teclado e só. Eletrônico a gente tem televisão, DVD, sonsinho, teclado, e para funcionar eu mesmo comprei um transformador, um eletrônico, um aparelho que a gente coloca na bateria de 12 e aí transforma em 220 ou em 110; só assim que dá para ouvir um sonsinho, porque energia não tem. Dura só se for um sonsinho, uns 10, 15 dias; mas se é para assistir televisão, é um dia, dois dias só. Tem mais gente que frequenta minha casa, as crianças, a família da minha esposa, eles costumam assistir filme, desenho. A gente aluga ou compra filme. Minha mãe ficou aqui."

Observamos que José realiza atividades diferenciadas na comunidade, como assistir TV e ouvir música. São hábitos incorporados nesse trânsito entre mundos dos quais participa: a cidade e aldeia.

Mesmo sendo forte seu interesse por eletrônicos, José preocupa-se com a interferência da TV:

"Minha casa é a única que tem TV, por enquanto. Faz parte a TV, a gente vê um pouco e quando a gente está em casa. Mais assim, de vez em quando, por que a gente não tem como assistir direto, porque num tem energia. De importante, a TV; no meu modo de pensar, de uma parte é importante, sim, que nem agora, as crianças estudam um pouco e dá para ensinar um pouco pela imagem também que eu sei, mas sem exagerar muito, porque isso eu já acho que num é muito bom para nós. Que a gente vai perdendo todas, a cultura, o que a gente tem, e depois a gente vai querer o que a gente está assistindo. É muito diferente a cultura da TV. E, às vezes, a gente pode até, dependendo da família, se tiver energia, assistir demais, e mudar um pouco do jeito deles viver."

José preocupa-se em assegurar suas redes de relações também na cidade, buscando patrocínios para camisetas de futebol ou para o aluguel de ônibus entre outros:

"Vou ter que sair, ir para cidade ver o transporte que a gente ganhou para ir amanhã no futebol."

O futebol é um espaço de sociabilidade muito valorizado, tanto na comunidade, como pelos intercâmbios com outras aldeias nas visitas:

"De lazer o que a gente faz mais, nós homens, o que gosta mais é jogar futebol, tomar banho na cachoeira. Então, final de semana, à tarde, única coisa mais bom para fazer é jogar bola ou, às vezes, a gente vai para outra aldeia, visitar nossos parentes. Olha, de vez em quando vem parente de fora e, às vezes, a gente vai."

Para José, a cidade é lugar de oportunidades e facilidades. Mas, mesmo assim, não almeja trabalhar e muito menos residir em Ubatuba:

"Isso de ser agente de saúde na prefeitura, eu não, pensei assim, acho que não dá. Se eu morasse na cidade daria, só que sair daqui para cidade e voltar. De vez em quando eu vou na cidade. Aqui a gente vai mais para fazer compra, vai, faz comprinha; no mais é só isso parece, maioria da comunidade vai lá para fazer compra ou vender artesanato. Acho importante. Mas nunca tive essa pretensão de morar na cidade e não sei, muitas coisas boa tem, só que de um lado é muita coisa ruim que acontece. Mais de bom é que dá para estudar, é mais perto, fazer uma compra é mais perto, para trabalhar também, mas de outro lado é muita poluição, coisa que não presta que rola; então, melhor ficar na aldeia do que morar na cidade. Ubatuba até que é tranquila. São Paulo é horrível. Não tive vontade de morar em outra aldeia. Eu já tive em várias aldeias, saía muito, mas morar mesmo, eu nunca morei em outra aldeia."

Sobre sua família e chegada na aldeia Boa Vista, José conta que seguiu a itinerância de sua mãe:

"Eu sou de Santa Catarina, eu nasci lá e vim para cá com cinco anos de idade acho, morei na aldeia, morei um pouco na aldeia do Itariri, depois minha mãe veio para o Rio e eu vim para cá, e depois de lá eu vim morar aqui e até hoje eu estou aqui. A minha família,

alguns moram lá no sul, e tem uma irmã no Rio de Janeiro, e só isso. O que eu tenho mais contato é com minha irmã que mora no Rio; agora, quem mora lá pro sul é mais difícil, só de vez em quando. Tenho 21 anos."

E sobre a família da aldeia Boa Vista conta que:

Minha família são boas, legais. Sim, eu tenho esposa, tenho duas filhas.

Quadro 3 - Descrição da composição familiar de José, segundo gênero e situação de parentesco

Iniciais do nome	Grupo social	Gênero	Data de nascimento	Parentesco
José S	Guarani	M	05/03/1987	Esposo
M S S	Guarani	F	06/01/81	Esposa
J S S	Guarani	F	01/04/2003	Filha
J S S	Guarani	F	03/01/2005	Filha

FONTE: Dados de registros da Funasa - notas de pesquisa de campo

A caça é uma atividade reconhecida por José como parte importante das práticas sociais Guarani. Cherobim¹⁴ relata que "a caça faz parte da vida dos Guarani", sendo incorporada ao cotidiano como um dos elementos vinculados à visão de mundo (embora nunca tenha observado nenhum caráter cerimonial) e à socialização dos meninos. Todos os meninos devem aprender as técnicas de caça, como enfatiza José, quando conta sua experiência desde criança:

"Eu mesmo, de vez em quando, eu faço, desde criança, sair para o mato, eu já acostumei de sair, que nem à tarde, sai um pouco para o mato para ver se caça alguma coisa, isso é uma atividade que a gente sempre faz, não só eu, outras pessoas também, que é um costume nosso e a gente gosta também. Vou sozinho. Caço é mais tatu, cotia, que é bicho pequeno,

macuco. Só para alimentação. Não tem lugar fixo, cada dia a gente vai para um lugar diferente, para um canto, para cima, porque se ir todo dia num lugar só, a gente não consegue matar nada. Ninguém me ensinou na verdade, mas meu pai, é costume dos Guarani, então, desde criança a gente acompanha os pais, a gente vai com nosso pai, às vezes, com irmão, com alguns parentes que são mais velho, é um costume. Uso armadilha, tem gente que usa até espingarda, mas eu uso mesmo é armadilha. Tem vários tipos de armadilha, tem uma que usa um tipo de corda, tem armadilha que chama mundéu, coloca um pau no meio, comprido, faz um tipo de uma parede de dois lados e coloca em cima a pedra, onde passa, onde é o lugar, onde a gente sabe que o bicho vai passar, a gente faz lá e a gente espera. E aí o bichinho passa no meio e cai a tábua. Eu gosto mais da cotia para comer. Um tipo capivara, mas só que pequenininho... O gosto totalmente diferente. Não levei minhas filhas, porque as meninas são diferentes; agora, os meninos, quando os pais saem para o mato, os meninos que acompanham mais, agora as meninas ficam mais com a mãe, em casa, arrumando a casa, as coisas, lavando roupa."

Mas José ressalta igualmente a importância do trabalho assalariado, pois considera que as atividades informais não garantem mais a possibilidade de suprir as necessidades de sua família, embora a maioria das famílias da aldeia Boa Vista viva desta forma de trabalho:

"Porque se a gente depender da roça, assim, a terra também não é bom, não dá pra plantar, dá mais, só dá pouquinho. Então, a gente precisa fazer artesanato, a gente vende alguns, alguns não vende; e do artesanato também não compensa nada. Então, a gente vende um pouquinho só. Então, o único jeito é trabalhar e dia a dia sustentar a nossa família."

José gosta das novas tecnologias urbanas e percebe viver num momento de mudanças. Mas espera que as influências de outras culturas não interfiram no que considera mais importante: a língua e os processos rituais:

"Então, de uma parte pode ser bom, mas de outra pode até ser ruim... Até hoje, as mudanças da cultura aconteceram, eu percebi, mas não mudou muito desde que eu comecei a perceber, porque, quando eu percebi, alguns usavam roupa, usavam televisão, outros já tinham celular e mesmo assim não mudou nada aqui, de hoje para nove, dez anos atrás. Para nós, para mim, importante mais é a cultura, a língua e a crença que a gente tem. O nosso ritual, que é mais importante para mim. O que eu posso não perder mesmo é a língua, que é mais importante. A gente está mantendo a cultura parece, não, a gente está mantendo, porque os Guarani, não estou falando só daqui, na geral, os Guarani, somos os únicos dos Guarani que menos perdemos a língua, a cultura, parece, pelo que eu sei. Então, a gente está mantendo e vai manter isso, para sempre e vai depender das pessoas; por exemplo, se vai querer mudar, muda; agora, perder acho que não perde. Entre nós, só falamos Guarani. Todo mundo respeita. E é tranquilo porque aqui o que o cacique manda a gente faz."

Como Madalena e Mario, ele se referiu, em nossas conversas, à chegada da energia elétrica. José espera que esta traga facilidades e conforto:

"Em Paraty que não paga, porque acho que é o prefeito que paga a energia, mas aqui não sei como vai ser. A comunidade conversa sobre isso. E algumas partes eu acho que é importante, mas só energia. Porque é para esquentar a água; na época de inverno, tem mais criança com resfriado, tomam banho de água fria, às vezes até passa mal, piora a tosse. Eu na minha casa acho que ia ajudar qualquer coisa. Não esquentamos a água. No banho, nós fazemos assim, depois de algum trabalho ou de manhã cedo ou à tarde, vai depender. Usa o banheiro, mas o rio também. Facilitaria o freezer, a geladeira, ajudaria, porque você guarda alguma coisa para congelar, assim, suco, que nem quando a gente mata alguma coisa, onde a gente guarda; às vezes, a gente mata um porco-do-mato que é grande e a gente não come tudo no mesmo dia, fica ruim onde guardar. A gente divide com a comunidade toda. Não tem jeito de armazenar. No mesmo dia tem que ter um jeito de comer tudo. Não usamos coisas geladas."

José projeta maior autonomia de sua sociedade com professores e médicos Guarani, por exemplo, mesmo que para isso entenda como necessário maior proximidade com a cidade:

"No futuro, eu penso, principalmente, que eu tenho que pensar mais na aldeia do que pensar fora, penso para o futuro na aldeia ter mais pessoas estudando, ter como fazer um curso de medicina ou outras coisas, ser o próprio índio para trabalhar na aldeia. Da cidade não tem como falar, porque para mim o que é da cidade não tem como falar, quer dizer, valer vale só que eu não convivo na cidade, então, nem sei como falar, e tem alguma coisa; ter tem, porque para fazer curso tem que ser na cidade, então, só que fora isso, não sei."

Ele afirma desejar que suas filhas estudem, para melhorar suas condições de vida e adquirirem maior independência. No entanto, gostaria que elas fizessem isto sem perder os valores civilizatórios Guarani e que a referência identitária forte fosse a aldeia.

"Para minhas filhas, penso que elas estudem, ter algumas coisas independente de mim e sempre, assim, morando na aldeia, saindo da aldeia, mas indo para outra aldeia e morar na cidade já não quero que aconteça isso."

Ladeira e Azanha⁶² afirmam que o *tekoa* é a referência não apenas de um espaço, mas de um lugar que engloba o *ñandereko*, "nosso modo de ser": as palavras de José confirmam tal análise, quando ele diz que precisam de mais área, pois a comunidade cresce, e necessitam de espaço para o desenvolvimento de suas práticas e meios para que isso ocorra:

"Eu penso que para o futuro, ter mais alguma coisa, por exemplo, mais área, maior para população, que vai crescendo e ter alguma coisa aqui, por exemplo, energia, ou alguma coisa e não perdendo a cultura, porque mais importante para nós é a cultura, só que mesmo assim a gente tem que ter esses detalhes que

é a energia, ou abrir a estrada para melhoria da comunidade. Eu acho que deve melhorar porque a gente sempre faz isso para melhor para aldeia, nossas famílias."

O espaço, a terra são questões que se fizeram fortemente presente em suas palavras:

"Para o futuro só quero mais espaço, a área tem que ser mais ampliada. E para que as mais velhas tenham lugar para fazer plantação, tipo milho, batata, essas coisas, e ter um lugar com mais espaço, que agora, a gente tem um pouquinho de terra, mas só que não tem muita terra, muito espaço, fica difícil para sobrevivência, um pouquinho complicado; a gente depende da cidade, e se tiver uma área bem maior, para fazer este tipo de plantação ficaria bem melhor. Se ampliar a gente vai mais longe, porque tem o limite da área que não dá para ultrapassar para caçar. E pretendo ser Guarani para sempre. E quero ser do jeito que eu estou hoje até minhas filhas crescerem. A dança, a língua que é importante. Ser Guarani e não perder a cultura... Eu acho que a cultura é importante, hoje e para o futuro também e mantendo essa cultura, a língua, não perdendo, eu acho que o começo é tentar não perder."

José, em seu itinerário e na função de agente de saúde, discutido mais amplamente no capítulo sobre saúde, convive constantemente em espaços multiculturais e de intersecção de práticas sociais distintas, notadamente entre a saúde técnico-científica e os modos de conceber a saúde pela sociedade Guarani. Ele exerce o papel de interlocutor e considera-se facilitador neste processo de interação e de relação entre os pacientes Guarani e os serviços de saúde.

A religiosidade é importante para José, não somente pela composição em sua rede, mas por seu papel junto à comunidade como futuro líder religioso. Hoje, sua participação nos rituais é importante.

6.4 Airton Werá: *artesanato/coleta e religião*

"Meu nome é Airton dos Santos, na língua Werá Popyguá, relâmpago criativo. Tenho vinte anos": assim se inicia nossa entrevista, em clima descontraído. Comunicativo e desinibido, Airton contou-nos que, em 2008 era casado e pai de duas meninas. Seus pais não moram na comunidade da aldeia Boa Vista, e ele mesmo viveu em diversas aldeias. Durante boa parte de sua vida, acompanhou o pai em suas andanças, mas também viveu sob os cuidados da família de Venâncio.

Para ele, as cachoeiras, as matas e as águas limpas da aldeia Boa Vista são fontes de orgulho e prazer. Quando vai para longe, sente muita falta de tudo isso. A seguir, seu relato sobre as muitas mudanças vividas:

"Então, eu sou natural do Paraná, da aldeia Pinhal, e vim de lá com 6, 7 anos e morei também no Rio Silveiras, tem uma aldeia lá também, e vim para cá, aqui em Ubatuba, depois sai daqui de novo, fui para São Paulo, agora eu voltei, faz tempo que eu estou aqui. Eu ia com meu pai, sempre que ele mudava. Pouca coisa lembro do Paraná. Era igual à aldeia. E no Rio Silveiras também. Só meu pai mesmo que entende porque mudávamos. Fiquei cinco meses só na aldeia em São Paulo. Não gostei e vim embora. Território muito pequeno, não tinha floresta, muito mato. É um pouco diferente a vida lá. A reza até que dava para fazer, agora o artesanato era meio difícil, porque não tinha material. Tinha escola lá, mas não cheguei a ir. Vim com meu pai para cá. Acho que ele não gostou de lá, mas agora ele está para lá. Eu vou de vez em quando visitar ele. Ele está trabalhando lá. Escolhi ficar aqui. Era criança quando cheguei aqui. Faz 12 anos que eu estou aqui."

Atualmente, diz Airton que se sente mais maduro para cuidar do próprio núcleo familiar. Acredita que essa segurança "demorou a chegar" para ele, o

que ocorre igualmente com muitos jovens Guarani, pois percebe que outros demonstram dificuldades semelhantes no momento de constituir uma família. Hoje, vive em sua própria casa.

"[Aqui] moramos eu, minha esposa e meus filhos. Tenho uma de dez meses e outra de quatro anos. Para mim que agora estou nessa luta, acho que já tenho capacidade de ser responsável... Tem alguns adolescentes que não conhecem ainda, por isso tem essa dificuldade. Eu mesmo não queria ter filhos antes. Acho que é você mesmo que sente, quando você está preparado e quando você não está preparado para casar, ter filhos."

Quadro 4 - Descrição da composição familiar de Airton, segundo gênero e situação de parentesco

Iniciais do nome	Grupo social	Gênero	Data de nascimento	Parentesco
M Airton S	Mestiço	M	02/08/1987	Esposo
R O W P	Mestiça	F	18/02/1981	Esposa
C O	Guarani	F	07/05/2004	Filha
C O S	Guarani	F	01/04/2008	Filha

FONTE: Dados de registros da Funasa - notas de pesquisa de campo

Airton comunica-se bem em português e estabelece contato com facilidade e desenvoltura, tanto na cidade e na escola, como nas feiras de artesanato, na feira livre e em outros ambientes públicos. Conta nosso interlocutor que o mês de abril, por ser o mês de comemoração do Dia do Índio, é propício para venda do artesanato e apresentações:

"É pouco artesanato, alguns turistas que vão à aldeia a gente vende, agora de vender para fora, acho que nesse mês de abril, a gente vai sair para fazer apresentação, vender o artesanato, mês do índio, dia 19 de abril, é Dia do Índio, então, tem mais eventos. Tem escolas que convidam a gente, colégio, a gente vai e faz a apresentação na escola. Em outros lugares, tipo Caçapava, São Sebastião, Taubaté. E é a escola

mesmo que manda o ônibus."

É interessante notar a diversidade de situações que a instituição do Dia do Índio no País tem gerado em termos de dinâmica social e econômica para e nas comunidades.

Mas o trabalho ligado ao artesanato não se faz apenas como forma de comércio; é muito difundido entre eles e vinculado à produção dos materiais e utensílios domésticos e à ornamentação corporal. Airton esclarece que o artesanato e a caça são atividades de seu dia a dia muito importantes em sua vida:

"(...) É, tem alguns dias que a gente fica só no artesanato, fazendo tipo cesta, arco-flecha, sarabatana e tem o dia marcado também que a gente vai para caçar. É tipo em janeiro até agosto dá para caçar. Tem *coti*. Porco do mato. Na minha caça eu vou atrás desse aí. Isso para alimentação. *Tingy* é tatu, também comemos. Eu, 5 horas estou em pé. É difícil, mas não tem outro objetivo, tem que ir."

Nosso jovem Airton frequentou a Escola Esteves, mas interrompeu seus estudos. Voltou a estudar posteriormente e, agora, pretende fazer curso para colaborar em sua comunidade. Ele enfatiza que este seria um bom projeto também para outros jovens, uma vez que as dificuldades crescem, assim como ficam mais complexos os desafios que devem enfrentar, tanto individual, como coletivamente. Considera importante a troca de conhecimentos entre a aldeia e a cidade e conta que os conhecimentos apreendidos na cidade devem ser compartilhados, apesar das dificuldades:

"Hoje para mim é difícil, tem que estudar e algumas coisas da cidade tem que levar [para aldeia], como alguns cursos que dão aqui, a gente tem que aprender, levar daqui para lá, porque só estudar... Terminando

depois tem que ter alguma coisa a mais para você fazer e acho que fica faltando esse espaço, porque cada vez mais as coisas vão aumentando, cada vez mais vai complicando, e você tem que ir aprendendo cada vez mais, levando também qualquer coisa para aldeia. Se alguns indiozinhos se formarem em alguma coisa, tipo secretariado ou informática, seria melhor trabalharem na aldeia junto com a gente. (...) Acho que no momento tem que se aguentar, até terminar os estudos, depois eu posso tentar alguma coisa melhor para fazer. E, se tiver oportunidade, a gente faz cursos também."

O futebol é um mediador de relações e tem permitido a Airton ampliar os espaços de sua circulação e os círculos de amizades, tanto na aldeia, como em outros diferentes bairros da cidade:

"[Eu] treino; tem alguns que jogam fora; eu tinha um time na cidade que jogava para o Edson, mas não dava para treinar com ele, tinha que treinar sozinho, não perder o ritmo. E então me chamam quando tem jogo. O time é daqui mesmo, da cidade. Parece que é Smidth? Quando começa o campeonato, que chamam. Conheci pelos amigos, amigo que trabalhava ali no calçadão, ele também me conhecia e me chamou para jogar para eles, foi indo e teve o time deles. Conheci na cidade. Tinha um time que jogava fora, só os índios, mas hoje não dá, porque a gente não tem técnico, ai fica faltando, não tem quem organize para sair, para jogar fora. Acho que só tem o futebol na aldeia mesmo."

Airton já gostou de surfe. Em um campeonato de surfe, confidencia durante nossa conversa, foi premiado com uma prancha nova. Muito crítico, ele afirma que recebeu o prêmio por ser Guarani. Esse paternalismo — expressão cínica de relações de desigualdade estruturais da sociedade brasileira — ocorre em muitos momentos. Esses comportamentos expõem, segundo Airton, os povos ameríndios:

"Acho que, gosto um pouco da cidade, e mais ou

menos das praias. Frequentava as praias, mas estou querendo voltar agora. Como surfar. Eu tenho prancha, fica lá perto da praia. (...) Faz tempo, dois anos atrás eu entrei também no surf, acho que para mim não dá. Desisti... mas antes eu ganhei até a prancha; o 'Globo Esporte' esteve ali no Itamambuca me entrevistando, só para dizer... Primeiro índio surfando. Apareci na TV. Mas, não levo jeito para o surf. Se for sozinho acho que não sei também, a praia das Toninhas é muito brava, eu ia às vezes, mas os moleques não sabiam nadar e eu tinha que ficar lá com eles. Nado [na praia] do Promirim também. Alguns costumam ir à praia, quem sabe nadar vai muito, e quem quer conhecer a praia."

Na aldeia, dedica-se também a outras atividades, como o canto e o violão, que aprendeu com seu pai:

"Atividade para curtir eu canto e toco. Não tem dia, qualquer hora que tem uma meia hora livre eu estou lá tocando, quando dá vontade a gente brinca um pouquinho também. Meu pai me ensinou, meu pai tocava muito, participava de festival com outro parceiro dele. Tocava viola e violão. Tinha dupla e tinham músicas deles. Como são velhas, músicas mais antigas, esqueci o nome da letra. É sertanejo... para mim cantar aquelas músicas também não dá certo. Eu gosto de sertanejo de hoje. Escuto cd e compro na cidade. Filme não assisto. Gosto mais é de música... Final de semana."

A comercialização do palmito na feira livre é outra atividade que o conduz à cidade. Ele realiza todo o processo de coleta que, segundo Cherobim⁶³, é vinculada tanto à extração de ervas medicinais e à obtenção de materiais para o artesanato, quanto para conseguir produtos alimentícios, incluindo o palmito:

"(...) um dia a gente corta palmito e traz até a aldeia, do mato, mas depois no outro dia a gente traz para a feira, vêm até a pista e pega o ônibus até chegar na feira. Fica até a feira acabar, depois que acaba tem que voltar para aldeia de novo."

A cidade é constantemente citada como um local importante para suas relações, enfatizando, porém, que seu cuidado com o modo de se vestir modifica-se, dependendo se está na aldeia ou em Ubatuba.

"É quando eu preciso, quando eu vejo que alguma coisa está faltando e eu tenho que vir aqui na cidade, mas é mais no final de semana. Aqui fora [cidade] acho que é importante se vestir bem; agora sendo lá na aldeia não é muito não. Aqui na cidade você tem que estar mais limpo, com mais higiene e você não pode vir com a roupa tudo suja para escola, tem esse lado."

Tais cuidados, no entanto, não são significativos em si para definir identidades coletivas, diz ele. Neste caso, ressalta o papel da língua, da cultura e da religião.

"Acho que não importa o que usa, com roupa ou sem roupa, para mim não muda nada, não é vestindo a roupa que você vai ser da sua cultura, da sua língua, o que você faz da sua religião, da sua reza, você não esquece nada vestindo a roupa e sem roupa é a mesma coisa também. É um costume nosso usar faixas na cabeça e eu uso de vez em quando. É mais na aldeia que usamos, quando tem alguma apresentação, só os mais velhos que usam. É um cocar e usa também aqui na perna, tipo um cordão. É difícil de explicar em que momento usam, mas tem a ver com a religião. Eu acho que é gosto de quem se veste assim, porque um juvenzinho, uma criança, ele vendo aquilo, ele gostou, daí ele usa aquilo, é normal. Eu acho que eles não sabem o significado. Na minha idade alguns também usam, mas usam porque querem."

Relata, ainda, que aproveita quando vai à cidade para estreitar suas relações com os políticos da cidade, para pedir favores ou apoio à sua comunidade:

"É, tem, às vezes, que eu vou procurar alguns amigos para pedir ajuda ou fazer compra, ou às vezes vou no hospital, é muito corrido... Às vezes pedir alguma ajuda, como, prefeito, vereador essas coisas, corro um

pouco atrás deles. No meu nome e no nome da aldeia também. Até que temos [conhecidos], alguns políticos que conhecem alguns índios, não são todos também, eles apoiam também."

Airton tem se envolvido com a vida política da cidade. Ele participou da campanha de um vereador da cidade na comunidade de Boa Vista; em outro momento, relatou que iria à cidade para fazer campanha do seu vereador, desta forma ampliando e dando forças às suas redes de relação com a cidade. Na comunidade, os valores de chefia formais foram instituídos pela Funai; os não formais são os conceitos de liderança, hierarquia, chefia, adquiridos no decorrer do contato com a sociedade nacional (cf. Cherobim¹¹⁵).

A aldeia é outro local que faz parte de seus itinerários e ajuda a construir suas identidades, conta sobre seus afazeres:

"O que eu mais gosto aqui na aldeia? Eu acho que tem várias coisas, como a casa de reza, passear na floresta, caçar, pescar e fazer alguma coisa de plantio e acho que demonstrando a nossa cultura também, divulgar como é a nossa cultura, é isso. (...) É tem várias atividades no dia-a-dia, primeiro acho que a parte mais do artesanato, quando fico em casa, depois chega o fim de semana, tem que cortar palmito pra vender na feira."

Airton faz vários tipos de artesanatos e vende na feira, no centro da cidade de Ubatuba:

"As peças de artesanato, eu faço mais arco e flecha, sarabatana, chocalho, leque, e a minha esposa também ajuda a fazer, ela faz chocalho, leque... Eu acho que é mais no fim de ano que vende mais artesanato. Para vender acho que vem quem quer. Quem quiser vender o artesanato vem. Eu próprio, índio, fui e, onde o outro índio colocou o artesanato dele, coloquei e pude ficar ali. Quando tem artesanato

para vender... É mais na virada do ano e faz mais artesanato em abril também que é dia 19 de abril, que é o Dia do Índio. Bom, vendemos aqui em Ubatuba, é pertinho da nossa aldeia, a gente vem mais aqui, mas tem alguns que vão para Caraguá, para Paraty e vende o artesanato."

A vida econômica em torno do artesanato é complexa para a dinâmica de vida Guarani distante da cidade, necessitando, muitas vezes, de melhores estruturas física e instrumental para a realização e a comercialização do artesanato. Transformar-se em artesão e vendedor de produtos artesanais é um acidente na vida Guarani (cf. Cherobim¹¹⁶).

Ladeira¹¹⁷ também relata em seu trabalho que, nos momentos em que os Guarani de Ubatuba, vendedores assíduos, deslocam-se para a cidade, aproveitam para ver seus negócios junto aos moradores desta localidade.

Airton faz uma ponderação sobre a inconstância de suas vendas e da dificuldade de não se ter um local adequado na aldeia para a venda do artesanato, privilegiando sempre algumas famílias que moram mais próximas da trilha de acesso à aldeia ou das famílias que exercem maior influência, como das lideranças:

"Acho que o trabalho aqui na aldeia, a gente tem o artesanato, o palmito, só que existe dias, tipo, um feriado, a gente pode vender, agora fora esses dias é difícil também acho ter uma venda boa. Melhor um emprego fixo mesmo. Acho que sim, dependemos do turismo, porque, para vender, acho que de novembro até fevereiro, a gente vende um pouco de artesanato, e tem o dia 19 de abril, que é o Dia do Índio; acabou esses meses, só o outro ano. É, alguns turistas vêm para conhecer a aldeia, comprar artesanato, só que não tem o espaço [adequado] para gente expor o nosso artesanato, e são muitos artesanatos, e vão mais para casa do cacique, eles vão mais para lá; agora tem algumas famílias que ficam sem vender o artesanato,

porque não têm onde colocar o seu artesanato aqui."

A casa de cultura seria um possível espaço para amenizar os privilégios de vendas identificados por Airton para apenas algumas famílias:

"É, está ainda se desenvolvendo a casa de cultura, não está terminada, falta muito, era para ser um espaço, só que está parada. É, também é objetivo da aldeia inteira colocar seu artesanato ali para venda. Acho que era para ter algum responsável, para vendas lá... Para apresentação também."

O emprego com salário fixo é almejado por muitos. Os empregos públicos criados na aldeia, como as funções de agentes de saúde, sanitário, odontológico e de merendeira, têm modificado a visão acerca do trabalho. As famílias com renda fixa conseguem adquirir mais bens e melhorar a alimentação, aumentando o desejo de outros jovens da comunidade para esta nova relação trabalhista. Antes era meta distante, por só existir na cidade, mas atualmente tornou-se mais próxima e motivo de sonhos.

Airton fala diversas vezes da importância da religião como essencial para sua vida Guarani, mas observa que o estudo e seu trajeto para a escola não permitem que participe todos os dias das rezas, justificando a necessidade, para ele, de uma escola na aldeia, que comportasse outras seriações, como o segundo grau:

"Sempre vou na casa de reza, agora não posso ir mais, estudo à noite. É aqui perto da minha casa. Está em reforma e fazendo outra por cima dela. Tem o pajé, é o Mauricio. Ele vem. Tem o Venâncio. Já acabou [a reza] quando chego [da escola]... Meia noite e vinte. É difícil um pouco não participar da reza, mas aqui fazer o que, tem que estudar. Seria diferente se fosse aqui [a escola], se tivesse um espaço, talvez para dar aula; se fosse aqui dentro da aldeia, a gente escolheria um horário bom, seria melhor. É importante, faz parte da

cultura Guarani, a religião."

Atualmente, está bastante envolvido nas questões religiosas e dedica-se ao grupo de canto já referido. Ele costuma participar com mais regularidade da casa de reza do Venâncio, como Kerexu. Cabe ressaltar as múltiplas interligações: não se separam música e religiosidade, conforme evidenciam suas palavras:

"Tem um grupo de canto e dança, a gente ensaia para depois divulgar o grupo e demonstra nossa cultura, como que é o dia a dia na aldeia. Contamos na apresentação o dia a dia na aldeia. (...) Costumamos ensaiar na casa de reza mesmo. Os cantos mudam as palavras [nos cantos mudamos as palavras]. A gente mesmo que muda. Isso, nós que fazemos. As músicas vão mudando, mas existem também as músicas que os avós, os pais cantavam."

Segundo Brandão¹¹⁸, os ritos são aulas de codificação da vida social e de recriação, através da memória e identidade de grupo, dos símbolos que dança e canto significam.

A presença da escola na aldeia facilitaria a prática religiosa e outras atividades, mas ampliaria a presença da sociedade brasileira dentro da comunidade, talvez até a convivência com outros professores não Guarani, com possibilidade ou não do diálogo intercultural.

Airton é muito ativo e realiza uma grande diversidade de atividades. Ele faz artesanato, colhe e comercializa palmito e coordena um grupo de crianças, focados na dança e no canto; este grupo fez apresentações em diversas cidades a partir de um repertório definido no processo de criação coletiva, desenvolvido junto com as crianças. O grupo e sua função de coordenador são exercidas como atividades dentro e fora da aldeia,

proporcionando ampliação dos seus itinerários e relação de privilégio e disputa de poder com outros grupos, exercício para seu prestígio e credibilidade na comunidade.

Como perspectiva, Airton deseja melhorar a vida dos jovens de sua comunidade e supõe que, se pudesse pedir algo para algum governante, seria o acesso à escola:

"Acho que existe aldeia que já tem capacidade para desenvolver o trabalho dos jovens, mas tem aldeias que não têm essa capacidade de ver o jovem capacitado, na escola, num trabalho. Se eu fosse falar com autoridade, eu pediria essa ajuda, mais ou menos de pedir para, a aldeia, como aqui é difícil o acesso para escola e aldeia, pediria recurso para os jovens."

Nosso jovem colaborador almeja conhecer e aprender outras culturas para a melhoria no diálogo intercultural, não só para si, mas para os jovens de sua comunidade:

"Assim é difícil trabalhar fora da aldeia, mas acho que, se arrumasse para aprender melhor um pouco assim a vida lá fora, para mim é um conhecimento. Tem alguns jovens com o pensamento assim positivo, querendo fazer alguma coisa, ajudar no trabalho, ajudar os mais velhos."

Airton é um jovem Guarani com valores definidos na sua relação, tanto com a aldeia, quanto com a cidade. Suas experiências possibilitaram novas composições identitárias e a desenhar outras aspirações de vida.

Considera importante o diálogo intercultural. Sua desenvoltura e sua comunicação facilitam a ampliação de sua rede de relações, tanto na cidade, como na aldeia. Airton é hoje um jovem Guarani estudante, artesão, comerciante, além de coordenador religioso do grupo de canto e de dança.

6.5 Mário Karaí Tataendy: *política, conflitos sociais e família*

Mário Karaí é esposo de Kerexu e tinha 26 anos em 2008. Seu itinerário por várias aldeias permitiram acumular diferentes experiências de vida:

"Eu acho que... depois que eu fui andarilho... agora... tenho mais maturidade, parece que me arrependi do que eu fiz, muita coisa errada, não para os outros, mas para mim mesmo, não aproveitei as coisas boas da minha infância. Quando eu olho para trás, eu vejo tudo... O que não deveria ter feito. Mesmo assim, tenho vontade de encontrar... não vou recuperar tudo, mas... Eu vou tentar... vou trabalhar para criar melhor meu filho, para (...) Depois que ele crescer, não viver igual como foi comigo... Tenho que mostrar sempre um rumo para ele. E agora eu estou me sentindo melhor."

Nossa análise possibilitou costurar os diversos movimentos realizados por Mario pelas diferentes aldeias e relações estabelecidas e identificar o momento em que se estabeleceu e firmou seus laços identitários, tanto pela política, como pelo casamento com Kerexu.

Os caminhos percorridos por Mario foram bem detalhados. Optamos por manter aqui trechos mais longos de seu relato sobre suas idas e vindas, desde sua infância, passando por diversos locais e desenhando, desta forma, seus diversos pertencimentos:

"Nasci em Santa Catarina. Interior. O lugar se chama Itapirangá. Quando tinha 11 anos, mudamos para o Rio Grande do Sul, Cantagalo; fica perto da capital de Rio Grande do Sul... Porto Alegre. Eu cresci por lá. Com 12 anos de idade, eu continuei a mesma coisa... morando em Porto Alegre. Meu pai estava bem... eu saí de lá porque na capital mesmo não tem trabalho, e Guarani, para se sustentar, tem que fazer artesanato, vender na feira. Então, eu que não sabia fazer artesanato. [Fui

para] cidade de Osório... acho que tem 200, quase 300 quilômetros [distância] da capital, e lá que tem trabalho. Lá... que *juruá* planta muito couve, repolho, alface; o que tem de verdura plantam... Meu irmão que foi lá para Santa Catarina, ele veio antes de mim. Aí ele já estava quatro anos morando naquele lugar e foi para Rio Grande do Sul e me trouxe de lá... fiquei dois mês lá, Santa Catarina..."

Sua infância é marcada pelo trabalho e redes frágeis: em momentos trabalhava com o pai em colônias; em outros, o pai viajava para lavouras/empreitadas e o filho ficava por aldeias:

"Antes a gente vivia mais fora da aldeia, porque meu pai sempre trabalhava na roça, pegava trabalho de empreitada, então... a gente vivia mais assim na... colônia. Então, a gente ajudou meu pai, porque eu tinha, quando tinha 9 anos já ajudava meu pai a carpir milho."

Entre seus itinerários, relata a ruptura de algumas redes, momento no qual, descolado da família, sustentava-se em redes de amizades, de crianças como ele, vulneráveis afetiva e socioeconomicamente:

"(...) Não, a minha história também eu não acho muito boa... Aí tem outro (...) Eu sempre vivi com meus amigos, sempre afastado do meu pai, desde infância, 12 anos. Eu trabalhava, tentava ter estudo, estudo mesmo, porque sempre estava atrás e não tinha escola e [os Guarani eram] sempre contra a escola de *juruá* que queriam construir dentro da aldeia, sempre iam contra. E eu vivi assim... de um lugar para outro, de aldeia em aldeia, tem muita aldeia para lá; aí, cada sábado ia para aldeia diferente."

Uma forma encontrada para restaurar as redes de relações e estruturar socialmente os jovens pode ser o casamento. Mas, como observado por Alcântara¹¹⁹, pode ser também uma das únicas possibilidades de mudança socioeconômica, embora, da forma que vem ocorrendo, se caracterize uma

fragilidade social, na qual os laços de pertencimento tornam-se frágeis e transitórios. Mario conseguiu estruturar suas redes, e sua mudança socioeconômica ocorreu somente quando foi acolhido pela família de Kerexu. Anteriormente, porém, não desejava se casar e sofreu com o costume e as formas como os "mais velhos" lidam com o namoro e o casamento. Conta as estratégias que utilizava para burlar algumas regras, caracterizando a fragilidade das relações:

"Todo costume do Guarani é casar bem depressa, só que não sentia aquela vontade de casar. Mas o pai, ele ou a mãe dela falaram que iam fazer reunião para casar. Aí eu sempre fugia da aldeia. Não queria compromisso. Mas dava para namorar. Na aldeia o que sempre vem atrás é [pai] mais rigoroso. Só que hoje em dia mudou bastante. Quase não tem isso. Tem lei ainda, mas... quando cacique coloca regra que não pode namorar escondido. Tem que namorar, só que tem que namorar de dia, porque a rapaziada não tem casado, então namora mesmo. Sempre namora a noite, escondida. Então, se alguém souber, conta para o cacique ou para pai da menina aí... tem reunião. Ou quem não quer casar leva punição. Leva chicotada ou trabalha por uma semana. Então, por isso que a gente sempre namora escondido."

Mário conta que viveu situação de grande conflito quando, em um de seus passeios por Santa Catarina, esteve com uma jovem, mas não quis casar. A reação foi forte, e ele teve retirados seus documentos. Ao contar essa passagem, deteve-se em considerações sobre as mulheres solteiras com filhos e a dificuldade dos namoros sem intenção de casamento.

"Aí eu falei pro meu pai 'eu vou curtir a festa de lá, daqui uma semana eu volto'. Tinha uma menina lá que eu tava interessado... Ela tinha 16 anos, até que ela era bonita, mas tinha um filho, aí eu não queria casar com ela (...) hoje em dia eu acho que tudo normal isso, mas quando era mais jovem achava que era errado... Uma

vez teve aniversário do meu amigo, aí ele convidou a gente para ir, eu e meu irmão... Fomos à noite lá, ela estava lá. Ela e outra menina. Quando cheguei, não entrei... Falaram para eu entrar na casa. Ela estava dentro da casa, parece que dava risada, gargalhada... Eu falei assim: não vou, não vou, porque... depois cada um fala. Pode ficar tranquilo que a gente não vai comentar para ninguém [disse o amigo]. Tive coragem de ficar com ela. Conversei com ela, só que criança estava lá... viram que eu dormi com ela, e parece que de manhã cedo [alguém] contou para o cacique. No sábado seguinte, pediu minha mão. O pai dela veio, aí falei: não vou casar; e ele falou: tem que casar, porque já dormiu. Falei: não caso. Cacique falou: então tira, pega todo documento dele e manda embora... a pé. Para eu voltar para o Rio Grande do Sul tinha que ter identidade ou certidão. Tiraram tudo de mim, pegaram todo documento."

Conseguiu uma estratégia para não casar com a jovem e sair da aldeia de Santa Catarina, continuando suas viagens por outras aldeias:

"Depois de uma semana teve reunião lá em Santa Catarina sobre demarcação de terra e participaram cinco estados: São Paulo, Paraná, Rio e Espírito Santo. Escolheram para eu trazer o *jarupé* para os mais velhos. Tinha que ir dormir lá e ficar a noite... porque os mais velhos, às vezes, conversam, falam do trabalho, então... fiquei lá. Fiquei três dias. De lá vim com João... ele pagou passagem para mim... lá para o Bracuí. Meus parentes [são do Bracuí]. É tudo acho que do meu sangue, parentes mesmo. Dois meses e fui embora para Argentina (...) É igual. No Paraguai, Argentina e no Brasil é igual. Todo Guarani é igual. E depois voltei de novo... vim para Florianópolis, eu estudei de novo mais quinze dias. Saí e vim para o Bracuí. Eu cheguei lá no Bracuí, de lá eu fui para Pariquera lá pro litoral. Fiquei um ano lá... aí voltei para Itaoca e voltei de novo para Bracuí. Cortei palmito e no sábado vim para cá. Aqui na cidade [Ubatuba]. Primeira vez que eu vim aqui com meus amigos. Faz sete anos que estou aqui [aldeia Boa Vista]."

Em uma das aldeias em que morou, viveu novos conflitos no campo das relações de aliança. Desejava namorar, mas não casar. Ele relata aqui a

situação que viveu e os argumentos que utilizou para não ser obrigado a casar:

"Vou casar e depois vou embora. Então, decidi assim. Depois falei: então vou casar. Todo mundo bateu palma... fiquei sem graça, cara. Porque quando você não tem vontade de casar acho que... parece que é horrível, pensei. Então, fui na casa do sogro e ele elogiou... aí falou: acho que daqui você não sai mais. Tem que fazer casinha para vocês morar, pode morar na minha casa."

Conseguindo escapar do compromisso indesejado do casamento naquele momento, Mario se encantou por outra jovem da mesma aldeia e ela engravidou após o casamento deles. Mas não conseguiu assumir o lugar de esposo e pai e fugiu para outra aldeia:

"Tinha uma menina no grupo, uma integrante, namorei com ela. Na mesma aldeia. O cacique fez uma reunião. Casei e tive uma filha. Só que no começo [casamento]... engravidou, acho que depois de um mês ela falou assim (ela me chamou de Karaí, meu nome indígena): eu estou grávida. E parece que é filho que me assusta... por quê, eu não sei... acho que é coisa de maluco mesmo... Eu já estava casado. Parece que não casei para ter filhos. Aí... fiquei uma semana."

Com a recriação de espaços que podem se tornar lugares de pertencimento efêmeros¹¹⁹, as relações fugazes e frágeis que os jovens vivenciam tornam-se alvo de críticas intensas por parte dos mais velhos, o que representaria para eles e alguns acadêmicos considerarem "um prejuízo à manutenção da cultura tradicional indígena." (cf. Alcântara¹¹⁹).

Mario relata situações de violência que presenciou em situações ligadas aos amigos com quem conviveu por muitos anos. Afirma que nunca aprovou nem aceitou a situação de agressões e brigas, preferindo a

discussão verbal. Ele comenta casos que ocorrem na aldeia Boa Vista:

"Eu acho que o que eu não gosto mesmo é de briga, não gosto... nem de tapa, nada. Não gosto... da pessoa que bate. Por isso eu brigo... é verbalmente. De agressão física mesmo, eu não gosto... Eu acho que nunca mais vou brigar... Eu vivi com meus amigos, vivia vendo meus amigos brigarem com outra pessoa, até estava junto, mas eu mesmo nunca bati, nunca briguei... Eu acho que existe ainda muito violência, só que aqui mesmo já não tem muito... aqui não tem. Uma outra vez já teve alguma... por isso que tem gente, tem notícia como que mataram outro rapaz, foi morto, mas aqui mesmo quase não tem isso aqui na aldeia. Tem só quando começam beber... já discute, leva tapa, mas não todos os dias. Agora, eu acho que maioria parou de beber, de descer lá em baixo, até forró mesmo; acho que ano retrasado teve esse caso, a meninada descendo tudo atrás, começa tocar som, todo mundo bebe, passa mal, volta de madrugada, e tem pessoal que briga, mas eu mesmo nunca vi esses casos mais graves."

Alcântara¹²⁰ relata em seu estudo que crime inaceitável para os Guarani seria derramar sangue de um ser humano, não importa se índio ou não índio:

"Eu acho que isso vem dos meus avós, do meu pai. Que sempre, desde criança, meus avós de manhã cedo chamavam a gente para ir lá na casa. E a gente ficava rodando a fogueira, e falavam todos os dias de manhã... que, quando crescer, como vamos saber viver com nossos parentes, não só os parentes... mas como nós vamos tratá-los. Tudo isso, mas... enxerguei pouco. Só agora que enxergo tudo quando fui crescendo. Eu acreditei, tudo é verdade que eles falaram (...) eles falaram que quando a gente derrama o sangue dos parentes, de ser humano, é o mais caro que tem no mundo. Porque diz os *ñanderú* que não tem direito de derramar sangue do próximo, dos parentes, do ser humano. E se matar o ser humano, gente; se matar ou derramar sangue, você nunca mais vai se perdoar. Então, eu acho que nunca vou brigar."

Embora afirme conseguir lidar com algumas formas de violência, o uso

do álcool e do cigarro constitui grande problema na vida de Mario, que desde cedo foi marcado por vulnerabilidades e rupturas:

"Então, ainda tenho um problema: eu bebia cachaça desde quando eu tinha 12 anos por causa dos meus amigos que eu convivia. Eram tudo índio. Eu fumava cigarro também. Parece tudo para se mostrar, aí eu fumava, com carteira de cigarros. E me viciiei no cigarro. Acho que tinha 20 anos quando comecei sentir fome, comecei a fumar e passava, não sentia mais fome."

Ainda sente dificuldade em lidar com a embriaguês; optou por diminuir a frequência da ingestão de bebidas e procura na religiosidade laços para a construção de redes e formas de não se interessar pelo uso das bebidas alcoólicas:

"A bebida, até hoje eu... bebo... não bebo mais do jeito que tempos atrás eu bebia... como na festa ou quando saía com meus amigos para jogar futebol, porque, às vezes, a gente saía para jogar e tem forró. Não é assim de cair na rua... parece que mais ajuizado. Por isso que eu não bebo... Eu acho que... a bebida, se eu tomar menos, acho que vou ter menos problema também. Só que... a bebida, quando eu começo a beber, já muda, entende? Por isso que eu tenho medo um pouco de beber; até hoje, quando começo beber, fico mais agitado, aí eu olho nas outras meninas, por isso que eu, até hoje tenho um pouco de medo... Eu acho que... se não... seguir isso, a reza, não sei me controlar muito. Se eu vou na casa de reza já é diferente. Eu falo no meu sentimento, já me concentro."

Comenta sobre a desintegração trazida pelo consumo da bebida alcoólica e a conseqüente fragilidade social, pois as lideranças se enfraquecem com isso.

"Hoje é... cada um faz o que quer... hoje mesmo comentaram que parece que os mais velhos, a própria liderança, estão bebendo direto. Como é que vai... Dar o exemplo; o que estão mostrando para os jovens? Por

isso que, não pode mais... por isso mesmo que os jovens não estão vivendo do jeito que ele quer. Ele faz coisa que... não obedece mais o pai, como o próprio avô para dar... exemplos para os jovens."

Segundo Ferreira⁸⁵, o uso abusivo do álcool nas comunidades Guarani acontece devido à fragilização com a rede religiosa, quando não frequentam a *Opÿ*, os ritos e não vivem o *ñandereko* (nosso modo de viver/ser), além da relação de contato interétnico, que influencia a organização social e a cosmologia deste grupo, bem como a compra e o uso da bebida estarem estabelecidos pelas relações sociais.

Os diversos itinerários e esforços de construção de pertencimento construídos no desenrolar da vida de Mario proporcionaram-lhe uma fonte de análise reflexiva sobre suas atitudes e atos:

"Eu descobri... que eu tenho mais experiência, através das coisas que eu fiz, coisas erradas, não só das coisas erradas. Eu vi as consequências. E descobri que eu tenho mais experiência. É... Hoje... só que quantas pessoas falam: é porque eu sou mais velho, mas eu não acreditei, só agora que eu estou vendo, quando falam... eu acho que tudo é a verdade, tudo que vai acontecer, tudo que você vai ver. Eu vejo muitas coisas, eu mesmo vi, testemunhei acontecendo isso... cada um falou, mas eu acho o que eu mesmo vi."

Antes de se mudar para a aldeia Boa Vista, conta como conheceu sua atual esposa e as pessoas próximas que o auxiliaram no namoro e casamento:

"Marco Antonio também jogava lá. Eu conhecia ele lá do Paraty-mirim, eu vim para o jogo. Aí teve jogo e fiquei jogando lá. Meus amigos voltaram para vender todos os palmitos porque eles são casados. Fiquei e parece que eu gostei. Eu vi a Kerexu... só que ela estava estudando na aula à tarde, parece que ela sempre vem de manhã cedo para ir para a aula. Adílio

[irmão Kerexu]... na primeira vez que eu cheguei no Bracuí, ele estava lá. Conheci ela [Kerexu] e depois de dois anos que eu pedi [em namoro] mesmo assim."

Marco Antonio aparece como referência para Mario, alguém que o ajudou em decisões e na constituição de alguns projetos de vida, como o casamento com Kerexu:

"Quando cheguei aqui, estava Marco Antonio e ele que deu exemplo... para mim... Eu vivia descalço. Não usava chinelo... eu vivia assim: com duas calças, duas camisetas e um tênis. Marco Antonio falou assim: pô, você não está usando chinelo, não? Aí falei: não ligo, não. Cara, tem que usar, tem que se cuidar mais, você é rapaz ainda. Ele era crente... um rapaz vai todo sábado, aparece com violão cantando, e o Marco Antonio pediu para eu seguir ele... mas eu não aceitei... Eu já tenho dois, três lugares para rezar, na casa de reza, lugar próprio para a gente. Porque para falar verdade eu não gosto muito de crente. Falam 'você acredita em Deus... já chegou a acreditar'? (...) Ah, não gostei, parece que todo crente, pergunta se a gente acredita em Deus? O Marco Antonio... ele é Pataxó. Só que a mãe é Guarani... Ele veio lá do Espírito Santo. Sete anos atrás que ele morava aqui. E foi ele que falou do nome da Kerexu... Que única menina que estava estudando aqui da aldeia, que ela teria futuro, sabia falar em português corretamente. Única pessoa que via com interesse no estudo. E... se alguém casar... com ela, vai... viver melhor. Ele falou assim. E eu fui atrás dela, eu já gostava. No comecinho eu já gostei dela."

Mario conta a história de seu namoro com Kerexu e de casamento:

"Namorei e acho que dois meses depois fui para o Paraná, junto com ela, mas caramba! Eu tinha acho que R\$ 17,00! Tentei evitar para não gastar tudo na viagem, porque cada parada da viagem é muito caro lá. Depois de um mês, dois meses ela engravidou. Pai dela falou, para esperar pelo menos dois anos. Depois de completar 18 anos... porque ela estava com 16 anos e estudando. Só que nem pensei e engravidei ela. Pai dela nem ficou sabendo. Mãe já estava sabendo. E... depois que estava com três, quatro meses, ficou

sabendo... me chamou na casa dele, eu fui, pensei assim: mesmo apanhando, vou levar ela. Fui preparado e ele me apanhou. Tudo bem, fazer o que. Porque eu que fui errado. Eu não cumpri com ordem. Colocou ordem para mim e eu não cumpri. Mais importante é levar ela, pensei. O pai dela falou que não estava certo e expulsou a filha. Fui na casa do Tiba, que morava lá em cima pertinho da casa do Daniel. Morei lá... Kerexu levou todos os livros, mas ela nem sabia onde guardar. Não tinha nada para guardar, levou lençol, cobertor... E eu que não tinha nada, nada mesmo. Aí eu casei com ela. Casei. Primeiro filho nasceu prematuro. Não era Fernando. Era menina. Ela nasceu prematura. Depois de um ano... Próprio finado Agenor me chamou para morar com minha sogra. Ela falou assim: acho que ele já estava sabendo do destino dele. Falou para ir na casa dele. Para morar com minha sogra, para cuidar. Falei assim: eu não vou cobrar mais dele. Vou fazer outra casa para morar sozinho. Depois de um mês ele morreu. Eu acho que ele já estava sabendo. Até agora estou com três filhos... fiquei de vez, sim. A Kerexu, ela não quer morar longe; só que quando a gente morava, a própria Kerexu falava, parece que reclamava que, às vezes, meu filho ficava gripado, com febre à noite, sempre a avó que dá remédio para ele. Por isso que ela se acostumou morar com a mãe."

Parafraseando Brandão¹¹⁸, os diferentes trabalhos do viver cotidiano da cultura, aparentemente apresentados como espontâneos e desorganizados, como as situações de brincadeiras de meninos e as trocas de amor entre jovens, trazem momentos de trocas de conduta e significados, regidas por regras e princípios que, aos poucos, são incorporados à pessoa os códigos das diferentes outras situações sociais.

Após sete anos de casamento com Kerexu, há dificuldades, mas acredita no investimento deles, dizendo muitas vezes que o que faz "só pode ser amor". Ele prioriza o cuidado do filho e analisa sua própria história de fragilidades relacionais e vulnerabilidades na manutenção de vínculos:

"Vou cuidar dela mesmo, do meu filho, mesmo assim, sempre falo para ela que é mais importante cuidar do meu filho. Ela é importante também, mas... se não der certo o casamento, outras coisas... não só o casamento, várias coisas que podem dar errado... então, falo assim: não precisa [ficar casado], se não gostar de mim, de alguma coisa... porque hoje em dia mais importante é cuidar do filho, tem que viver do lado do filho... para dar exemplo para ele... porque quando a gente começa a namorar, acabo de casar, aproveita... sempre quer namorar, só que depois que tem filha, sete anos de casado, já não é mais igual, não tem mais o mesmo... mas tem que respeitar... Eu mesmo acho que eu mesmo nunca briguei com ela. Ela mesma não é de brigar, não briga também."

Quadro 5 - Descrição da composição familiar de Mário, segundo gênero e situação de parentesco

Iniciais do nome	Grupo social	Gênero	Data de nascimento	Parentesco
Mário BS	Guarani	M	17/08/1982	Esposo
MKP	Guarani	F	05/06/1985	Esposa
FPBS	Guarani	M	24/03/2003	Filho
MPBS	Guarani	F	05/06/2005	Filha
EPBS	Guarani	M	26/09/2008	Filho

FONTE: Dados de registros da Funasa - notas de pesquisa de campo

Hoje, seu núcleo familiar é formado por cinco pessoas, como observado no quadro.

Sua esposa exerce papel de poder na comunidade e família, com emprego assalariado, como diretora de escola, atualmente. Alcântara¹²¹ observa o movimento *in between*, no qual são criadas novas concepções de mundo, e como quarto fator, elenca os velhos/novos papéis sociais, isto é, mudança do papel feminino, no qual passam a ter mais prestígio, papéis de liderança, onde passam a vivenciar muito mais os problemas da comunidade

do que os homens, encontrando outros modelos de relação. Mario apresenta-se como colaborador na relação e companheiro de Kerexu nos tratamentos dos filhos e idas à cidade. Conta que, muitas vezes, é criticado por outros homens da comunidade:

"Por exemplo, aqui mesmo [centro reabilitação], o motivo é pesado e então, nós [esposos] temos que ajudar ela também, tem hora que ela [esposa] vem antes do meio dia, vai uma hora de atendimento, na hora que termina, às vezes, [o motorista] tem preguiça de trazer aqui e de voltar para lá [aldeia], voltar para fazer uma hora, então, [ela] tem que vir antes, e ela não acostuma, mas acho que eu concordo com ela, dela não querer vir sozinha, só que os outros já não entendem assim, os adultos... porque Kerexu num tem outro alguém, tem que fazer isso, tenho que vir e colaborar com ela... de lá tem que vir a pé, se vir direto com o [motorista] vai chegar aqui 11h30 e vai esperar até 13h00 [para atendimento], então, é longe para vir a pé com ela... para trazer é o filho Fernando e o Edu e para voltar com ela, não é fácil, é pesado, tem que carregar no colo (...)"

Hoje Mario reconhece que poderia ter seguido outros caminhos, aprendizados, possivelmente mais próximos dos seus familiares e dos conhecimentos Guarani. No entanto, a vida descolada dos seus possibilitou outras experiências e, pelos itinerários, maior desenvoltura nas relações e no encontro interétnico:

"Por exemplo... meu pai, minha mãe que deram conselho para mim: quando se casar... quando chegar seu filho, como que você vai fazer? (...) então, eu falo tudo isso só que não acreditava em tudo isso... Eu já estou com três filhos, aí que eu vejo que não, não é fácil a vida, não. Assim que eu aprendi. Ouvir outra pessoa, antes de chegar, antes de ver. Quando chegou na minha vez, que eu aprendi muitas coisas, mas vou aprender mais ainda. Por isso descobri que eu sei as qualidades do ser humano, problemas do ser humano, como onde que está errado... por exemplo, meu pai

falava assim: antes de casar, antes de namorar, tem que aprender a fazer a casa. Não acreditei! Eu achava que era fácil. Um dia vou trabalhar, vou mandar fazer a casa, só que, como eu não acreditei, e não fiz só por... ser preguiçoso mesmo. Quando comecei a namorar com a Kerexu, não construíram a casa, e meu sogro começou a falar para fazer casa própria, para não morar na casa deles. Ele falava assim: eu não gosto do meu genro ficando dentro da minha casa. Tem que ter casa própria. Ele falou e tentei fazer, só que eu nem acertei. Até a porta mesmo se abre para fora, eu não acertei. Pensei que deveria ter aprendido antes quando meu pai falou, deveria ter obedecido. Então, por aí que eu vejo, que tenho mais experiência."

A religião tornou-se o elo importante de laço familiar, fortalecendo suas relações e sua identidade Guarani:

"Eu acho que gosto mais... de ir na casa de reza, eu gosto mais é da reza mesmo... Comentei com meus amigos, eu falo assim: nada melhor do que rezar... por exemplo, discutir não adianta... não adianta você ficar comendo bem... Ainda parece que está faltando algo. Eu vejo assim... eu acho que, eu mesmo, às vezes, preciso de coisas que me interessam, com as pessoas falando, ouvindo, senão no silêncio. Porque, às vezes, me enjoa, sabe? Barulho da televisão, música, até na brincadeira, meu jeito de ser mesmo."

Mario sempre está presente nas discussões e decisões da comunidade. Ele foi presidente da Associação da aldeia Boa Vista; relata, porém, que não sabe direito sobre as documentações e que, na prática, está inativa, mas tem interesse em reativá-la, embora não mais como presidente.

"Por enquanto, eu mesmo não atuo como liderança, que eu atuava, só que depois eu desisti porque não deu certo... e agora estou esperando, acalmar um pouquinho, que... as lideranças se ativem (...) eu participava como liderança, eu era presidente da associação."

Questionador, durante as eleições fez muitas perguntas sobre a

posição política da pesquisadora e falou abertamente sobre sua ideias; considera a comunidade da aldeia Boa Vista desunida e que o reflexo disso foi visto nas eleições: cada um votou em um candidato, sem posicionamento conjunto.

Mario havia pensado em planejar reuniões com todos os candidatos, para discutir os planos e as propostas para a cidade e para a aldeia; desta forma, a comunidade poderia perceber qual seria o melhor candidato para todos eles. Tem planos e anseios políticos e muitas ideias, mas afirma não encontrar, ainda, apoio em sua comunidade para realizá-las, embora seja uma das lideranças¹⁰:

"(...) se fosse cacique eu trazia o projeto para as crianças, de ensinar aqui o próprio artesanato para fazer a feira, próprio projeto pode ele estar pagando, comprando, só para fazer... Foi ideia minha só... pagando bichinhos aqui dois reais... o que ele vai fazer só para dar um... mas vai para ele mesmo, para ele aprender. Para construir uma casa e colocar para vender, ter uma casa de cultura para colocar como exposição. Se vem *juruzada*, turista e interessar pelo bichinho ele tem que vender de novo para nós, eu acho que tudo bem. Eu penso assim, de várias maneiras... ter... mais esporte também. Porque... se não... fazer alguma coisa assim para as crianças, para os jovens, ficam tudo dentro de casa assistindo televisão... não vai... nem o pai leva ele, não vai obedecer mais, talvez até de repente nem vem no grupo, nem para escola, o resto fica em casa, que está doente ou... quando sair da escola todo mundo vai para casa correndo para assistir televisão. Não vai mais nem saber cantar... um grupo dos cânticos, das danças nem vai... igual hoje mesmo eu estou vendo, que ninguém vê a realidade da aldeia. Ninguém sabe, quem sabe é quem mora aqui, igual eu, estou morando aqui, de cada família, de cada pessoa mesmo não vejo, mas vejo, em geral."

¹⁰ As lideranças precisam conquistar a adesão da comunidade pelo prestígio e carisma.

Ele se diz interessado em conhecer outras culturas, pois acredita que, desta forma, conseguiria lidar melhor com os problemas da aldeia. No momento em que trabalhamos nas entrevistas, ele frequentava semanalmente o curso de Informática, na cidade de Ubatuba. Era seu primeiro contato com o computador e esta nova linguagem; ele espera que o curso o ajude a conseguir um emprego melhor:

"Eu mesmo fico feliz em estar fazendo o curso de informática... não tinha na escola... estou tentando me formar para ensinar as crianças da aldeia, futuramente, por isso que eu faço e estou pensando em ser professor de informática."

Mario relata que a garantia de transporte gratuito para os Guarani facilita seus deslocamentos para a cidade, para fazer seu curso:

"Para mim é bom, vir mais cedo [para o curso], facilita mais, aproveito mais o dia também. Venho de ônibus para cidade... e foi sorte que cacique... [lideranças] fizeram carteirinha de passe. Batalhou e conseguiu para ter carteirinha para todos da comunidade da aldeia. Com carteirinha não pago passagem. Facilita mais um pouquinho. Se não tivesse, gastaria os três dias. Para vir, R\$2,50, para voltar mais R\$2,50. Dez para dois dias... noutro dia mais. Então, vou gastar trinta fora do lanche. Tem que no mínimo arrumar... Quarenta ou sessenta reais. Eu gasto R\$2,00, R\$3,40 no lanche por dia... Somente."

Mario acredita que os Guarani deveriam ocupar mais espaços e postos de trabalho, deveriam ser eles a ocupar os empregos e as funções remuneradas existentes na aldeia e não os *jurua*. Tem interesse em futuramente fazer um curso superior: Agronomia ou Computação, por exemplo:

"Acho que de hoje em diante o estudo é mais importante... para eu estudar e poder trabalhar. Eu

penso mais no estudo. Qualquer curso serve para mim. Por exemplo: os cursos... tem várias coisas que eu quero fazer, mas não sei de nenhum, ainda não tenho certeza qual quero fazer... Filosofia... tem dia que eu penso fazer curso de ciência da computação."

Os jovens não têm iniciativa nem força para expressar e aprovar suas ideias nas reuniões da comunidade. No entanto, ele considera que se muitos ainda acatam decisões dos "mais velhos", ditos "tradicionais", isto será por pouco tempo, pois, com as transformações sociais, a comunidade também terá que mudar e, em sua visão, para melhor. Sobre a disputa de poder em sua comunidade, comentou:

"Porque... várias aldeias... maioria das aldeias, dos Guarani, quando o chefe não está certo... quando percebem que o chefe não está certo... não está fazendo direito ou... de alguma coisa... pode ser fora ou pode ser dentro... Então, eles expulsam o chefe e colocam outro. Mas... nunca houve expulsão aqui, então, a gente, por isso que ficamos... cada um para um lado... cada família... do jeito que ele quer, porque ele não quer sair de jeito nenhum (...) Parece que uma vez já se levantou a voz e quase que brigou por que ele não queria entregar o cargo dele para outra pessoa... E... por isso é que não está indo esse projeto... Estamos vivendo assim. Parece que... É... cada um na sua. Porque... difícil, entende?... nós da aldeia mesmo que sabemos da realidade, porque está assim, o que esta acontecendo, porque que estamos assim. E... eu só espero do mais novo, futuramente, que de repente a gente se organize com pessoas mais novos e consiga mudar."

Cherobim⁶³ afirma que não existe uma forma de poder fortemente estruturada, mas, sim, expectativas de mando e autoridades, resultantes do contato com a sociedade nacional e a apreensão de novas ideias de poder. Isto, contudo, não chega a constituir um "poder político" forte, e o debate existente permanece na esfera do discurso, encontrando pouca

possibilidade de ação traduzida em forte estruturação do poder. E, até onde ele observou, as atitudes "de mando" são mais resultantes de um consenso pontual de sugestões discutidas em grupo frente a questões dos problemas do momento.

Mario interessou-se pela pesquisa, para dar voz aos jovens, e acha que eles, os Guarani, têm muito a dizer, e como ele discorda com frequência dos mais velhos, sente dificuldade em realizar suas proposições. Mas acredita na luta social e, se o poder ainda está nas mãos dos mais velhos, acredita que existe desejo de mudança da parte dos jovens.

Durante o ano de 2008, fez trabalhos temporários na obra da aldeia, como ajudante de pedreiro. Durante o verão, ajudou a esposa na venda do artesanato na cidade de Ubatuba. Enquanto isso, preparava-se para o vestibular.

Para o futuro, prevê melhoras na vida da família e de sua comunidade:

"Para o meu futuro, eu penso em melhorar, ser melhor é o que penso. Como, quando meu filho crescer, tem que ir embora para uma obra... tem que trabalhar, eu acho que tem mais preocupação, é isso assim na vida, é a vida."

Para ele, a melhoria da qualidade de vida está vinculada ao espaço, à terra e à estrutura de suas casas para exercer livremente e viver o *ñandereko* (modo de viver Guarani):

"Eu acho... espero assim... pra mim mesmo... É melhorar a qualidade de vida... principalmente de moradia... Ter espaço para o meu filho... para não sair porque aqui na aldeia é a casa, mas para não estar passeando direto de casa em casa... ele tem que ficar na casa para isso tem que ter... estrutura para morar, ter espaço... eu penso de ter mais coisa, mais

estruturado na minha casa para melhorar... Acho que é estrutura um pouquinho dentro da minha casa e fora da minha casa também. É... acho que hoje em dia não é mais como antigamente... Então, a gente tem que ter casa... futuramente tem que ter outra casa... não é só uma casinha, porque não vai suportar todo mundo... nós vamos tendo outros filhos para nascer, então, acho que tem que ter outra casa, mais espaço, não como dos *juruá*... não é como o costume do *juruá*, mas não só *juruá* que precisa de espaço, do conforto melhor... isso pelo seguinte... tendo a casa maior e poder ter uma sala [quarto] para cada filho, pelo menos para o mais grandinho, ele dorme conosco... eu tenho a filha... eu acho que as mulheres têm que ser mais... cuidadas. As mulheres têm que ser cuidadas mais do que meu filho. Porque ela é mulher. Ela vai crescendo, e tem que dar educação para ela."

Embora não esteja na liderança, demonstra preocupação com o futuro dos mais jovens e formula projetos para melhoria da comunidade e da vida dos Guarani:

"É... à noite, ontem mesmo, quando não durmo, penso assim, fumando cachimbo... puxa vida: tem que parar com isso... tem que... ter outro estímulo, outro cargo, outro educador. A gente tem que remar para frente. Criar outra coisa, outro carro para gente levar para frente... Se ficar nesse carro antigo... não vai levar para frente. Penso isso. Eu acho que me preocupa mais... da comunidade, da aldeia. Porque a aldeia precisa de reforma. Porque a gente tem que ter, mais atividades dentro da aldeia para se distrair, para criançada se distrair, porque não está tendo nada... Como marimba pode começar, se fosse cacique. Tem que trazer algo para as comunidades, para os jovens se distrair para não sair por aí. Senão, do jeito que está, vão sair para pedir esmola, levar até palmito que não serve para vender!"

Mario apareceu com novo projeto, trazido pelo cacique do Rio Silveiras, para seu sustento pessoal e para o desenvolvimento econômico da sua comunidade. Ele propõe a produção e comercialização de algumas mudas

de plantas da mata, como do palmito juçara, pupunha e açaí:

"(...) falei com minha sogra, com Kerexu, eu acho que deveria comprar carro para gente levar artesanato, vai ajudar a gente. Depois pensei e decidi não comprar de novo. Eu quero plantar muda... porque eu vi aqui perto, no Rio Silveira, que ele [cacique] viajou várias vezes para Itália, que ele está divulgando. Então... o cacique falou que ele está plantando lá, só que ele não para de trabalhar... com *juruá*, sai muito fora do país... viaja muito por Itália, por Londres. E... ele falou que está divulgando esse trabalho... mudas de juçara, açaí. Ele falou do palmito pupunha que... se a gente... se cada aldeia Guarani plantasse, que vai implantar... vai fazer aquela cooperativa, próprio dos Guarani, futuramente, para a gente exportar esse palmito de vários tipos, de açaí, polpa de açaí... para gente vender pupunha. Então, por isso, que veio essa ideia para pensar melhor, parece que é bom, pois quem mora na aldeia, eu mesmo, a gente mora livre, estamos livres, então, tem muitos caminhos para gente, caminhos bons ainda para gente pensar. Não aquele de estudar, porque não é só isso que tem entrada. De porta de entrada para todo mundo. Acho que se quer ganhar dinheiro ou quer melhorar na sua vida, então, tem várias coisas para nós mesmo, grande possibilidade para gente crescer."

Envolveu a família no projeto e pretende estruturar o trabalho com equipamentos e transporte para venda da mudas:

"Futuramente daqui um ano vamos juntar dinheirinho e compra aquele tobata para levar muda de lojinha em lojinha. Sabe aquele tobata? Aquele motorzinho que parece tem igual trator, o pneu dele igual trator, só que pequenininho, vem com carroceria. Eu falo assim, comprar um daquele para levar mudas... porque no carrinho não vai caber tudo. Leva cada... 200 a 400 mudas de cada viagem que eu levo pode leva longinho... eu penso isso."

Outro projeto que ocupa seus pensamentos é a formação de um apiário em escala maior. Ele afirma que um vizinho iniciou a atividade, mas que não levou adiante:

"Eu penso também em fazer projeto para criação de abelha. Eu acho bom, devagarzinho, eu vou amadurecendo minha ideia. Parece que agora não tem mais, mas teve criação de abelhas... tinha aquele do jataí. Eu acho que vou em frente nisso daí. Vou pensar melhor e vou começar plantar devagarzinho. Vou limpar perto da minha casa, vou usar primeiro minha semente. Com o tempo vou aumentar com essa muda, plantando."

Com projetos como os citados, ele acredita que sua comunidade seria mais próspera e favoreceria a permanência dos jovens e das famílias, pois os laços interpessoais, o suporte e as redes socioeconômicas estariam mais fortificados:

"Então, quem que vai querer deixar à toa, vai querer mudar para outra aldeia? Deixar todo aquilo de graça? Ah, não! Quem trabalha sabe valorizar o trabalho dele. Eu, é isso que penso. Futuramente, pegar e juntar mais velho, mais adulto, conversar com ele como seria, como vai funcionar a parte... na aldeia, como vai trabalhar dentro na aldeia e fora da aldeia. Como seria, então... vou discutir com eles. Futuramente, mas não agora."

Os anseios e desejos de Mario são de modernização das relações sociais e de poder e de desenvolvimento econômico de sua comunidade. Para ele, a utilização de recursos como a informática poderá contribuir para a melhoria da qualidade de vida. Em sua compreensão, é preciso conseguir compor novas visões de mundo, mantendo o pertencimento ao mundo Guarani. Mas é enfático em afirmar que é igualmente necessário evitar o consumo de alguns alimentos e outros produtos industrializados.

6.6 Creuza Ara: *artesanato e saúde*

Conhecemos Creuza Ara durante o *nimongaraí*, cerimônia realizada para nomeação em Guarani, em janeiro de 2008. Ela (com seu filho de 2 anos) mudou-se para a aldeia Boa Vista no final de 2007, mas é filha de moradora da aldeia, onde também residem seus irmãos. Naquele momento estava com 20 anos.

Como Mario, residiu em diferentes lugares e esteve sob os cuidados de diversas famílias. Ela explica:

"Quando eu era criança, eu morava com minha mãe. Minha avó contava que, quando minha mãe casou-se com Claudinho, ela deixou a gente morando com ela, também para ela [avó] ajudar a gente, pois ela [mãe] estava em Ubatuba, e ajudava com o que precisávamos... comida, roupa... até uns 10, 11 anos. Depois, a gente voltou a morar com minha mãe. Eu morei com ela até 13, 14 anos, depois eu saí da casa da minha mãe. Fui morar em outra casa. Sempre mudava de casa... Quando tinha 14 anos, casei com uma pessoa e eu fui morar com ele uns sete meses. Depois eu fui morar na casa da Beatriz, que ela morava aqui na época. Aí, depois fui morar na casa da Joana, na Jandira. Quando eu fiquei lá na Jandira, eu já tinha a menina. Foi aqui mesmo [aldeia Boa Vista] meu primeiro casamento... Minha avó era Teresa. Ela já faleceu. Uns três anos atrás. É avó por parte de mãe... eu vivi uma experiência que algumas pessoas ajudavam, algumas não."

A história de Creuza deu-nos a possibilidade de apreender formas singulares das (re)construções feitas por ela nos desarranjos e rearranjos de suas redes de pertencimento. A religião apareceu, mais uma vez, como elo entre mundos e fonte de sentidos existenciais e identitários.

A primeira impressão foi a de uma jovem muito disposta e animada.

Acompanhou-nos durante toda a cerimônia de nomeação Guarani; este foi nosso primeiro encontro com Creuza. A cerimônia consistia, também, no rito em que seu filho receberia seu nome. Foi muito solícita e desejava aproximação; explicava-nos o que conhecia. Depois, relatou sua vida, detalhando os lugares em que esteve e explicando que sentia um desejo muito forte de lutar por sua sobrevivência e por independência. Ela exemplificou que coletava até palmito para vender e que não tinha problema com trabalho algum a fim de melhorar sua vida e a de seu filho.

Creuza habituou-se à necessidade de criar estratégias para seu sustento, pois desde cedo suas redes de suporte foram frágeis, e teve que aprender atividades diferenciadas, mesmo algumas não muito frequentemente realizadas pelas mulheres. Este é o caso da coleta de palmito, embora justifique que não exista essa diferenciação de papéis:

"Para arranjar dinheiro, eu me virava. Na época que eu não fazia artesanato, eu tirava palmito e eu vendia, comprava o que precisava. Eu aprendi indo com um grupo. Tenho medo de ir sozinha. A gente sempre ia, na época, quem tirava era eu, a Luisa que foi embora, a Adriana, a minha irmã também já tirava na época... a Rosemeire... íamos tudo junto e vendia tudo junto. Quem tem sorte vende, quem não tem também não vendia. Agora eu não vendo mais por causa dele [filho]. Hoje eu iria, mas minha mãe não está. Eu não tinha com quem deixar ele e então não fui. Era mais de mulheres... mas todo mundo colhe o palmito, não tem diferença. Quando eu tirava, era para vender e um pouco para comer também. Com palmito a gente comia com arroz, só arroz branco sem feijão... que eu gostava de comer. É tipo um cuscuz, que prefiro, é muito gostoso. É... farinha de fubá, o cuscuz."

Ela explica que seu núcleo familiar é composto ainda hoje, dela e de seu filho, como podemos observar a seguir.

Quadro 6 - Descrição da composição familiar de Creuza, segundo gênero e situação de parentesco

Iniciais do nome	Grupo social	Gênero	Data de nascimento	Parentesco
Creuza S	Guarani	F	25/09/1987	Mãe
W S	Guarani	M	12/04/2007	Filho

FONTE: Dados de registros da Funasa - notas de pesquisa de campo

Como já relatado por Alcântara⁶⁶, os rearranjos sociais em relação ao papel masculino proporcionam às mulheres ocupar outras funções dentro da comunidade. Cherobim⁶³ complementa com a observação de que existe tendência ao desaparecimento da divisão sexual do trabalho, como já ocorre na confecção dos produtos artesanais.

Sobre a venda do artesanato, Creuza conta sua dificuldade, enfrentada por não haver transporte para retornar a casa e a falta de recepção da cidade para suas vendas. Ela enfatiza a dificuldade de não haver estrutura de suporte: não existe nenhum local onde possam guardar seus produtos, sempre têm que carregar tudo quando vão; além disso, não contam com nenhuma acomodação para esperar o ônibus e, após a última saída para o Promirim, às 24:00h, só às 5:00h do dia seguinte existe outro coletivo para este destino:

"Às vezes, quando vou para cidade, é para vender o artesanato, porque precisa, a gente tem que ir. Sempre ia, mas, como às vezes vende, às vezes não, os brancos acham o artesanato muito caro. A gente também vai na cidade para comprar alguma coisa, comida, por exemplo. O que eu acho difícil na cidade é vender o artesanato. Acho que é difícil na hora de ir embora... quando a gente ia embora, o ônibus já tinha saído e a gente tem que esperar mais um pouco. O último ônibus é 11:45h [noite], e se a gente perde aquele ônibus, a gente só tem 4:30h da manhã... A gente fica esperando lá, no terminal, quando perde o

ônibus... eu falaria assim mais ou menos [para um governante]... O que facilitaria a nossa vida na venda do artesanato, acho que seria um ônibus para trazer e para levar a gente até na aldeia ... é isso que eu falaria mesmo."

Para Cherobim⁶³, os Guarani utilizaram, num primeiro momento, a comercialização de seus produtos artesanais como meio de sobrevivência; como comerciantes, ingressam nas "brechas" que encontram na estrutura econômica regional. Num segundo momento, o artesanato adquiriu igualmente um caráter de preservação cultural, pois se utilizam técnicas transmitidas ancestralmente na fabricação das peças.

Mesmo com um aprendizado lento e difícil pela observação e repetição, o artesanato faz parte de uma identidade coletiva Guarani. Creuza vende suas peças para seu sustento e o de seu filho:

"Depois eu faço os brincos, pulseiras... quando dá tempo... Eu aprendi [fazer artesanato] vendo os outros fazer. A gente compra e eu aprendi vendo. Todas as coisas que eu faço pulseira, brinco, jacaré, tartaruga, eu que aprendi. Ninguém me ensinou. Eu pedi tanto para eles me ensinarem, mas ninguém me ensinou. Eu acabei aprendendo sozinha. Minha mãe faz. Minha mãe faz cesta, colar."

Durante nossas conversas, fez diversas perguntas sobre tratamentos de doenças respiratórias. Preocupa-se com o filho que, segundo ela, adoecia frequentemente. Durante o período da pesquisa de campo, observamos sua luta para garantir os tratamentos do filho: foi de hospital em hospital, houve muitas internações, exigindo muita força pessoal para enfrentar a vida entre hospitais e a aldeia. Creuza explica como ocorreram as internações em São Paulo e as redes que construiu para seu

fortalecimento, além do apoio buscado na religiosidade:

"Ficou internado dia 16 e ficamos duas... uma semana e um pouquinho. Depois voltei para aldeia. E eu fui assim só duas vezes na cidade... Para pagar as contas... e depois eu fico mais é direto na aldeia. Lá eu também participava da casa de reza. A casa de reza é maior que aqui... tem bem pouquinho que participava."

Ela explica ainda que acredita ter sido bem atendida no hospital, quando seu filho fez tratamento em São Paulo:

"Atenderam bem no hospital, perguntaram o que a gente estava precisando, sobre o que eles poderiam fazer para gente. E a medicação também, sempre perguntavam, o que era, para que, explicava tudo. Aquele hospital não é da Casai, é Hospital de Pedreira que chama. Fica quase perto da aldeia. É uma hora e meia. É, tudo longe lá. Se recuperou bem, graças a Deus. Ele não precisou tomar medicação em casa."

A rotina em hospitais e tratamentos acabou gerando novas relações com pessoas que Creuza encontrou nestas instituições, as quais constituíram em importante apoio para sua organização pessoal:

"Ele agora está melhorando. Em abril a gente ficou quase um mês lá no hospital... quase duas semanas na Casa do Índio... Ele tava com pneumonia muito forte, estava no isolamento, fez o exame de tuberculose, mas ele não tinha. Agora ele está bem, engordando e comendo de tudo."

Naquele período, morou com a mãe de seu ex-marido, na aldeia de Barragem, que apoiou suas escolhas e buscava ajudar nos cuidados do neto. Ela elucida:

"É da minha ex-sogra a casa onde fiquei. Foi tudo bem. Ela me ajudava muito, ela conversa, me pediu para voltar mais vezes, ela queria que a gente ficasse perto, para ela poder ajudar. Falei que eu iria embora de novo e pensaram que eu fosse voltar. Eu voltei [para

Ubatuba], porque o Willian tem consulta de novo lá em São Paulo agora na segunda-feira que vem [mas tem que ir pela Boa Vista]; então, eu não queria perder essa consulta dele, que ele precisa muito desse tratamento. Eu prefiro morar... lá na Barragem. Morei em vários lugares. A diferença que eu sinto [das outras aldeias] é... aqui. Aqui tem como ficar perto da cidade, bem próximo da cidade, então, acho bom morar aqui, mas eu prefiro morar lá. É... pelas pessoas e pela minha sogra também."

Com os anos, seu menino ficou mais forte, embora ele ainda tenha saúde delicada. Creuza diz que ainda tem dificuldade para conseguir seu sustento; conta que recebe ajuda da família:

"Começando a dar uns passinhos. E eu tenho que ficar atrás dele. Agora ele está bem melhor. Estou recebendo o bolsa família, que é R\$82,00. Aí compro fralda, que ele precisa mais, alguma coisinha, roupa. A comida mesmo eu não ajudo a comprar. Por ser 82 não vale nem valor de 80. Nem vale como se fosse 40, 50 reais. Minha família ajuda um pouco. Alimentação quem compra é minha mãe e minha tia. Ela [tia] continua morando comigo. Ela ficou aqui enquanto eu estava em São Paulo... eu fiquei um mês lá porque eu gosto. Pessoas já me conheciam. Então... eu já faço parte, converso com todo mundo. Quase não saio também. Eu fico quase direto em casa com ele, ele brinca, fico olhando nele... só fui... na cidade quando ele ficou internado de novo."

No processo das entrevistas, Creuza Ara demonstrou cansaço e desânimo, sem aquela energia e dinamismo de quando a conhecemos. Estava sempre se referindo às incertezas e dúvidas sobre onde morar e ao que fazer para seu mantimento.

Alcântara¹²² afirma que os jovens constroem teias de relações extremamente frágeis e que qualquer fato pode rompê-las, significando a perda de lugar e sentimento de pertencimento, o que gera a solidão e a

sensação de abandono constantes.

Quando retornou para a aldeia Boa Vista, de outra aldeia do litoral sul de São Paulo, convidou uma tia para morar junto, a tia que a ajudava nos afazeres domésticos. Mas, para estudar, não sentia o apoio dos parentes e da comunidade, não tinha com quem deixar seu filho. Ao falar da escola, critica o modelo atual, dizendo que sua sobrinha não está aprendendo e que na sua época, com a composição professor Guarani e professor não índio, o aprendizado era melhor:

"Que agora as crianças estão na escola e não tem professor branco, só tem professor indígena. Eu acho que poderia ter um professor branco para dar aula. Eles iam ter a língua portuguesa e a língua guarani. Quando eu era criança tinha professor não indígena e indígena, então, a gente estudava 1ª e 2ª série em guarani, 4ª e 5ª série estudava com professor branco. Então, a gente aprendia mais rápido a falar português, escrever. E hoje parece que é bem diferente. A minha sobrinha mesmo está estudando na 4ª série; ela não sabe nem escrever, nem falar, só sabe ver e falar o nome e as outras palavras não. Eu acho que poderia ter um professor não indígena aqui na escola, dando aula; eles iam aprender mais escrever português, falar. Mas pelo que eu vejo está difícil de ensinar... eu sei que é certo dar aula em guarani para não perder a cultura, para não perder a língua, mas podia ter um professor branco também... Acho importante ter os dois professores. Acho que não estão aprendendo bem o português com professor guarani. Nem escrever em guarani... acho que eles nem escrevem. Só na escola mesmo e escreve o que está escrito na lousa. Mas sozinho mesmo não escreve, não fala, não sabe o que é... eu mesma estudei até a 4ª série, mas aprendi quase tudo, não muito. Mas entendia o que era... porque escrever, falar um pouco, mesmo que esteja tudo errado. Eu escrevo um pouco... Em guarani não... Eu só falo. Mas aqui eu não interessei de escrever em guarani. Eu mesma me arrependi agora, porque nunca me interessei de estudar, escrever. Eu tinha muita preguiça. Não era difícil, acho que eu não gostava mesmo."

Sua opinião sobre casamento difere das muitas jovens, mas, como Madalena, diz que prefere a liberdade, pois são boas. Afirma, também, que se organiza bem por meio de relações construídas com familiares e com os não índios. Muitas vezes descola-se de suas redes, torna-se frágil e vulnerável, mas percebemos que ativamente mobiliza outros suportes para seu auxílio:

"Mesmo se for casada ou sem marido, para mim não faz diferença. É bem melhor ficar sozinha do que com companheiro que, às vezes, não dá certo, mesmo que a gente esteja junto, sempre briga, então, eu prefiro ficar sozinha para... ficar sem brigar... E quando está casado também não ajuda, aí eu prefiro ficar sozinha. Acho que a comunidade entende. A minha mãe mesmo não quer que eu case de novo, tão cedo. Ela me pediu um monte de vezes para eu esperar meu filho crescer mais... ter 4 anos. Não quero casar de novo agora. Eu acho que não, mas não tenho certeza. Quando estou sozinha é bem melhor, quando quero ir passear tenho liberdade. Quando vou na cidade passear um pouco, tenho liberdade. Quando se é casado já é outra coisa. Quando quer ir ele não quer que a gente vá. Quando fala alguma coisa, ele fala que não. Bem, ao contrário, do que a gente quer fazer. Agora mesmo eu fui lá na Barragem não tinha ninguém para brigar quando voltar. Eu acho bom não ter um marido."

Devido aos conflitos vividos com a mãe, somados ao forte desejo de retornar aos estudos, mudou-se da aldeia Boa Vista para a aldeia de Barragem, em São Paulo. A família do ex-marido responsabilizava-se pelo filho, enquanto ficava fora para estudar. Quando encontramos Creuza, fazia pouco tempo que tinha mudado para São Paulo, mal conseguia falar sobre o tema, pois estava muito triste com a briga que tivera com sua mãe. Ela explicou sua decisão de ir embora definitivamente, mesmo preferindo morar na aldeia Boa Vista:

"É. Lá é bem diferente [aldeia em São Paulo]. Já falei outra vez que fica perto do bairro. A aldeia já não tem mato, não tem mais paisagem para gente ver. Aqui na aldeia Boa Vista tem. Tem mato bem perto da aldeia. Mesmo assim, eu decidi ir embora... Como você está? Eu vou falar assim, mais ou menos... É que na minha casa, eu tenho uma casa para mim mesmo, para meu filho. A gente podia ficar em casa [aldeia Boa Vista], mas... para mim está muito difícil, eu penso, de ficar mas acho que não dá mesmo para mim ficar. Eu me sinto... sei lá."

A fragilidade dos núcleos familiares, as separações de casais, os jovens sem companheiros trazem consequências como as referidas por Alcântara⁴: violências interpessoais, conflitos que as jovens relatam com suas sogras e com suas mães. Estas parecem não aceitar, em grande número de casos, o retorno das filhas. Os conflitos entre gerações expressam-se de muitas formas.

Creuza comenta a seguir algumas diferenças percebidas por ela nos diferentes ambientes em que circulou na cidade e na aldeia:

"Sempre ia em grupo para cidade. É bem diferente... porque quando a gente vai na cidade a gente tem que olhar... quando vai atravessar a rua, tem que olhar os dois lados da rua ou se o carro está vindo ou não... aqui não, não precisa ficar se preocupando com a rua, com carro, ou de atravessar a rua. Aqui está tudo tranquilo. Acho que muda tudo."

Seus itinerários e sua desenvoltura no uso da língua portuguesa são mostrados com êxito nas relações de Creuza, pois consegue lidar com seus problemas e resolvê-los quando tem necessidade de se expressar:

"Agora descobri o que é não gostar! Na escola era só para brincar mesmo. Um pouco do português... Eu aprendi a falar, a conversar... Quando eu fui embora daqui, eu sempre ia para lá e para cá... Eu tinha muita vergonha de falar quando a pessoa perguntava e só

ficava rindo... eu não falava. Acho que tinha vergonha... Porque eu não sabia falar direito. Na primeira vez que eu falava, errava tudo, aí eu dava risada. Depois eu aprendi a conversar... agora mesmo eu não tenho mais dificuldade de ir para longe. Anteontem mesmo eu vim lá da Barragem. Eu não sabia onde que eu ia pegar um ônibus que vinha para cá [Ubatuba], eu nunca tinha ido na Rodoviária Tietê. Fui indo e perguntando como que chegava... aí eu vim. Eu consegui chegar direitinho. Eu tinha que pegar o metrô para poder descer no Tietê. Eu peguei."

Seu cotidiano na aldeia Boa Vista era complementado pelos afazeres domésticos, que realizava juntamente com as mulheres de sua família:

"A gente acorda de manhã, e a primeira coisa que a gente faz, a gente toma o café da manhã... A gente dorme em casa separada [dorme na sua casa], mas café da manhã e o almoço a gente come na casa da minha mãe... o café minha mãe que faz e o *typá* sou eu que faço, todas as manhãs. Mas minha tia também faz e, às vezes, quando a gente acorda, já está tudo ponto. Desde os 12 anos aprendi a fazer o *typá*... Depois a gente arruma casa, vai lavar roupa."

Outras atividades e pessoas da família também fazem parte do seu dia, conforme ela mesma esclarece:

"O almoço acontece na casa da minha mãe. Vão todos os filhos, os netos... Quem faz o almoço é minha mãe. Ela faz todo dia... e o Claudinho [marido da mãe] também ajuda fazer. Ele cozinha, mas é bem difícil... agora ele não ajuda muito, porque ele quebrou o braço faz uns dois meses e, então, ele está se recuperando agora. Eu fico até umas duas horas da tarde aqui em casa, depois vou na casa da minha mãe, volto... umas três, quatro horas da tarde, a gente vai no campo passear e brincar um pouco... A gente joga bola com as crianças... É mais o futebol mesmo. Quando eu tinha uns 14 anos, a gente jogava aqui... Depois eu fui embora e nunca mais joguei. E eu comecei agora de novo. Tinha em outros lugares, mas eu não participava... Aqui eu voltei faz um ano e um pouquinho... Depois do futebol, a gente volta e toma banho. E vamos para casa de reza. Primeiro fuma

cachimbo, depois é a [reza] e a gente canta, dança. Depois o grupo das crianças cantam, está começando a reza."

A religião é reconhecida por Creuza como central e fonte de ligação profunda entre os Guarani. Ela comenta ainda como o nome e a figura do mais velho são plenos de sentidos sociais e simbólicos:

"Ontem mesmo elas cantaram. Foi bom, é bom ir na casa de reza. Quando a gente vai, a gente reza e dorme tranquilo, em paz. Quando a gente não vai, eu mesma, por exemplo, se eu não for na casa de reza não durmo bem. É importante para mim. Quando a gente vai na casa de reza e se a Dona Santa não estiver na casa de reza, faz falta. Acho que é... Por ela ser... mais velha do que a gente. Importante o que ela faz na casa de reza, a gente se sente à vontade. Eu sei mais ou menos o significado do meu nome, e Ara é nuvens. O Tupã sempre cantava. Quando a gente fazia apresentação na cidade, quando a gente ia para outros lugares, ele sempre contava o que significava, então, eu só guardei o significado de Ara. Tem um monte de nome mas é muito difícil guardar o significado. O meu filho é Karaí Poty, mas eu não sei o que significa."

Ela reconhece a importância da religiosidade na sua vida, mesmo que em sua infância não tenha sido vivida como relevante. Hoje ela compreende a importância dos ritos e do espaço da casa de rezas:

"O que mudou na minha vida é que eu era igual às outras crianças... Quando a gente entrava na casa de reza, os mais velhos sempre falavam que, quando a gente entra na casa de reza, tinha que dar valor, saber o que é rezar, e eu nunca me interessei por isso. Eu pensava que a casa de reza era só uma casa que não tem nada lá dentro. E pensava, mas o que será que é importante aqui na casa de reza?... não estou vendo nada. Não dava importância na reza... Entrava era só para brincar mesmo... brincava, corre para cá, corre para lá... Agora vejo que ir na casa de reza é bem diferente do que eu pensava antes."

Creuza transita pela cidade para resolver questões da vida prática, como ir ao banco ver sua bolsa família, ao médico:

"Onde eu gosto de passear? Eu vou mais na casa da Jandira que eu quase passo o dia inteiro. A gente conversa, brinca, ri tudo junto. Na cidade não vou passear... eu vou muito só quando eu preciso ir. Aonde eu sempre vou é no postinho. Ficar um tempo... às vezes, eu vou lá conversar com a Íris [auxiliar de enfermagem]."

Ele discute as modificações em suas práticas ligadas à maternidade. Como mãe de criança pequena, tem restrições em suas atividades de lazer, sobretudo para ir aos banhos de cachoeira, conversar com amigas, dedicando a maior parte de seu tempo ao cuidado do filho:

"E agora, não... eu não vou mais para cachoeira, quase não tenho contato com minhas amigas. Eu só converso, o necessário. Não sei se sou eu que mudei... Nem com o meu filho eu vou mais [cachoeira]... se eu levar também ele come areia."

Como perspectiva para o futuro e melhora em sua qualidade de vida, Creuza acredita que, com maior nível escolar, conseguirá um trabalho com melhor remuneração e segurança:

"Acho importante, mas... Se a gente não tem um diploma, a gente não pode arrumar trabalho. É, um monte de pessoas que eu vejo na rua, converso se a gente podia trabalhar fora. Eu falava que podia, mas não tem o diploma, eu só terminei até a 4ª série. Gostaria de trabalhar fora. Mesmo se eu trabalhasse fora, a gente continuaria morando na aldeia. A gente sempre vai morar na aldeia. E trabalhar fora, vai porque precisa, hoje em dia, já não tem quase nada para plantar. Quem tem vontade planta, mas agora tudo... é dinheiro. Para comprar comida, tem que ter dinheiro... Comprar roupa, tem que ter dinheiro. Acho que a gente sempre vai morar na aldeia, mesmo se trabalhasse fora."

Ela acredita que o estudo poderá facilitar a realização de seus projetos:

"Para o meu futuro, depois que meu filho crescer, eu gostaria de voltar a estudar. Porque ficar dependendo dos outros para algumas coisas não dá, porque não é todo mundo que dá para ajudar a gente. A gente tem que tentar... alguma coisa. Gostaria mesmo de voltar a estudar. Um dia ter um trabalho... Gostaria mesmo. Mudar a minha vida para melhor."

Atualmente mora na aldeia do Jaraguá em São Paulo, Creuza estava em nosso último encontro na expectativa da mudança de sua aldeia para outro local que, segundo ela, fosse mais adequado para o modo de vida Guarani e para a qualidade de vida de todos, pois não gosta do fato de muitos frequentarem a praça da Sé para pedir esmola:

"A gente vai mudar daqui, uns dois, três meses... para perto, do... nome é Mairiporã. Parece que são dois, três quilômetros da rodovia. Parecia bem longe da cidade mesmo. Para lá todo mundo vai mudar... E o que vai plantar, todo mundo sonha, plantar mandioca, milho... Alguns falam que vão criar galinha, horta. Parece que tem duas cachoeira perto da terra que eles compraram. Então parece que vai mudar a vida dos Guarani daqui para frente. Viver mais na aldeia do que perto da cidade. E tem outra coisa também, que é assim: tem família que está indo no centro, lá na praça da Sé para pedir esmola, todo dia vai com três, quatro filhos. Então, isso vai melhorar, vai ser bem longe. Até eu estava indo lá no centro, mas eu não ia para pedir esmola, ia mais para vender, tentar vender um cestinho que eu fiz. Foi mais porque o meu filho estava com gripe de novo. Acho que isso também vai mudar."

O seu sustento e de seu filho são prioridades que deverão definir suas escolhas futuras. Ela deseja viver onde possa fazer horta, plantar parte de seu alimento, além de ter condições de adquirir outros produtos necessários para viver com conforto:

"Pro futuro? Acho que... gostaria que o futuro mudasse

a nossa vida de hoje. Para melhor. Porque lá no Jaraguá eu estou, mas eu dependo de doação que o pessoal leva, quase toda semana. Dependendo de doação mesmo... então gostaria que mudasse para melhor, para aldeia melhor... É viver um pouquinho mais longe da cidade, tentar plantar mandioca, milho, para não ficar dependendo de arroz, feijão, macarrão. Todo mundo gosta. Porque antigamente não era assim. Não vivia bem no meio da cidade, não dependia do dinheiro para arrumar comida. Agora não. Precisa do dinheiro, precisa fazer o artesanato para vender, conseguir comprar sapato."

Creuza busca sempre novas relações e formas de diálogo para constituir relações e favorecer sua organização pessoal. A religião e a qualidade das relações intergeracionais (mesmo reconhecendo a existência de muitos conflitos) formam elos entre os membros da sociedade Guarani de diferentes idades, gerando sentimento de segurança quando participam dos ritos e frequentam a *opy* (casa de reza).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Augé¹³, o lugar é triplamente simbólico, pois simboliza a relação de cada um consigo mesmo, definindo-se o lugar como identitário, na relação com os outros, definido como lugar relacional e por último na relação com a história, com traços de filiação, isto é, o lugar histórico.

As temáticas em educação e saúde possibilitaram conhecer as diferentes formas de relações e alguns espaços em que os jovens circulam entre a cidade e aldeia, espaços identitários pelos quais os jovens transitam e recorrem para a constante reformulação dos seus ideários e pelos quais criam campos de intermediação cultural. O trânsito e a articulação são possibilitados por diversas formas de troca de conhecimentos, confronto e redefinição das identidades envolvidas no processo. Tornam-se a escola e os serviços de saúde, locais de construção de diferenciação e de expressão da diversidade.

A educação constitui-se, em nosso entendimento, como lugar de conexão entre "os mundos", no qual ainda perdura a discussão sobre formas de atuação e metodologias em "educação indígena" e o movimento dos conceitos do ensino regular adentrando nas aldeias; ainda num descompasso de composição em educação. O diálogo proporcionado pela formação em Educação Indígena aos professores das diversas aldeias, objetivando a composição de novas metodologias na educação "dentro" das aldeias delinea um espaço importante e, sobretudo, abre perspectivas novas de movimentação individual e coletiva no tecido social mais

diversificado da educação de terceiro grau.

Observamos outra forma de conexão entre "os mundos" no movimento para "fora" da aldeia, isto é, dos jovens que estudam na cidade, direcionando a necessidade constante de diálogos e novas composições em ensino, pois se encontram pouco espaço e entendimento sobre as diferentes culturas no ambiente escolar, necessitando a ampliação destes espaços para a diversidade cultural e para novas formas de conexão entre o "mundo" da aldeia e o "mundo" do ensino regular.

A conexão entre "mundos" foi ampliada, também, pela presença dos serviços de saúde na aldeia e pelo trabalho dos jovens como agentes e auxiliares de saúde, dinamizando diferentes discussões sobre metodologias e conceitos sobre saúde/cuidado. Mas, percebemos desconexões no difícil diálogo entre a equipe de saúde e estes jovens, pois ainda é dominante e muitas vezes colocado como única via o conhecimento técnico-científico para o cuidado em saúde. Há necessidade — como visto em algumas iniciativas: o caso da contratação de uma jovem Guarani como auxiliar de dentista, para facilitar a comunicação sobre os procedimentos e entre a dentista e os Guarani, através de constantes diálogos e com os jovens ocupando estes espaços profissionais.

Cabe destacar, ainda, o centro urbano de Ubatuba como promotor de espaços de circulação. Assim, a feira livre e a feira de artesanato são lugares em que realizam seus comércios, suas negociações ainda que não recebam a devida recepção por parte da cidade que permanece em sua ambiguidade: muitas vezes, desenvolve atitudes de forma a criar uma

invisibilidade social. Nestes espaços os jovens vivenciam situações de pertença e não-pertença nos respectivos lugares e não-lugares da cidade. Augé¹³ enfatiza que hoje é nos espaços mais despersonalizados, como aeroportos, um supermercado e, no nosso caso, as feiras, que as pessoas vindas de outros locais não estão em casa, mas também, não se encontram na casa de ninguém. Esses locais podem ser caracterizados como "não-lugares", pois são espaços nos quais nem a identidade, nem a relação e nem a história são simbolizados, são espaços nos quais se coexiste ou se coabita sem viver junto¹³.

Ocorre a preocupação no sentido de a cidade proporcionar melhores estruturas para a recepção dos grupos que estão em constantes deslocamentos. Observamos que se necessita da ampliação das conexões entre os "mundos" para facilitação da convivência e o trânsito entre a cidade e aldeia, estruturação no suporte público, como ampliação nos horários do transporte público, transporte público que vá até a parte alta da aldeia, criação de banheiros próximos às feiras e praças, abrigos para pernoite e restaurantes com preços acessíveis, dentre outras medidas.

Por isso, tomamos como referência em nosso trabalho discussões desenvolvidas por Augé¹³ no trabalho atual dos antropólogos: é preciso considerar o fato de que cada pessoa está no cruzamento de diversos "mundos" e de diversas vidas, como a vida local, familiar, profissional e outras, além de considerar os chamados "espaços de comunicação", os quais são variáveis, e cada colaborador constrói sua identidade em relação aos outros, mantendo a autonomia de cada um desses espaços.

A diferenciação das experiências segundo o gênero permitiu apreender diferentes rearranjos de algumas atividades e hábitos que, se mostraram alguns estritamente masculinos ou femininos; em outros momentos, verificamos, como outros autores^{63,66}, mudanças em processo na organização social e econômica que conseqüentemente implicam em transformações das relações interpessoais e de papéis do homem e da mulher.

A caça e a coleta permanecem como uma atividade estritamente masculina ensinada e incentivada pelos pais desde a infância, embora tenhamos relatos de jovens, como a colaboradora Creuza, que realiza tanto a coleta do palmito, quanto sua comercialização.

No artesanato a divisão do trabalho segundo o gênero tornaram-se menos relevantes ainda que os jovens colaboradores mantenham os antigos hábitos, como o de as mulheres confeccionarem colares, brincos, pulseiras e cestinhas e os homens, arco e flecha, sarabatanas, chocalhos, leques e outros.

O cuidado aos filhos mostra-se como atividade estritamente feminina, mas nosso colaborador Mario coloca-se como parceiro e companheiro na criação dos filhos e acompanhamentos aos tratamentos na cidade.

O trabalho dentro ou fora da aldeia é realizado tanto por homens, quanto mulheres, bem como as atividades econômicas, sociais e rituais, ocorrendo na contemporaneidade a ampliação dos locais de prestígio e poder pelas mulheres, como o caso da colaboradora Kerexu, que exerce poder em sua família extensa e diretora da escola da aldeia.

Diferentemente da realidade apresentada por Alcântara⁶⁷, que vê a cidade como muito desejada pelos jovens, na comunidade da aldeia Boa Vista as expectativas ainda não são de um lugar melhor, mas de um local alternativo, temporário, onde muitas vezes "a cidade torna-se um lugar de sobrevivência garantida, mapeiam-na com lugares que se tornam referências identitárias".

Alcântara⁶⁷ considera que, quando os jovens estão no trânsito físico e simbólico, constroem vivências híbridas e vivem da liminaridade; é quando a cidade torna-se um lugar de possibilidades, e frequentar a cidade faz construir um lugar caracterizado pelo constante trânsito, de particularidades e individualidades.

Com as histórias dos jovens, verificamos que cada qual criou a sua estratégia e teceu seus diferentes laços para a construção de suas redes, baseados em experiências particulares, mesmo sendo jovens de uma mesma aldeia e com vidas tão próximas. Como enfatiza Bondía Larrosa¹²³, a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece: duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência; o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida — embora também tenhamos uma análise do coletivo, que se amplia à comunidade, como o fato da maioria dos jovens tecerem suas redes na família, religião e trabalho.

Segundo Alcântara⁶⁷, as histórias de pertencimentos dos jovens podem ser instáveis e representam um tempo futuro que vai depender dos laços de

duração das redes desses relacionamentos sociais.

Destacamos dentre as redes dos jovens a religião como laço de pertencimento da identidade Guarani, que evitam compor com os de outras culturas e que os fortalece identitariamente, embora a saúde já tenha forçado esse diálogo entre o conhecimento científico e o Guarani, sobre a noção de cura.

Observamos a dificuldade de alguns diálogos interculturais entre os jovens e técnicos, tanto da saúde, como da educação. Estes seriam espaços em que a terapia ocupacional pode proporcionar a intermediação e auxiliar nos desenhos dos projetos de vidas. Percebemos nos jovens a falta de pessoas com quem pudessem dialogar questões como profissionalização, formação, constituição familiar, relações familiares, uso abusivo do álcool e principalmente, auxílio na construção dos projetos pessoais e comunitários. Além de projetos direcionados a atividades de lazer e profissionalizante, tão escassos na realidade destes jovens.

Foi evidenciado em campo e em nossa experiência que inúmeros projetos direcionados aos jovens necessitam do apoio técnico e da intermediação do diálogo intercultural, o que não acontece com técnicos de outras áreas de conhecimento.

Brunello¹²⁴ aponta que a intervenção em Terapia Ocupacional não pode considerar a prática do sujeito desengajada de suas próprias relações sociais, das condições e modo de produção, do lugar que ocupa o sujeito e a forma que se coloca frente essas circunstâncias, sendo necessário conhecer a realidade cultural para se compreender realmente o outro; direcionado

desta forma nossas práticas e olhares para os grupos trabalhados.

Segundo Barros et al.¹²⁵, a terapia ocupacional social deve contribuir para o equacionamento de questões impostas pelas contradições sociais e culturais. E a intervenção da Terapia Ocupacional constitui-se como estratégia de mediação de conflito, por meio da incorporação de metodologias de ação social, pois há conflitos nas relações entre indivíduos e grupos e conflitos inerentes à organização social, política e econômica¹²⁶.

O colaborador Mario nos procurou muitas vezes para orientação sobre o vestibular, cursos, alternativas para estudar próximo da aldeia, sobre os cursos existentes na cidade de Ubatuba. O colaborador Airton procurava o auxílio para a digitação das músicas do seu grupo de coral e questionava sobre como produzir o CD musical com a verba de algum projeto: quais projetos, onde procurar? A jovem Creuza pedia ajuda para a estruturação de seus laços na cidade, pois, quando ficava na feira de artesanato até fechar, não tinha como voltar para a aldeia, ou para contar sobre os momentos difíceis que passava na relação com sua mãe. Além deles, outros jovens que não participaram da pesquisa como colaboradores nos procuraram como referências para o apoio em seus projetos.

Segundo Gogoy¹⁰¹, uma lógica diferenciada de pertencimentos impõe-se por meio de uma linguagem intercultural. Neste sentido, a criação de projetos sociais ligados à cultura pode criar mediações de situações em que as identidades ameríndias recriam-se para dar sentido às novas gerações. Santos¹²⁷ ressalta que, quando necessário, "as pessoas e os grupos sociais têm o direito de serem iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito de

ser diferente quando a igualdade os descaracteriza".

Pudemos constatar também, segundo Cherobim⁶³, que os Guarani permanecem culturalmente diferenciados e mantêm um corpo de regras orientadoras de comportamento de seus membros, como reprimir casamentos mistos ou revitalizar uma religião que permita a congregação num movimento contra-aculturativo. E entre eles não se observa decréscimo de natalidade nem aumento da mortalidade, o que levaria à extinção. Portanto, tudo isso caracteriza o momento atual de um processo histórico que colocou os Guarani e os da sociedade brasileira na mesma trama de relações conjuntivas.

Através de nosso trabalho, pudemos constatar que os jovens, no trânsito pelos diversos mundos¹³, experienciam diferentes formas de ser e constroem suas novas visões de mundo. Constroem-se, portanto, conexões como os percebidos na situação do artesanato fabricado na aldeia e vendido na cidade, a mesma situação da coleta e venda do palmito, os serviços de saúde dentro e fora da aldeia, a educação dentro e na cidade, além das relações estabelecidas com pessoas da cidade para formação dos times de futebol, apoio para compra de uniformes, apoios políticos e apoios pessoais.

Há também algumas dificuldades que formam momentos importantes de desconexões como no campo da expressão e da língua: entre o guarani e o português. Além disso, ocorrem uns descompassos entre o ensino-aprendizado e vulnerabilidades nas relações frágeis entre os casais e familiares, além do uso abusivo do álcool, causando a desconexão existencial e simbólica e até, com o mundo religioso Guarani. Observamos assim, o movimento duplo combinando conexões e rupturas: novas e criativas formas

de combinação de valores mas, com tensão e dificuldades tanto no plano coletivo como individual. Os jovens parecem preparar-se para uma relação mais reticular em que a educação e a profissionalização são fundamentais.

8 REFERÊNCIAS

1. Rangel LH. Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação. *Interface — Comunicação Saúde Educação*. 1999; 3(5):148.
2. ISA (Instituto Sócio-ambiental)[internet]. Povos indígenas no Brasil. Out 2003. Disponível em: <http://www.socioambiental.org>.
3. ISA (Instituto Sócio-ambiental)[internet]. Povos indígenas no Brasil. Out 2003. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>.
4. Tardivo LSPCO. Adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje: reflexões psicológicas. encontros e viagens [tese de livre-docência]. São Paulo: Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2004.
5. Tardivo LSPCO. O encontro com o jovem em São Gabriel da Cachoeira: em busca de uma clínica diferenciada. In: 1º Simpósio Internacional do Adolescente; 2005; São Paulo [internet]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; 2005 [citado em citado 16 fev 2009]. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100031&lng=en&nrm=abn&tlng=pt.
6. Bairrão JFMH. Adolescência em transe: afirmação étnica e formas sociais de cognição. In: 1º Simpósio Internacional do Adolescente; 2005; São Paulo [internet]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; 2005 [citado em citado 16 fev 2009]. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100003&lng=en&nrm=abn&tlng=pt.
7. Alcântara MLB. A percepção do tempo/memória entre os jovens indígenas da Reserva de Dourados. *Imaginario* [online]. Jun. 2006 [citado 16 fev 2009]; 12(12):295-305. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100016&lng=es&nrm=iso>. ISSN 1413-666X.
8. Abramo HW, León OD, Freitas MV, organizadores. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais..* São Paulo: Ação Educativa; 2005.
9. Abramo HW, León OD, Freitas MV, organizadores. *Juventude e adolescência no Brasil: referencias conceituais.* São Paulo: Ação Educativa; 2005. p. 13.
10. Feixa C. *De jóvenes, bandas y tribus.* Barcelona: Ariel. 1999. Citado por Abramo HW, León OD, Freitas MV, organizadores. *Juventude e adolescência no Brasil: referencias conceituais.* São Paulo: Ação Educativa; 2005. p. 16.
11. Peirano M. *Rituais ontem e hoje,* Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2003.
12. Peirano M. *Rituais ontem e hoje,* Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2003. p. 11.
13. Augé M. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos.* Paris:

- Bertrand Brasil; 1997.
14. Augé M. Por uma antropologia dos mundos contemporâneos. Paris: Bertrand Brasil; 1997. p. 143.
 15. Augé M. Por uma antropologia dos mundos contemporâneos. Paris: Bertrand Brasil; 1997. p. 145.
 16. Santos BS. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 1997; (48):23.
 17. Elias N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1994. p. 152.
 18. Elias N. Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1994. p. 35.
 19. Castells M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 2: O poder da identidade. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002. p. 22.
 20. Castells M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 2: O poder da identidade. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002. p. 23.
 21. Castells M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1: A sociedade em rede. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2005. p. 566.
 22. Víctora CG, Knauth DR, Hassen MNA. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial; 2000.
 23. Castro EBV. Introdução. In: Nimuendaju CU. As lendas da criação e da destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani. São Paulo: Hucitec/Edusp; 1987. p. xvii-xxxviii.
 24. Eckert C, Rocha ALC. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. *Revista de Antropologia*. 1998; 41(2):107-136.
 25. Meihy JCSB. Manual de história oral. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola; 2005.
 26. Meihy JCSB. Manual de história oral. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola; 2005.p. 177-178
 27. Schmidt MLS. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. *Psicologia USP*. 2006; (17):11-41.
 28. Fontanella BJB, Campos CJG, Turato ER. Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde. *Revista Latino-am enfermagem [online]*. 2006 [citado em 10 nov 2007]; 14(5):174-183. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n5/pt_v14n5a25.pdf.
 29. Heilborn ML. Antropologia e saúde: considerações éticas e conciliação multidisciplinar. In: Víctora CG, Oliven RG, Maciel ME, Oro, AP, organizadores. *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. Vol. 1. Niterói: EdUFF; 2004. p. 57-63.
 30. Queiroz MIP. Relatos orais: do "indizível ao dizível". In: Von Simon OM, organizador. *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais; 1988. p.14-43.
 31. Benjamin W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin W. *Obras escolhidas*, v. 1. São Paulo: Brasiliense; 1985. p. 198.
 32. Benjamin W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin W. *Obras escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense; 1985.

- p. 197-221.
33. Bessa BS. As experiências de Walter Benjamin. *Morpheus Revista Eletrônica em Ciências Humanas* [internet]. 2006 [citado em 16 fev 2009]; 5(9):[cerca de 13 p.]. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero09-2006/bessa.htm>.
 34. Halbwachs M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice; 1990. p. 49.
 35. Fleuri RM. Intercultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*. Maio-ago 2003 [citado em out 2008]; (23):22. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02.pdf>.
 36. Castro EBV. Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais; 1986.
 37. Castro EBV. Introdução. In: Nimuendaju CU. As lendas da criação e da destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani. São Paulo, Hucitec/Edusp; 1987. p.xvii-xxxviii.
 38. Meliá B. La novedad Guaraní (viejas cuestiones y nuevas preguntas) revisita bibliográfica (1987-2002). *Revista de Indias*. 2004; LXIV (230): 175-226.
 39. Meliá B. La novedad Guaraní (viejas cuestiones y nuevas preguntas) revisita bibliográfica (1987-2002). *Revista de Indias*. 2004; LXIV (230): p. 176.
 40. Nimuendaju CU As lendas da criação e da destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani. São Paulo, Hucitec/Edusp; 1987.
 41. Nimuendaju CU. Nimongaraí. *Mana: estudos de antropologia social*. 2001; 7(2):143-149.
 42. Métraux A. A religião dos tupinambás e suas relações com a das demais tribos Tupi-Guarani. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo; 1979.
 43. Schaden E. A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil. 3a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1989.
 44. Schaden E. A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil. 3a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1989. p. 124.
 45. Schaden E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: EPU/Edusp; 1962.
 46. Schaden E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: EPU/Edusp; 1962. p. 30.
 47. Schaden E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: EPU/Edusp; 1962. p. 62.
 48. Cadogan L. *Ayvu rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. São Paulo: USP; 1959.
 49. Clastres P. A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guaraní. Campinas: Papirus; 1990.
 50. Clastres H. Terra sem Mal: o profetismo tupi-guarani. São Paulo: Brasiliense; 1978.
 51. Clastres H. Terra sem Mal: o profetismo tupi-guarani. São Paulo: Brasiliense; 1978. p. 11.
 52. Clastres H. Les Beaux-frères ennemis: a propos du cannibalisme

- tupinamba. 1972; 6:71-82.
53. Chamorro Arguello CG. O rito de nomeação numa aldeia Mbyá-Guarani do Paraná. *Diálogos*. 1998; 2(2): 201-215.
 54. Chamorro Arguello CG. O rito de nomeação numa aldeia Mbyá-Guarani do Paraná. *Diálogos*. 1998; 2(2): 201-215. p. 203.
 55. Bartolomé MA. Chamanismo y religión entre los Ava-Katuete. Asunción: Ceaduc; 1991.
 56. Nimuendaju CU. Nimongaraí. *Mana: estudos de antropologia social*. 2001; 7(2):143-149. p. 147.
 57. Felipim AP. O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso na aldeia Guarani da ilha do Cardoso, município de Cananea, SP [dissertação]. Piracicaba: Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz; 2001.
 58. Ladeira MI. "O caminhar sob a luz": o território Mbya à beira do oceano [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1992.
 59. Ladeira MI. Espaço geográfico Guarani-Mbyá: significado, constituição e uso [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2001.
 60. Ladeira MI. Aldeias livres Guarani do litoral de São Paulo e da periferia da capital. In: Monteiro JM et al., organizadores. Índios no estado de São Paulo: resistência e transfiguração. São Paulo: Yankatu/CPI; 1984. p. 132.
 61. Ladeira MI. Aldeias livres Guarani do litoral de São Paulo e da periferia da capital. In: Monteiro JM et al., organizadores. Índios no estado de São Paulo: resistência e transfiguração. São Paulo: Yankatu/CPI; 1984. p. 123-144.
 62. Ladeira MI, Azanha G. Os índios da Serra do Mar: a presença Mbyá-Guarani em São Paulo. São Paulo: Nova Stella; 1988.
 63. Cherobim M. Índios Guarani do litoral do estado de São Paulo: análise antropológica de uma situação de contato. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1986.
 64. Meihy JCSB. Canto de morte Kayowá: história oral de vida. São Paulo: Loyola; 1991.
 65. Meihy JCSB. Canto de morte Kayowá: história oral de vida. São Paulo: Loyola; 1991. p. 286.
 66. Alcântara MLB. A percepção do tempo/memória entre os jovens indígenas da Reserva de Dourados. *Imaginario* [online]. Jun. 2006 [citado 16 fev 2009]; 12(12):295-305. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100016&lng=es&nrm=iso>. ISSN 1413-666X.
 67. Alcântara MLB. Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/Laboratório de Estudos do Imaginário; 2007.
 68. Alcântara MLB. A percepção do tempo/memória entre os jovens indígenas da Reserva de Dourados. *Imaginario* [online]. Jun. 2006 [citado 16 fev 2009]; 12(12):295-305. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100016&lng=es&nrm=iso>.

- psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100016&lng=es&nrm=iso>. ISSN 1413-666X. p. 296.
69. Morgado AF. Epidemia de suicídio entre os Guarani-Kaiowá: indagando suas causas e avançando a hipótese do recuo impossível. *Cad. Saúde Pública* [online]. Out./dez. 1991 [citado 16 fev 2009]; 7(4):585-598. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1991000400009&script=sci_arttext&lng=pt.
 70. Tardivo LC. O encontro com o jovem em São Gabriel da Cachoeira: em busca de uma clínica diferenciada [online]. 2005 [citado 16 fev 2009]; Anais do 1º Simpósio Internacional do Adolescente (mesa-redonda O trabalho clínico e educacional com a população indígena). Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100031&lng=en&nrm=iso.
 71. Souza MLP, Garnelo L. Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir da construção do objeto de pesquisa no contexto indígena. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [online]. Jun. 2006 [citado 16 fev 2009]; 9(2):279-292. Disponível em: http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/v09_02/06.pdf.
 72. Azevedo MAP, Adorno RCF. Juventude e reprodução entre os Guarani-Mbyá da aldeia Morro da Saudade na periferia da cidade de São Paulo. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.* [online]. Ago. 2007 [citado 12 jun. 2008]; 17(2):64-73. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000200009&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-1282.
 73. Rangel LH. Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação. *Interface — Comunicação Saúde Educação*. 1999; 3(5):147-152.
 74. Unesco. Tecnologia, informação e inclusão [online]. 2008 [citado 16 fev 2009]; 4(3). Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001585/158532POR.pdf>.
 75. Otre MAC. Comunicação popular: alternativa desenvolvida por jovens indígenas das aldeias do Jaguapiru e Bororó em Dourados/MS. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo/Agência de Comunicação Multimídia; 2008. Disponível em: <http://www.metodista.br/poscom/cientifico/publicacoes/discentes/art/artigo0038/>.
 76. Camargo OAF. Ubatuba ou "Ubachuva": uma questão de geografia. Ubatuba: Editora Parma; 1994. p. 13.
 77. Camargo OAF. Ubatuba ou "Ubachuva": uma questão de geografia. Ubatuba: Editora Parma; 1994.
 78. Camargo OAF. Ubatuba ou "Ubachuva": uma questão de geografia. Ubatuba: Editora Parma; 1994. p. 51.
 79. Camargo OAF. Ubatuba ou "Ubachuva": uma questão de geografia. Ubatuba: Editora Parma; 1994. p. 41-42
 80. Monteiro JM. Vida e morte do índio: São Paulo colonial. In: Monteiro JM et al., organizadores. Índios no estado de São Paulo: resistência e

- transfiguração. São Paulo: Yankatu/CPI; 1984. p. 29.
81. Ladeira MI, Azanha G. Os índios da Serra do Mar: a presença Mbyá-Guarani em São Paulo. São Paulo: Nova Stella; 1988.p. 36.
 82. Rodrigues AS. Até quando o etnoconhecimento sobre as abelhas sem ferrão (Hymenoptera, Apidae, Meliponinae) será transmitido entre gerações pelos índios Guarani M'byá da Aldeia Morro da Saudade localizada na cidade de São Paulo, estado de São Paulo, Brasil? *Sitientibus. Série Ciências Biológicas*. 2006; 6(4):343-350. p. 344.
 83. CPI-SP [internet]. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP); c1995-2008 [citado em 27 maio 2008]. Disponível em: <http://www.cpisp.org.br>.
 84. Funai [internet]. Brasília: Fundação Nacional do índio (Funai); [citado em 27 maio 2008]. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/>.
 85. Almeida RFT. Do desenvolvimento comunitário a mobilização política : o Projeto Kaiowa-Ñandeva como experiência antropológica. Rio de Janeiro : Contra Capa; 2001.
 86. Meliá B et al. Los Pai Tavyterã: etnografia Guarani del Paraguai contemporâneo. Asunción: Centro de Estudios Antropologicos, Universidad Católica. 1976:218. Citado em Almeida, RFT. Do desenvolvimento comunitário a mobilização política: o Projeto Kaiowa-Ñandeva como experiência antropológica. Rio de Janeiro: Contra Capa; 2001. p. 124.
 87. Funai [internet]. Brasília: Fundação Nacional do índio (Funai); [citado em 22 fev 2008]. Disponível em: http://www.funai.gov.br/ultimas/noticias/1_semestre_2005/Marco/un0315_001.htm.
 88. Rodrigues AS. Até quando o etnoconhecimento sobre as abelhas sem ferrão (Hymenoptera, Apidae, Meliponinae) será transmitido entre gerações pelos índios Guarani M'byá da Aldeia Morro da Saudade localizada na cidade de São Paulo, estado de São Paulo, Brasil?. *Sitientibus. Série Ciências Biológicas*. 2006; 6(4): 343-350.
 89. Ferreira LO. O impacto do uso abusivo de bebidas alcoólicas sobre a pessoa Mbyá-Guarani-RS. *Tellus*. 2002; 2(2):44.
 90. Alcântara MLB. Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/Laboratório de Estudos do Imaginário; 2007.p.78.
 91. Schaden E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: EPU/Edusp; 1962. p. 31.
 92. Ñande Reko Arandu: Memória Viva Guarani [CD-ROM]. São Paulo: landê — Casa das Culturas Indígenas; 2001.
 93. Gonçalves LJ. Entre culturas: uma experiência de intermediação em saúde indígena [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública; 2007.
 94. Projeto de lei 3.958/2008. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/595198.pdf>.
 95. Langdon, EJ. A construção sociocultural da doença e seu desafio para a prática médica, 2005. In: Gonçalves LJ. Entre culturas: uma experiência

- de intermediação em saúde indígena [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública; 2007. p. 14.
96. Brandão CR. O processo geral do saber (a educação popular como saber da comunidade). In: Brandão CR. Educação popular. São Paulo: Brasiliense; 1997. p. 14-26.
 97. Meliá B. Bilinguismo e escrita. In: D'Angelis W, Veiga J, organizadores. Leitura e escrita em escolas indígenas. Campinas: ALB/Mercado de Letras; 1997. p. 89-104.
 98. Meliá B. Bilinguismo e escrita. In: D'Angelis W, Veiga J, organizadores. Leitura e escrita em escolas indígenas. Campinas: ALB/Mercado de Letras; 1997. p. 104.
 99. Meliá B. Educação indígena na escola. Cadernos CEDES. Dez 1999; 19(49):11-17.
 100. Ferreira, LO. (Resenha) Lopes AS, Ferreira ML. Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. Horiz. antropol. [online]. Dez 2002 [citado em out 2008]; 8(18):307-310. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000200015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
 101. Godoy MGG. Diálogos interculturais: a educação escolar indígena e as tradições Guarani Mbya [internet]. Anais do III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult); 23-25 maio 2007; Salvador (BA). Salvador: Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia; [citado em ago 2008]. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/MariliaGGhizziGodoy.pdf>.
 102. Barros AM, Ventres W. Temporalidade e memória indígena: desafios gnoseológicos na formação de professores Guarani Mbyá para escola diferenciada [internet]. Tellus. Out. 2002; 2(3):109-123.
 103. Silva RHD. O Estado brasileiro e a educação (escolar) indígena: um olhar sobre o plano nacional de educação. Tellus. Abr. 2002; 2(2):123-136.
 104. Fleuri RM. Intercultura e educação. Revista Brasileira de Educação. Maio-ago. 2003; (23):16-35.
 105. Borges PHP. Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista. Cascavel: Unipar; Campinas: Mercado de Letras; 2000. p. 25.
 106. Borges PHP. Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista. Cascavel: Unipar; Campinas: Mercado de Letras; 2000. p. 26.
 107. Borges PHP. Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista. Cascavel: Unipar; Campinas: Mercado de Letras; 2000.
 108. Lopes, AS. Citado em Ferreira LO. (Resenha) Lopes AS, Ferreira ML. Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. Horiz. antropol. [online]. Dez 2002 [citado em out 2008]; 8(18):307-310. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000200015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
 109. Bello SEL. Etnomatemática, linguagem e a produção/apropriação de

- significados matemáticos. VII Encontro Paranaense de Educação Matemática. Foz do Iguaçu, PR, Unioeste, 2002. Disponível em: http://www.ufrgs.br/faced/educacaomatematica/texto/Texto-_VII_EPREM.pdf
110. Cherobim M. Índios Guarani do litoral do estado de São Paulo: análise antropológica de uma situação de contato. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1986. p.18
 111. Borges PHP. Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista. Cascavel: Unipar; Campinas: Mercado de Letras; 2000. p.23
 112. Lopes A. A questão da educação indígena. São Paulo: Barsiliense; 1981, p. 16. Citado por Borges PHP. Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista. Cascavel: Unipar; Campinas: Mercado de Letras; 2000.
 113. Brand, A. O confinamento e seu impacto sobre os Pãi/Kaiowá. Rio Grande do Sul: PUC, 1993. Citado por: Borges, PHP. Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista. Cascavel: Unipar; Campinas: Mercado de Letras; 2000. p. 39.
 114. Cherobim M. Índios Guarani do litoral do estado de São Paulo: análise antropológica de uma situação de contato. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1986.p. 99.
 115. Cherobim M. Índios Guarani do litoral do estado de São Paulo: análise antropológica de uma situação de contato. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1986. p. 153.
 116. Cherobim M. Índios Guarani do litoral do estado de São Paulo: análise antropológica de uma situação de contato. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1986. p. 119.
 117. Ladeira MI. Aldeias livres Guarani do litoral de São Paulo e da periferia da capital. In: Monteiro JM et al., organizadores. Índios no estado de São Paulo: resistência e transfiguração. São Paulo: Yankatu/CPI; 1984.
 118. Brandão CR. O processo geral do saber (a educação popular como saber da comunidade). In: Brandão CR. Educação popular. São Paulo: Brasiliense; 1997.
 119. Alcântara MLB. Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/Laboratório de Estudos do Imaginário; 2007. p. 83.
 120. Alcântara MLB. Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/Laboratório de Estudos do Imaginário; 2007. p. 100.
 121. Alcântara MLB. Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/Laboratório de Estudos do

Imaginário; 2007. p.102

122. Alcântara MLB. Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/Laboratório de Estudos do Imaginário; 2007.
123. Bondía Larrosa J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, em julho de 2001, traduzida por João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação Jan./fev./mar./abr. 2002; (19).
124. Brunello MIB. Reflexões sobre a influência do fator cultural no processo de atendimento de Terapia Ocupacional. Rev. ter. ocup. Fev. 1991; 2(1):30-33.
125. Barros DD, Lopes RE, Galheigo SM. Terapia Ocupacional Social: concepções e perspectivas. In: Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexus Editora; 2001.
126. Barros DD, Lopes RE, Galheigo SM. Terapia Ocupacional Social: concepções e perspectivas. In: Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexus Editora, 2001. p. 351
127. Santos BS. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. Revista Crítica de Ciências Sociais. 1997; (48):30.

ANEXOS

ANEXO A ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Tempo	Temas	Questões
Primeiro encontro Panorama geral (Passado, presente, futuro)	Atividades do dia-a-dia Locais onde morou Família Trabalho Estudo Lazer	Falar sobre o que faz, atividades? Falar sobre a vida do jovem guarani?
Presente/ Passado	Atividades de preferência Prioridades e escolhas Rituais Escola Aldeia Comunidade/ questões indígenas	O que gosta, o que é importante? O que não gosta? Descrever um dia na escola? Descrever um dia que não foi na escola?
Presente	Locais que gosta de ir Circuitos que realiza Trabalho Lazer Estudo Família	Locais que freqüenta? Itinerário? Descrever o que faz, porque?
Presente/ Futuro	Perspectivas comunitárias Relações de poder Valores Gênero Perspectivas trabalho e estudo	Falar sobre experiências importantes? Relato de pessoas que trabalham, estudam ou são importantes para a comunidade?
Futuro	Trabalho Família Lazer Questões indígenas Preconceito Álcool Gênero	Quais são os planos para o futuro? Perspectivas sobre o futuro?

ANEXO B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

HOSPITAL DAS CLÍNICAS

DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 8091 – SÃO PAULO - BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

1. justificativa e os objetivos da pesquisa, procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais e desconfortos e riscos esperados

- Termo de consentimento dirigido aos jovens colaboradores com mais de 18 anos.

Gostaria de convidá-lo e pedir sua autorização para que seja colaborador da pesquisa do meu mestrado em Ciências da Reabilitação na Universidade de São Paulo que tem o título: ***Jovens entre culturas: itinerários e perspectivas de jovens Guarani entre a aldeia Boa Vista e a cidade de Ubatuba***. Farei perguntas a você sobre as atividades e sobre os seus conhecimentos adquiridos na Aldeia e os adquiridos na cidade de Ubatuba. Na pesquisa pretendo entrevistar tanto os homens quanto as mulheres da aldeia. Estas perguntas serão gravadas para que eu possa ouvir e transcrever. Entregarei uma cópia para você e poderemos conversar sobre elas. Elas serão utilizadas em aulas, congressos, entre outras atividades universitárias. Além das entrevistas, visitarei os lugares por onde você frequenta, como a escola, a feira, a aldeia ou outros que me sugerir.

Se acontecer algum incômodo ou possível timidez durante uma entrevista ou visita ou em qualquer momento, você poderá desistir sem problema algum. Os resultados da pesquisa serão publicados em forma de artigo em revista científica e serão apresentados para você. Vou também enviar uma cópia para as instituições que financiarem o trabalho.

O objetivo da pesquisa é conhecer e descrever como os jovens Guarani Mbya, da aldeia Boa Vista, falam de seus anseios, receios, expectativas, dificuldades e de seus projetos de vida. Gostaria de entender quem são os jovens da Aldeia que freqüentam, também, a cidade de Ubatuba, quais são os lugares que freqüentam na cidade e o que acham destes lugares e também como vivem na Aldeia e o que acham dela.

2. benefícios que poderão ser obtidos

O retorno dos resultados da pesquisa às instituições envolvidas pode contribuir para reflexões e reorientar as práticas desenvolvidas. Pretende-se apresentar as reflexões gerais da pesquisa às equipes dos serviços da FUNASA, FUNAI, Escola e em assembléia da comunidade, salvaguardando o direito de confidencialidade, sigilo e privacidade dos colaboradores;

Auxiliar na discussão de propostas para intervenções específicas ao jovem

indígena.

Fornecer dados para estudos populacionais;

Sugerir melhorias e adequações de diretrizes para políticas sociais;

Reorientar práticas em terapia ocupacional social.

3. procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo

Não se aplica.

ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:

1. acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.

Estará garantido o acesso, a qualquer momento, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas aos colaboradores da pesquisa.

2. liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência.

Estará garantida a total liberdade aos colaboradores da pesquisa para retirarem seu consentimento a qualquer momento e deixarem de participar do estudo, sem que seja prejudicada a continuidade da atenção sócio-educacional.

3. salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

Estará salvaguardado a total confidencialidade, sigilo e privacidade das informações levantadas nas entrevistas. Os registros em áudio terão seus conteúdos analisados pela pesquisadora e não serão divulgados em forma de publicação. Seu uso eventual em congresso da área só será feito mediante autorização específica.

4. disponibilidade de assistência no HCFMUSP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

Haverá disponibilidade de acompanhamento de Terapia Ocupacional por eventuais situações criadas a partir da pesquisa.

5. viabilidade de indenização por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa.

Não há danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Maria Daniela Corrêa de Macedo
Tel: (11)8174-7628 ou (12)3832-5405
e-mail:madanito2@hotmail.com

DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA, FONOAUDIOLOGIA E TERAPIA
OCUPACIONAL
Rua Cipotânea, nº 51 – Cidade Universitária
Cep.05360-160 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3091-7460
e-mail:centroto@usp.br

Comissão de ética HCFMUSP
Rua Ovídio Pires de Campos, 255, 5º andar
CEP 05403 010- São Paulo- SP
Tel:011 3069 6492
e-mail: cappesq@hcnet.usp.br

OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

Esta pesquisa não tem procedimentos de risco que possa causar riscos de
intercorrências clínicas e reações adversas.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido
o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa,
assim como autorizo a pesquisadora a proceder registro áudio de minhas
entrevistas.

São Paulo, de de 200__

assinatura do sujeito da pesquisa

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome Legível)

HOSPITAL DAS CLÍNICAS

DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 8091 – SÃO PAULO - BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

1. justificativa e os objetivos da pesquisa, procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais e desconfortos e riscos esperados

- Termo de consentimento dirigido aos pais dos colaboradores

Gostaria de convidar seu filho(a) e pedir sua autorização para que ele seja colaborador da pesquisa do meu mestrado em Ciências da Reabilitação na Universidade de São Paulo que tem o título: ***Jovens entre culturas: itinerários e perspectivas de jovens Guarani entre a aldeia Boa Vista e a cidade de Ubatuba***. Farei perguntas a seu filho(a) sobre as atividades que faz no dia a dia, sobre a vida na aldeia e na cidade de Ubatuba. Na pesquisa pretendo entrevistar tanto os homens quanto as mulheres da aldeia. Gostaria de pedir, também, sua autorização para gravar. Assim vou ouvir depois e transcrever. Entregarei uma cópia para vocês e poderemos conversar sobre elas. Elas serão utilizadas em aulas, congressos, entre outras atividades universitárias. Além das entrevistas, visitarei os lugares por onde seu filho(a) frequenta, como a escola, a feira e a aldeia ou outros que seu filho(a) me sugerir.

Se acontecer algum incômodo ou possível timidez durante uma entrevista ou visita ou em qualquer momento, seu filho poderá desistir sem problema algum. Os resultados da pesquisa serão publicados em forma de artigo em revista científica e serão apresentados para vocês. Vou também enviar uma cópia para as instituições que financiarem o trabalho.

O objetivo da pesquisa é conhecer e descrever como os jovens Guarani Mbya, da aldeia Boa Vista, falam de seus anseios, receios, expectativas, dificuldades e de seus projetos de vida. Gostaria de entender quem são os jovens da Aldeia que frequentam também a cidade de Ubatuba, quais são os lugares que frequentam na cidade e o que acham destes lugares e também como vivem na Aldeia e o que acham dela.

2. benefícios que poderão ser obtidos

O retorno dos resultados da pesquisa às instituições envolvidas pode contribuir para reflexões e reorientar as práticas desenvolvidas. Pretende-se apresentar as reflexões gerais da pesquisa às equipes dos serviços da FUNASA, FUNAI, Escola e em assembléia da comunidade, salvaguardando o direito de confidencialidade, sigilo e privacidade dos colaboradores;

Auxiliar na discussão de propostas para intervenções específicas ao jovem indígena.

Fornecer dados para estudos populacionais;

Sugerir melhorias e adequações de diretrizes para políticas sociais;

Reorientar práticas em terapia ocupacional social.

3. procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo

Não se aplica.

ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:

1. acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.

Estará garantido o acesso, a qualquer momento, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas aos colaboradores da pesquisa.

2. liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência.

Estará garantida a total liberdade aos colaboradores da pesquisa para retirarem seu consentimento a qualquer momento e deixarem de participar do estudo, sem que seja prejudicada a continuidade da atenção sócio-educacional.

3. salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

Estará salvaguardado a total confidencialidade, sigilo e privacidade das informações levantadas nas entrevistas. Os registros em áudio terão seus conteúdos analisados pela pesquisadora e não serão divulgados em forma de publicação. Seu uso eventual em congresso da área só será feito mediante autorização específica.

4. disponibilidade de assistência no HCFMUSP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

Haverá disponibilidade de acompanhamento de Terapia Ocupacional por eventuais situações criadas a partir da pesquisa.

5. viabilidade de indenização por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa.

Não há danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Maria Daniela Corrêa de Macedo

Tel: (11)8174-7628

e-mail:madanito2@hotmail.com

OCUPACIONAL
Rua Cipotânea, nº 51 – Cidade Universitária
Cep.05360-160 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3091-7460
e-mail:centroto@usp.br

*Comissão de ética HCFMUSP
Rua Ovídio Pires de Campos, 255, 5º andar
CEP 05403 010- São Paulo- SP
Tel:011 3069 6492
e-mail: cappesq@hcnet.usp.br*

OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

Esta pesquisa não tem procedimentos de risco que possa causar riscos de intercorrências clínicas e reações adversas.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa, assim como autorizo a pesquisadora a proceder registro áudio de minhas entrevistas.

São Paulo, de de 200__

assinatura do responsável legal

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome Legível)

ANEXO C LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Guarani

- ABOU, Selim. *La "Republique" jesuite des Guaranis (1609-1768) et son heritage*. s.l. : Librairie Academique Perrin/Unesco, 1995. 160 p.
- . *Retour au Paraná* : chronique de deux villages Guaranis. Paris : Hachette, 1993. 379 p.
- ALCARAZ LOPEZ, Gloria Margarita. *A fecundidade entre os Guarani* : um legado de Kunhankarai. Rio de Janeiro : ENSP, 2000. 217 p. (Tese de Doutorado)
- ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz de. O caso Guarani : o que dizem os vivos sobre os que se matam? In: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). *Povos Indígenas no Brasil* : 1991/1995. São Paulo : Instituto Socioambiental, 1996. p. 725-8.
- . *Do desenvolvimento comunitário a mobilização política* : o Projeto Kaiowa-Ñandeva como experiência antropológica. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2001. 240 p.
- . O fortalecimento dos Aty Guasu. In: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). *Povos Indígenas no Brasil* : 1987/88/89/90. São Paulo : Cedi, 1991. p. 544-8. (Aconteceu Especial, 18)
- . *O Projeto Kaiowá-Ñandeva* : uma experiência de etnodesenvolvimento junto aos Guarani-Kaiowá e Guarani-Ñandeva contemporâneos do Mato Grosso do Sul. Rio de Janeiro : UFRJ-Museu Nacional, 1991. 441 p. (Dissertação de Mestrado)
- AMOROSO, Marta Rosa. *Catequese e evasão* : etnografia do aldeamento indígena São Pedro de Alcântara, Paraná (1855-1895). São Paulo : USP, 1998. 282 p. (Tese de Doutorado)
- ARAÚJO LEITÃO, Ana Valéria Nascimento (Org.). *A defesa dos direitos indígenas no judiciário* : ações propostas pelo Núcleo de Direitos Indígenas. São Paulo : Instituto Socioambiental, 1995. 544 p.
- . Indigenous peoples in Brazil, the Guarani : a case for the U.N. *Cultural Survival Quarterly*, Cambridge : Cultural Survival, v. 18, n. 1, p. 48-50, 1994.
- ARRUDA, Roseli. *A morte sistemática de um povo, uma questão de direitos humanos?* Dossiê Guarani. Dourados : UEMS, 1996. 58 p.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO/PR. *Índios do Paraná* : Texto base para o ensino do primeiro e segundo graus. Curitiba : Anai-PR, 1983. 64 p.
- AZEVEDO, Frederico Ming. *A questão indígena e a urbanização*. São Paulo : USP, 2000. (Monografia)
- AZEVEDO, Marta Maria. O programa de alfabetização do projeto Kaiowá-Ñandeva. In: SILVA, Aracy Lopes da (Coord.). *A questão da educação indígena*. São Paulo : Brasiliense, 1981. p.107-11.
- . CIMI. O suicídio entre os Guarani Kaiowá. *Terra Indígena*, Araraquara : Centro de Estudos Indígenas, v. 8, n. 58, p. 6-28, jan./mar. 1991.
- AZEVEDO, Marcos Augusto Pinto de. Maternidade e transmissão cultural: o que os Guarani, residentes na periferia da capital paulista têm a dizer. Dissertação de mestrado. São Paulo, 2004.
- BARBOSA, Carla Gonçalves Antunha. *Trazidos... Por Tupã* : a luta pelo território Guarani em São Paulo. São Paulo : USP, 1994. 190 p. (Dissertação de Mestrado)
- BARBOSA, Marco Antônio. Índios Guarani defendem suas terras na justiça. In: MONTEIRO, John Manuel et al (Orgs.). *Índios no estado de São Paulo* : resistência e transfiguração. São Paulo : Yankatu ; CPI, 1984. p. 145-8.
- BASTOS, Augusto Roa (Org.). *Las culturas condenadas*. México : Siglo Veintiuno, 1978. 350 p.
- BELLO, Samuel Edmondo Lopez. *Educação matemática indígena* : um estudo etno-matemático com os índios Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul. Curitiba : UFPR, 1995. (Dissertação de Mestrado)
- . Etnomatemática no contexto guarani-kaiowá : reflexões para a educação matemática. In: FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). *Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos*. São Paulo : Global ; Mari/USP, 2002. p. 297-325. (Antropologia e Educação)
- BERNARDES, Margarida Gennari (Coord.). *Javy'a jalee-vy - Lendo com alegria*. Brasília : Missão Evangélica Caiuá/SIL, 1992. 53 p. (Livro de Primeiras Leituras Kaiwá). Circulação restrita.
- BEZERRA, Marcos Otávio. *Panambi* : um caso de criação de uma terra indígena Kayowá. Niterói : Eduff, 1994. 149 p. (Cadernos de Graduação, 5)
- BIASE, Helena de. A contribuição da pedagogia Freinet na construção de escola indígena diferenciada na grande metrópole. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Orgs.). *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo : Global, 2001. p.87-106. (Antropologia e Educação)
- BORGES, Luiz Carlos. *Fala instituinte do discurso mítico Guarani Mbya*. Campinas : Unicamp, 1998. 336 p. (Tese de Doutorado)
- BORGES, Paulo Humberto Porto. *Ymã, ano mil e quinhentos* : escolarização e historicidade Guarani M'Bya na aldeia de Sapukai. Campinas : Unicamp, 1998. 125 p. (Dissertação de Mestrado)
- . *Ymã, ano mil e quinhentos* : relatos e memórias indígenas sobre a conquista. Cascavel : Unipar ; Campinas : Mercado de Letras, 2000. 168 p.
- . Sonhos e nomes: as crianças Guarani. Cad. CEDES vol.22 no.56 Campinas, ano 2002.
- BRAND, Antônio. *O confinamento e seu impacto sobre los Pai-Kaiowa*. Porto Alegre : PUC-RS, 1993. (Dissertação de Mestrado)
- . *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowa/Guarani* : os difíceis caminhos da palavra.

- Porto Alegre : PUC-RS, 1997. 390 p. (Tese de Doutorado)
- , Programa Kaiowa/Guarani : um trabalho de parceria em favor dos Kaiowa/Guarani. *Multitemas*, Campo Grande : s.ed., n. 4, p. 45-67, out. 1997.
- , Quando chegou esses que são nossos contrários : a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowa/Guarani no Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 21-51, nov. 1998.
- ; VIETTA, Katya. Programa Kaiowa-Guarani : uma proposta de pesquisa e intervenção. *Multitemas*, Campo Grande : s.ed., n. 8, p. 191-209, fev. 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Guarani - Índios do sul* : religião, resistência e adaptação. São Paulo : USP, 1990. 72 p. (Estudos de Sociologia, 1).
- , *Somos as águas puras*. Campinas : Papirus, 1994. 317 p.
- BRESIL : Arts prehistoriques, la conquete portugaise et l'art baroque, cultures indiennes, de l'esclavage a l'ere industrielle. Paris : SFBDA Archeologia, 1992. 77 p. (Dossiers d'Archeologie, 169)
- BRIDGEMAN, Lorraine Irene (Org.). *Kwatia mitäygywe-pe gwarã (ABCário em Kaiwá)*. Brasília : Missão Evangélica Caiuá/SIL, 1991. 40 p. Circulação restrita.
- , *Manual para o escritor Kaiwá*. Dourados : Missão Evangélica Caiuá, 1991. 8 p. Circulação restrita.
- , *O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani*. Brasília : SIL, 1981. 132 p.
- BRIGHENTI, Clóvis Antônio. *Integração e desintegração* : análise do tratamento dispensado pelos Estados brasileiros e argentino ao povo Guarani de Santa Catarina e da província de Misiones. São Paulo : USP, 2001. 214 p. (Dissertação de Mestrado)
- BRUNO, Cayetano. *Las reducciones jesuíticas de indios Guaranies (1609-1818)*. Rosário : Didascalía, 1991. 178 p. (Obras para la Evangelización y la Catequesis, 32)
- BURRI, Stefanie. La situación económica de la etnia guaraniés en el Paraguay Oriental. En particular de la etnia Mbya : la tierra-base de su supervivencia económica, política y social. *Anuário Indigenista*, México : Instituto Indigenista Interamericano, n. 35, p. 43-68, dez. 1996.
- CABEZA DE VACA, A. N. *Naufrágios & comentários* : A pé, de Santa Catarina ao Paraguai. São Paulo : L&PM Eds., 1999.
- CADOGAN, Leon. *Ayvu rapyta* : textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. São Paulo : USP, 1959. 218 p.
- , *Ayvu Rapyta* : textos míticos de los Mbyaguarani del Guaira. *Rev. Paraguaya de Sociologia*, Assunção : Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, v. 29, n. 85, p. 188-9, set./dez. 1992. Publicado originalmente no Boletim n.227, Antropologia n.5, FFCL/USP, São Paulo, 1959.
- , *Diccionario Mbya-Guarani-Castellano*. Assunção : Fundación Leon Cadogan, 1992. 211 p.
- , La encarnación y la concepción : la muerte y la resurrección en la poesia sagrada "esotérica" de los juguakáva-Tenondé Porã-Gué (mbya-Guarani) del Guairá, Paraguay. *Rev. do Museu Paulista*, São Paulo : Museu Paulista, v. 4, 1952.
- , *Leon Cadogan* : extranjero, campesino y científico - Memórias. Assunção : Fundación Leon Cadogan : Centro de Estudios Antropológicos, 1990. 218 p.
- , Las reducciones del Tarumã y la destrucción de la organización social de los Mbyá-Guaranies del Guairá (Ka'ygua o Monteses). In: *ESTUDIOS antropológicos publicados em homenagem al Doctor Manuel Gambio*. México : s.ed., 1956.
- CAMY, Fernando Franco Serrou. O direito consuetudinário Kaiowa/Guarani frente ao nosso direito positivo. *Multitemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 96-9, nov. 1998.
- CARBONELL DE MASY, Rafael; BLUMERS, Teresa. *Estratégias de desarrollo rural en los pueblos guaranies (1609-1767)*. Barcelona : A.Bosch, 1992. 534 p. (Monografías Economía Quinto Centenario)
- CARDOSO, Andrey Moreira. *Prevalência de doenças crônico-degenerativas na população Guarani-Mbya do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : ENSP, 2000. 87 p. (Dissertação de Mestrado)
- ; MATTOS, Inês E.; KOIFMAN, Rosalina J. Prevalência de fatores de risco para doenças cardiovasculares na população Guarani-Mbya do Estado do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro : Fiocruz, v. 17, n. 2, p. 345-54, mar./abr. 2001.
- CARVALHO, Maria Janete Albuquerque de. *Povos tradicionais em Unidades de Conservação e Uso Indireto* : identidade e fronteiras étnicas dos Guarani-Mbya na Estação Ecológica Juréia-Itatins. Brasília : UnB/DAN, 2003. (Monografia de Graduação)
- CARVALHO, Nerini Pires de. *O índio Guarani e sua aculturação*. São Paulo : ESP, 1978. (Dissertação de Mestrado)
- CHAMORRO-ARGUELLO, Cândida Graciela. Arete : as festas ou o tempo verdadeiro dos Guarani. *Cadernos Comin*, São Leopoldo : Comin, n. 5, 38 p., abr. 1996.
- , Os efeitos do universo no dizer Kaiowá. In: ZWETSCH, Roberto (Org.). *500 anos de invasão - 500 anos de resistência*. São Paulo : Cedi ; Paulinas, 1992. p.17-28.
- , *A espiritualidade Guarani* : uma teologia ameríndia da palavra. São Leopoldo : Sinodal, 1998. 234 p. (Teses e Dissertações, 10)
- , Os Guarani : sua trajetória e seu modo de ser. *Cadernos Comin*, São Leopoldo : Comin, n. 8, 30 p., ago. 1999.

- . *Kurusu ñe'ëngatu* : palavras que la historia no podría olvidar. São Leopoldo : Instituto Ecumênico de Posgrado ; Assunção : Centro de Estudios Antropológicos, 1995. 250 p. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, 25)
- . O rito de nomeação numa aldeia Mbya-Guarani do Paraná. *Diálogos*, Maringá : s.ed., v. 2, n. 2, p. 201-15, 1998.
- CHASE-SARDI, M.; BRUN, Augusto; ENCIO, Miguel A. *Situación sociocultural, economica, juridico-politica actual de las comunidades indígenas en el Paraguay*. Assunção : Universidad Católica/Centro Interdisciplinario de Derecho Social y Economía Política, 1994.
- CHEROBIM, Mauro. *Os Guaraní do litoral do Estado de São Paulo* : estudo antropológico de uma situação de contato. São Paulo : USP, 1981. 172 p. (Tese de Doutorado)
- CICCARONE, Celeste. *Drama e sensibilidade* : migração, xamanismo e mulheres M'Bya Guarani. São Paulo : PUC, 2001. 352 p. (Tese de Doutorado)
- CIMI; COMISSÃO DE ARTICULAÇÃO TUPINIKIM E GUARANI. *Campanha internacional pela ampliação e demarcação das terras indígenas Tupinikim e Guarani*. Aracruz : Cimi, 1996. 42 p.
- CIMI; CPI-SP; PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA DA 3a. REGIÃO (Orgs.). *Conflitos de direitos sobre as terras Guarani Kaiowá no estado do Mato Grosso do Sul*. São Paulo : Palas Athena, 2001. 487 p.
- CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada* : mitos e cantos sagrados dos índios Guaraní. Campinas : Papirus, 1990. 144 p.
- CLASTRES, Heléne. *Terra sem mal* : o profetismo Tupi-Guarani. São Paulo : Brasiliense, 1978.
- COIMBRA, Maria Célia Crepschi. *O grito sufocado de morte dos Kaiowá e o conceito psicanalítico de pulsão*. São Paulo : PUC/Cogeeae, 1997. 60 p. (Monografia)
- COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. A Reserva Kayowá e a fazenda Paraguaçu. *Cadernos da CPI/SP*, São Paulo : CPI-SP ; São Paulo : Global, n.2, p.155-6, 1981.
- COSTA, Carlos Roberto Zibel. Desenho cultural da arquitetura Guarani. *Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Arq. e Urb. da FAU-USP*, São Paulo : USP/FAU, n. 4, p. 113-30, dez. 1993.
- ; SETTI, Kíza; LADEIRA, Maria Inês Martins. The Guarani tribe build a village in the urban context of greater São Paulo. *Tradional Dwellings and Settlements: Working Papers Series*, s.l. : s.ed., v. 50, s.n., p. 71-105, 1992.
- COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. *Nhandewa aywu*. Campinas : Unicamp, 2003. 131 p. (Dissertação de Mestrado)
- COUTINHO, Maria Inês. *A resistência pelo estético* : imaginário Guarani en las Misiones Jesuíticas del Brasil. Porto Alegre : PUC-RS, 1996. (Dissertação de Mestrado)
- DALCIN, Ignácio. *Em busca de uma "terra sem males"* : as reduções jesuíticas guaranis, evangelização e catequese nos sete povos das missões. Porto Alegre : EST/Palmarinca, 1993.
- DALLANHÖL, Karia Maria Bianchini. *Jeroky e Jerojy* : por uma antropologia da música entre os Mbya-Guarani do Morro dos Cavalos. Florianópolis : UFSC, 2002. (Dissertação de Mestrado)
- DARRAULT-HARRIS, Ivan. *Psicossemiótica na construção da identidade infantil* : um estudo da produção artística de crianças Guarani/Kaiowa. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2001. 266 p.
- DAVALOS-MISLITZ, Ana Clara Marque. *Polimorfismo da proteína GC em indígenas brasileiros*. Ribeirão Preto : USP/FMRP, 1992. 96 p. (Dissertação de Mestrado)
- DINIZ, Edson Soares. *Uma reserva indígena no Centro-Oeste paulista* : aspectos das relações interétnicas e intertribais. São Paulo : Museu Paulista, 1978. 158 p. (Coleção Museu Paulista, Série de Etnologia, 3)
- DOOLEY, Robert A. *Apointamentos preliminares sobre Nhandeva Guarani contemporâneo*. Brasília : SIL, 1991. 85 p. (Arquivo Lingüístico, 197)
- . *Períodos Guarani*. Brasília : SIL, 1977. 72 p. (Arquivo Lingüístico, 34).
- . *Vocabulário do Guaraní* : vocabulário basico do Guaraní contemporâneo (dialeto Mbüá do Brasil). Brasília : SIL, 1982. 322 p.
- ; FLORENTINO, Nelson (Comps.). *Histórias dos Nhandéva do norte do Paraná (vários autores indígenas)*. Brasília : SIL, 1991. 54 p. Circulação restrita.
- DORETO, Givaldo. *A educação e os conflitos econômicos e políticos* : a luta para a preservação cultural do povo Guarani. Campo Grande : Univers. Católica Dom Bosco, 1997. 150 p. (Dissertação de Mestrado)
- FATTAH JUNIOR, Said Mahmoud Abdul. O conflito processório nas terras Kaiowá/Guarani no Estado de Mato Grosso do Sul. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 87-95, nov. 1998.
- FELIPIM, Adriana Perez. *O sistema agrícola Guarani M'Bya e seus cultivares de milho* : um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP. Piracicaba : Esalq, 2001. 120 p. (Dissertação de Mestrado)
- FERREIRA, Luciane Ouriques. *Maba-e Achy* : a concepção cosmológica da doença entre os Mbya-Guarani num contexto de relações interétnicas. Porto Alegre : UFRGS, 2001. (Dissertação de Mestrado)
- FERREIRA, Mariana Kwall Leal. Conhecimentos matemáticos de povos indígenas de São Paulo. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kwall Leal (Orgs.). *Práticas pedagógicas na escola*

- indígena*. São Paulo : Global, 2001. p.211-35. (Antropologia e Educação)
- . Divina abundância : fome, miséria e a Terra-Sem-Mal de crianças Guarani. In: SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (Orgs.). *Crianças indígenas : ensaios antropológicos*. São Paulo : Global ; Mari-USP, 2002. p. 150-67. (Antropologia e Educação)
- . SUHRBIER, Mona Birgit. A poética da fome na arte Guarani. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo : USP/MAE, n. 10, p. 211-29, 2000.
- FERREIRA NETO, Waldemar. *Os índios e a alfabetização : aspectos da educação escolar entre os Guarani de Ribeirão Silveira*. São Paulo : USP, 1994. 110 p. (Tese de Doutorado)
- GADELHA, Regina Maria A. F. (Ed.). *Missões Guarani : impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo : Educ, 1999. 391 p. (Edições Comemorativas)
- GALVÃO, Eduardo. Diários Kaióá (1943). In: GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira (Org.). *Diários de campo de Eduardo Galvão : Tenetehara, Kaioa e índios do Xingu*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1996. p.175-247.
- GARCIA, Wilson Galhego. *Introdução ao universo botânico dos Kayová de Amambaí : descrição e análise de um sistema classificatório*. São Paulo : USP, 1985. (Tese de Doutorado)
- . Plantas medicinais entre os índios Kayovas. *Terra Indígena*, Araraquara : Centro de Estudos Indígenas, v. 13, n. 77/78, p. 13-94, mar. 1996.
- GARLET, Ivori José. *Mobilidade Mbya : história e significação*. Porto Alegre : PUCRS, 1997. 229 p. (Dissertação de Mestrado)
- . ASSIS, Valéria S. de. Diagnóstico da população Mbya-Guarani no sul do Brasil. *Cadernos do Comin*, São Leopoldo : Comin, n. 7, 84 p., dez. 1998.
- GARLET, Ivori José; SOARES, André Luis Ramos. Cachimbos Mbya-Guarani : aportes etnográficos para uma arqueologia Guarani. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.). *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas : Unicamp, 1998. p. 251-74.
- GODOY, Marília G. Ghizzi. Misticismo e etnicidade Guarani, radicalismo cultural no Estado de S. Paulo. *Terra Indígena*, Araraquara : Centro de Estudos Indígenas, v. 8, n. 60, p. 22-38, jul./set. 1991.
- . *Teko axy : o misticismo Guarani M'Bya na era do sofrimento e da imperfeição*. São Paulo : PUC, 1995. 330 p. (Tese de Doutorado)
- GOLIN, Tau. *A guerra guaranítica : como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os sete povos dos jesuítas e índios Guaranis no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo : EDIUPF ; Porto Alegre : UFRS, 1998. 623 p.
- GOMES, Sarah Lurkiv. *Sob o domínio da tradição : um estudo sobre as manifestações do poder nas lideranças políticas Guarani (1534-1579)*. Porto Alegre : PUC-RS, 1996. (Dissertação de Mestrado)
- GONZALEZ, Rodolfo. Los guaraníes en la formación de nuestra sociedad. *Hoy Es História*, s.l. : s.ed., v. 9, n. 50, p. 58-62, mar./abr. 1992.
- GRÜNBERG, Georg G. Por que os Guarani Kaiowá estão se matando? *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro : Cedi, v. 13, n. 258, p. 32-7, jul./ago. 1991.
- Publicado também no Boletín IWGIA n. 2, set./out. 1991, p. 21-4.
- . La violencia del estigma : "blancos" y Tupí-Guaraní. In: LEÓN-PORTILLA, Miguel et al (Eds.). *De palabra y obra en el nuevo mundo*. v. 1: Imágenes interétnicas. México : Siglo XXI, 1992. p.293-310.
- GUEDES, Marymarcia. *Subsídios para uma análise fonológica do mbia*. Campinas : Unicamp., 1983. 47 p. (Dissertação de Mestrado)
- . *Subsídios para uma análise fonológica do mbya*. Campinas : Editora da Unicamp, 1991. 63 p. (Línguas Indígenas)
- GUIMARÃES, Sílvia Maria Ferreira. Através da Terra sem mal : uma possível abordagem de um grupo Guarani. *Rev. Brasiliense de Pós-Graduação em Ci. Soc.*, Brasília : UnB, v. 3, n. 1, p. 7-21, 1999.
- . *Os Guarani-Mbya e a superação da condição humana*. Brasília : UnB, 2001. 151 p. (Dissertação de Mestrado)
- . *Oguata Porã : experiências de um grupo Guarani-Mbya no mundo*. Brasília : UnB, 1998. (Monografia de Graduação)
- HARTMANN, Thekla. Artefatos Guarani de 1994. *Rev. do Museu de Arqueol. e Etnol.*, São Paulo : USP-MAE, n. 3, p. 187-96, 1993.
- HELM, Cecília Maria Vieira. *Direitos territoriais indígenas : disputa judicial entre Kaingang, Guarani e madeireiros pela Terra Indígena Mangueirinha, Paraná, Brasil*. Curitiba : Design Estudio Gráfico, 1997. 35 p.
- . *Estudo antropológico sobre os povos indígenas da bacia do rio Tibagi*. Curitiba : HF, 1999. 38 p.
- . (Coord.). *A implantação de usinas hidrelétricas e os indígenas no Sul do Brasil*. Curitiba : IAP/GTZ, 1998. 119 p.
- . *Laudo antropológico povos indígenas da Bacia do rio Tibagi - Kaingang e Guarani - e os projetos das Usinas Hidrelétricas Cebolão e São Jerônimo*. Curitiba : Copel/Cnia, 1998. 76 p.
- . *Povos indígenas e projetos hidrelétricos no estado do Paraná*. Curitiba : HP, 1998. 25 p.
- . TELES, Ivani Aparecida Garcia (Orgs.). *Venh Rog, Rio Tibagi*. Curitiba : Grupo MIG, 1998. 36 p.

- IAPECHINO, Mari Noeli Kiel. *O discurso da criação na cultura Guarani e o processo de constituição da brasilidade*. São Paulo : PUC, 1999. 158 p. (Dissertação de Mestrado)
- IBANHES, Brigido. *Che ru (Chiru) : contos mestiços as margens do Rio Apa*. Campo Grande : Alvorada, 1991. 87 p.
- . *Kyvy Mirim : o índio mago e a lenda do pé de tarumã*. Curitiba : s.ed., 1997. 32 p.
- JOSÉ FILHO, Antônio. Bilingüismo e educação bilingüe Kaiowá/Guarani, L1 - português, L2 na Reserva Indígena de Caarapo/MS. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 176-93, nov. 1998.
- JULIÃO, Lúbia Galleano. Origens e efeitos históricos da venda de mão-de-obra Kaiowá/Guarani as usinas de álcool, na região da grande Dourados, durante os últimos 20 anos. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 79-86, nov. 1998.
- KERN, Arno Alvarez. Aspirações utópicas da sociedade missioneira. *Biblos: Rev. do Depto de Biblioteconomia e História*, Rio Grande : FURG, v. 5, p. 85-95, n.esp., 1993.
- . Cultura européia e indígena no Rio da Prata nos séculos XVI-XVIII. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre : PUCRS, v. 19, n. 2, p. 5-18, dez. 1993.
- KOK, Maria da Glória Porto. *Os vivos e os mortos na América portuguesa da antropofagia a água do batismo*. Campinas : EdUnicamp, 2001. 183 p. (Originalmente Dissertação de Mestrado)
- KWAXIA para, Jesus remimbo'ekewéry ojapo va'ekwe* : atos dos apóstolos na língua Guarani. Rio de Janeiro : SIL, s.d.. 198 p.
- LADEIRA, Maria Inês Martins. Aldeias livres Guarani do litoral de São Paulo e da periferia da capital. In: MONTEIRO, John Manuel et al (Orgs.). *Índios no estado de São Paulo : resistência e transfiguração*. São Paulo : Yankatu ; CPI, 1984. p. 123-44.
- . Atividades da escola da aldeia Guarani da Barragem, São Paulo. In: SILVA, Aracy Lopes da (Coord.). *A questão da educação indígena*. São Paulo : Brasiliense, 1981. p.112-22.
- . "O caminhar sob a luz" : o território Mbyá a beira do oceano. São Paulo : PUC, 1992. 199 p. (Dissertação de Mestrado)
- . *Espaço geográfico Guarani-Mbya* : significado, constituição e uso. São Paulo : USP, 2001. 235 p. (Tese de Doutorado)
- . Os Guarani na Mata Atlântica. In: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). *Povos Indígenas no Brasil : 1991/1995*. São Paulo : Instituto Socioambiental, 1996. p. 773-80.
- . *Os índios Guarani/Mbya e o complexo lagunar estuarino de Iguape-Paranaguá* : parecer para a Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo. São Paulo : CTI, 1994. 43 p.
- . *Material para alfabetização em português* : índios Guarani. São Paulo : CTI, 1977. 88 p.
- . Mbya Tekoa : o nosso lugar. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo : Seade, v.3, n.4, 1989.
- . Migrações Guarani M'Bya. *Travessia*, São Paulo : CEM, v. 9, n. 24, p. 21-4, jan./abr. 1996.
- . *Necessidade de novas políticas para o reconhecimento do território Guarani*. (Apresentado no 49º Congresso Internacional de Americanistas, 1997).
- . *Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Al Morro dos Cavalos*. São Paulo, 2002.
- . *YY Pau ou Yva Pau - Espaço Mbya entre as águas ou o caminho aos céus* : os índios Guarani e as ilhas do Paraná. Curitiba : CTI, 1990.
- . AZANHA, Gilberto. *Os índios da Serra do Mar* : a presença Mbyá-Guarani em São Paulo. São Paulo : Nova Stella, 1988. 70 p.
- . *Relatório antropológico sobre as comunidades Guarani do "litoral" do estado de São Paulo*. São Paulo : CTI, 1986. 124 p.
- LANDA, Beatriz dos Santos. *A mulher Guarani* : atividades e cultura material. Porto Alegre : PUC-RS, 1995. (Dissertação de Mestrado)
- LEHNER, Beate. Relaciones históricas y actuales de los pueblos guaraníes del Paraguay Oriental con el pueblo paraguayo. In: GUGENBERGER, Eva (Ed.). *Comunicación intercultural en América Latina : ?Del conflicto ao diálogo?*. Frankfurt : Peter Lang, 2003. p. 209-24.
- LEVCOVITZ, Sérgio. *Kandire* : o paraíso terreal - o suicídio entre índios Guarani do Brasil. Belo Horizonte : Te Cora Ed. ; Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1998. 263 p.
- LITAIFF, Aldo. *As divinas palavras* : representações étnicas dos Guarani-Mbya. Florianópolis : UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado)
- . *Les fils du soleil* : mythes et pratiques des indiens Mbya-Guarani du littoral du Bresil. Montreal : Université de Montreal, 1999. (Tese PhD)
- . Darella, Maria Dorothea. Os índios Guarani Mbyá e o parque estadual da Serra do Tabuleiro. XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum de Pesquisa 3: "Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação". Brasília, 2000.
- LOPES, Andréia Aparecida Ferreira. *Corpo e saúde entre os Guarani*. Campinas : Unicamp, 2001. 233 p. (Dissertação de Mestrado)
- LOPEZ BREARD, Miguel Raul. *Mitos guaraníes*. Assunção : Intercontinental, 1994. 91 p.
- MACIEL, Gisele Teresinha. *O Guarani* : uma experiência de guerra. Porto Alegre : PUC-RS, 1996. (Dissertação de Mestrado)
- MAGNANI, Maria da Graça. *Imaginário Arariba* : a pratica pedagógica a serviço da reconstrução de

- valores. Marília : Unesp, 2000. 180 p. (Tese de Doutorado)
- MAHER, Terezinha de Jesus Machado. *Já que é preciso falar com os doutores de Brasília...* : subsídios para um curso de português oral em contexto indígena. Campinas : Unicamp, 1990. 161 p. (Dissertação de Mestrado)
- MANFROI, José. Qual a função da escola indígena diferenciada na construção do futuro do povo Kaiowá/Guarani? Um estudo a partir das lideranças, rezadores, pais e professores indígenas. *Multitemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 162-75, nov. 1998.
- MANGOLIM, Olívio. *Povos indígenas no Mato Grosso do Sul : viveremos por mais 500 anos*. Campo Grande : Cimi-MS, 1993. 120 p.
- MARTIN, Nicolas. *Guarani : as missões do século XVIII*. São Paulo : s.ed., 1991.
- MARTÍNEZ, Noemí Díaz. La migración Mbya (Guarani). In: JORNA, P.; MALAVER, L.; OOSTRA, M., coords. *Etnohistoria del Amazonas*. Quito : Abya-Yala ; Roma : MLAL, 1991. p. 133-52. (Colección 500 Años, 36)
- MARTINS, Maria Cristina Bohn. *O Guarani e a economia de reciprocidade*. São Leopoldo : Unisinos, 1991. 386 p. (Dissertação de Mestrado)
- MARTINS, Marci Fileti. Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbya. Universidade Estadual de Campinas . Instituto de Estudos da Linguagem. Tese (doutorado), ano 2004.
- MARZAL, Manuel M. (Coord.). *El rostro índio de dios*. Lima : Pontificia Univ. Católica del Peru, 1991. 450 p.
- MASY, R. C. *Estratégias de desarrollo rural en los pueblos Guaranis (1609-1767)*. Barcelona : Antônio Broch, 1992.
- MAZZOLENI, Gilberto. Evangelização e tradições indígenas : o caso Guarani. *Rev. Brasil. de Ci. Soc.*, São Paulo : Anpocs, v. 9, n. 26, p. 66-71, out. 1994.
- McGEAGH, Robert. Thomas Fields and the precursor of the Guarani "reducciones". *Colonial Latin American Historical Review*, s.l. : s.ed., v. 2, n. 1, p. 35-55, 1993.
- MEDEIROS, Rogério. Nas margens do Piraque-Açu : o encontro das tribos Guarani e Tpiniquim, gravado por Versus. *Versus*, São Paulo : Versus, n.9, p.25-6, abr. 1977.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Canto de morte Kaiowá : história oral de vida*. São Paulo : Loyola, 1991. 303 p.
- , A morte como apelo para a vida : o suicídio Kaiowá. In: SANTOS, Ricardo Ventura; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. (Orgs.). *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro : Fiocruz, 1994. p. 243-51.
- , Suicídio Kaiowá. *Carta*, Brasília : Gab. Sen. Darcy Ribeiro, n. 9, p. 53-60, 1993.
- MELATTI, Julio Cesar. *Índios do Brasil*. São Paulo : Hucitec ; Brasília : UnB, 1987. 222 p.
- MELIÁ, Bartomeu. *El guaraní : experiencia religiosa*. Assunção : Ceaduc/Cepag, 1991. 128 p.
- , *El Guaraní conquistado y reducido : ensayos de etnohistoria*. Assunção : Universidad Católica, 1986. 302 p. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, 5)
- , *O índio no Rio Grande do Sul : quem foi, quem é, o que espera*. Frederico Westphalen : Interdiocesano Norte, 1984. 31 p.
- , *Los indios y lenguas guarani del Paraguay*. Quito : Abya-Yala, 1995. 300 p. (Pueblos y Lenguas Indígenas, 11)
- , Invenção e construção do Guarani. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro : SBPC, v. 15, n. 86, p. 57-61, nov./dez. 1992.
- , *Lengua Guarani del Paraguay : historia, sociedade y literatura*. Madrid : Mapfre, 1992. 338 p.
- , La muerte que vivimos. *Accion*, Assunção : Cepag, n.144, p.29-32, 1994.
- , *Una nación, dos culturas*. Assunção : Cepag, 1993. 132 p.
- , Son los Guaranies potencialmente suicidas? *Accion*, Assunção : Cepag, n.145, p.30-3, 1994.
- , *La tierra sin mal de los Guarani : economia y professia*. s.l. : s.ed., 1987.
- , *Pueblos indígenas en el Paraguay*. Assunção : Fernando de la Mora Ediciones, 1997.
- et al. *La agonía de los aché-guayaki : historia y cantos*. Assunção : Centro de Estudios Antropológicos Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", 1973. 172 p.
- MELIÁ, Bartomeu; FARRÉ, Luis; PÉREZ, Alfonso. *El guaraní a su alcance : un método para aprender la lengua guaraní del Paraguay*. Assunção : Cepag, 1992. 250 p.
- MELIÁ, Bartomeu; GRÜNBERG, Georg; GRÜNBERG, Friedl. Los Pai-Tavyterã : etnografía Guarani del Paraguay contemporaneo. *Suplemento Antropológico*, Assunção : Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", v.11, n.1/2, p.151-295, 1976.
- MELIÁ, Bartomeu; NAGEL, Liane Maria. *Guaraníes y jesuitas, en tiempo de las misiones : una bibliografía didáctica*. Santo Ângelo : URI ; Assunção : Cepag, 1995. 305 p.
- MELIÁ, Bartomeu; SAUL, Marcos Vinícios de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. *O Guarani : uma bibliografia etnológica*. Santo Angelo : Fundames, 1987. 448 p.
- MELLO, Flávia Cristina de. *Aata tape rupy, seguindo pela estrada : uma investigação dos deslocamentos territoriais de famílias Mbya-Guarani do Sul do Brasil*. Florianópolis : UFSC, 2001. (Dissertação de Mestrado)
- MELO E SILVA, José de. *Fronteiras Guaranís (com um estudo sobre o idioma Guaraní ou avane-e)*. São Paulo : Imprensa Metodista, 1939. 336 p.

- MENEGASSI, José Lino. *A morte na vida Guarani*. São Paulo : PUC, 1993. 197 p. (Dissertação de Mestrado)
- MESSIAS, Iara Taborda de. Variability of complement factor B and complement component C3 among Guarani indians from southern Brazil. *Rev. Bras. de Genética*, São Bernardo do Campo : s.ed., v. 16, n. 3, p. 803-9, 1993.
- MISSÃO EVANGÉLICA CAIUÁ; SIL. *Te'yi remimombe'ukwe 1, 2, 3, 4, 5 (Fábulas Kaiwá 1, 2, 3, 4, 5)*. Cuiabá : SIL, 1994. 16, 15, 20, 16 e 28 p. Circulação restrita.
- MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. *Através do Mbaraka* : música e xamanismo Guarani. São Paulo : USP, 2002. 276 p. (Tese de Doutorado)
- . O fazer-se de um belo guerreiro : música e dança no jeroky guarani. *Sexta Feira: Antropologia, Artes e Humanidades*, São Paulo : Pletora, n. 7, p. A67-A73, 2003.
- MONTEIRO, John Manuel. Os Guarani e a história do Brasil meridional : séculos XVI-XVII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo : Cia. das Letras ; Fapesp ; SMC, 1992. p.475-500.
- MONTICELLI, Gislene. *Vasilhas cerâmicas Guarani* : um resgate da memória entre os Mbya. Porto Alegre : PUC-RS, 1995. (Dissertação de Mestrado)
- MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Arte de la lengua Guarani*. Assunção : Cepag, 1993. 308 p.
- . *Conquista espiritual* : feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. Porto Alegre : Martins Livreiro Ed., 1985. 262 p.
- . *Tesoro de la lengua Guarani*. Viena ; Paris : Faesy y Frick - Maisonneuve, 1876.
- MORGADO, Anastácio F. Epidemia de suicídio entre os Guarani-Kaiowá : indagando suas causas e avançando a hipótese do recuo impossível. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro : Fiocruz, v. 7, n. 4, p. 585-98, out./dez. 1991.
- Moraes JC. Condições dos solos em áreas de pousio dos cultivos praticados por índios Guarani, em Ubatuba (SP). [tese] Botucatu, SP: Faculdade de Ciências Agrônômicas da Universidade Estadual Paulista; 2002.
- MORRIS, Christine Ballengee. Decolonialization, art education, and one Guarani nation of Brazil. *Studies in Art Education*, Virginia : s.ed., v. 41, n. 2, p. 100-13, 2000.
- MOTA, Clarice Novaes da. La obscuridad y el mar : comienzo y fin de los Guarani. In: CIPOLLETTI, Maria Susana; LANGDON, E. Jean, coords. *La muerte y el mas alla en las culturas indígenas Latinoamericanas*. Quito : Abya-Yala ; Roma : MLAL, 1992. p. 51-76. (Colección 500 Años, 58)
- MOTA, Lúcio Tadeu. *O aço, a cruz e a terra* : índios e brancos no Paraná provincial 1853-1889. Assis : Unesp, 1998. 530 p. (Tese de Doutorado)
- (Org.). *As cidades e os povos indígenas* : mitologias e visões. Maringá : Eduem, 2000. 47 p.
- MUGRABI, Edivanda (Org.). *Os Tupinikim e Guarani na luta pela terra*. Brasília : MEC, 2001. 104 p.
- MÜLLER, Salvio Alexandre. *Efeitos desagregadores da construção da barragem de Ibirama sobre a comunidade indígena*. Florianópolis : UFSC, 1985. (Dissertação de Mestrado)
- MURA, Fábio. *Habitações Kaiowá* : formas, propriedades, técnicas e organização social. Rio de Janeiro : UFRJ-Museu Nacional, 2000. (Dissertação de Mestrado)
- NACKE, Anelise. *O índio e a terra* : a luta pela sobrevivência no Posto Indígena Xapeco-SC. Florianópolis : UFSC, 1983. (Dissertação de Mestrado)
- NECKER, Louis. *Indios Guaraníes y chamanes franciscanos* : las primeras reducciones del Paraguay (1580-1800). Assunção : Universidad Católica, 1990. 284 p.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Apontamentos sobre os Guarani. *Rev. do Museu Paulista*, São Paulo : Museu Paulista, n.s., v.8, p.9-34, 1954.
- . *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní*. São Paulo : Hucitec ; Edusp, 1987. 156 p.
- NOELLI, Francisco Silva. Aportes históricos e etnológicos para o reconhecimento da classificação Guarani de comunidades vegetais no século XVII. *Fronteiras*, Campo Grande : s.ed., v. 2, n. 4, p. 275-96, 1998.
- . Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia Guarani através de informações históricas. *Diálogos*, Maringá : s.ed., v. 2, n. 2, p. 177-99, 1998.
- . *Sem Tekohá não há Tekó (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí - RS)*. Porto Alegre : PUC, 1993. 3 v. (Dissertação de Mestrado)
- OLIVEIRA, Cleane S. de; LOTUFO NETO, Francisco. Suicídio entre povos indígenas : um panorama estatístico brasileiro. *Rev. de Psiquiatria Clínica*, São Paulo : USP/IP, v.30, n.1, 2003.
- OLIVEIRA, Getúlio de. *Mokõi Kovoe - Os dois Jaós*. Cuiabá : Missão Evangélica Caiuá/SIL, 1993. (Livro de Leitura Kaiwá). Circulação restrita.
- OLIVEIRA, Solange Nunes de. *A arqueologia Guarani* : construção e desconstrução da identidade indígena. Campinas : Unicamp, 2002. 135 p. (Dissertação de Mestrado)
- OLIVEIRA, Sônia Grubits Gonçalves de; BRAND, Antônio; GUIMARÃES, Lílana A. M. Vida e morte na cultura Guarani/Kaiowá. *Multitemas*, Campo Grande : s.ed., n. 8, p. 227-39, fev. 1998.
- ORTIZ, Diego et al. *Hablemos el Guaraní* : curso completo en cuatro niveles para extranjeros. 4 v.

- Assunção : Cepag, 1990.
- PACHECO, Eliezer. *O povo condenado*. São Paulo : Artenova, 1977. 226 p.
- PADRON FAVRE, Oscar. Tres documentos de los siete pueblos orientales 1828/1829. *Estudios Ibero-Americanos*, Porto Alegre : PUCRS, v. 17, n. 2, p. 17-29, dez. 1991.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Brasil. *Artesanato indígena* : Guarani e Kaingang. Curitiba : SEE, 2002. 16 p.
- PAULETTI, Maucir; SCHNEIDER, Nereu; MANGOLIM, Olivio. *Por que os Guarani e Kaiowá se suicidam?* Campo Grande : CIMI, 1997. 52 p.
- PEDERSEN, Kennet. Jaguaren og biskoppens forvandlinger : fire sma skitser om omvendinger og omvendelser i forbindelse med tupiguaranisk religion. *Tidsskriftet Antropologi*, Copenhagen : s.ed., v. 23, p. 99-111, 1991.
- PERASSO, José A. *Ayvukue Rape (el camino de las almas)* : etnografia ava-kue-chiripa y tymaka-chiriguano. San Lorenzo : Museo "Guido Boggiani", 1992. 120 p.
- ; VERA, Jorge. *La cultura Guaraní en el Paraguay contemporaneo (etnografía ava-kue-chiripa)*. Assunção : RP, 1987. 272 p.
- PEREIRA, João José de Felix. *Morro da saudade* : a arte Nandeva de fazer e tocar flauta de bambu. São Paulo : PUC, 1995. 220 p. (Dissertação de Mestrado)
- PEREIRA, Levi Marques. No mundo dos parentes : a socialização das crianças adotadas entre os Kaiowá. In: SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (Orgs.). *Crianças indígenas* : ensaios antropológicos. São Paulo : Global ; Mari-USP, 2002. p. 168-87. (Antropologia e Educação)
- . *Parentesco e organização social Kaiowá*. Campinas : Unicamp, 1999. (Dissertação de Mestrado)
- PEREIRA, Maria Aparecida da Costa. *Uma rebelião cultural silenciosa* : investigação sobre os suicídios entre os Guarani (Nhandeva e Kaiowá) do Mato Grosso do Sul. Brasília : Funai, 1995. 55 p. (Índios do Brasil, 3)
- PEREZ, Ouriel; NAVET, Eric Navet. L'Anthropophagie des Tupi-Guarani : du sujet bon a penser a l'objet bon a manger. *Bulletin de la Soc. Suisse des Americanistes*, Geneve : Soc. Suisse des Americanistes, n. 66/67, p. 101-12, 2002/2003.
- PIEIDADE, Sílvia Cristina; SOARES, André Luis R. Considerações sobre um enterramento Guarani : alterações e hipóteses etno-históricas. *Rev. do Museu de Arqueol. e Etnol.*, São Paulo : MAE, n. 10, p. 31-68, 2000.
- PIRES, Maria Ligia Moura. *Guaraní e Kaingang no Paraná* : um estudo de relações intertribais. Brasília : UnB, 1975. 167 p. (Dissertação de Mestrado)
- PICOLI, Renata Paloopoli. A fonética e a fonologia na educação bilingüe, guarani e português, nas escolas indígenas Kaiowá/Guarani da Reserva de Caarapo, região da Grande Dourados/MS. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 194-7, nov. 1998.
- PIMENTEL, Spensy. O mistério dos suicídios : ninguém sabe com certeza por que tantos caiowás se matam. *Problemas Brasileiros*, São Paulo : Senac, v. 38, n.338, p.14-7, mar./abr. 2000.
- PREZIA, Benedito Antônio Genofre. *Indígenas em São Paulo, ontem e hoje* : subsídios didáticos para o ensino fundamental. São Paulo : Paulinas, 2001. 47 p.
- PROGRAMA KAIOWA GUARANI. *Censo escolar Kaiowá Guarani no Mato Grosso do Sul*. Campo Grande : PKG, 1999.
- PROJETO ARA VERA. *Nembohoky ne'e tesai rehehape - Mbo'ehara kuera kaiowa ha guarani* : livro de receitas tradicionais de remédios. Campo Grande : Seduc, 2002. 42 p.
- . *Nemombe'u je'upy rehegua - Mbo'ehara kuera kaiowa ha guarani* : receitas tradicionais de comidas e bebidas. Campo Grande : Seduc, 2002. 26 p.
- . *Te'yi rembiapo - Mbo'ehara kuera kaiowa ha guarani* : receitas tradicionais de artefatos. Campo Grande : Seduc, 2002. 40 p.
- QUEVEDO, Júlio. *Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata*. Bauru : Edusc, 2000. 249 p. (História)
- . *As missões* : crise e redefinição. São Paulo : Ática, 1993. 104 p. (Princípios, 229)
- RAMOS, Alcida Rita. Bugre ou índio : Guarani e Kaingang no Paraná. In: ----- . *Hierarquia e simbiose* : relações intertribais no Brasil. São Paulo : Hucitec, 1980. p. 183-246.
- RAMOS, Lorenzo; RAMOS, Benito; MARTINEZ, Antonio. *El canto resplandeciente - Ayvu rendy vera* : plegarias de los Mbyá-Guaraní de Misiones. Buenos Aires : Ed. del Sol, 1984. 142 p.
- RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. *Vida em reserva* : três comunidades indígenas de São Paulo. São Paulo : PUC-SP, 1979. 93 p. (Dissertação de Mestrado)
- REED, Richard K. Medicine, land loss, and the Guarani. *Anthropological Quarterly*, Washington : Catholic University of America, v. 69, n. 3, p. 158-61, jul. 1996.
- . *Prophets of agroforestry* : Guarani communities and commercial gathering. Austin : Univ. of Texas Press, 1995. 269 p.
- RESENDE, Maria Leonia Chaves de. *Visões da conquista* : verso e reverso (as missões jesuítas nos séculos XVI/XVII). Campinas : Unicamp, 1993. (Dissertação de Mestrado)
- RIESTER, Jürgen; ZOLEZZI, Graciela (Eds.). *Identidad cultura y lengua* : la experiencia Guaraní en

- Bolivia. Quito : Abya-Yala, 1989. 280 p.
- RIOS, Aurélio Virgílio Veiga. *Legal aspects of the presence of traditional peoples on protected areas (the Guarany/Mbya case)*. Brasília : MPF, 1997. 72 p. (Dissertação de Mestrado Univ. of Bristol)
- ROBERTO, Maria Fátima. *Salvemos nossos índios*. Campinas : Unicamp, 1983. (Dissertação de Mestrado)
- ROCHA, Elaine Pereira. *Ava-Guarani... Presente! Xanxerê* : Cimi-Sul, 1991. 70 p.
- RODRIGUES, Danielle Marcelle Grannier. *Fonologia do guaraní antigo*. Campinas : Unicamp, 1974. (Dissertação de Mestrado)
- RODRIGUES, Robson Antônio. *Cenários da ocupação Guarani na calha do alto Paraná : um estudo etnoarqueológico*. São Paulo : USP, 2001. 170 p. (Dissertação de Mestrado)
- Rodrigues, Robson Antonio; Afonso, Marisa Coutinho. Um olhar etnoarqueológico para a ocupação guarani no estado de São Paulo. *Horiz. antropol.* vol.8 no.18.Porto Alegre, ano 2002.
- RODRIGUEZ, José Exequiel Basini. *Estratégias econômicas, políticas e religiosas na mito-praxis mbya-guarani*. Porto Alegre : UFRS, 1999. 240 p. (Dissertação de Mestrado)
- ROJAS, Guillermo. Un sacerdote guarani se dirige al rey de España. *Boletín de Antropología Americana*, México : Instituto Panamericano de Geografía e Historia, n. 25, p. 173-8, jul. 1992.
- ROSA, Marcelo Caetano de Cernev. Notas sobre a presença Guarani no estado do Paraná : elementos de cosmologia e historia. *Rev. Mediações*, Londrina : UEL, v. 4, n. 1, p. 33-46, jan./jun. 1999.
- ROSSATO, Veronice Lovato. A luta pela educação escolar diferenciada entre os Kaiowá/Guarani de Mato Grosso do Sul. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 147-61, nov. 1998.
- RUSCHEL, Ruy Ruben. O direito de propriedade dos índios missionários. *Veritas*, Porto Alegre : PUCRS, v. 39, n. 153, p. 103-16, mar. 1994.
- SAGUIER, Ruben Bareiro (Org.). *Literatura Guaraní del Paraguai*. Caracas : Ayacucho, 1980.
- SALLES, Ayr Trevisanelli et al. Monitoramento da cobertura vegetal e do uso do solo da reserva indígena Caarapo-MS, através de técnicas de sensoriamento remoto e geoprocessamento. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 100-32, nov. 1998.
- SANTOS, Ana Cristina Ribas dos. Como se dão as relações sociais na família da comunidade Kaiowá/Guarani da Reserva de Caarapoto na região da grande Dourados no Mato Grosso do Sul. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 74-8, nov. 1998.
- SANTOS, Ana Maria do Perpétuo Socorro dos. *O forte do Iguatemi : atalaia do império colonial e trincheira da memória dos índios Kaiowa da Paraguassu*. Campinas : Unicamp, 2002. 159 p. (Dissertação de Mestrado)
- Santos, Angela Maria Lima. A contribuição da arte indígena na construção do saber de enfermagem : um estudo do significado da pintura corporal no ritual de cura dos Guarani de São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. ano 2002
- SANTOS, Maria Cristina dos. Desenvolvimento do potencial de integração Guarani na segunda metade do século XVIII. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre : s.ed., v. 21, n. 2, p. 155-71, dez. 1995.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Lideranças indígenas, indigenismo oficial e destruição florestal ; o caso do Iberama. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, n. 92, p. 89-104, 1994.
- SANTOS KUNHA NIMBOPYRUA, Catarina Delfina dos et al. *Nhandewa-Rupi - nhande aywu agwa* : para falarmos na nossa língua. Campinas : NCEI-ALB, 2002. 27 p.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Etnohistória e interpretação arqueológica : a documentação textual para o estudo dos grupos Tupi e Guarani. *Rev. de Arqueologia Americana*, México : s.ed., n. 11, p. 79-102, jul./dez. 1996.
- SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guaraní*. São Paulo : EPU ; Edusp, 1974. 208 p. Originalmente Tese de Livre Docência, São Paulo : USP, 1954.
- . Fases da aculturação religiosa dos Guaraní. In: ----- . *Aculturação indígena* : ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos. São Paulo : Edusp, 1969. p. 103-44.
- . A origem e a posse do fogo na mitologia Guaraní. In: ----- . *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1976. p. 306-14.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. El Guaraní en Rio Grande do Sul : la colonización del Monte y los frentes de expansión. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo : Unisinos, v.18, n.64, p.185-206, 1982.
- SEMINÁRIO "PRÁTICAS DE SUBSISTENCIA E CONDIÇÕES DE SUSTENTABILIDADE DAS COMUNIDADES GUARANI NA MATA ATLÂNTICA" (1998). *Relatório*. São Paulo : CTI, 1998. 110 p.
- SERAFIM, Maria das Graças. *Hábitos alimentares e nível de hemoglobina em crianças indígenas Guarani, menores de 5 anos, dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro*. São Paulo : EPM, 1997. 85 p. (Dissertação de Mestrado)
- SILVA, Joana Aparecida F. *Os Kaiowá e a ideologia dos projetos econômicos*. Campinas : Unicamp, 1982. 141 p. (Dissertação de Mestrado)
- SILVA, Márcio. Educação e linguagem segundo os Guarani-Mbyá. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, Unicamp, n.4, p.143-54, jun. 1983.

- SILVA, Marina. *O drama Kaiowá : uma outra descoberta do Brasil*. Brasília : Senado Federal, 1999. 30 p.
- SILVA, Sérgio Baptista da. *O sítio arqueológico da praia da Tapera : um assentamento Xarare e Tupiguarani*. Porto Alegre : UFRGS, 1989. (Dissertação de Mestrado)
- SIMONIAN, Lúcia Terezinha Lopes (Org.). *Arquivo Kaingang, Guaraní e Xetá*. Ijuí : Fidene, 1981. 114 p. (Cadernos do Museu, 10)
- . *O círculo vicioso da violência na Área Indígena Guarita e os possíveis limites das ações judiciais*. s.l. : s.ed., 1991. 61 p.
- . *Kaingang e Guaraní no Rio Grande do Sul*. Ijuí : Fidene, 1982. 39 p.
- . *Laudo antropológico sobre "O círculo vicioso da violência na Área Indígena Guarita e os possíveis limites das ações judiciais"*. s.l. : Procuradoria da República/RS, 1991. 61 p.
- . Visualização : Estado expropria e domina povo Guaraní e Kaingang. *Cadernos do Museu*, Ijuí : Fidene/Museu Antropológico, n.9, 44 p.
- SOARES, André Luís Ramos. *Guaraní : organização social e arqueologia*. Porto Alegre : EdPUCRS, 1997. 256 p.
- . *Organização socio-política Guaraní : aportes para a investigação arqueológica*. Porto Alegre : PUC-RS, 1996. (Dissertação de Mestrado)
- SORENSEN, Dorthe Nyland. Paradisloftet : Jesuitter hos tupiguarani. *Tidsskriftet Antropologi*, Copenhagen : s.ed., v. 23, p. 89-98, 1991.
- SURVIVAL INTERNATIONAL. *Deserdados : os índios do Brasil*. Londres : Survival International, 2000. 96 p.
- SUSNIK, Branislava. *Los aborígenes del Paraguay*. V. 2: Etnohistoria de los Guaraníes. Assunção : Museo Etnográfico "Andrés Barbeiro", 1982.
- Souza, José Otávio Catafesto de. O sistema econômico nas sociedades indígenas Guaraní pré-coloniais. *Horiz. antropol.* vol.8, no.18. Porto Alegre, ano 2002.
- TANGERINO, Celeste Ciccarone (Org.). *Revelações sobre a terra : a memória viva dos Guaraní*. Vitória : UFES, 1996. 88 p.
- TEODORO, Antônio José. Diagnóstico realizado na Reserva Indígena de Caarapo e aldeia Jarara : relatório. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 4, p. 86-108, out. 1997.
- . Investigação, caracterização e avaliação da situação ambiental do entorno da Reserva Indígena de Caarapo-MS : estudo preliminar. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 133-46, nov. 1998.
- TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *A cultura material do Guaraní missionário como símbolo de identidade étnica*. Florianópolis : UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado)
- . Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guaraní. *Rev. do Museu de Arqueol. e Etnol.*, São Paulo : USP-MAE, n. 6, p. 33-46, 1996.
- TORRES, Luiz Henrique. *Historiografia sul-riograndense : o lugar das Missões Jesuítico-Guaranis na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)*. Porto Alegre : PUC-RS, 1997. (Dissertação de Mestrado)
- TORRES, Fernanda de Jesus. Ciclo Vigília/Sono em adolescentes de uma população indígena. São Paulo, 2005. 153p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- UTIYAMA, Shirley Ramos da Rosa; GUARDIANO, Joel; PETZL-ERLER, Maria Luiza. Perfil de auto-anticorpos em índios das tribos Kaingang e Guaraní do Sul do Brasil. *Rev. Panamericana de Salud Pública*, Washington : s.ed., v. 7, n. 6, p. 371-6, jun. 2000.
- VIETTA, Katya. Os homens e os deuses : a construção Mbya do conceito de sociedade. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 3, p. 76-96, mai. 1997.
- . *Mbya : Guaraní de verdade*. Porto Alegre : UFRGS, 1992. (Dissertação de Mestrado)
- . Não tem quem orienta, a pessoa sozinha, que nem uma folha que vai com o vento : análise sobre alguns impasses presentes entre os Kaiowá/Guarani. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 52-73, nov. 1998.
- . Programa Kaiowá/Guarani : algumas reflexões sobre antropologia e práticas indigenistas. *Multítemas*, Campo Grande : s.ed., n. 4, p. 68-85, out. 1997.
- VILLALBA, Daniel Rojas. La religión en la cultura Guaraní. In: BOTTASSO, Juan (Coord.). *Religiones amerindias : 500 años después*. Quito : Abya-Yala ; Roma : Mlal, 1992. p. 127-40. (Colección 500 Años, 56)
- WENCESLAU, Marina Evaristo. *Índio Kaiowá : suicídio pelo tekoha*. São Paulo : USP, 1994. 485 p. (Tese de Doutorado)

Infância e juventude

- BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Adolescência em transe: afirmação étnica e formas sociais de cognição. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. Proceedings online... Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100003&lng=en&nrm=abn>. Access on: 06 June. 2007.

- RANGEL, Lucia Helena. *Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação*. Revista Interface, 1999. p148.
- TARDIVO, L.S.P.C.O. *Adolescente e Sofrimento Emocional nos Dias de Hoje: Reflexões Psicológicas. Encontros e Viagens*. Tese de Livre Docência – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia clínica. São Paulo, 2004.
- TARDIVO, L.S.P.C.O. *O encontro com o jovem em São Gabriel da Cachoeira – em busca de uma clínica diferenciada*. 1º Simpósio Internacional do Adolescente. Mesa-redonda O trabalho clínico e educacional com a população indígena. São Paulo, 2005
- GENNEP, Van. *Ritos de passagem: Estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- SOUZA, Luciana Puglisi de Paula. *Da adolescência à fase adulta : um ritual de passagem e transformação*. Dissertação (Mestrado). São Paulo, 1998.
- TARDIVO, L.S.P.C E VAISBERG, T. - A. Natureza e esportes ou violência e drogas? A juventude no imaginário de jovens indígenas aculturados. Revista de Psicologia - Vetor Editora Psico-pedagógica. São Paulo, 2002.
- YUMI, Gosso. Título. *Pexe oxemoarai: brincadeiras infantis entre os índios Parakanã*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2004.
- VIDILLE, Wagner Francisco. *Práticas terapêuticas entre indígenas do Alto Rio Negro : reflexões teóricas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2005.

Etnografia

- ATKINSON, Paul. *Understanding Ethnographic Texts*. London: Sage Publications, 1992.
- Agnolin, Adone. *Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá*. Rev. Antropol. v.45, n.1, São Paulo, ano 2002.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- CORRÊA, Mariza. *As limitações do método comparativo em antropologia* (traduzido de *The limitations of the comparative method of Anthropology*, in F. Boas, *Race, Language and culture*, N.Y., 1958.
- DEBERT, Guíta Grin. *Ética e as novas perspectivas da pesquisa antropológica*. In: *Antropologia e ética: O debate atual no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2004.
- Faulhaber, Priscila. *Nos varadouros das representações: Redes etnográficas na Amazônia do início do século XX*. Rev. Antropol. v.40, n.2, São Paulo, ano 1997.
- GEERTZ, C. *O índio bêbado*. In: *A Interpretação de Culturas*. - Rio de Janeiro: LTC, 1989. *Obras e Vidas: o Antropólogo Como Autor*.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Antropologia e Saúde: Considerações Éticas e Conciliação Multidisciplinar*. In: *Antropologia e ética: O debate atual no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2004.
- Lima, Antonio Carlos Souza; Leirner, Piero de Camargo. *Um Grande Cerco de Paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1995, 335 p.
- LEITE, Yonne de Freitas (org). *A construção da pessoa nas sociedades indígenas*. Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, ano 1979.
- Marques, Ana Claudia; Villela, Jorge Mattar. *O que se diz, o que se escreve. Etnografia e trabalho de campo no sertão de Pernambuco*. Rev. Antropol. v.48, n.1, São Paulo, jan./jun. 2005.
- Métraux, Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis / Alfred Métraux ; prefácio, tradução e notas do Prof. Estêvão Pinto ; apresentação do Prof. Egon Schaden*. São Paulo, SP : Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: oliveira, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2ª ed., São Paulo: Editora UNESP, 2000. p.17-35
- Rocha, Ana Luiza Carvalho da; Eckert, Cornelia. *A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica*. Rev. Antropol. v.41, n.2. São Paulo, ano 1998.
- Silva, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*, São Paulo, Edusp, 2000, 194 pp.
- Souza, Marcela Coelho de; Fausto, Carlos. *Reconquistando o campo perdido: o que Lévi-Strauss deve aos ameríndios*. Rev. Antropol. v.47, n.1. São Paulo, ano 2004.
- VÍCTORA, Ceres Gomes. *Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000-136p.
- Viveiros de Castro, Eduardo Batalha. *Araweté: uma visão da cosmologia e da pessoa Tupi-Guarani*. 1984. 664 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Resenha Gallois, Dominique Tilkin, in *Os deuses canibais*.
- *Araweté : os deuses canibais*. Rio de Janeiro, RJ : J. Zahar Editor: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1986

ANEXO D ENTREVISTAS

Texto entrevista: Madalena

Primeira entrevista- Escola Esteves

Meu nome é Madalena, tenho 17 anos e minha família é tudo índio; tem meu pai, tem dois irmãos mais velhos que eu e três irmãs, eu sou a caçula. O que gosto de fazer em casa é ajudar minha mãe, um pouco, e às vezes de tarde saio pra cachoeira e ai na volta eu gosto de fazer algum esporte, jogar bola ou um pouquinho de vôlei, eu gosto de fazer assim, só que agora eu estou estudando aqui, no Esteves, eu gosto também, só que às vezes eu tenho preguiça de vir pra cá, porque é muito longe da aldeia. Na volta da escola dá medo, tenho que ver aquele morro, subindo no escuro dá medo. Eu chego de lá da escola já dormindo. Ajudo minha mãe a fazer comida, às vezes, ajudar a lavar a roupa também. Comida, faço, geralmente, arroz e feijão, de manhã aquele bolo de trigo, que é nossa comida, o typá, eu gosto de fazer isso, a receita é um kilo de trigo, um pouco de sal, um pouquinho de óleo também e água. A gente molha, faz a massa, frita no óleo e pronto. Comemos com café, tem o de farinha de fubá também, mas eu não sei fazer. Acho que tem o mesmo nome, minha mãe que sabe fazer. Como gosto de esportes às vezes eu jogo com as meninas, conheço bem a Marli e a gente fica jogando vôlei sozinhas mesmo, é mais de final de semana, mas o banho de cachoeira eu vou com várias pessoas. Na minha casa mora meu pai, minha mãe, uma menina que é adotada, meu filho e eu...Meu filho está com três anos. É o meu filho, e ele vive somente com o avô dele...Vive com ele, ele não dorme comigo não, às vezes eu chamo ele pra ir dormir comigo, mas ele fala assim “eu não quero dormir com você não, eu quero dormir com meu avô”. Estou separada do meu marido, ele foi pra outra aldeia. Foi bom. Ta melhor, eu tenho liberdade agora. Não pretendo arrumar outro marido agora. Deus me livre, agora não. Vou continuar estudando aqui. Eu quero estudar até a oitava série, estudar mais e quando eu me formar, eu quero ajudar meu povo. Eu quero defender o direito do valor da terra. Aqui a terra já é nossa, mas eu quero isso, defender não só do meu povo Guarani, de todo o povo do Brasil, eu penso assim, mas eles não pensam assim. Eu conheço um pouco porque eu ia pra SP na CASAI e eu vi muitas etnias, vieram conversar comigo. Muita gente, eu fui acompanhar minha mãe que estava com Sinusite. Eu fiquei lá, quase um mês. Tem vários povos lá na CASAI. É os povos do Xingu, é Krucutu, a gente conversa um pouco, porque eles tem a língua igual a nossa, a fala deles, é igual a nossa, algumas palavras mudam, mas só que a gente entende, a gente conversa muito em português. Eu quero aprender mais, só que é muito difícil pra nós, porque a gente fala de outra forma, a gente aqui falando de português, a gente consegue ver a pessoa falando, mas só que na hora de responder, não sei como. É difícil falar. Para escrever não, pra mim é fácil. Difícil é falar mesmo. Eu acho importante e eu quero falar bem o português. Eu aprendi o português com, nove anos. Foi na escola. Eu estudei, na aldeia, de primeira à quarta série. e na primeira e segunda estudei com índio, com o meu irmão que é professor e de terceira a quarta já estudei com professora não índia, ela que me ensinou a língua. Meu filho não está aprendendo ainda, mais eu quero que ele aprenda a falar. Ele fala já o Guarani. Das outras matérias história é mais fácil pra mim, porque eu gosto da matéria também ciência também eu gosto, estudo dos animais que eu conheço já da aldeia é mais fácil a matemática é difícil pra mim, é que na minha cultura num tem número assim, tanto número pra mim fica difícil. É diferente, mas to conseguindo estudar. Pra mim é a matemática que acho mais difícil. Escrevo em Guarani também, eu sei escrever tudo. Eu venho pra escola venho direto pra cá. Não gosto de vir para a cidade. Em final de semana às vezes vem. Pra comprar alguns alimentos, às vezes eu faço artesanato brinco, colar, e às vezes o turista vai na aldeia, compra e no final de semana eu venho pra cidade. Eu não vendo artesanato na cidade, mais outra pessoa vende pra mim na feirinha, mais o pessoal da Helena, ela é índia e outras pessoas também vem pra cá, eles vem e depois voltam pra aldeia. Eu gosto de fazer artesanato. Eu faço brinco, colar, pulseira de miçanga, eu faço também cesto. O grande eu não sei fazer não, às vezes eu falo pra minha mãe me ensina, mas num tem tempo e num dá. Tem muita gente que faz o cesto grande, meu pai, minha irmã Marina também, eles sabem fazer. É com artesanato que ajudo na renda. Eu recebo bolsa família e o ação jovem que é do governo também porque eu estudo aqui,

ajuda muito.

Segunda entrevista- Escola Esteves

Agora eu gosto mais de estudar e na minha casa eu gosto mais de ajudar minha mãe, e menos gosto eu não sei, não sei explicar. Eu quero me formar, mais tarde, ajudar meu povo, é isso que eu penso. Eu quero continuar meus estudos, saber mais coisa da vida dos brancos. Acho mais importante pra mim é estudar agora nesse momento, só que é muito difícil pra nós estudar, pra gente que mora na aldeia, é muito longe, às vezes eu falto muito também, por causa da chuva, mas eu quero estudar. Tá muito difícil por que eu moro muito longe, mas eu to tentando estudar, longe, à noite. Meu dia é assim, eu acordo bem cedinho e ajudo minha mãe a fazer café e depois eu saio um pouquinho da minha casa, mais tarde eu venho ajudar, lavo minha roupa também e mais tarde eu vou pra escola, vou lá, me arrumo e cinco horas já desço e pego o ônibus seis horas, venho pra cidade, pra escola e estudo até onze horas da noite. Quando eu não venho na escola eu acordo cedinho também, faço algumas coisas como o artesanato e à tarde eu vou na casa de reza e fico lá até onze horas, às vezes fico um mês sem freqüentar quando vou na escola, quero dormir cedo, num entro na casa de reza, porque eu gosto de casa de reza sim. Eu gosto de cantar, dançar, não sei muito bem o que significam as músicas, só que eu gosto dessa música. O que eu não gosto de fazer é sair da aldeia, eu não gosto de ficar na cidade, mas eu venho pra estudar. Não gosto é por causa do barulho e é muito agitado e na aldeia não. Na aldeia é muito calmo, a gente fica escutando cantando os passarinhos, não acostumo com barulho. Na escola gosto mais de português e não gosto mesmo de matemática, sou péssima em matemática, não sei porque? Os alunos são legais. Tenho amigos, conversam comigo, perguntam da família, como é a vida dos índios e eu faço pra eles também, eu pergunto, a gente troca idéia. Pergunto curiosidade, faço muitas perguntas pros meus amigos de sala de aula, eles falam pra mim como é que é a vida de um guarani que tinha lá? Eu falo. Converso bastante sim, hoje vim com outros índios pra cidade, mas não é sempre. Eu gosto de ajudar minha mãe, porque eu moro, durmo na casa dela, então eu ajudo. Moro eu, meu pai, minha mãe e uma criança que é adotiva e meu filho também. De diferente para as mulheres eu acho, da menstruação da mulher indígena por que quando a mulher indígena fica menstruada não fazem nada, acho que uma semana, disse que não pode fazer, que nem a comida pros homens, toda vez que eu fico menstruada conto pra minha mãe, e minha mãe que faz a comida, porque que não podem comer minha comida, a mulher pode, eu acho isso diferente e toda vez, você conhece a Cida, a merendeira, então disse pra ela que quando menstruar, contar pra não poder cozinhar mais, e ela conta. Pode fazer outras coisas como lavar roupa, lavar louça. E a mulher quando fica menstruada, não pode comer assim, comida salgada, doce...tem uma comida especial sim...Um arroz sem sal, sem açúcar, um arroz cozido com água pura. Quando é a primeira vez da menstruação, os mais velhos cortam o cabelo da menina, cortam tudo o cabelo e elas ficam com a mão nos trinta e uns dias sem fazer nada, trancada na casa, eu fiquei quinze dias, eu chorava pra sair, dia e noite trancada. Pra comer a minha mãe que cozinhava pra mim, era sem sal e sem açúcar, era tudo natural mesmo. E a gente pintava o rosto também, gente mais velha quando pinta mulher no rosto é pra espantar todos os maus espíritos que está, perto dele, pra não fazer mal a ela. Quando sai a mãe da menina tem que ajudar, se tem um homem pra casar, sai e casa se não tem, numa casa não. A minha eu sai da casinha, num tinha, e num queria casar também, depende da mulher. Eu achei bonito e vou continuar mesma coisa quando tiver filha, vou fazer isso com minha filha, mas eu não tenho ainda. O casamento foi lindo pra mim, mas demorou, fui eu que escolhi, preferi esperar sim. É diferente, quando eles ficam mocinhos, eles furam os lábios, mas não são todos, alguns só pra não falar muito, furam aquele garoto que fala palavrão, essas coisas todas, os mais velhos fura, quem não fala muito não faz nada.

Terceira Entrevista (realizada na escola Esteves sobre a festa em Bertioga):

Acho importante comemorar o dia do índio. Eu achei bonito a festa, legal conheci muitos

tribos diferentes, você também, conversei com eles. Interessante, tinha muitos artesanatos, muito lindos, diferentes, gostei. Eu gostei muito também das danças, das danças dos Cuicuro, eles dançaram e depois brincaram, gostei e lembro só das brincadeiras que eu tava dançando, e eles brincaram. Gostei também dos Paresis e dos Cuicuro, parece que eles são mais índios mesmo, ficam todos nus, os colares no pescoço, gostei deles assim. Pra mim, ser mais índio é não usar mesma roupa, e enfeite também, pintura, eu gosto muito de ver assim o índio pintado, eu também gosto, mas não uso, só de vez enquanto, só na aldeia, e eles não, eles saem assim na cidade, com pintura e tudo, eu acho lindo. Acho que hoje tamo um pouco perdendo de como ser índio, devido à roupa também, a eu acho que é assim, eu penso assim. Como índia, eu penso mesmo saindo da cidade, eu queria usar um brinco de pena, um colar, mesmo usando roupa, eu penso assim, eu quero sempre usar colar, um brinco. Eu acho meu pai que é a liderança, eu quero que entreviste ele também, ele faz também artesanato. Jovens, não sei. É pode ser Antonio que é professor da aldeia. Ele é filho do Roberto. Comentamos depois sobre a festa na aldeia que tiveram muitas danças diferentes, de Guarani teve e comentamos. E coisas do artesanato comentaram muito. Ficamos na aldeia de Bertioga, Rio Silveira. Acordava e depois a gente ia pra escola, pra conhecer a aldeia, depois quatro horas a gente ia pra Bertioga, o ônibus vinha, o lanche era na aldeia mesmo.

Quarta Entrevista: na aldeia

Minha vida ta muito difícil, que até parei de estudar é por causa da estrada mesmo. Não tem carro, então, eu parei. Mas quero estudar de novo, agora fico aqui em casa, fazendo de tudo um pouquinho. Eu ajudava um pouco minha irmã quando precisava, ajudava quando ela foi pra São Paulo, eu fico com a uma e ela fica com a outra. Eu ficava lá na CASAI. O meu filho está comigo. Agora também dorme comigo. Eu fui pra outra aldeia levar o meu filho, que o pai dele tava querendo ver e fui levar ele e fiquei um mês, não fazia nada lá, ficava na casa da minha cunhada. Eles fazem artesanato. Cheguei a participar. Fui na aldeia de Itaoca, lá em Monguaguá, litoral sul de São Paulo, não gostei muito. O casamento vai indo, tava junto com ele lá. Acho que não quer voltar, não sei. Não consegui ajudar lá, não acostumei, então eu voltei pra cá. É muito diferente por causa da água, porque falta muita água lá. É na floresta, não tem água do rio. Tem uma caixa mas só que acaba. Um tanto da água com nós assim. De resto é bom, família dele é legal. Ele é de lá. Tá bem. Não trabalha. Até agora não tenho planos. Fui na formatura em SP. Foi bom, tinha muita gente, de várias aldeias, e tinha artesanato. Foi toda a aldeia e voltamos no mesmo dia. Entregaram o certificados deles de professores. Daqui? Foi a Marinalva, o Adílio, o Antonio, o José Roberto e o Cleber, depois teve lanche, tava bonito. Foi bom, festa pra todo mundo. Só formaram índios dos estado de São Paulo, tinha mais Guarani, teve tupi-guarani, Kaingang, Terena e Krené parece, depois do lanche a gente veio embora pra cá. Chegamos à noite aqui, meia noite de ônibus. Era só um negócio de barraca, com um monte de artesanato. Minha mãe levou um pouco pra vender. Não to pensando em fazer pra vender, ainda tem um pouquinho sim. Acho que vou deixar pra alguém vender na cidade. Eu cheguei era dia 03 da outra aldeia. Já fui com minha mãe na cidade. Ela foi pegar a aposentadoria dela, então eu fui com ela o material para o artesanato eu não sei onde minha mãe compra, minha mãe é que compra. Em Ubatuba mesmo. Mudou alguma coisa esse ano da aldeia mudou um pouco, mudanças, um pouco melhorou, pra lá (pra cima) também. Não vou morar mais com meus pais. Vou morar sozinha Minha casa é lá pra cima. Tá sendo construída. Acho que atrapalha um pouco uma casa perto da outra. É muito barulhento antes não tinha. Lá em cima eu morava lá pro meio. Eu tinha um quarto na casa dos meus pais, ficava eu e o meu filho. A gente morou sozinho lá pra cima quando meu marido estava aqui. O que eu gosto de fazer é pulseira de miçanga. Agora não sei mas eu quero voltar a estudar de novo, quero estudar só, até agora não penso em trabalhar, não, só estudar mais, saber as coisas. Eu gostei da formatura, deu mais vontade de estudar, mas tem que ser Nível superior, posso depois que terminar o segundo grau, posso fazer magistério, terminei a 7^o. Agora só falta a 8^a, não tive problema pra estudar quando um índio teve problema e o pessoal não podia ir estudar na cidade e fiquei sem ir ficou difícil ir pra cidade, não era assim uma ordem, não ir na cidade. O meu pai sabe falar sobre isso, decidi parar de estudar, gostava de tudo, vão abrir outras séries na aldeia, acho que não. Não sei

se vai dar pra eu estudar. meu filho ficou lá...Pra ele foi bom, fica bem com o pai, mas acho melhor pra ele ficar pra cá. Ficar comigo, ele também gosta de ficar aqui, acho melhor ficar comigo, com a minha família, também não continuo com meu marido, não sei muito quem pode falar sobre a aldeia porque às vezes fico um tempo fora, não sei. Eu gostei dos artesanatos dos tupi-guarani e dos guarani também na formatura, tinha muito brinco, gostei. Eram de madeira. Não comprei. Só ficava olhando. Era madeira assim, não sei assim como eles faziam, parece que eles queimavam, faziam desenhos. Alguns de carinhas, alguns eram conjuntos, acho que era isso. Aprendi a cestaria, mas dá trabalho, gosto mais das miçangas para fazer cesto a matéria é a taquara. Tem que pegar no mato. Põe pra secar. Pintada faz antes o tingimento e se quiser natural fica branco a cor que eu gosto de fazer é do modo natural. Eu gosto de fazer cesto pequenininho. O artesanato pra mim ajuda um pouco. Ajuda assim pra comprar as coisas, ajuda um pouco sim, desde criança aprendi a fazer artesanato. Usamos se não for pra vender. Usa mais o choqualho na hora da reza.

Quinta entrevista: aldeia

Eu to pensando em estudar de novo. Na mesma escola. Eu to pensando ainda o que vou fazer depois. Ainda não sei, acho que ainda é muito cedo pra pensar em alguma coisa, eu gosto de profissão, mais de professor, da aldeia. Pretendo continuar morando aqui, parei um pouco com artesanato é que preciso viajar e num parei ainda, vou ficar um tempo fora, passeio. Vou só com meu pai. Pra reunião vou participar, a viagem vai ser no domingo, lá na aldeia de Paraná. E essa reunião vai até quinta-feira. Tem muitas terras ainda que não são demarcadas, só não sei a quantidade. A têm muitos problemas. Aqui tem que ampliar a área também. É muito importante pra mim a população vai crescendo e os lugares tão muito pequenos e precisa ampliar. Não pretendo morar em outro lugar. Não sei isso agora sobre dar aulas mais preferia dar pras criancinhas mesmo. meu filho ainda não está na escola, acho que quando tiver quatro eu vou mandar, ainda é muito pequeno pra vir pra cá. Eu acho importante estudar desde novinho. Pra mim a escola ajuda na linguagem, pra aprender mais o português. Ajudou eu começar desde nova. Acho importante saber o português. A comunicar com as pessoas branco eu acho, á fora a gente fala mais. É. Muito difícil às vezes a gente sai pra cidade e tem alguma gente, um povo branco que dá preconceito aí a gente não entende eles. Tem algum índio que é assim já fala desde cedo. Isso do preconceito tem muito por causa disso mesmo das pessoas não conversarem, de eles não conhecerem a cultura, daquela vez que eu fui com minha mãe lá na cidade eu vi uma coisa, a gente entrou no ônibus e a gente não paga e uma outra mulher tava sentada e falou porque eles não pagam só porque é índio não paga e a gente paga, uma coisa assim ela falou...E a mulher ficou brava e até desceu do ônibus, a gente vê essas coisas, fica difícil responder por causa da língua. É a língua é importante. Na escola toda vez que eles falam de indígenas eles falam bem, não sei se é porque eu tava lá na sala, tem alguns colegas que enfrentavam a professora, eu gostava de falar, só que a única coisa porque eu parei é que era puxado, a gente vinha à noite, por isso eu parei. Meus planos é morar aqui mesmo, minha casa ta ficando pronta, aí eu vou mudar. Eu vou morar sozinha agora na minha casa, eu e o meu filho, vou ficar longe dos meus pais, prefiro morar sozinha em casa, quando eu morar sozinha eu vou comer sozinha lá mesmo em casa. Pro futuro espero que mude mais um pouquinho a aldeia. Como a estrada de chegar até lá na aldeia, um dia teve reunião lá na escola e vieram um pessoal que disseram que daqui a uns anos vai ampliar a escola também, aí falaram que na escola vai ter mais oportunidades para as pessoas, achei interessante. Não sei se é verdade, mas eles falaram?????é professor de USP, não sei abre a estrada até a aldeia, seria melhor pra todos nós, o carro vai descer lá, por exemplo o carro da FUNASA vai até lá buscar o paciente. Hoje ta bem um pouco, outra coisa que eu acho muito ruim aqui é a bebida, o pessoal ta saindo e ta bebendo muito, às vezes eles brigam e às vezes não, também porque é muita bebida, agora os jovens não, os jovens não participam disso, agora os mais velhos participam, quem tem que cuidar dos índios acaba fazendo isso, pelo jeito é, são os mais velhos que participam, os jovens participavam e depois de conversar eles pararam um pouco mais os mais velhos não.É proibido vender bebida pra índio. Eu quero ver meu filho sobreviver no futuro. Não falo mais com o pai dele. Eu to com 18, daqui a 10 anos com 28. Não sei não, nem pensei, não imagino. Meu nome é Xapya, significa sereno da madrugada. É espero muito que as coisas melhorem, às vezes

penso que queria mudar de aldeia também, que tem alguma aldeia que tem melhores que aqui, tem carro tudo, mas inquietação do pensamento, não quero deixar minha família. A aldeia de Itaoca, lá tem um carro que vai pra escola buscar os alunos, a cidade é muito longe, mas o carro vai até lá a aldeia. É lá que o ex-marido está, da última vez que eu fui ele não tava estudando não. Seria um lugar interessante, mas não quero ir, ficar perto do ex-marido. Ainda tá difícil, não resolvemos sobre a gente ainda, mas ele tá sozinho. Acho que não tem diferencial ser filha do liderança, eu sempre fui nas reuniões com meu pai, eu sempre participei, só que parei, mas agora vou voltar de novo. De mulher também tem a minha mãe, tem jovem também que participa. Não sei se tá bem a vida das mulheres, parece que tá bem, outra coisa aqui também é o que os homens fazem com as mulheres, deixam os filhos, gravidez, igual uma conhecida, a Marli casou e o marido foi embora e deixou grávida, assim, que horror essas coisas, num trabalha não precisa ficar junto, mas num trabalha lá só, aí muito esquisito. Não pode não, porque acho que na cultura não pode deixar a mulher grávida e ir embora.

Texto entrevista: KereXu

Primeira entrevista:

Meu nome é Marinalva, tenho 22 anos, eu moro na minha aldeia desde que nasci...Então, a minha família é um pouco diferente, da nossa comunidade, é mais junto, entende, eu tô falando da nossa família, da minha mãe, dos meus irmãos, a gente vive afastado um pouco das outras famílias, mas a nossa é mais junta...e nós, no dia-a-dia a gente trabalha junto, faz coisa junto e faz parte da cultura, mas a gente não vai muito na casa de reza, vai pouquinhas vezes...Eu sou mais caseira, fico mais em casa com meu filho, eu gosto de cuidar da casa, do terreno, e como eu trabalho na educação, na área de educação, agora eu tô em férias, então eu curto mais a minha família, fico mais em casa, porque assim quando eu tô trabalhando, num dá muito tempo de fazer as coisas, igual artesanato, eu gosto de fazer artesanato mais quando voltar às aulas já num tenho tempo, me dedico mais às atividades que tenho que fazer, então, tem vez, que o meu dia, é um pouquinho diferente, do que é o dia-a-dia da cultura...Por exemplo, as crianças vão na escola todo dia, bem cedo, vão pra escola e hoje faz parte do meu dia-a-dia. Eu também gosto de ficar com eles, tanto que eu escolhi essa forma também de ser professora, sempre tive um sonho de um dia, assim vendo o exemplo dos meus professores que passaram, quando eu estudei junto com eles... Eu aprendo com eles, ensino eles, mas eu também aprendo com os meus alunos... Na escola sempre foi assim, sempre gostei de ficar com as crianças, fico o dia inteiro com as crianças, meus filhos também ficam junto, acho que assim, não sinto muito a falta deles, a falta que faz é que eu gosto muito de ficar em casa e com o trabalho não dá para ficar em casa, eu, às vezes, no final de semana, eu fico com a família, por isso por causa do trabalho não dá muito pra ir na casa de reza porque tenho que descansar a noite, pro dia seguinte estar disposta, porque as crianças também me cansam um pouco...O artesanato é uma fonte de renda também, ajuda à família um pouquinho...É mais na temporada, na temporada que o pessoal vem, e a gente aproveita pra vender...Mas é cansativo, porque é muito longe, e a pé, o morro, subir a pé, mas é bom pela recompensa...Mais não é assim sempre que a gente vem também, é às vezes o tempo também atrapalha, a chuva, e como aqui chove muito, não é sempre que a gente vem, que nem, na época do feriado, tem vezes que, é o tempo, tá bom, tá ruim, esse ano não choveu muito na temporada, mas o ano passado, a gente quase num veio pra cá...E aqui da minha família tem a minha mãe só, e sempre divido junto com eles, que nem agora como trabalho, eu fico mais com minha mãe porque minha mãe também é sozinha, então, ajudo mais um pouquinho, meu irmão já é um pouquinho afastado da minha mãe, com minha família gosto de ter minhas coisas, separada da família dos outros, eu e minha família só, a gente é assim...Eu tenho uma filha e um outro, o Fernando, tem quatro anos, Marisol tem dois, vai fazer três anos...É um que tá vindo...Mais importante que eu acho é a união, o que as pessoas tem um pelo outro, que é a família, respeito...Família acho que é tudo, que nem as outras famílias também são minha família, tudo um pouquinho parente, eu respeito todos. Quase todos também são família da minha mãe, parente, tio, tia, então o resto são família, todo mundo é família...É eu nasci nessa aldeia e até hoje moro lá...nasci, cresci, e hoje já

tenho a minha família, meu casamento, e eu acho que está bem no lugar, pra mim é perfeito, eu vejo muitas famílias de aldeia em aldeia, mudando aqui, e outro ano vai pra outra aldeia, assim, não aproveita bem o que vive na aldeia, eu acho. Porque tem que saber viver, conhecer as famílias, os parente, o que tem de importante e o que é de importante da cultura que tem na aldeia. Algumas famílias vivem com esse jeito, vai e volta...é mais andarilha....eu já tentei, que nem visitar meu irmão em outra aldeia, só que não vou, às vezes eu vou pra ficar uma semana, dois dias, aí eu volto, pra ficar mais dias...Quando eu vou nas outras aldeias é pra visitar as pessoas mais velhas, eu gosto, de conversar sobre as coisas do passado, eu gosto de ouvir...História?...Não dá pra contar as histórias...tem mais, mas se for ficar falando é muito longo...às vezes a gente fala...a gente fala tudo, mas num dá... A minha mãe que fala que a família dela andava muito, e ia pra cá, ia lá pros outros lugares, eu gosto do lugar que escolheram pra mim... Faz tempo...ela ta desde que...Fundou a aldeia, só que ela, a mãe e as irmãs foram os primeiros que vieram para aldeia...Minha mãe fala que nasceu no Itariri...litoral sul...agora os pais, avós, de onde vieram não sei mas ela fala que andaram por quase todos os estados e vieram pra cá e voltaram de novo...Eu to falando assim da geração de hoje, que nem por exemplo, na minha infância já comecei a estudar, então, isso não é mais a cultura, vive mais fora de casa, tem que ir pra escola, tem todo dia, acho que hoje em dia, a educação é diferente também, a educação dos pais, que a gente aprende a cultura... Como estudar fora da aldeia... Mas eu aprendi outras coisas, nem é da cultura... De outra cultura, a cultura dos brancos, que nem o estudo mesmo que faz parte, quem fez fora, como eu, aprende outras coisas, a educação é diferente, porque a família Guarani desde que vira mocinha, o rapazinho já tem família, eu vejo diferente... Ainda tem, assim, os que querem conhecer/ viver a vida sozinho, como que fala?...É, solteiro, mas que estuda, quer crescer na vida, já tem outro pensamento, quer trabalho fora da aldeia, num são todos, mas já é influência do não índio também, mas é bom, todo mundo vai, num é todo mundo, mas vai gente que vai, é importante...Eu falo assim que eu não gostei muito, porque não me adaptei, mas estudei mesmo assim, comportamento do não indígena é totalmente diferente, não consegui acompanhar, não que não conseguia, eu mesmo não gostava, alguma coisa é diferente...Tinha adolescentes muito agitados, eu achava esquisito, estranho... Eu acho que faltava um pouco de respeito, as crianças não tinham muito respeito um pelos os outros e isso incomodava um pouco, que nem na escola que eu estudei, estudava sozinho e às vezes alguns mexiam comigo, eu não gostava, acho que, só porque são brancos e índio é diferente, num é diferente é tudo igual e isso eu não gostava.

Segunda entrevista:

Eu gostava mais era de ajudar minha mãe, ficar com meu irmão, fazer as coisas que ela fazia... estudar pra mim era importante, por que eu pensava, se eu estudar, terminava meus estudos, depois ajudava ela, pensava isso...A gente pensa uma coisa e num é, vai pra frente, e num é, como a gente pensa, vão acontecendo coisas... Como eu! Estudava, antes de terminar, casei, engravidei, tive que parar, então tem coisas que acontecem, no meio do caminho, mas enfim, eu tive oportunidade de fazer o curso e continuar, até agora...Quando eu estudava, tava fazendo sexta série e parei, porque engravidei, mas surgiu a oportunidade de fazer o magistério para formação de professores, eu fiz na época que quase num tinha ninguém com o estudo, além da quinta série, era eu, o meu irmão e o Roberto que estava a tempo na educação... Isso eu gostava de fazer mesmo, ajudar minha mãe...ela fazia artesanato, dá o sustento pra casa, pra compra as coisas ... Só o que fazia era ajudar ela nessa parte...Eu to aqui com minha mãe agora, depois que ganhar o bebê, vou para minha casa... Não é minha casa... É da minha mãe, aquela outra é do meu irmão...Desde que entrei na escola, pensava em ser professora...Na escola toda a atenção é pras criançaseu aprendendo, eles aprendendo também, é assim... eu tento passar o melhor, o melhor que...tenho de mim...de mim pra eles, porque como é uma educação diferenciada, desde criança, porque agora também os próprios pais, não é como antigamente, a educação é diferente...Então, os pais também querem que a educação, seja diferenciada dos outros, aprenderam que hoje já tem escrita, eles querem que aprenda a escrita Guarani, primeiro, depois para saber, o que não é indígena... Eu acordo, já tomo o café aqui mesmo e depois vou pra escola... Meus filhos, eles vão juntos... Igual o Fernando,

ele já ta na escola também...O marido, às vezes ele vai, às vezes não... Eu vou pra escola, oito horas e ajeito a sala, nove e meia é o café, o almoço meio-dia... E esse tempo que eles tão na escola, eles vão assim se conhecendo uns aos outros, que às vezes a família é um pouquinho distante, as crianças não conseguem, quer dizer, a própria família que se distancia uma da outra, e as crianças que sentem... Aqui ficam juntas...Quando é a única mulher, assim era difícil, que nem hoje, tem bastante pessoas que já estão estudando, levando pra frente seus estudos, o que é interessante, que aqui quase ninguém estudava porque era longe, ou porque saia de noite, a aula era noite, muitos assim desistiam e hoje algumas mulheres, tão continuando, tão terminando, é importante, que nem a minha irmã Marialva, ta no primeiro ano, quase terminando, tem outros fazendo supletivo, alguns pararam, pela idade tem que fazer a noite, isso é importante, pra eles mesmo...O estudo hoje acho que é pra conseguir trabalho e levar sua vida, tem vários professores, então não sei como que vai ser daqui algum tempo... Como conseguir trabalho aqui dentro da aldeia para todos...Às vezes tem uns trabalhos, faço na minha casa, ou deixo pro dia seguinte... Como fazer o relatório, prepara a aula pro dia seguinte, como que vai ser, o que podia ser... Eu costumo fazer de tarde até a noite, porque as crianças ficam brincando, então, eles dormem cedo, espero eles dormirem para depois eu fazer... No final de semana num tem muito, às vezes, a gente aproveita para ir pra cidade, pra comprar as coisas ou pra fazer as coisas em casa mesmo, arrumar o quintal, a gente quase sempre deixa tudo pro final de semana, ta todo mundo em casa, faz um pouquinho de cada coisa...Às vezes, a tarde a gente vai ali na casa de reza, no final de semana a gente aproveita mais pra descansar mesmo...A gente costumava ir ao campo assistir futebol, assistir jogo com as crianças...Na casa de reza é reza mesmo...Acho que eu num vejo diferença nenhuma de eu estar na escola com as crianças e depois vim aqui em casa pra fazer as coisas, porque quando eu faço as coisas, eu faço porque gosto, então eu acho que não vejo diferença... Acho que, nesse caso assim, eu não gosto de sair muito de casa, depois da escola eu venho pra casa, fico aqui, eu não gosto muito de sair, não... Meu dia-a-dia é durante a semana, assim, levantar de manhã ir pra escola, ficar com as crianças, ir pra casa, fazer os afazeres da casa, o trabalho da escola, tem o trabalho que eu que faço também pra levar lá pra São Paulo, em pouco em pouquinho vou fazendo... O curso vai até o mês de abril...Minha família, eles entendem meus estudos sim... Às vezes a gente conversa, que nem meu irmão que mora aqui, e se tem alguma coisa, pergunto, a gente conversa. Como o que seria interessante numa aula, o que podia ter feito mais, converso com ele, ele dá alguns exemplos, faz pergunta e vamos conversando... Com o meu irmão que é professor.

Terceira entrevista:

Agora to mais em casa, cuidando dele e dos outros... Às vezes freqüente a cidade pra fazer compra, essas coisas, mais sair num to saindo não, to ficando mais em casa... Ao médico estou indo sim...Tem uma quatro de julho... Aqui em Ubatuba...É só acompanhamento...Lá no posto... Por esses dias, eu não sei quando que vou pra cidade...Quando eu vou pra cidade, fico ali mais no centro mesmo...Agora quando vou fazer compra, fico em vários lugares... O Cleberson que é genro do Maurício... Ele está me substituindo na escola... Depois vão ver se contrata ele pra dar aula no EJA... Em outras atividades têm vários, tem a Creuza, ela trabalha com artesanato, vai na cidade vender, a irmã Claudia trabalha com palmito também, faz artesanato e sempre vai ali na feira pra levar o palmito e o marido dela, o Fábio...São mais esses os jovens que trabalham com artesanato e com palmito... Agora to de licença e pra mim ta sendo bom, mas tenho ciência que quando voltar pra escola, vai ser um pouquinho mais complicado...Sempre levei meus filhos pra escola, Fernando já ta na idade de escola, a Marisol que ainda ta nova, vai e me acompanha mesmo e o Eduardo também fica lá...É a preocupação de agora ficar com mais dois... Quando tinha só ela e o Fernando era um pouquinho...Cuidava dela e do Fernando, Marisol era bebê de colo e o Fernando já entendia o que a gente falava, então ficava melhor... Ficavam na sala de aula... O Fernando é meu aluno...Tenho oito, dez alunos... Eu me preocupo porque as crianças também pela idade merecem atenção, então, eu levando o meu filho fica mais complicado, tem que dar outra atenção e pros alunos é outro, outro tipo de atenção... Então isso me preocupa um pouco... Hoje to ficando mais em casa...To descansando um pouco, pensando nas coisas, na família também... A família está bem... A gente sempre ta junto, não tem

essas coisas de briga, pra mim ta sendo muito bom, eu ia sair logo que o bebê nascesse pra minha casa, mas como ta tudo bem, fiquei mais um pouco na casa da minha mãe, mas agora vou mudar pra minha casa, vou arrumar lá e vou mudar... Acho que os três foram diferentes nas gestações. Igual o Fernando na gestação não sentia quase nada, quando nasceu, nasceu rápido, a Marisol já demorou um pouco mais, ela levou uns 24 horas pra nascer, demorou mesmo, agora o Eduardo, na gestação, não deu nada, quando nasceu não demorou também, só que quando nasceu engoliu o líquido...Os partos dos outros dois foram aqui na casa da minha mãe, agora do Eduardo foi na cidade, fui na cidade porque fiquei com medo que fosse demorar de novo mas não foi isso que aconteceu... A diferença que achei, que aqui na aldeia tem mais cuidado, lá é mais, num sei explica, por exemplo, é que aqui na aldeia na hora de ganhar o neném, a mãe já não se move mais, fica ali pra esperar, agora na cidade tem o lugar onde ganha neném e tem o pré-parto, quando ia chegar a hora, a hora mesmo de nascer tinha que sair da cama do pré-parto e ir pra outra cama, pra ganhar o neném. Acho que isso pra mim foi um pouco mais difícil...Parteiras aqui têm várias,então eu sempre vou com minha tia Olga, eu confio muito nela, quando ganhei o Fernando, era seis horas da tarde, tava chovendo muito, tinha que chamar ela mas num dava pra chamar porque o rio tava muito cheio, tinha as outras parteiras. Porque cada um é diferente na hora de fazer o parto, as parteiras, então na hora, vi que elas não sabiam muito o que fazer, então, deixavam mais a gente preocupada, falavam, a gente ouvia e ficava mais preocupada, agora a Olga não, deixa gente tranqüila, por isso que ganhei a Marisol sozinha com ela, agora quando ganhei o Fernando tinha quatro parteiras e era pro Fernando nascer mais rápido ainda, como demorou, elas ficavam mexendo muito, pediam pra mexer pra cá, pra lá, demorou muito, daí quando Olga chegou, eu já estava bem cansada, quando ela chegou, ela trouxe um chá, remédio feito, eu tomei e logo que tomei o bebê desceu, ele nasceu...O chá é pra ajudar a nascer, pra ser mais rápido... Erva de São João, uma plantinha, toma um chá bem quente... São as parteiras que fazem... Desde que sente dor toma o chá, se for pra nascer logo, a contração vem mais rápida, se não for, a dor passa...Demorou muito da Marisol, eu tomei remédio tudo mas, existe como na nossa cultura, essas coisas de ter espírito e minha tia falou que foi por causa disso também que demorou...Porque assim, não seria a hora de estar tendo as contrações, mas eles fazem com que eu sinta dor, vinha as contrações, mas que a criança não nasça...Por exemplo, é como se eles ficassem atrapalhando de uma pessoa ta terminando o seu trabalho...No caso pra ajudar você pensa na hora em Deus, pede, reza, então, essa seria a parte de ajuda que você receberia...No meu caso só esperei e pedi pra Deus pro parto ser rápido e porque na hora você num sabe se é por causa do espírito ou se é porque tem que acontecer mesmo. Mas a pessoa que ta cuidando sabe se é alguma coisa que ta fazendo, por isso que sempre vai leva o remédio e o cachimbo...Quem fuma é a parteira...No momento do parto eu fico sem fazer nada, sem água...Fiquei com muita fome... Não é muito fácil não, ter o trabalho e ter que se dedicar aos filhos...Porque às vezes a gente sente de ficar longe do filho, igual quando fiz o curso eu não queria deixar o Fernando mas não podia levar também, então tinha que levar só a Marisol, ficava bem sem mim, mas a gente não sabe se ficando ta ficando bem, fica preocupado, eu ficava preocupada... Minha mãe quem fica, mesmo assim eu confiando na minha mãe, eu ficava preocupada...Mas agora eu fico em dúvida em ter mais filho ou não, sempre pensei em ter quatro filhos mas agora como é muito difícil penso em só ficar com os três. Mas eu penso também o que será que vai ser quando a Marisol crescer sendo só ela menina...Acho importante ter mais uma menina, porque eu vejo meu irmão que é mais velho e único homem, então, acho que ele mesmo sente falta de ter um irmão, tem a gente quatro, apesar da gente se dar super bem, mas pra ele acho que fica faltando um irmão, porque assim homem, mulher, como na companhia, homem num vai a todo lugar que a gente acompanha, tem o lado da mulher e do homem, quando for a mulher acompanha, conversa, mas quando for o homem não gosta muito de conversar com uma mulher, mesmo sendo irmão. Daí penso nela, sempre tem algum, não aqui na aldeia, mas em outra, que dá o filho, aí eu podia adotar...Talvez não seja tão fácil mas... É uma possibilidade... A companhia de conversar, por exemplo, converso com minha irmã, se vê homem, de um certo assunto a gente já não pode falar e com os homens seria assim também eu acho...Quando a gente fala, assim por exemplo, quando falo com minha irmã sobre o que eu sinto, o que eu faço, aí chega outra pessoa, tem certas pessoas que a gente se abre...Melhor mulher... A gente faz o trabalho tipo artesanato, então, a gente trabalha

junto... Aqui a gente trabalha pra ficar junto, conversando... Com homem também, às vezes, a gente quando faz alguma coisa fica junto, fica conversando sobre o trabalho, e fica junto... Aqui tem três famílias, meu irmão que é casado e tem duas filhas, agora vai ter mais um, e espero que seja menino porque ele quer muito que seja menino... Aqui só tem três famílias, tem eu e minha família e a minha mãe, que tem minhas três irmãs, até minha irmã casar... Minhas irmãs são a Marialva, Lindalva e Meirinalva, a Marialva ta no primeiro ano, a Lindalva ta no quinto e a Meirinalva ta no quarto, então as outras duas já estudam fora, a mais velha estuda de manhã e a do meio a tarde e chega a noite aqui... a Meirinalva ta com o Adílio na quarta série, porque o Adílio que é o professor, então ta com o irmão... Quando a gente vai, a gente vai ali na casa da Olga, na casa de reza, depois da ponte... A gente vai mais lá... O Venâncio que coordena... agora de pajelança quem ta fazendo lá é o Airton... Igual aqui só tem dois casa de reza... Depois que o Mauricio mudou pra cá, ele freqüentava mais a da Olga, agora ele ta indo lá com seu Altino... Olga é minha tia, ela é irmã do meu falecido pai... A questão não é escolher de ir numa outra casa de reza. Assim, na casa de reza que fica ali, na casa do seu Altino, toda casa tem que ter uma regra, as crianças não podem ficar brincando muito, fazendo muito barulho, porque precisa de concentração e então comparando a do seu Altino com a do Venâncio, eu sempre vou ali no Venâncio porque as crianças são mais obedecidas, não ficam conversando muito, então a reza pra mim também fica melhor... Não tinha mais tempo de ficar fazendo o artesanato e agora tenho tempo de fazer trabalho com o artesanato, eu faço e depois minha mãe que leva pra feira pra vender. Isso é uma ajuda que faço pra ela, as coisas que ela vende fica pra ela... Porque o que ela ganha... não sei como fala? Aposentadoria, num dá muita coisa, ajuda um pouco mas não muita coisa, minha mãe não depende muito do que ela ganha de aposentadoria, ela vai pro mato buscar o palmito, faz cesta, essas coisas pra levar na feira, então eu to ajudando um pouco, que depende da gente querer fazer alguma coisa pro filho, minha mãe tinha guardado um dinheirinho pra fazer o aniversário da minha irmã, então, já gastou tudo de novo, então, tem que juntar de novo. Nessa parte ta sendo muito bom ajudar ela... Hoje a festa de aniversário tem bolo, refrigerante, doce, mas antes não tinha, antes era arroz feito com frango ou era peixe, agora que tem bolo, tem mais é doce... Tem o cachorro-quente, de salgado só isso... É agora estamos mudando... Às vezes faz o bolo, às vezes manda fazer... que nem antigamente fazia festa comprava um bolo ou um porco... hoje não, é mais bolo, doce, essas coisas... Acho que gosto dos dois, acho que se for um bolo como, num como muito doce e carne também não como muito, vou mais pra fazer parte da festa mesmo... Quando acontece é mais pra ficar junto, todo mundo alegre, conversando... Eu vou mais na cidade quando chega o dia do meu pagamento ou pra levar meu bebê no médico.

Quarta entrevista:

Hoje é sexta feira, dia das crianças fazerem educação física na escola, então saem da sala de aula, pra vir fora jogar bola, peteca, atividades diferentes da sala de aula, educação física é uma aula também só que a diferença são as brincadeiras que eles gostam... Sim, nós professores quem damos a aula... Depende, quando tem material as crianças que fazem, é que nem arte também, aula de arte as crianças vem aqui, tem uma casa de cultura, então eles vêm ali pra fazer pinturas, essas coisas... Na casa de cultura já dá pra fazer apresentação com as crianças, não faz muito, ainda falta terminar não ta muito pronto não, esse momento é legal porque as crianças se interagem, conversam... Jogamos na aula peteca, futebol e outras brincadeiras também... A dança é da cultura, principal é a dança, agora brincadeira da cultura, tem a peteca, tem outros tipos de brincadeiras que também são indígenas, eu não sei se é de indígenas, mas as crianças brincam também... Não sei explicar bem como que é, mas é uma brincadeira que tem desde criança, eu brinquei, crianças faziam um circulo sentado e uma ficava no meio, eu cantava uma música em Guarani, o que tava no meio fica de olho fechado, então, quando termina a música ele se aproxima de um e pergunta, pondo a mão no ombro, na cabeça ou na mão, qualquer parte do corpo, e pergunta no que ele ta tocando, o outro responde, é a cabeça, é o ombro... Não é que erra, quando chega na última pessoa na hora que a pessoa vai responder ele tem que atacar e pegar a pessoa senão corre e não pega ninguém... É tinha música especifica... Não lembro muito bem... Eles cantavam assim, tocorori, tocorori, tocorori, não sei o que não, porque tocorori é um bicho, o nome tocorori, mas na música não sei se fala da mesma

coisa, não sei, fala tocorori, que tem bicho que chama tocorori, que no verão faz aquele barulho bem alto...Um bichinho tipo besouro, não é besouro, mas que no verão tem muito, faz um barulho bem alto...Faz bem alto, sempre no verão tem, quando chega o verão é um bichinho desse tamanho que parece uma mosca, mas não é uma mosca não, é o tocorori...Cantava tocorori, tocorori, tocorori, falava mais no final não sei o que falavam, cantava tocorori tocorori depois parava, dizia alguma coisa e parava,não sei o que diziam, não lembro...Trabalho nas aulas é movimentação mesmo, equilíbrio, essas coisas...Da peteca eles gostam...Na sexta é dia de brincar junto...Meus alunos são os mais pequenos, agora os maiores jogam futebol, os meninos principalmente jogam futebol...Cada semana tem um uma brincadeira diferente, quem nem hoje, a gente veio no campo, agora no outro dia vem e só faz pintura, no outro dia vem ali na casa de reza só pra dança...Cada sexta é um programa diferente...Eu acho interessante, não é todos que ficam assim sempre junto, tem alguns que não saem de casa, ficam mais em casa com a família, não sai pra brincar com outros amiguinhos, então eu acho que talvez esse dia seja especial pra alguns que ficam mais com a família, agora quem mora mais nessa parte aqui sempre fica mais junto, lá de cima é mais difícil de vir pra cá, os pais não deixam, principalmente, quer dizer, tem na minha família também, tem a minha irmã que ainda é aluna do Adílio, então ela sempre fica em casa, agora de sexta feira que tem atividades, ela vem pra cá...Ela gosta de jogar futebol...Faz parte da disciplina mesmo...Brincam normal nas casas, em grupo menor...E é por idade, tem jovem que sabe mais, são maiores e não quer brincar com o mais pequeno...Até hoje alguns não jogam futebol porque os pais não deixam... Não sei porque, alguns não deixam eles jogar...Agora tem mulheres jogando também, em outras aldeias tem time de mulher jogando...Gostam, eu também gosto...Eu jogava...Meu pai, ele não gostava muito que eu jogasse também, mas eu jogava...Agora to começando de novo...Estamos pensando em comprar uma bola, porque os homens têm ciúmes da bola e não quer emprestar. Aí fica difícil, tão reclamando...A bola que eles jogam nem é da escola, são dos meninos e emprestam...A teve várias mudanças, agora que a gente vê por um lado positivo, acha que é normal, sempre as coisas estão mudando, eu vejo por esse lado...As meninas sempre ficavam mais em casa, que nem nós mesmos, não saia muito não...Hoje também é assim, agora os meninos tem mais liberdade de sair, brincar...Gostam é de brincar fora ou dentro da aula...Na sala de aula, meninas gostam de ficar jogando joguinho, montar quebra-cabeça...Os meninos variam...Fora de aula as meninas, algumas brincam sem parar com as meninas, agora tem umas que brincam com os meninos também...Gostam de brincar de família, tem avó, a mãe, o filho...É brincar de casinha, eu acho legal isso porque elas ficam conversando, elas se põem no lugar da mãe, falam como se fosse a mãe, como seria na posição de uma mãe mesmo, falam igual, eu gosto...Eu brincava também, eu acho que esse momento eles sabem um pouco, porque convivem com os pais, como os pais tratam eles, dessa forma, a partir dos treze, quatorze, quinze anos, eu acho que eles têm um pouco mais de conhecimento, cada dia, o futuro, vão ver diferente das crianças, já não brincam, tem outras atividades que elas fazem...No caso dos indígenas, nessa idade, é cuidar da casa, dos irmãos, enquanto a mãe faz alguma coisa, a irmã mais velha ou irmão mais velho ajuda em casa...Os meninos acho que gostam mais de brincar de pega-pega mesmo, quando não jogam futebol, ficam andando pelas trilhas, no verão, os menino ficam mais no rio, as meninas também, mas são mais os meninos...Ficam andando assim, então ficam mais sozinho... Os homens fazem armadilha, vão mais por essa parte, de caçar, mais essas coisas... Aprendem brincando, vendo os pais fazer, depois eles mesmos tentam fazer, consegue fazer e aprende fazer...Tem uma idade que o menino também pode ir, vai até lá em baixo caçar, eles tão mais atento... Pelos 8 e 9 anos...Tem mulher que faz armadilha, minha mãe faz armadilha, agora eu não sei fazer... E vai pro mato, é longe...Ela sempre fez e só o meu irmão sabe, nós não aprendemos não...O artesanato começa a aprender em casa com a família...Do interesse da pessoa, a partir dos 5, 7, 9 anos, começam o que tem pra fazer, acompanham os pais, minha irmã agora tem 9 anos, então ela já tem cestinha, ela já sabe fazer...Na parte da cultura aqui, eu vejo que ta ainda cem por cento, porque eu já fui em várias aldeias, vi uns mais velhos que falam a língua e tem outros que não falam, sabem falar mais não falam, falam português desde pequenininho, vão falando português, deixa de lado a língua e vai aprendendo português, aqui não, fala mais em Guarani, fazem as coisas que ainda faz parte da cultura, de artesanato, tem alguns que caçam ainda, as casas de reza, nessa parte a cultura ta bem...Conversando com as crianças que não conhece como

que se faz uma armadilha ou como que se faz uma cesta, uma trança sozinha, então aprende na escola... As danças começam desde de cedo, fora da escola já começa, os pais vão na casa de reza leva junto, acaba aprendendo...Tem alguns pais que até hoje não aceitam as crianças ficarem aqui, porque acham que elas só brincam, eles acham que é só brincar e não aceita... Não entende...Tem reunião, a gente explica, mas mesmo assim, tem alguns pais que não aceitam... Eles falam que tem crianças que ficam brincando, que ficam muito junto, que as crianças vão querer sempre isso, vão acostumar só brincar, então, os pais acham que pode acontecer isso... Eles querem que eles aprendam o português... Mas as duas línguas são importantes, uma é pra comunicação e outra porque faz parte da cultura, tem que manter, da cultura e outra é comunicação, hoje, escola, a saúde que não faziam parte da cultura, a partir de agora, quem se formar, vai se formar pra ser um doutor, um professor, uma dentista, por exemplo, pra trabalhar na aldeia que entende português e que entende a cultura também, acho importante as duas...Mas eles preferem o português...Por causa do trabalho também, hoje, por causa da área, da terra indígena, não tem muita coisa que pode trazer um benefício, tirar palmito tem alguns prejuízos, mas eles não têm muito noção de que se ficarem cortando, ele pode acabar, eles acham que o português, estudar o português, se interagir com os não indígenas, aprende a trabalhar, ter o trabalho, nem sempre dentro da aldeia, pode ser dentro da aldeia, tem muitos que estão só estudando, tem vários que concluíram a quinta série que tem que estudar fora, tem que sair da aldeia pra ir pra cidade ou vai no mais perto, e uns não vão porque é longe, não acostuma e não termina, fica difícil, dependendo dos cursos, tem que fazer a noite, então fica difícil, porque não é fácil enfrentar o sol dia a dia de vir de lá pra cá, minha irmã mesmo ia fazer o Primeiro ano esse ano, acabou não fazendo por causa disso, ela tava tendo dor de cabeça, por causa do sol, todo dia de manhã e voltava tarde, subia o morro com sol e acabou tendo problemas...Nessa aldeia não, agora tem outras aldeias que tem pessoas trabalhando fora...Porque ninguém daqui arrumou emprego fora e não acostuma, não quer sair da aldeia...Tem alguma interferência, igual nesse caso, os pais não querem que eles brinquem juntos, quando vai passear também... É comum levarem o filho embora sem comunicar o professor... Na sala de aula é diferente, fica responsável o professor... Nenhum pai entra na sala, não... Alguém fala para não deixarem os filhos sair, brincar, pra não brigar com outro amiguinho, pra não acontecer isso. Quem nem do jeito que o pai da criança tava falando, ela não devia sair de casa pra não acontecer isso...Acontece, é normal, eu acho normal, se for brincar, o outro bater e chorar, é eu acho normal, mas a maioria deve falar minha nossa, não pode... Não gostam que um filho do outro bata nos filhos, não aceita e às vezes os pais acabam brigando...Compram a briga...É criança é criança...Por isso eu não saio muito também, porque são mais pequenos, então, bagunçam mais, aprontam mais, eu fico mais lá, porque não tem uma outra pessoa, tipo um assistente pra acompanhar, porque eu sozinha não dou muita conta fora de aula... Peteca em Guarani é mangá... As crianças, de hoje, quando vão ficando mais adolescentes, eles já se entendem mais, conversam mais, porque antes, a comunidade indígena, em geral, funcionava diferente, a comunidade tem um cacique, tem que fazer o que os mais velhos dizem, e tendo as mudanças, isso também acaba mudando, quando a pessoa não aceitava já ficava separada, ficava com a família, levava a família toda junto, agora, mais os adolescentes, já estão conversando mais, entendem, falam sobre o assunto, discutem como que tem que fazer, então, não fica o outro não aceitando, sai fora, ficam tentando entender porque que tem que ser assim, porque tem que ser daquele jeito, porque até uns 5, 7 anos atrás não tinha isso, tinha que fazer porque tinha que fazer, então, não eram todos que aceitavam e ficavam calados...Tinha que cumprir as ordens...Hoje eu sei, mais ou menos, porque quando eu tinha uns 12, 13 anos eu acompanhava meus pais na reunião...As reuniões servem pras atividades do dia-a-dia, atividades que tem que fazer, por exemplo, a limpeza da aldeia, cada família tem que fazer sua parte ou fazer um serviço comunitário...Tudo era decidido na reunião. Os mais velhos achavam que era defeito, esse tipo de coisa, hoje, os mais novos, vão ver que o defeito ou alguma coisa desse tipo, todos tem, tem problema diferente, então, é uma visão diferente que eles tem. Com um que bebia muito ou que aprontava muito, não podia ter o trabalho por causa disso, ficava excluído, hoje, nessa parte mudou muito, porque uma pessoa pode ser, ter defeito, mas não é porque ele tem, que não sabe de alguma coisa, ele sabe sim, mas como tem aquele ditado, errar é humano, acho que faz parte da vida do ser humano. Até uns 7 anos atrás tinha muito esse problema...É diferente porque a

pessoa fazia as coisas que não devia fazer, então ficava excluído, hoje não... É conversado...São os mais velhos que aconselham...Como o Marcelino, a Valentina, o Orlando são essas pessoas... O Eduardo ta ficando com a minha irmã e indo pra aula, e ele fica de 2 em 2 horas pra mamar, então, fica mais fácil, na hora do mama ele fica comigo, depois ele fica em casa... Eu gosto de ser professora. O curso ajudou muito, porque ali era um curso diferenciado, a gente estudava como poderia atuar na aldeia, como dar aula em uma cultura diferente, como podia trabalhar sem interferir o português, com a cultura, então, eu acho que foi muito importante... É também tem dia dos mais velhos contarem os causos, a historia...Convida, normalmente os mais velhos.

Quinta entrevista:

Eu acho até um pouco difícil de pensar, mas, se for pensar no futuro, eu penso, me formar em uma outra área, dentro de uma área que eu possa ajudar a comunidade e fazer um trabalho que vejo que aqui ainda não tem, ser uma pessoa que esteja na frente, procurando mostrar, o que deveria ter na aldeia, como agora, chegando época de eleição, só na época de eleição vem vários prefeitos, candidatos, vem procurar para que o pessoal votem neles, mas fazer trabalho fica esquecido na comunidade, então, deveria ter uma pessoa dentro dessa área também, de trazer informação, fazer projetos, para que funcione, a gente aqui, dentro da aldeia, também num dá, alguma vantagem tem que trazer, num trazem nada de bom pra comunidade, então, eu pretendo me formar mais de uma vez, to pensando isso ainda, na área de Antropologia, mas to pensando ainda...Faria outro curso, mas eu num posso continuar, até porque vai ter outras pessoas que vão ocupar meu lugar, então, tem que pensar numa outra, tenho que fazer o que vai ser bom pra mim, porque não vai ser só eu sozinha, aqui pra sempre, a professora, vai surgir mais oportunidade e vou pensar no que vou fazer... Ajudar as lideranças mesmo...Que nem na minha comunidade, os Guarani sempre foram assim, as mulheres principalmente, sempre foram mais baixas que os homens, sempre os homens que iam na frente, é até hoje, são poucas aldeias que tem liderança feminina... Não sei, acho que é por não entendem muito da questão política... Daqui pra frente pretendo trabalhar com as crianças, com os jovens, então, vou pensar ainda no que vou ter que fazer...Todo ano renova nosso contrato de professor, como eu disse, daqui a pouco vão surgir mais professores, as pessoas vão formando e vão querer trabalhar e nem sempre na educação, mas to esperando só... Ainda não sei se vou ter mais filhos... Ainda mais que a minha família ta bem grande, porque minha mãe é... não tem mais parentes, assim próximos, só Dona Santa pó parte da mãe, só... São irmãs mas só por parte de mãe, então, ela até que é meio sozinha... Eu penso em ficar na Boa Vista mas já pensei em mudar...Já pensei se eu for, vou pro Sul... Meu marido veio de lá, o Mário, penso no sul, porque lá tem plantação, não é que nem aqui, aqui são poucas e poucos alimentos que dão na terra... Ele quer, veio de lá, os pais do meu marido moram lá... Mas daí tudo vai depender de tempo, de como vai ficar daqui pra frente, se alguma coisa mudará ou não, nunca se sabe, daqui a pouco fala uma coisa que vai fazer mas, às vezes tem que, num sei, aceitar a outra maneira que senão num vai dar certo...Minha formatura é agora... Ainda parece que vai ter mais um ano depois, tem que formar numa área também... Um dia até penso em fazer um livro, fazer uma cartilha, acho importante escrever... Material pedagógico aqui também num tem, a maioria que tem vem do estado do Paraná, lá eles fazem, as cartilhas, os livros... Na época era só o Roberto que trabalhava, ele com mais lideranças fizeram o livro, agora de historinha foram o Roberto, fez a história e o desenho foram as crianças...Sim, agora quero montar um projeto meu... Mas tem várias possibilidades, pensei até em fazer turismo, num sei se é legal, tem que ver ainda... Aí que ta o problema, eu penso e quero fazer, onde, então? Tem várias coisas... Nessa situação, no futuro pelo menos, vai melhorando, vai ter de quinta a oitava série nas aldeias, então pelo menos, nem todos, mas os jovens vão poder se formar até fazer o terceiro grau... Somos nós mesmos porque não tem outros professores... Então, por isso que eu falo também, que eu não quero, por ser muito tarde o horário e que venha mais pessoas e que tenha trabalho...Tem, além da escola, que nem a postura e a educação, o que tem hoje é totalmente diferente, porque enfim, o estudo, tem a educação, num é da cultura, num tinha participação, então, hoje é totalmente diferente, dividia o viver do dia-a-dia, com a cultura do branco, então, eu sempre, se eu estiver com muito trabalho, não vai dar pra ir na casa de reza, descansar,

então, hoje mesmo, eu to indo ainda, na casa de reza, não do seu Altino mas não é assim, a casa do seu Altino, não quero dizer isso dele, mas assim, por causa de ficar lá, eu vou ali na do Venâncio lá sempre ia, então às vezes, que nem a nossa reza não é que nem a cultura do branco, não tem horário, não tem um horário marcado, que vai agora e termina em duas horas, não, você não sabe se vai na casa de reza e voltar mais cedo, mais tarde, então, também é diferente...Por isso se tiver muito trabalho mistura com que você faz na sua cultura, então, acho que fica um pouco embaraçado, quer dizer, pra mim que não to muito acostumada...Do dia-a-dia da minha cultura eu falo, é conversa com os mais velhos, às vezes eu penso que ta um pouco difícil, tem que conversar, a pessoa tem que entender, dar conselhos pra você, tem que conversar e explicar parte por parte, então, eu vou falar um pouquinho, porque eu gosto de falar, falar até terminar, como eu, ainda na hora de levantar, eu faço assim, acordo tem as rezas de manhã, conversa sobre o que sonhou, então, o sonho sempre tem o seu significado só que a gente tem o costume de falar com os mais velhos também e nem sempre a gente tem a resposta, então, eu busco a melhor forma, viver bem o dia-a-dia, eu sou assim, de tarde, gosto de estar, sentir, então, hoje em dia o jovem, não ta nem aí, porque antigamente chegava à tarde, meio dia mesmo era hora de parar um pouquinho, de refletir, de enfim pedir pra Deus para que se sinta bem, que fique bem, a tarde a mesma coisa, chegou quatro horas não faz mais nada, fica ali refletindo, enfim, pra descansar, a noite caiu e que seja pra descansar bem, pedir pra família, então, eu ainda faço isso, essa hora fica um pouco difícil também porque tem o trabalho, tem que ir lá embaixo trabalhar, essas coisas que, então, as vezes atrapalha um pouco, e a tardinha eu vou na casa de reza e as vezes eu fico até bem tarde lá, volto durmo, porque tem que acordar cedinho, então, se eu não tivesse, mais o trabalho da educação, ficaria lá, levantava de manhã, fazia as minhas coisas, do dia-a-dia mesmo, trabalhar em casa, então, tem que sair com as filhas, eu não tenho muito tempo pra fazer minhas coisinhas, que eu gosto, fazer artesanato, de planta mesmo, eu gosto de lavoura, essas coisas, então, fica meio difícil, porque a gente sempre fica pensando no trabalho, de como a gente tem que fazer pra melhorar, como pensar no futuro da família, dos filhos, enfim, dos mais velhos, eu penso como que eu tenho que fazer pra que os mais velhos, sempre tenham vontade de continuar, de ensinar os mais jovens, porque alguns, não por interesse dele de esquecer, mas por que os jovens não se interessarem mais, então sempre busco me integrar mais com os mais velhos, porque é conversando, pedindo, dando atenção pra eles, porque os mais velhos vão ficando sempre mais velhos, que nem minha mãe sempre fala, as crianças querem que a gente dê atenção, os mais velhos também, a partir dos que vão tendo mais idade, vão ficando que nem crianças, precisando de atenção, então, eu tenho esse hábito de tentar fazer com que a pessoa se sinta bem, principalmente, os mais velhos, na sua postura, simplesmente, você vai fazer com que se sinta bem....Aos poucos, a gente estuda e a gente tem que pensar sempre no estudo e no trabalho, enfim, a cultura em si, fica um pouco afastada, eu indo lá fazer esse curso, invés de à noite eu ir na casa de reza, não to lá, to fazendo outro trabalho, interfere um pouco...Mudanças, um monte de coisas mudando, coisas novas também, mas, os jovens tendo as coisas do branco, esquecem da cultura deles, num vai mais na casa de reza, tudo isso vai esquecendo, num é que esquece, mas vai ouvir música, as pessoas saem pra ir na festa, tudo interfere, que nem o caso aqui, daqui pra frente, se vier a luz, vai ficar em casa assistindo televisão, novela...Vai mudando, porque aqui também, desde criancinha, pequenininha, ia com meus pais na casa de reza, fazer atividades, plantio, colheita, hoje, a maioria não participa mais...Que nem eu mesma, já não faço mais roça, já não pratico mais o que os antigos faziam, então vai mais além do falar mesmo... Já mudou...Vai ser diferente com meu filho, porque também estão crescendo, com ambiente, com viver diferente. Que nem quando meu pai ainda era vivo, eu ia junto com ele, pegar semente, fazia roça, fazia as armadilhas, então, hoje, num tem mais essa pessoa que possa ensinar meus filhos; que nem eu mesma, vi mas não aprendi a fazer,então, fica complicado... Meu marido também não faz, ele falou que desde pequeno convivia com o pai e já trabalhou na lavoura... Meu filho tem que aprender mais o lado que ele possa crescer e viver, se formar em alguma coisa pra ele poder trabalhar e levar a família, totalmente diferente...Não tem como viver só com os costumes...Você vê hoje, tudo é questão de dinheiro, então não dá pra você viver apenas com o que você planta, poderia ser, mas acho que já acostumou, então, pra maioria não faria sentido...Mas, enfim, a gente vive de um jeito, e faz da melhor forma possível, pra ensinar os jovens, porque na casa de

reza deve sempre ir, mas não pode misturar as duas coisas, a cultura do branco e a cultura, os dois lados são bons, hoje, não tem mais uma pessoa que tenha fé, pra curar as pessoas, então, tem que haver mais pessoas também, porque os que tinham já estão velho, só que, às vezes, eles falam em espírito, mas o corpo tem que ter energia, viajava e corria, velho o corpo fica fraco, então, não tem mais pajé, por esse lado também...São poucos jovens que tem interesse...Pajé tem que ter uma vida diferente e exigida também, então, não é qualquer um que pode, existe essa coisa, que quando a pessoa vai ter o caminho religioso, sempre tem a tentação da carne, que os branco falam, então, todas essas coisas eles tem que ver, porque vai de etapas, num é no ano que a gente vai ter aquele Pajé que o pessoal vão querer, leva um tempo, e isso vai depender da pessoa, não é qualquer um que vem para ser mais um, é um tipo de castigo, que a gente fala que Deus dá, que a gente pega, mas é, ficar rezando, ficar no silêncio...Aqui tem é o Airton, que ta começando. O Mario também está começando agora, mas ele não faz a pajelança, agora o Airton já faz, o Mário fala que quando ficar mais velho quer fazer esse trabalho, não que ele queira por querer, mas por vocação, os mais velhos já falaram pra ele que ele nasceu com esse dom, então, depende dele continuar ou não, porque na hora do batismo sempre o *Xeramoí*, um tipo de pajé, se for a criança que tiver o dom já sabe o que vai ser no futuro, a minha irmã caçula, quando o *Xeramoí* falou que ela tem, que é tipo pajé, só que ela é mulher e eu num sei, uma *Xejaryí*, talvez, isso...Uma pessoa respeitada...Faz parte da pajelança as ervas, remédios, mas tudo depende, se a pessoa precisa do remédio ou não, se for pra tomar remédio, o próprio pajé indica, a erva, pra tomar...No batizado é mesma coisa que se for pajé, se formar numa área, seja professor, doutor, assim, eu acho que é a mesma coisa... Já fala assim, de como vai ser, tudo isso é explicado, do mocinho, no caso to falando talvez, o pajé vai dizer se vai precisar mais de atenção, ou diz, essa criança vai ser uma criança que vai seguir os costumes dele, de gostar de caçar, o pajé explica tudo, do que ele vai gostar de comer, se vai poder comer qualquer coisa... A gente tem que respeitar, lembrar que aquela pessoa é diferente, então, por isso existe as rezas do pajé, a sabedoria deles é muito importante, como quando a criança chora muito, a gente tem que precisar levar no pajé, ele explica porque a criança chora muito, então, tudo isso é explicado, só que, às vezes, as pessoas não vão no pajé, porque tem medo do que vai ouvir, entendeu, porque existem outras coisas também que estão explicado, no caso meu foi falado que quando a criança vai ser gerada dentro da barriga da mãe, e se o pai quer ficar com outra mulher, pode até a mãe não saber mas quando a criança nasce, nasce com desgosto, a criança vê tudo, então, porque é espírito, não achando certo, a criança faz com que os pais sofram, ele adocece, então, isso tudo pelo espírito, a criança sente tudo o que aconteceu, é complicado também das pessoas entenderem nosso costume... É bem interessante a pesquisa, você vê, eu fui estudar fora e tinha matérias falando de indígenas e era também diferente, alguns falavam o contrário do que é na realidade, do que acontecia na comunidade indígena. Falo assim, tendo pessoas como você fazendo pesquisa, entrevista, vendo um pouquinho da realidade, dá pra você tentar entender, falar o certo, não o que os outros falam ao contrário, que até existe uma tribo...Não tem muito a ver o que contam... Até pouco tempo existia isso, de uma cultura não ter que misturar com a outra, então eu ainda ouvi essas histórias do mais velhos, da cultura, de como eles faziam para se proteger para não se misturar, e os brancos falando, parece, assim, diferente da realidade. Então, hoje em dia, devia haver mesmo, de quem quer entender, tem que pesquisar, fazer uma pesquisa, para que eles possam entender. Como eu via escrito, *essa terra tinha dono*, como tinha dono? Se a gente ainda existe, como na televisão, podia ser escrito assim, *essa terra tem donos, mas foram tomadas pelos invasores*, devia ter, mas por isso que eles falam tudo ao contrário, assim como se tivesse existido e não existisse mais, então, muitos brancos ainda não conhecem a cultura, e quando fala indígenas não sabem o que é, então, acho interessante isso... É importante pra mim pensar como eu tenho que levar a vida, as duas culturas, de uma, a outra, não interferir muito, então, sempre penso nisso também.

Texto entrevista: José

Primeira entrevista:

Hoje está um tempo sei lá, vamos fazer outro dia, não vou conseguir falar agora. Eu não

gosto de falar da minha vida... Eu sou eu. Eu sou de Santa Catarina, eu nasci lá e vim pra cá com cinco anos de idade acho, morei um pouco na aldeia do Itariri, depois minha mãe veio pro Rio e eu vim pra cá e depois de lá eu vim morar aqui e até hoje eu estou aqui. A minha família, alguns moram lá no sul e tem uma irmã no Rio de Janeiro. O que eu tenho mais contato é com minha irmã que mora no Rio, agora que mora lá pro sul é mais difícil, só de vez em quando. Tenho 21 anos. Hoje sou agente de saúde, trabalho no posto aqui da aldeia. Vai fazer 12 ou 13 anos que moro na aldeia. E como agente de saúde 3 anos. Não queria falar do trabalho. Minha família são boas, legais. Sim, eu tenho esposa, tenho duas filhas. Olha de trabalho... lazer é todo dia, a gente a tarde joga uma bolinha e para alguma renda a gente faz algum artesanato, sarabatana, cestinha, cestões. Também faço e aí é minha esposa que vende. Eu toco um pouco de violino, meu teclado e só, por enquanto é isso. Eletrônico a gente tem televisão, DVD, sonsinho, teclado, pra funcionar eu mesmo comprei um transformador, um eletrônico, um aparelho que a gente coloca na bateria de 12 e aí transforma em 220 ou em 110, só assim que dá pra ouvir um sonsinho porque energia não tem. Dura só se for um sonsinho é uns 10, 15 dias; mas se é pra assistir televisão é um dia, dois dias só. Tem mais gente, que freqüenta a casa, criança, a família da minha esposa e costumam assistir filme, desenho. A gente aluga ou compra filme. Minha mãe ficou aqui.

Segunda entrevista:

Eu gosto mais de fazer são algumas atividades que tiver mais em casa, eu gosto é de ficar em casa, sossegado. É assim, se tiver alguma roça, eu fazia, limpar um pouco, carpir, é que é assim, geralmente, como a gente é índio o que mais faz é isso, caçar, se tiver uma roça vai limpar e mais atividade que a gente faz é nas roça ou na caça. Gosto de ficar em casa cuidando das coisas que devo cuidar. Como cuidar das crianças, às vezes, quando a mulher trabalha tem que cozinhar, e pra mim também, senão eu não como. Só faço pra minha família, é que agora separamos um pouco, da casa do cacique, da família de lá, da Marina, então, da minha família já tenho separado a comida também. Tudo que é bom, eu gosto de fazer. Como trabalhar, sei lá. Se não tiver, roça, mais é o artesanato que a gente faz, que é o mais importante pra nós também. Artesanato a gente faz, eu faço um pouquinho, a minha esposa faz um pouquinho e cada um faz o que mais gosta de fazer, eu sei fazer mais de sarabatana, e ela sabe fazer mais cestinha e colar. Sarabatana é o de soprar. A venda a gente coloca junto e nós mesmo que vendemos, às vezes, manda outra pessoa vender pra gente. Minha casa é a única que tem TV, por enquanto. Faz parte a TV, a gente vê um pouco e quando a gente está em casa. Mais assim, de vez em quando, por que a gente não tem como assistir direto, porque num tem energia. Pode ser importante, a TV, no meu modo de pensar, de uma parte é importante sim, que nem agora, as crianças estudam um pouco e dá pra ensinar um pouco pela imagem também que eu sei, mas sem exagerar muito, porque isso também eu já acho que num é muito bom pra nós. Que a gente vai perdendo, a cultura, o que a gente tem e depois a gente vai querer o que a gente está assistindo. É muito diferente a cultura da TV. E, às vezes, a gente pode até, num sei, depende, da família, estou falando se tiver energia, depende das famílias porque se assiste demais, muda um pouco do jeito deles viver. Então, de uma parte pode ser bom mas de outra pode até ser ruim também porque num sei. Até hoje, das mudanças da cultura, eu percebi mas não mudou muito desde que eu comecei a perceber quando eu percebi, percebi que usava roupa alguns, que usava televisão, alguns já tinha celular e num mudou nada parece aqui, de hoje pra nove, dez anos atrás. Pra nós, pra mim, importante mais é a cultura, assim, a língua, a língua e a crença que a gente tem. O nosso ritual, que é mais importante pra mim é isso, o que eu posso, tipo de não perder mesmo é a língua, que de mais importante pra mim é a língua. A gente está mantendo a cultura parece, não a gente está mantendo, porque, sabe os Guarani, não estou falando só daqui, na geral, os Guarani, o único Guarani que menos perdeu a língua, a cultura, parece pelo que eu sei, então, é a gente, está mantendo e vai manter isso pra sempre e vai depender das pessoas, por exemplo, que se vai querer mudar, muda, agora, perder acho que num muda, num perde. Entre nós só fala Guarani. Sim todo mundo respeita. E é tranquilo porque aqui o que o cacique manda que a gente faz, então, não sei como falar isso, porque pra alguns pode ser. Não, ninguém contesta. Às vezes, eu mesmo, não gosto de ir trabalhar, mas a gente, eu, por exemplo, tem dias que dá um desânimo, assim, e às vezes, a gente nem tem coragem de ir, sei nem

como ficar aqui. O meu objetivo era trabalhar quando fui estudar, mas não nessa função. Pensei em fazer a medicina, só que... É mais ou menos, na área, só que... A gente trabalha porque precisa, que nem agora, se a gente depender do artesanato, de outras coisas assim, já não tem como sobreviver, também. Porque se a gente depender da roça, a terra também não é boa, não dá pra plantar, dá mais, só dá pouquinho, então, a gente precisa, fazer artesanato, a gente vende alguns, alguns não vende e do artesanato também não compensa nada, então, a gente vende um pouquinho só. Então, o único jeito é trabalhar e dia-a-dia sustentar a nossa família. To pretendendo estudar. Assim, de fim de semana, a gente fica mais em casa e ajudando um pouco a mulher, limpar a casa, minha esposa também trabalha. No começo era diferente, só que agora já acostumamos. Eu trabalho vai fazer 3 anos e ela vai fazer 6 anos parece. Sim, faz tempo que ajudo em casa. Faz três anos, depois que comecei a trabalhar, só fim de semana que sobra, fim de semana e feriado, às vezes, sobra um dia pra gente limpar a casa, arrumar as coisas. De lazer o que a gente faz mais, nós homens, o que gosta mais, é jogar futebol, tomar banho na cachoeira. Então, final de semana, à tarde, única coisa mais bom pra fazer é de jogar bola ou, às vezes, a gente vai pra outra aldeia, visitar nossos parentes. Olha de vez em quando vem parente de fora e, às vezes, a gente vai. No dia que trabalho tem que acordar cedo, fazer café e trabalhar. Às vezes, quando a gente faz visita, então, a gente chega na hora do café e oferecem. Porque nós Guarani, tem alguns, que quando a gente faz visita, já manda preparar café pra gente e tem alguns que já não, quase nem liga quando a gente chega. Cada um é de um jeito. De educação não sei ainda, porque minhas filhas são tudo novinha ainda, nem estuda na verdade, só um pouco, num dá pra perceber ainda, mas não sei, como falar na verdade. Porque sabe, as meninas são mais com a mãe e, então, a gente como pai já não sabe, o que a gente pode deixar para as crianças fazerem, que nem se for menina, agora se fosse homem, já saberia mais coordenar, já que é o pai, o homem que tem que ver o filho como que está indo, como que está, então, não sei como, que pode mais levar, sair, sei lá. É mais com a mãe. É não sei ainda, de ter mais filhos, deixa criar, crescer primeiro, pra pensar nisso, porque agora, por enquanto, não dá. O meu trabalho é mais fazer visitas, ir no posto atender o pessoal, fazer inalação, às vezes, o médico faz prescrição e a gente dá o medicamento. Isso eu gosto. Eu acho importante a função do agente de saúde porque ajuda um pouco a comunidade também, tem algumas pessoas que, por exemplo, é mais idosa, difícil de falar em português, às vezes, entende mas só que não sabe explicar a situação que ela ou ele, sei lá, pode o agente de saúde ajudar nessa parte, que nem as crianças ou faz acompanhamento, a gente acompanha o paciente quando vai pra cidade ou pra São Paulo, dificilmente o Guarani entende, entender é difícil, tem algumas palavras que é mais complicado, então, a maioria dos Guarani, aqui da aldeia entende só que palavras simples, que nem, por exemplo, água, sabe pedir se está com fome, pode falar, mas o que está sentindo, de sintomas, aonde que ela sente, é difícil de explicar, qual dor, como que está, como que a criança ta comendo direito, então, nessa parte é importante o agente de saúde porque ajuda a comunidade, como que falei agora a pouco. Porque, agora mudou um pouco, algumas famílias pensam diferente, vai levar pro médico que o médico resolve, alguns não, alguns já procuram o pajé, assim, depende mais da família porque não adianta a gente chegar lá e dizer: tem que levar para o pajé por que, às vezes, o pessoal não entende e eu, melhor o que a gente faz é o que melhor pra família. Eu acho que maioria estão procurando o pajé, por enquanto, não sei até quando mais. Pelo que eu sei, só tem dois pajés só. Não é no batizo que diz se vai ser pajé, mas no batizo, quando falar o seu nome, pode ver, se você pode ser o pajé, só que é difícil, igual pra ser padre, você precisa passar por cada detalhe pra ser o pajé, porque é difícil, pelo que eu entendo, num dá pra ser, só dizer: eu já vou na casa de reza, fumo o cachimbo e falo que sou pajé, aí não. Uma coisa da pessoa que o pajé fala ou a pessoa já vem com esse dom de ser pajé. Mas pode ser que o pajé, assim, perca um pouco, mas só que mesmo assim pode ser que vendo, sei lá, sabendo que tem dom pra ser o pajé, mas se ele não sabendo isso, deixando essa coisa, esse dom do lado, também, não vai ser também, o pajé. É uma escolha. Alguns jovens têm a preocupação, mas alguns falam que é pajé, só que num é assim, pode ser que um dia... Tem que ter preparação, uma vida diferente. Pode ter família, mas tem práticas diferentes. Agora pra ser cacique já é mais fácil, porque você tendo experiência, sabendo como que fala, assim, as regras e tendo a possibilidade de ser cacique ou depende, vai depender mais da comunidade. Não, o cacique não precisa ser

religioso. Eu num sei, porque a gente com liderança vai depender da comunidade, que nem eu falei agora, então, se a comunidade, quiser me eleger como uma liderança, eu posso até, pode até ser, só que eu mesmo, assim, não sei. Só tem esses dois tipos de liderança. Eu acho que é importante manter as lideranças. Aí que começa, da gente não esquecer da religião, das línguas também porque o pajé, ele fala mais da religião e na língua também, então, o que o pajé pede, sei lá, se ele quiser alguma coisa, a gente tem que fazer, cumprir a ordem do pajé; igual o cacique, que o cacique fala assim, fulano tal não pode vim aqui, sei lá, então, tem que obedecer, agora que nem o pajé fala, hoje quero todo mundo na casa de reza, quero falar um pouco da religião porque pra nós é importante e todo mundo vai ter que vir, a gente vai. Na roça, assim, a gente não tem horário, porque aí a gente pode sair as nove e pode parar às treze horas ou às vezes quinze, agora na função de trabalho, já é diferente, tem que sair das sete, ao meio dia pra almoçar e depois das duas até as dezoito horas. É muita coisa. Eu acho que é interessante meu trabalho dentro da aldeia. Era complicado se fosse na cidade, sei lá, ia ser muito diferente. Eu ia fazer o curso de, como é, que fala, na prefeitura, mas só que não fiz, sobre agente de saúde. Eu pensei, porque sai daqui... num sei que horas é a função de agente da prefeitura, se eu sair daqui de manhã e pra voltar a tarde todo dia. Isso de ser agente de saúde na prefeitura, eu não, pensei assim, acho que não dá. Se eu morasse na cidade daria, só que sair daqui pra cidade e voltar. De vez em quando eu vou na cidade. Aqui a gente vai mais pra fazer compra, vai faz comprinha, no mais é só isso parece, maioria da comunidade vai lá pra fazer compra ou vender artesanato. Acho importante. Mas nunca tive essa pretensão de morar na cidade e não sei, muitas coisas boas tem, só que de um lado é muita coisa ruim que acontece. Mais de bom é que dá pra estudar, é mais perto, uma coisa aqui, fazer uma compra é mais perto, pra trabalhar também, mas de outro lado é muita poluição, coisa que não presta que rola, então, melhor ficar na aldeia do que morar na cidade. Ubatuba até que é tranqüila. São Paulo é horrível. Não tive vontade de morar em outra aldeia. Eu já tive em várias aldeias, saia muito, mas morar mesmo, eu nunca morei em outra aldeia. Não sei se são muito diferentes porque eu nunca tive tempo assim de sair da minha aldeia, como falo assim, eu não penso quando vou, não penso mudar pra outra aldeia. Mas não sei, eu pessoalmente penso que não tem diferença, não tem coisa melhor do que aldeia pra outra aldeia. Vou ter que sair, ir pra cidade ver o transporte que a gente ganhou pra ir amanhã no futebol.

Terceira entrevista:

O final de ano foi bem, por enquanto tudo bem. Não fizemos ceia. Isso pra nós não tem uma causa, na verdade, pra nós é um dia normal. Ano novo só teve um joguinho de futebol, mas festa mesmo não. To trabalhando e continua tudo do mesmo jeito. Isso, eu fui acompanhar na cidade uma paciente que foi fazer exame... Fui no laboratório. Às vezes, eu falo com a secretária, às vezes ela, é que umas palavras que as mães não sabem responder, eu posso ajudar, eu fico lá. Eu não acho difícil esse trabalho mas uma parte é difícil porque pra nós ter que entender, assim, a hora certa de trabalho, às vezes, acontece alguma coisa à noite ou dia de chuva, fica muito complicado um pouco, mas de um lado, eu gosto também... e pra quem gosta, não é tão difícil. Eu não acho, assim, fácil, falar com as pessoas na cidade porque o português é, num sei, um pouquinho difícil, então, de vez em quando, eu sinto dificuldade pra falar, conversar com as pessoas. É que algumas palavras são mais, que nem no laboratório, na consulta médica que o médico fala de um outro jeito que a gente não entende, algumas palavras é meio complicada pra nós, a gente não entende. Hoje não teve problemas. Às vezes, a consulta é demorada, às vezes não, quando não é demorada, a gente sai e espera uma viatura pra pegar a gente, porque a gente já tem um ponto certo e a gente fica lá e espera. Às vezes a gente vai assim com o paciente, quando é trabalho, tem um convênio com restaurante, que acabamos comendo, então, de vez em quando a gente almoça lá, agora quando é de manhã cedo, a gente come por própria conta mesmo. A gente come, acostumado com arroz e feijão, carne ou salada, agora outros que o pessoal inventaram, já não. Eu gosto dos dois, comer em casa, na cidade. Pra mim, eu não costumo comer, ficar no restaurante comendo, porque eu gosto mais de comer em casa, a gente fica mais sossegado, fica tranqüilo, faz o que quer, como do jeito que quero, agora no restaurante, a gente tem que ter postura, tem que calar. Eu como de talher, mas a maioria não. Eu aprendi pela cidade. Eu acho que não é tão complicado, mas maioria, nós Guarani,

a gente... é muito tímido, as mulheres principalmente, que é mais tímida, então, quando uma pessoa diferente está perto, nem come direito, é cada um, e as mulheres são mais, num sei como pensam. Mas alguns já estranharam, se é índio que está sentado na mesa, um já sai de perto, porque num sei, cada um. Pra mim não tem muita diferença. É que eu sei muito, assim, fora, então, desde criança mesmo, porque eu saía muito e eu estudava fora também, com isso, eu já comecei a aprender a comer com talheres. Eu estudei no Puruba, estudei no Deolindo. No Esteves, eu estudei também. Quando a gente era mais novo, a gente pretendia estudar e a gente saía e gostava estudar, tinha alguns colegas que fizemos amizade e isso é legal. Eu tinha dificuldade de algumas matérias, eu tinha dificuldade de matéria como química e outro também que eu acho difícil, esqueci o nome daquela, igual matemática mas não é matemática? Física. E português também, tem algumas, assim, que a gente não entendia direito, tem várias coisas que a gente, uma palavra só, que muda muito, só que tinha dificuldade também. Alguns entendiam e algumas não, a maioria dos professores não entendiam que a gente tinha dificuldade, que a gente era índio, então, uns pegava mais leve com a gente, porque ensinava onde é e alguns, algumas... como fala, está nem ai; se é índio que é cega, fala que, às vezes, a gente fica até chateado, mas, de vez em quando, a gente pensa até em desistir, algum já desistia, eu também desisti, ficava assim. Eu gostava mais de ciências, geografia. Não teve haver com minha profissão. O meu era mais estudo pra conseguir emprego porque assim, a função, nem passou pela minha cabeça. Estudei até primeiro grau. Pretendo voltar só que é complicado. O difícil porque pra nós é longe, a gente como passou da idade, estuda a noite, só tem a noite e às vezes, que nem aqui, não paga a passagem, só que de outro lado, pra comer um lanche é difícil, a gente não tem. Eu não sei, se me sentia bem na escola porque eu nem percebia qual era melhor, se era na escola. Eu fui, às vezes, sozinho, tem dia que a gente vai em turma, tem dia que vai sozinho. Na verdade isso, pra nós, isso do *nimongaraí*, é quem inventou a data, foi o pessoal dos não índio. Não tinha, ai o pessoal fala, é vinte de janeiro, trinta, dia vinte e nove de janeiro, que é isso, ai o pessoal, não índio, já anotava no papel e começou essa data, mas essa data nem era pra ser divulgada, só que recentemente, foi divulgada e pra nós é todo dia, toda noite tem essa reza, que nem, dá o nome das crianças, às vezes, nem no *nimongaraí*, não precisa ser no *nimongaraí*, porque se o pajé e a pessoa, a mãe da criança, conversa com cacique, com pajé, faz, num tem dia, num tem hora certa, não, tem que ser naquele dia, naquela semana, tal data, não é isso. Isso do *nimongaraí* é índio, só que inventaram esse nome, data, assim. Isso pra nós de ser em janeiro, o pajé fala que é mais de verão porque, é mais época de que, o pessoal fala que o espírito fica tudo jovem, que os Deuses ficam tudo jovem, então, é no verão. Como falei agora, em janeiro nós Guarani, pra nós é mais, comparação com o verão, porque a gente fala em janeiro, só que na época do calor que a gente fala, a maioria aproveita pra fazer a roça e a plantação e nesse tempo é melhor porque a roça, dá pra fazer direito, queimar, fazer muitas coisa, agora no frio, no inverno, já não tem como, limpar a horta, a roça. No caso a gente roça, alguns da aldeia, alguns não, a maioria é palmito, que é meio de sobrevivência também. Pra nós é mais é verão ir na cachoeira. Não é que a gente não gosta da praia, mas só que a nossa cultura, a água salgada não combina com a gente. A gente não gosta mesmo, água salgada pra nós índio, é que água salgada tem mais coisa ruim, como não é da nossa cultura, tem muitas coisas que a gente não gosta na verdade, tem planta que se mexe, tem coisa que nem era pra se mexer, mas tem, algumas plantas carnívoras, então pra nós já não é coisa boa. Não gostamos de comer coisas do mar. Realmente é isso, mas num sei, antigamente era isso, mas hoje, eu acho que não está tendo, algumas pessoas mais velhas que tem neta faz mas e a primeira menstruação das meninas, deixa em repouso, resguardo, faz assim, no máximo trinta dias, mas num é mais, deixa no máximo oito dias e já manda sair. É mudou muito já. Não, porque pra nós os homens é mais livre um pouco que a mulher, agora a mulher tem que ter mais cuidado, mais repouso, mais resguardo, só que está assim. Pro homem é mais roçar, limpar as casas, fazer casa, é mais isso. Chega a ser por família. Isso quem fala mais é o pai, a mãe, o irmão mais velho, é assim, porque quando está o homem tem que estar bem tranquilo, num ficar bravo, num achar ruim, nem nada, ficar, o que mandar a gente tem que fazer, senão fazer, a gente é castigado também. Eu não tive castigo. É que eu tinha medo, eu não sabia o que eram os castigos mas eu tinha medo. Foi o meu pai, a minha mãe, alguns, meus irmão mais velho que me ensinavam.

Quarta entrevista:

Na aldeia quando tiver energia, que nem, em Paraty que não paga, porque acho que é o prefeito que paga, sabe, a energia, mas aqui não sei como vai ser. A comunidade conversa sobre isso. E algumas partes eu acho que é importante, mas, só energia. Eu acho que é. Porque pra gente mais é pra água, pra esquentar a água porque que nem na época, de inverno, tem mais criança com resfriado, fica, toma banho de água fria, às vezes, até passa mal, piora a tosse. Eu na minha casa, acho que ia ajudar qualquer coisa, eu não sei o que. Não esquentamos a água. No banho nós já fazemos assim, depois de alguns trabalhos ou depois que acabar ou de manhã cedo ou à tarde, vai depender. Usa o banheiro mas o rio também. Facilitaria do freezer, da geladeira, ajudaria porque você guarda alguma coisa, pra congelar, assim, suco, que nem freezer quando a gente compra alguma coisa, mata alguma coisa, onde a gente guarda, às vezes, a gente mata um porco do mato que é grande e a gente não come tudo no mesmo dia, fica ruim onde guardar. A gente divide com a comunidade toda, até onde dá. Não tem jeito de armazenar. No mesmo dia tem que ter um jeito de comer tudo. Não usamos coisas geladas. Não sei, só vou saber quando, depois de energia, quando tiver tudo pronto, o que vai melhorar. Eu mesmo assim, de vez em quando eu faço, desde criança eu já, saia assim pro mato, eu já acostumei de sair, que nem à tarde, sai um pouco pro mato pra ver se caça alguma coisa ou isso é uma atividade que a gente sempre faz não só eu, outras pessoas também, que é um costume nosso e a gente gosta também. Vou sozinho. Caço é mais tatu, cotia, que é bicho pequeno, macuco. Só pra alimentação. Não tem lugar fixo, cada dia a gente vai pra um lugar diferente, pra um canto, pra cima, porque se indo todo dia num lugar só, a gente não consegue matar nada. Ninguém me ensinou na verdade, mas meu pai, é costume dos Guarani, então, desde criança a gente acompanha os pais, a gente vai com nosso pai, às vezes, irmão, com alguns parente que é mais velho, é um costume. Uso armadilha, às vezes, tem gente que usa até espingarda, mas eu uso mesmo é armadilha. Tem vários tipos de armadilha, tem uma que usa tipo de uma corda, tem armadilha que chama mondéu, coloca um pau no meio, comprido, faz um tipo de uma parede de dois lados e coloca em cima a pedra, onde passa, onde é o lugar, onde a gente sabe que o bicho vai passar, a gente faz lá e a gente espera. E ai o bichinho passa no meio e cai a tábua. Eu gosto mais da cotia pra comer. Um tipo, como que é, um tipo capivara, mas só que pequenininho. Não, o gosto, totalmente diferente. Não levei minhas filhas, porque as meninas é diferente, agora os meninos, quando os pai sai pro mato, os meninos que acompanham mais, agora as meninas ficam mais com a mãe, em casa, arrumando a casa, as coisas, lavando roupa. Agora não faço nada porque trabalho o dia inteiro, agente de saúde, de manhã tenho que ficar no posto. Mas se num der, a gente faz um, tipo de jogo de bola, mas se num dá tempo, às vezes, a gente chega tarde também, mas chegando cedo a gente bate uma bolinha. E a noite, na verdade, a gente vai todo dia pra casa de reza. Agora a gente depende do trabalho também, e se num tivesse trabalhando, ia arrumar um jeito de trabalhar, pra sobreviver. Eu prefiro mais os dois, porque os dois sempre têm que ta fazendo, o trabalho e atividades da comunidade. Eu pretendo ficar trabalhar de agente de saúde mesmo, porque eu gosto de trabalhar, porque difícil. Não, ainda não trabalhei em outra coisa. Na época da obra eu peguei uns quinze dias de folga e não, vinte dias, e naquele dia que peguei folga, eu trabalhei um pouquinho na obra também. É difícil, carregar material. É diferente o trabalho. Quatro anos como agente. Agora, quando a gente...porque antes de não ter isso, um funcionário indígena, era mais difícil, tem gente, que tem mais, assim, mulheres, homens com mais dificuldade de falar, que nem a gente que estudou um pouquinho e a gente sabe falar, explicar pro paciente, então, a gente é contratado, a gente orienta o paciente, o mais idoso que não fala, a gente tem que falar em Guarani e saber também. Hoje o agente é um facilitador pra chegar orientação de saúde. É que é difícil, que alguns até que sim, é que a gente é contratado pra fazer isso, então a gente tem que fazer, as orientações. Você vê que primeiro a gente procura o Pajé, que é o curandeiro, depois a gente procura o médico. Até as crianças. Eu acho no meu modo, no meu ponto de vista ta indo bem, porque que nem tem as doenças, um tipo pneumonia, isso, às vezes, o curandeiro não vai, ele não sabe qual é a erva que cura o tipo da pneumonia, mas o médico sabe, que é isso e tem coisa que médico não sabe mas o curandeiro sabe, tem que seguir os dois caminhos. Primeiro era

difícil o diálogo agora ta melhor. É as pessoas também interferem, o que a gente escuta, fala, que nem o pajé, o pajé não, o cacique, ele me orienta muito, a gente, pra fazer um trabalho bem legal assim. Agora eu acho, que ta um pouco melhor, porque agente como eu já fala um pouco mais em português também, então, já to quase acostumando assim, mais fácil. Sim, a questão da língua é importante pro trabalho. Daqui a pouco vou caçar. É, às vezes, a gente nem pega trilha e vai entrando no mato, que pela trilha você não vai encontrar a caça. Não encontra perto a caça.

Quinta entrevista:

Eu penso... que o futuro é mais, como ter mais alguma coisa sim, que por exemplo, mais área, mais grande, pra população, vai estar crescendo, pensar nisso e ter alguma coisa aqui, por exemplo, energia, ou sei lá, alguma coisa e não tendo assim, perdendo a cultura, que mais importante pra nós é a cultura, a língua; só que mesmo assim a gente tem que ter esses detalhes que é a energia, ou abrir a estrada para melhoria da comunidade. Eu acho que deve melhorar porque a gente sempre faz isso pra melhor pra aldeia, nossas famílias. Porque na verdade a gente costuma, saber mais da aldeia e que nem no futuro, eu penso porque principalmente eu tenho que pensar mais na aldeia do que pensar fora, as coisas pra mim num tem porque, penso pro futuro na aldeia ter mais pessoas estudando, ter como fazer um curso de medicina ou outras coisas, ser o próprio índio pra trabalhar na aldeia e pra cidade e da cidade não tem como falar, porque pra mim o que é da cidade não tem como falar, quer dizer, valer vale só que eu não convivo na cidade, então, nem sei como falar e tem alguma coisa, ter tem, porque que nem fazer curso tem que ser na cidade, então, só que fora isso, não sei. Pra minhas filhas, penso que elas estudam, ter algumas coisas independente de mim e sempre, assim, morando na aldeia, saindo da aldeia mas indo pra outra aldeia e agora morar pra cidade já não quero que aconteça isso. Pro futuro só mais espaço, assim, a área tem que ser mais ampliada. E mais pessoas, mais velhas que tenham lugar para fazer plantação, tipo milho, batata, essas coisas e ter um lugar pra ter mais espaço, que agora assim, a gente tem um pouquinho de terra, mas só que não tem muita terra, muito espaço, fica difícil pra sobrevivência, um pouquinho complicado, a gente depende da cidade, se a gente tiver uma área bem mais grande, pra fazer este tipo de plantação ficaria bem mais melhor. Se ampliar a gente vai mais longe, porque tem o limite da área também que não dá pra ultrapassar pra caçar. E pretendo ser Guarani pra sempre. E quero ser do jeito que eu to hoje até minhas filhas crescer. A dança, a língua que é importante. Ser Guarani quem nem eu falei e não perder a cultura... importante, é a língua, a dança, não perder... o que é importante é a nossa língua, que é na verdade mais importante. Eu acho que a cultura é importante, hoje e pro futuro também e mantendo essa cultura... eu acho que é tentar não perder.

Texto entrevista: Airton Werá

Primeira entrevista:

Meu nome é Mauro Aílton dos Santos, na língua Werá Popyguá, relâmpago criativo. Tenho vinte anos. Tem várias atividades no dia-a-dia, primeiro acho que a parte mais do artesanato, quando fico em casa, depois chega o fim de semana, tem que cortar palmito pra vender na feira. Têm a escola que eu venho à noite também... entro as sete e saio às onze horas, daí pra aldeia de novo... Estudo na cidade. Bom, as palestras eu faço junto com o grupo de canto e de dança. A gente faz apresentação na aldeia e apresentação fora também. E, às vezes, eu venho também junto com o grupo pra falar um pouco da nossa cultura, falar da dança e do canto e o que significa também. Música, pra entender melhor acho que só escutando mesmo e depois falando o que significa. Na minha casa! Tem minha esposa e uma filha. Bom, às vezes trabalhando na feira a gente ganha, até que, faz um bom proveito, mas às vezes também não, sobra muito palmito também. Da aldeia a gente corta, um dia a gente corta palmito, e trás até a aldeia, do mato, mas depois no outro dia a gente trás pra feira, vêm até a pista e pega o ônibus até chegar na feira. Fica até a feira acabar , aí depois que acaba tem que voltar pra aldeia de novo. De vez em quando eu venho muito pra cidade, pra vender o palmito e o artesanato também. As peças de artesanato, eu faço

mais arco e flecha, sarabatana, chocalho, leque e a minha esposa também ajuda a fazer, ela faz chocalho, leque. Eu acho que é mais no fim de ano que vende mais artesanato. Pra vender acho que vêm quem quer. Quem quiser vender o artesanato vêm. Eu próprio índio fui, e onde o índio colocou o artesanato dele, coloquei e pude ficar ali. Quando tem artesanato pra vender? É tipo, faz mais na virada do ano e em abril também que é dia 19 de abril, o dia do índio. Bom, vendemos aqui em Ubatuba, é pertinho da nossa aldeia, a gente vem mais aqui, mas tem alguns que vão pra Caraguá, para Paraty e vende artesanato. Depois de fazer artesanato, pára um pouco, se tiver muito quente, vou tomar um banho na cachoeira, e depois volta, se tiver alguma coisa pra fazer. Às vezes é tranqüilo para vender o palmito, num tem muita correria não. O pessoal chega, olha os palmitos, tem de vários tamanhos, olha os preços, e o freguês escolhe o melhor que quer levar. Depois de fazer artesanato em casa, se tiver alguma atividade pra buscar, algumas peças no mato, na floresta. Aí eu vou pro mato buscar madeira, taquara, cipó que a gente usa...Para o artesanato. Deixo ele preparado, preparo pra fazer o artesanato.

Segunda entrevista:

O que eu mais gosto aqui na aldeia? É, eu acho que tem várias coisas, tipo assim, a casa de reza, passear na floresta, caçar, pescar e fazer alguma coisa de plantio e acho que demonstrando a nossa cultura também, divulgar como é a nossa cultura, é isso aí. Acho que na casa de reza, que a gente reza toda noite. A gente vai divulgando a cultura e a gente demonstra, tipo de dança, canto, se apresenta, assim, fora da aldeia. Tem um grupo de canto e dança, a gente ensaia pra depois divulgar o grupo e demonstra nossa cultura, como que é, como que é o dia a dia na aldeia. Contamos na apresentação o dia a dia na aldeia. Algumas pessoas fazem artesanatos, algumas acho que a rapaziada, as crianças vão, às vezes, caçar, os outros, vão em cachoeira, e alguns trabalham também. Ainda existe esse grupo de canto e dança, a gente ensaia de vez em quando. Cada criança que quiser cantar, pode ir entrar pra cantar, dependendo da vontade da criança. Costumamos ensaiar na casa de reza mesmo. Os cantos mudam as palavras. A gente mesmo que muda. Isso, nós que fazemos. As músicas vão mudando, mas existe também as que os avós, os pais cantavam. Tipo, tem uma que fala assim, nós moramos numa aldeia muito linda que se chama aldeia boa vista, onde todas as tardes as crianças cantam e dançam junto com o nosso pajé, que é o nosso curandeiro. É tem alguns dias que a gente fica só no artesanato, fazendo tipo cesta, arco-flecha, sarabatana e tem o dia marcado também que a gente vai pra caçar. É tipo em janeiro até agosto da pra caçar. Tem, coati não, é coti. Porco do mato. Na minha caça eu vou atrás desse aí. Isso para alimentação. Tingy é tatu, também comemos. Eu 5 horas to em pé. Difícil, mas não tem outro objetivo tem que ir. Acho que, gosto um pouco assim da cidade, assim, mais ou menos das praias. Freqüentava as praias, mas to querendo voltar agora. Como surfar. Não, eu tenho prancha, fica lá perto da praia. Gosto de viajar. Então, eu sou natural do Paraná, da aldeia Pinhal, e vim de lá com 6, 7 anos e morei também em Rio Silveiras, tem uma aldeia também e vim pra cá, aqui em Ubatuba, depois sai daqui de novo fui pra São Paulo, agora eu voltei pra cá de novo, agora eu to aqui, faz tempo que eu to aqui já. Eu ia com meu pai, sempre que ele mudava. Pouca coisa lembro do Paraná. Não, era igual a aldeia. E no Rio Silveiras também. Só meu pai mesmo que entende porque mudávamos. Fiquei 5 meses só na aldeia em SP. Não gostei e vim embora. Território muito pequeno, não tinha floresta, muito mato. É, um pouco diferente a vida lá. A reza até que dava para fazer lá, agora o artesanato era meio difícil porque não tinha material. Tinha escola, mas não cheguei a ir. Vim com meu pai pra cá. Acho que ele não gostou de lá, mas agora ele ta pra lá. Eu vou de vez em quando visitar ele. É, ele ta trabalhando lá. Na aldeia. É escolhi ficar aqui. Era criança quando cheguei aqui. Faz 12 anos que eu to aqui. Eu to pensando ainda se vou pra outro lugar. É, às vezes, eu vou procurar alguns amigos pra pedir ajuda ou fazer compra, ou às vezes vou no hospital, tipo assim, é muito corrido e é ruim também porque tem que viver assim, na floresta não tem barulho nenhum, na cidade já é meio barulhento, apavorado você fica, que nem eu fico com meio dor de cabeça na cidade. Às vezes vou pedir alguma ajuda, algum, é tipo, prefeito, vereador essas coisas, corro um pouco atrás deles. Às vezes, no meu nome, às vezes, no nome da aldeia também. É até que temos, alguns políticos que conhecem alguns índios, alguns políticos não é todos também, aí ele apóia também. Depende, quando tiver dinheiro fazemos compra. To vendo o

que vou fazer na aldeia. To planejando. É segredo. Antes, primeira dificuldade que eu achei, por exemplo, foi... saia daqui às 5 horas pra chegar aqui de novo à meia noite e meia, só que nesse período que a gente ia não sabia se ia chover ou se ia fazer, alguma coisa acontecer, porque às vezes tinha noite clara, noite escura também e é difícil pra gente ir e voltar, se tivesse algum transporte até que seria melhor e assim incentivava um ao outro pra ir também, só que nesse trajeto pra ir e voltar é muito difícil, tem que descer morro, subir morro de novo, chegar aqui muito tarde também é difícil pra gente, por isso que eu sai. Às vezes, levava algumas coisas, só que guarda-chuva, aqui em Ubatuba muda o tempo rapidinho e é difícil você saber se vai chover ou se não vai chover. Era bom, professores eram bom também, respeitavam a gente na cultura assim diferente, era muito bom a escola. Em grupo, uma viagem ir para a escola. Tinha Edmilson, Danilo, Edson, Mário, tinha o Daniel, Adriana, só isso. Era bom porque na escola mesmo não encontrei nenhum defeito não. A amizade era quase a mesma, eram adultos também, respeitavam também, era bom. É estou querendo voltar a estudar, vou ver ainda. Acho que pra mim é importante. Só estudei no Esteves. Antes eu fiz até a quarta série aqui na aldeia.

Terceira entrevista:

Acho que existe aldeia que já tem capacidade pra desenvolver o trabalho assim dos jovens, tem aldeias que acho que normalmente não tem essa capacidade de ver o jovem assim capacitado, tipo na escola, num trabalho e acho que se eu fosse falar com autoridade, eu pediria essa ajuda assim, mais ou menos de pedir pra na aldeia aqui, como é difícil o acesso pra escola e aldeia, pediríamos recurso para os jovens. Acho que a educação, a educação está meio por baixo ainda, é estudar um pouco pra se formar melhor. Acho que se tivesse uma ajuda, vir alguma pessoa de fora, autoridade assim, acho que daí seria bom na cidade, agora se trouxesse pra aldeia também era bom. É tipo aldeia Tenondé Porã, lá ele tem, acho que se formam dentro da aldeia mesmo, tem escola dentro da aldeia que estudam, acho que vai até o 1º grau. Acho que sim, até 8ª série. Tudo dentro da aldeia. O estudo é bom pra você aprender o português melhor, falar melhor e falar diante assim das autoridades sobre os seus direito, lutar pelo seu direito, agora trabalho de artesanato, as coisas assim que a gente faz na aldeia continua mesmo, não muda nada. Assim é difícil, trabalhar fora da aldeia, mas acho que se arrumasse pra aprender melhor um pouco a vida lá fora, pra mim é um conhecimento. É tem alguns jovens com o pensamento assim positivo, querendo fazer alguma coisa, ajudar no trabalho, ajudar os mais velhos, assim vai. Como ser um jovem Guarani é isso? Não sei responder. Começo do ano, tem que procurar trabalho, não to saindo muito não, saio pra fora, tipo apresentações, de grupo. Artesanato, só essas coisas. Não tenho saído pra vender. Isso, só estou produzindo, é mais pra agora, o mês que vem março e abril. É diretamente assim com a escola que combinamos as apresentações e troca com a companhia de esporte pra 25, 25 pessoas. É alguns dias eu trabalhei na obra. Bom (risos), bom e difícil. Não, só as peças mesmo, o material. Ai a construção era com eles só, fazia só o transporte de material. É, compensava o pagamento, mas sempre dava um atrasozinho no pagamento, ai fica difícil. Não, eles que pediam ajuda. É tem alguns ainda que ajudam. Acho que falta, seis, sete casas ainda. Algumas pessoas ainda coletam o palmito. Hoje mesmo, só de areia, nós tiramos areia pra obra. É eu vendo pra eles. Já voltei a estudar. No Esteves. Eu repeti agora a sétima. Supletivo, faço a sétima agora e segundo semestre faço a oitava. Um pouco tranqüilo no verão, só se chover. O ensaio está parado, estamos organizando ele lá. Tem algumas músicas novas. Sempre vou na casa de reza, agora não posso ir mais, tenho estudado a noite. É aqui. Ta em reforma também, estão fazendo outra por cima dela. Ai tem o pajé mesmo, é o Mauricio. Ele vem. Tem o Venâncio. Já acabou quando chego. Meia noite e vinte. É difícil um pouco não participar da reza, mas aqui fazer o que, tem que estudar. Seria diferente se fosse aqui, se tivesse um espaço, tivesse uma escola talvez pra dar aula, se fosse aqui dentro da aldeia a gente escolheria um horário bom, ai seria melhor. Não, aqui acho que é até quarta série só. Um pouco importante, é importante, faz parte da cultura Guarani, a religião. Acho que não tem, todas as coisas eu vou fazendo de pouquinho em pouquinho. É, como já tinha ido, daí já ia ser como... estudar no meio dos, como que é juruá, daí acho que não tem nada não, acho que é o mesmo de antes, tudo é igual não muda nada. Mais ou menos, é que antigamente, antes quando não tinha parado ainda eu tinha colegas já, daí eu parei agora

fui tinha pessoas novas, não era os mesmos que estudavam. Pessoas legais também. As aulas muito boas, desde o primeiro dia. São os mesmos professores. Algumas, tipo a professora de história, pergunta mais pra mim também, como é historia, envolve os índios, negros, portugueses, daí ela faz algumas perguntas pra mim, e tem algumas perguntas que ela faz, eu respondo e que nem ela conhece também. Conto pra sala. Pergunta tipo, teve uma vez que ela perguntou, é, ela fala que tinha duzentos e cinquenta mil índios no Brasil, ai ela perguntou pra mim se estava certo, eu falei que pelo meu conhecimento tinha mais. Acho que não conhece muito não a nossa etnia, conhece a gente que está lá. É, tem alguns jovens assim que eu acho que casa cedo sim, mas tem alguns também que não, alguns é, olham assim para os casal e vê que é difícil, espera mais um pouco, agora das meninas, algumas é os pais mesmo que faz casar. Também faz parte da cultura. É que hoje em dia pra mim, acho que é difícil, é difícil a convivência assim dos mais jovem, ter um relacionamento bom, como marido e mulher é difícil, é isso que eu falo pro jovens de hoje, como eu já tenho vivido isso, já conheço um pouco. E algumas palavras eu passo também pra eles, ou eles perguntam, a maioria são os meninos mesmo. Primeiro casamento foi com dezesseis anos. É, adolescência assim é tudo, você não sabe o certo o que mais não quer e fica e você acaba numa só, você escolhe uma, daí casei, só que não deu muito certo não, daí eu achei melhor a gente se separar. Não tive filhos com ela. Depois foi, uma outra vez. Cheguei a namorar. É, às vezes, é a família que decide, é o cacique também, tem que olhar assim, perguntar, fala que isso não está certo, tem que casar, daí tem que casar, assim que aconteceu comigo. Uns cinco meses juntos. Não tive filhos. Pouco tempo. É, voltei pra cá, ai casei e estou até hoje. Mora eu, minha esposa, meus filhos, é isso só. Tem uma de dez meses e outra de quatro anos. Pra mim acho que agora que já nessa luta, pra mim acho que já tenho essa capacidade de ser responsável, agora como eu falei antes, tem alguns adolescentes que não conhecem ainda por isso tem essa dificuldade. Eu mesmo não queria ter filhos antes. Acho que tinha, é você mesmo se sente assim, quando você está preparado e quando você não está preparado para casar, ter filhos. É, não quero mais, tem que ver a estrutura, fala que vai ficar aqui e de repente muda. É, assim mesmo, tem que continuar fazendo, muitas rezas, trabalhos. Acho que o trabalho aqui na aldeia, a gente tem o artesanato, o palmito, só que existe dias, um feriado, a gente pode vender, agora fora esses dias é difícil também ter uma venda boa. Melhor um emprego fixo mesmo. Acho que sim, dependemos do turismo porque, assim, pra vendedor no comércio acho que novembro até fevereiro, a gente vende um pouco artesanato e tem o dia 19 de abril que é o dia do índio, acabou esses meses, ai, acabou, só o outro ano. É alguns turistas vem, vem pra conhecer a aldeia, comprar artesanato, só que não tem o espaço pra gente estar expondo o nosso artesanato, e são muitos, muitos artesanatos, vão mais pra casa do cacique, eles vão mais pra lá, agora tem algumas família que ficam sem vender o artesanato porque não tem onde colocar o seu artesanato aqui. É está ainda desenvolvendo a casa de cultura, não está terminada, falta muito, era pra ser um espaço, só que está parada. É, era esse o objetivo da aldeia inteira colocar seu artesanato ali pra venda. É, acho que era pra ter algum responsável, assim pra vendas lá. É para apresentação também. Acho que no momento tem que se agüentar, até terminar os estudos, depois eu posso tentar alguma coisa melhor assim pra fazer. É se tiver oportunidade a gente faz cursos também.

Quarta entrevistada:

Parte das vezes eu venho aqui, mas aqui pra fazer alguma coisa, alguma compra, é tinha mais gente. Agora estou indo pra escola estudar. É, sempre assim mesmo. Hoje eu vim sozinho, sai de casa era 5 horas, peguei o ônibus, cheguei aqui 6 e 30. Normalmente é assim mesmo. Só que nesse horário das 5 horas que a gente vem é o horário de todos pra vir só que hoje parece que só eu vim. Eu venho por aqui, esse caminho. Às vezes, vem direto, às vezes a gente faz um lanchinho primeiro, antes de entrar na escola. Ali no calçadão mesmo que lanchamos. Ainda agora, só freqüente mais a escola. É pouco artesanato, alguns turistas que vai na aldeia a gente vende, agora de vender pra fora, acho que nesse mês de abril, a gente vai sair pra fazer apresentação, vender o artesanato, mês do índio, dia 19 de abril, é dia do índio, então tem mais eventos. Tem escolas que convidam a gente, colégio, à gente vai e faz a apresentação na escola. Em outros lugares, tipo Caçapava, São Sebastião, Taubaté. E é a escola mesmo que manda o ônibus. To fazendo a

sétima agora. Alguns professores são diferentes, são outros. A matéria que é mais difícil, inglês. Não, algumas pessoas já me ensinaram o inglês fora da escola. É complicado. É uma terceira língua. Gosto mais de ciências e português. Não sei, acho que eu gosto de sei lá, aprender a falar certo, aprender novas palavras e na ciência eu gosto assim de estudar mais os animais, o corpo humano, é o que eu gosto mais. Acho que dá [para continuar os estudos], esse ritmo mesmo, mais devagar não dá e mais rápido também não dá. É o mesmo percurso. Mas sozinho que fico, os jovencinhos, eles falam a segunda língua, mas alguns não sabem falar, eles são muito tímidos, ai eles chegam, eles entendem só que não sabe nem falar, nem responder. Eu tenho muitos amigos já. Tem alguns engraçados. A professora também fala que moro na aldeia. Não, tem um amigo só que mora lá no corcovado, ele conhece os índios de lá, aquele lá enche o saco também. Só brincadeira mesmo que os caras fazem. Na minha sala não, sou sozinho. É como todo brasileiro, tem time, eu gosto muito é de futebol, é lógico que a gente tem time, mas é difícil assim sair pra fora pra jogar. Tipo um treino, tem alguns que jogam foram, eu tenho um, eu tinha um time assim na cidade que jogava pro Edson, daí não dá pra treinar com ele, tem que treinar sozinho, não perder o ritmo. É, me chamam quando tem jogo. O time é daqui mesmo, da cidade. Parece que é Smidth. Quando começa o campeonato, ai chama. Conheci pelos amigos, amigo que trabalhava ali no calçadão, ele também me conhecia e chamou eu pra jogar pra eles, ai foi, foi indo e teve o time deles. Conheci na cidade. Já era de mais tempo já, tinha um time que jogava fora, só os índios só que hoje não dá porque a gente não tem técnico, ai fica faltando, não tem quem organize para sair, para jogar fora. Acho que só tem o futebol na aldeia mesmo, é também faz tempo, 2 anos atrás eu entrei também no surf, ai acho que pra mim não dava. É desisti, eu ganhei até a prancha, eu fui, o globo esporte que esteve ali no Itamambuca entrevistando eu, só pra dizer... 1º índio surfando. Apareci na TV. Não, não levo jeito pro surf. É que, se for sozinho acho que não sei também, a praia das toninhas é muito brava, eu ia às vezes, os moleques que não sabia nadar e eu tinha que ficar lá com eles. Nado no promirim também. Alguns costumam ir à praia, eu vou, quem sabe nadar vai muito, quem quer conhecer a praia. Atividade pra curtir, eu canto e toco. Não tem dia, qualquer hora que tem uma meia hora livre eu to lá tocando, quando da vontade a gente brinca um pouquinho também. Meu pai me ensinou, meu pai tocava muito, participava de festival com outro parceiro dele. Tocava viola e violão. É tinha dupla e tinham músicas deles. Como são velhos, música mais antiga, esqueci o nome da letra. É sertanejo, tinha um parceiro que partia com ele lá, pra mim cantar aquelas músicas também não dá certo. Eu gosto de sertanejo de hoje. Escuto cd e compro na cidade. Filme não assisto. É só eles, algumas famílias, eu não gosto muito. Gosto mais é de música. Depende da atividade que tiver de final de semana pra gostar. Poderia ser dança. Não tem mais ninguém ensaiando. A gente ensaia, só não é o povo unido, é separado. Todo mundo fica na sua casa. Também não tenho ido na cachoeira e no verão só um pouquinho. Na cidade mesmo que compramos roupa. Eu venho sozinho, escolho e compro. É quando eu preciso, quando eu vejo que alguma coisa está faltando eu tenho que vir aqui na cidade, mas é mais no final de semana. Aqui fora acho que é importante se vestir bem, agora sendo lá na aldeia não é muito não. Aqui na cidade você tem que estar mais limpo, com mais higiene e você não pode vir com a roupa tudo suja pra escola também, tem esse lado. Acho que não importa o que usa, com roupa ou sem roupa, pra mim não muda nada, não é vestindo a roupa que você vai ser da sua cultura, da sua língua, o que você faz da sua religião, da sua reza, você não esquece nada vestindo a roupa e sem roupa é a mesma coisa também. É um costume nosso usar faixas na cabeça e eu uso de vez em quando. É mais na aldeia que usamos, quando tem alguma apresentação, só que os mais velhos que usam. É um cocar e usa também aqui na perna, tipo um cordão. É difícil de explicar em que momentos usam, mas tem haver com a religião. Eu acho que é gosto dele se vestir assim porque um jovencinho, uma criança, ele vendo aquilo, ele gostou, daí ele usa, só que pode também, é normal. Eu acho que eles não sabem o significado. Na minha idade alguns também usam e usam porque querem. Eu acho que sou igual todos sim. É, em algumas sim e outras não. Hoje pra mim é difícil, tem que estudar e algumas coisas da cidade têm que levar também, como alguns cursos que dão aqui, a gente tem que aprender, levar daqui pra lá também, porque só estudar, terminando depois tem que ter alguma coisa a mais pra você fazer e fica faltando esse espaço, porque cada vez mais as coisas vão aumentando, cada vez mais vai complicando, ai você tem que ir aprendendo cada vez mais, levando também qualquer coisa pra aldeia. Tem algumas

coisas que também não pode levar pra aldeia, mas se alguns indiozinhos se formarem em alguma coisa, tipo secretariado ou informática, seria melhor trabalhar na aldeia junto com a gente.

Quinta entrevista:

É para o futuro acho que eu tenho que pensar bem... o que eu vou escolher, o que eu vou ser no futuro, para ser alguém, alguém que possa ter apoio de todo mundo e mais para ajudar meu povo Guarani. Acho que agora que eu estou estudando, quero terminar os estudos e depois dos estudos pensar o que eu posso trazer de melhorias para aldeia. Família eu acho que é tudo, que vem para o futuro a gente tem que pensar, agora falar assim de uma hora para outra é meio difícil. Eu acho que hoje tinha que melhorar para o futuro, eu quero que minhas filhas estudem, e acho que a tecnologia... vai avançando e para minhas filhas eu quero o máximo que elas puderem, e dar mais para elas. Como falei, eu quero ajudar meu povo, quero dar o maior apoio no futuro, quando eu tiver alguma coisa para ajudar, como um trabalho que eu pegue para ajudar o meu povo. Várias coisas para meu povo, a gente que vem para escola... é difícil vir de longe, descer morro à noite, às vezes, com chuva, acho que tinha que melhorar alguma coisa, achar algum transporte, se fosse de hoje para amanhã para melhorar um pouco, mas existem vários outros, só que é difícil falar. Tem vários problemas na aldeia que tem que ser resolvido. Acho que a forma de fazer tem que mudar, procurar mais trabalho, alguém, tipo eu, tenho interesse para resolver alguns trabalhos. Acho que para gente aqui que está estudando, pensando no seu futuro, em como que vai ser, estudando para ser alguém, em trabalhar, ajudar as pessoas, porque hoje a gente não está formados, não tem muitos índios formados. Porque hoje tem alguns trabalhos que já são feitos por nós na aldeia e têm alguns que não. E a gente poderia resolver esse trabalho... do nosso povo mesmo, não é trabalho assim de fora... envolve tudo. Acho que para o futuro continua o mesmo na cultura. Isso é difícil, saber de um trabalho hoje porque tem que ver com eles, o que eles querem, não pode partir de você alguma coisa, tem que ver com eles o que eles querem, depois fazer. Acho que eu tenho boa relação com todos, eu sento com os jovens, crianças e pergunto ou falo com eles, explico alguma coisa que eu sei e se for alguma que está errado eu explico que isso não dá para gente fazer e se eu tiver errado eles também falam para mim. Contaria para as pessoas que hoje em dia a gente, está um pouco evoluído porque o homem branco quando vê o índio, ele pensa que, vê o índio de tanguinha e o índio hoje não anda mais assim, ele não pode sair pela cidade sem roupa, então, a gente poderia falar que na questão roupa, estilo da roupa, está um pouco evoluído, só que a gente tem a nossa reza, a nossa cultura, a gente tem a nossa língua, a gente não perdeu nada, temos o nosso pajé, o nosso cacique, eu acho que continua o mesmo para mim, só para quem não conhece parece que muda. Depende do interesse do *jurua* também para aprender algo da nossa cultura porque a gente pode ensinar alguma coisa, agora acho que o índio mesmo não vai se oferecer para ensinar alguma coisa. Acordei foi 5 horas, sai de casa, entrei no mato e começou minha perseguição atrás do porco, só que quando eu vou caçar tenho que ir de quatro em quatro dias porque é o que dá para mim, outro dia eu faço outra coisa e no outro dia tem outra coisa para fazer, um dia eu faço artesanato, então, às vezes, eu encontro alguma coisa para matar e às vezes não consigo alcançar, ou não acho nada. Às vezes, é porco, tem o tatu, tem a cotia que encontro. E são para o meu consumo próprio... eu mato o animal e trago em casa, depois as mulheres que limpam o animal... elas que preparam. Não sei cozinhar, são as mulheres que fazem. Os mais velhos comem mais a carne com farinha. Lógico que cozida a carne. Mas Guarani não é, não é canibal. Eu gosto de comer porco de qualquer jeito, assado, cozido, frito. Para mim é gostoso, tem que experimentar. O *jurua* não gosta... tem carne que eles não gostam. Comemos é muito pouco frango, *uru*. Comendo *uru*... têm muito... Hormônio. É tem alguns frangos lá. De lá eu como. Não gosto desses de açougue, mas, às vezes, dá para comer um pouquinho também.

Texto entrevista: Mario Karai

Primeira entrevista:

Eu... nasci em Santa Catarina. Interior de Santa Catarina. O lugar se chama Itapirangá. Quando eu vim pra cá a gente... só que a gente vivia mais fora da aldeia porque meu pai sempre trabalhava na roça, pega trabalho empreitada, então... a gente vivia mais assim... não sei falar... colônia. Então, a gente esteve ajudando meu pai, porque... quando tinha nove anos já ajudava meu pai carpi milho. Quando tinha 11 anos mudamos pro Rio Grande do Sul, Cantagalo, fica perto da capital de Rio Grande do Sul... Porto Alegre. Eu cresci por lá. Porque eu falando minha vida vou... muito longo demais... A minha história também eu não acho muito boa... Com 12 anos de idade eu continuei a mesma coisa... Morando em Porto Alegre. Meu pai estava bem... e eu saí de lá porque na capital mesmo não tem trabalho e Guarani pra se sustentar tem que fazer artesanato, vendendo na feira. Então, eu que não sabia fazer artesanato. Aí tem outro... acho que têm 200, quase 300 km de capital que tem trabalho. Lá... que *jurua* planta muita couve, repolho, alface, o que tem de verdura plantam. Tem muitas pessoas também, tem aldeia também lá que se chama Osório. Cidade de Osório. Eu sempre vivia com meus amigos, sempre afastando do meu pai, desde infância, 12 anos. Eu trabalhava, aí eu tentava ter estudo, estudo mesmo daqui, porque sempre... não tinha escola e sempre contra a escola de *jurua* que quer construir dentro da aldeia, sempre vai contra. Então, ainda tem um problema, que eu bebia cachaça desde quando eu tinha 12 anos por causa dos meus amigos que eu convivía. Eram tudo índio. Eu fumava cigarro também. Parece tudo bom, pra se mostrar, aí eu fumava, com carteira de cigarros. E me viciéi no cigarro. Acho que tinha 20 anos quando comecei sentir fome aí comecei a fuma e já passava, não sentia mais fome. E eu vivi assim... de um lugar pra outro, de aldeia em aldeia, tem muita aldeia pra lá, aí cada sábado fui pra aldeia diferente. Não sei, todo costume do Guarani é assim, casam bem depressa só que não sentia aquele vontade de casar. Mas o pai. Ele ou mãe falam que vai fazer reunião pra casar, sei lá. Aí eu sempre fugia da aldeia. Não queria compromisso. Mas dava para namorar. Não, é assim... na aldeia o que sempre vem atrás é mais rigoroso. Só que hoje em dia mudou bastante. Quase não tem isso. Tem lei ainda, mas... porque é assim, quando cacique coloca regra que não pode namorar escondido. Tem que namorar, só que tem que namorar de dia, porque a rapaziada, vai ver, não tem casado, então, namora mesmo. Então, sempre namora a noite, escondida. Então, se souber alguém, conta pra cacique ou para pai da menina aí já... tem reunião. Ou quem não quer casar leva punição. Leva chicotada ou trabalha por uma semana. Por isso que a gente sempre namora escondido. Eu acho que é pra vim pra cá... meu irmão que foi lá do Santa Catarina ele veio antes de mim. Aí ele já tava 4 anos morando lá naquele lugar, ele foi lá pra Rio Grande do Sul aí me trouxe de lá. Vai ter festa lá na aldeia, vai lá e fica uma semana depois eu te trago de volta. Ele falou, lá... Aí eu falei pro meu pai "eu vou curtir a festa de lá, daqui uma semana eu volto". Aí quando cheguei lá noutra aldeia, teve festa, chegamos à noite. Aí fiquei dois meses lá. Santa Catarina. Tinha uma menina lá que eu tava interessado, só que não... eu gostei dela porque ela, enfim acho que tinha um... todo jovem não tem um? Hoje em dia eu acho que todo normal isso, mas quando era mais jovem achava que era errado. Então, ela tinha 16 anos, até que ela é bonita, mas tem um filho, aí eu não queria casar com ela... só que... eu acho que... uma vez teve aniversário do meu amigo, aí ele convidou a gente pra ir, eu e meu irmão, que ele veio a tarde e avisou nós. Vai na minha casa hoje? Ele falou. Hoje é meu aniversário. Tenho dinheiro, eu comprei coisas pra janta, eu não convidei ninguém, mas agora estou convidando vocês, todos meus amigos pra zoar à noite... aí quando fomos à noite lá, 8 horas da noite chegamos lá, ela estava lá. Ela e outra menina. Aí quando cheguei não entrei... fiquei fora assim? Falaram pra eu entrar na casa. Aí ela também estava dentro da casa, parece que dava risada, gargalhada... e depois chegou, se aproximando do meu amigo e ele falou: acho que ela está me chamando lá dentro. Eu falei assim: não vou, não vou porque... aí depois cada um fala assim: pode ficar tranquilo que a gente não vai comentar pra ninguém. É... agora somos nós. Aí tive coragem de ficar com ela. Conversei com ela, só que criança estava lá. Aí viu que eu dormi com ela, parece que de manhã cedo contou pro cacique. Aí no sábado seguinte, pediu minha mão. Aí... pai dela veio, aí falei: não vou casar, aí falou tem que casar porque já dormiu. Aí meu irmão falou assim: não pode casar com prostituta, um monte de coisa. Caraca! Aí falei: não caso. Aí cacique falou: então tira, pega todo documento dele e manda embora... a pé. Porque pra eu voltar do Rio Grande do Sul tem que ter identidade ou certidão. Aí ele vai e tira todo de mim, ele vai, pega todo documento. Aí falei: não vou... aí pensei... caraca!... então vou casar e depois vou

embora. Então decidi assim. Depois falei: então vou casar. Aí todo mundo bateu palma... fiquei sem graça, cara. Porque quando você não tem vontade de casar acho que... parece que é horrível, pensei. Então, fui na casa do sogro e ele elogiou... aí falou : acho que daqui você não sai mais. Tem que fazer casinha pra vocês morar, pode morar na minha casa. Aí pensei assim, pensei o que fazer... Aí depois de uma semana teve reunião lá em Santa Catarina sobre demarcação de terra e participaram cinco estados: São Paulo, Paraná, Rio e Espírito Santo. Aí foi o coordenador antes de chegar o pessoal, escolheu quem que vai dar chimarrão, quem vai fazer café, quem vai ficar na cozinha ajudando as mulheres. Aí eu, escolheram pra trazer o *akaruxe* para mais velho. Aí tem que ir dormir lá, ficar lá à noite até... uma hora assim... porque o mais velho, às vezes, conversa, fala do trabalha então... aí fiquei lá. Fiquei três dias lá. De lá vim com João... eu falei pra ela que eu ia... Aí ele pagou passagem pra mim... Aí cheguei lá, fiquei um ano lá, só que lá é todos meus parentes. Aí... queria comentar uma coisa também. Porque *jurua* sabe que mentia... eu vim de lá só com ela, não tem mentira, tudo ali, porque deveria entender que cada etnia tem costume diferente. Não é todo índio, não é a mesma coisa. Então lá no Bracuí tem... então... é sim... Meus parentes. É tudo acho que do meu sangue, parentes mesmo, acha que não é bom assim não topar, entende? Por isso não deixaram casar entre parentes. Porque casa com alguém que é parente, por isso não casei. Tinha muitas meninas só que não deixaram porque... eram parentes. Eles pensam, mas não vê, eu também não achava porque a meninada aprendeu com a mãe, com o pai. Aí me chama de tio, não tem como assim, aí fui com, para Pariquera, lá pro litoral... Fiquei um ano lá, queria morar lá... E pra lá eu casei... Casei, estava no grupo do coral, fiquei 8 mês lá. Aí, tinha um menina integrado no grupo, uma integrante, aí namorei com ela. Na mesma aldeia. O cacique fez uma reunião. Casei e teve uma filha. Só que quando comecei... engravidou, não, acho que depois de um mês ela falou assim: ela me chamou de Karai, Karai meu nome indígena, me chamou pra conversar, disse: eu estou grávida. E parece que é filho que me assusta... porque eu não sei... acho que é coisa de maluco mesmo... Eu já estava casado. Parece que não casei pra ter filhos. Eu pensei assim. Só que de repente ela fala que... vixe! Aí... fiquei uma semana... parece que não me sentindo... mas assim... não tem mais alegre... nossa, aí fiquei assim... ai complicou pra trazer identidade, então, Pariquera tem que andar do mesmo jeito... ai cortei palmito, trouxe na cidade de Peruíbe, quando vim de lá não voltei mais. Eu deixei meu esposa. Deixei... aí cheguei lá na aldeia então, fiquei mais lá... só que quando cheguei no domingo, na segunda-feira fiquei doente, tem doença, acho que... fiquei uma semana sem sair, sem fazer nada, foi só na sexta a tarde que eu levantei, muito fraco. Aí depois comecei a namorar de novo... outra menina. Lá em Itaoca... comecei a namorar, aí dormi com ela, dormi com ela uma noite. Aí na segunda-feira teve reunião, depois ela falou que se estava tudo certinho, perguntou pra mim... perguntou, cacique perguntou: você vai casar com ela? Aí eu falei, se não tem outro jeito, como eu vou fazer? E ela não está querendo casar. Aí ficou assim. Aí depois eu namorei com outra menina. Chegou minha outra esposa, aí falou assim que... teve reunião, que as liderança souberam que eu sou casado. Só que eu não falei nada quando cheguei. Aí fizeram reunião. Perguntou se vou voltar com ela ou levar chicotada. Aí eu falei assim: acho que vou levar chicotada. Não quero voltar mais com ela. Aí levei cinco chicotada. Levei... aí separei. Depois comecei namorar com outra menina... depois de um mês casei de novo. Porque acho que os Guarani é sempre assim, casa, descasa, mora em várias aldeias e a gente não pára assim, numa aldeia sozinho. Igual... o Marco Antonio é casado com a Marlene e é casado com outra, depois casou de novo... agora está com outra em Santa Catarina. É mais os homens, tem também as mulheres, só que não é tanto assim. Tem mulheres que casa, descasa, só que depois de três meses ela mesma que mostra, ela não falou nada pra mim, eu senti que ela não... estava mais com vontade, parece que meio... às vezes, eu fui pro mato trazer palmito. Quando cheguei à noite, ela nem faz pro jantar, não fez nada. Então, ah, estou com fome, ela nem fala, nem respondeu. Aí me senti mal que ela não me querer. Ela não estava me querendo mesmo. Aí eu decidi vim pra cá, lá pra Bracuí. Isso eu falei só pra ela. Só que meu sogro não estava lá. Tava na outra aldeia, foi pra visitar. Aí cheguei de novo lá no Bracuí. Depois de três meses fui lá entregar verdura, mas aí ela parece que não está comendo direito que eu saí de lá... aí eu falei: não vou mais. Não falou nada, só que ele mostra que... você sente aí eu deixei ela de novo em Pariquera, eu acho que não é minha culpa porque eu gostava dela. Fui fiquei 8 mês... não fui mais. Mas não me sentia mais assim... não sentia mais aquele

vontade de casar mesmo. Aí estou no Rio de novo. Pra Bracuí? Já tinha voltado. De lá que eu fui pro Pariquera e aí de lá eu vem pro Salto. Então, primeiro eu cheguei lá no Bracuí, de lá que eu fui pro Pariquera aí volta pra Itaoca e voltei de novo pro Bracuí. Aí não fui mais pra Pariquera. Então, eu não voltei e tinha uma menina interessada em mim, ela me chamou, conversei com ela, troquei idéia. Aí ela falou: vamos casar essa semana? Só que eu não gostava muito dela. De ficar mesmo pode, mas casar com ela... aí na segunda-feira vai ter reunião. Aí todo mundo ficou sabendo que eu estava namorando com ela. Aí cortei palmito e no sábado vim pra cá. Aqui na cidade [Ubatuba]. Primeira vez que eu vim aqui com meus amigos, mais dois... aí no sábado não vendi tudo o palmito. Aí meus amigos quiseram chegar aqui na aldeia. Nossa, não queria chegar. Porque eu vim, antes de ver a trilha, pessoal comentaram da aldeia que é muito longe, muito borrachudo, então, não queria chegar na aldeia. Aí mesmo assim eu fui, então, vou dormir aqui mesmo, aí meus amigos foram e fui, aí chegamos à noite lá... aí tinha... você conheceu aquele agente de saúde que morava lá, acho que ano retrasado, que era marido de Rosimeire? Mauricio. Então, ele morava lá. Aí cheguei lá. No domingo teve jogo. Marco Antonio também jogava lá. Eu conhecia ele lá do Paraty-mirim, eu vi no jogo. Aí teve jogo e fiquei, fiquei jogando lá. Aí meus amigos voltaram pra vender todos os palmitos porque eles são casados. Fiquei lá e parece que eu gostei. Eu vi a Marinalva... só que ela estava estudando na aula à tarde, parece que ela sempre vem de manhã cedo pra ir pra aula. Aí depois da uma... então, o Adílio [irmão de Marinalva], amigo assim... eu vi quando primeira vez que eu cheguei no Bracuí ele estava lá. Aí conhecia ela, aí depois de dois anos eu pedi mesmo assim. Então... eu falei assim: eu quero conhecer seu pai. A hora que, no primeiro tempo eu esqueci dele. Aí ele falou. Insistiu assim, parece que todo dia queria ir lá... porque não conhecia a família. Aí depois de uma semana eu falei de novo assim: eu quero conhecer a sua casa. Aí fui, não sei... falei assim pra entender a família dela. É diferente... o costume. Eu acho que por causa do pai dela também. Ele conhece, como que é. Aí fui, meio nervoso na casa dela. Fui... cumprimentei pai dela. Só que pai dela achei muito... novo. Porque todo, quando... pai de menina é mais assim... tudo de idade. Achei novo ele. Parece que um de 20 pouco ano. Cheguei lá, cheguei na hora do almoço, me convidou pra almoçar e eu almocei. Pensei assim, a Marinalva não estava. Quando cheguei ele estava na outra casa e não estava entendendo, queria ir novamente lá e ela não estava, aí decidi voltar, ficava lá na casa do cacique. Aí depois de... acho que de um mês, a Jandira brigou com o marido, ela foi embora pro Rio, na casa da Vivian. Foi e deixou a Marinalva com o sogro parece... eu não sabia mas parece que ela falou com Marinalva pra não... porque ela sabe que a gente não é puro, eu e meu irmão, que parece mais jovem que eu. Então, parece que Jandira falou assim: não fica muito com ele, com aqueles dois rapazes novato que são mais velho, depois que ela foi... depois de dois dias eu já estava correndo atrás dela. Mandeí recado pelo Adílio, só que ela nem saiu de casa. Aí fiquei na janela quase a noite inteira. Mas ela ficou sabendo que eu gostava. Depois de um mês voltaram, foi bom pra ela. Porque namorei acho que foi dois meses, depois foi pro Paraná, junto com ela, mas caramba! Eu tinha acho que R\$ 17,00, aí fui também pro Paraná. Caramba! Tentei evitar pra não gastar tudo na viagem, porque cada parada da viagem é muito caro lá. Aí comprei sofá, mesmo assim, de passagem de São Paulo já gastei quase tudo. Depois de um mês, dois meses ela engravidou. Pai dela me falou assim, pra esperar pelo menos dois anos. Depois completar 18 anos... porque ela estava com 16 anos e estudando. Só que nem pensei e engravidei ela. Aí pai dela nem ficou sabendo. Aí mãe já estava sabendo. Não era Fernando. Era menina. Ela nasceu prematura. E... aí depois já estava com três, quatro meses aí ficou sabendo... me chamou na casa dele, eu fui, aí pensei assim: mesmo, mesmo que apanhando vou levar ela. Aí fui preparado e ele me apanhou. Tudo bem, fazer o que. Porque eu que fui errado. Eu não cumpri com ordem. Colocou ordem pra mim e eu não cumpri. Mais importante é levar ela, pensei. O interessante que eu estava dormindo na outra casinha. O pai falou que não estava certo e expulsou a filha. Fui na casa do Tiba, que o Tiba morava lá em cima também pertinho da casa do Daniel. Morei lá, fiquei lá. Marinalva levou todos os livros, mas ela nem sabe pra onde guardar. Não tem nada pra guardar, levou lençol, levou cobertor... eu que não tinha nada, nada mesmo. Aí eu casei com ela. Casei. Primeiro filho nasceu prematuro. Depois de um ano voltei. Próprio finado Agenor me chamou pra morar com minha sogra. Ela falou assim: acho que ele já estava sabendo do destino dele. Ele me chamou, estava tomando um pouco. Chamou e falou assim: não está chateado comigo. Só aconteceu aquele por

causa que não cumpri a ordem que ele mandou. Depois falou que pra ir na casa dele. Para morar com minha sogra, pra cuidar. Falei assim: eu não vou cobrar mais dele. Vou fazer outra casa pra morar sozinho. Depois de um mês ele vai morrer. Eu acho que ele já estava sabendo. Até agora estou com três filhos. É... fiquei de vez sim. Porque tinha outra casinha lá é longinho da casa da minha sogra. Marinalva não quer, ela não quer morar longe, só que quando a gente morava, própria Marinalva falou parece que está reclamando, às vezes, meu filho fica gripado, com febre à noite, sempre a avó que dá remédio pra ele. Por isso que ela se acostumou morar com mãe. Faz sete anos que estou aqui. Eu acho que... depois que eu fui andarilho... agora... acho que tenho mais maturidade, parece que me arrependi do que eu fiz, muita coisa errada, não para os outros mas para mim mesmo que não aproveitei as coisas boas da minha infância. Quando eu olho para trás, eu vejo tudo. O que não deveria ter feito. Mesmo assim, coisa que tenho vontade de encontrar... não vou recuperar tudo, mas... Eu vou tentar... vou trabalhar para criar melhor meu filho, para não... Depois que ele crescer, não viver igual como foi comigo... Tenho que mostrar sempre rumo para ele. E que agora eu estou me sentindo melhor... se eu quiser continuar mesma coisa... cada um decide o que você quer, até hoje é assim... Porque é mesma coisa. Já acostumei com isso, só que já tem família. Minha esposa não tem mais pai... então... ela sempre fala assim... ela fala que não tenho família, tenho família entre eles... porque a esposa do cacique fala que é irmã da Jandira só que... parece que a mãe ou o pai parece que não é a mesma, é de outra filha. Isso... acho que o pai é diferente. Por isso que não considero como... acho que ... vou continuar assim mesmo. E hoje em dia... depois fica com 60 anos, até eu mesmo vou depender dela. Não queria depender mas... já estou com ela. Vou cuidar dela mesmo, do meu filho, mesmo assim, acho que, sempre falo para ela que é mais importante cuidar do meu filho. Ela é importante também, mas... se não der certo, assim, o casamento, outras coisas... não só o casamento, várias coisas que podem dar errado... então, falo assim, não precisa, se não gostar de mim, de alguma coisa... porque hoje em dia mais importante é cuidar do filho, tem que viver do lado do filho... para dar exemplo para ele... porque quando a gente começa namorar, acabo de casar, aproveita... sempre que namora, só que depois que tem filha, sete anos de casado, já não é mais igual, não tem mais o mesmo... mas tem que respeitar... Eu mesmo acho que eu mesmo nunca briguei com ela. Ela mesmo não é de brigar, não briga também. Para o meu futuro, eu penso em melhorar, ser melhor é o que penso. Como quando meu filho crescer, tem que ir embora para uma obra... tem que trabalhar, eu acho que tem mais preocupação, é isso assim na vida, é a vida. A bebida, eu até hoje eu... bebo... não bebo mais do jeito que tempos atrás eu bebia... como na festa ou quando saia com meus amigos para jogar futebol, bebo porque, às vezes, a gente sai para jogar e tem forró. Não é assim de cair na rua... parece que mais ajuizado. Por isso que eu não bebo tanto... porque não... é fogo... quem me perdoe... Eu acho que... a bebida se eu tomar menos acho que vou ter menos problema também. Só que... é assim, quando acho que não sei, não posso falar porque quando... a bebida, quando eu começo a beber já muda, entende? Por isso que eu tenho medo um pouco de beber porque eu, até hoje, quando começo beber, fico mais agitado, eu olho nas outras meninas, por isso que eu, até hoje tenho um pouco de medo.

Segunda entrevista:

Acho que de hoje em diante o estudo é mais importante... para eu estudar e poder trabalhar. Eu penso mais no estudo. Qualquer curso serve para mim. Por exemplo: os cursos... tem várias coisas que eu quero fazer, mas não sei de nenhum, ainda não tenho certeza qual quero fazer... Filosofia... tem dia que eu penso fazer curso de ciência da computação. Fora desses cursos... eu acho que gosto mais... de ir na casa de reza, eu gosto mais é da reza mesmo... porque, por exemplo, as pessoas, eu acho que todo mundo faz isso... eu gosto mais de rezar. Eu acho que gosto mais... até comentei com meus amigos, eu falo assim: nada melhor do que rezar. Não têm nada melhor do que rezar porque... por exemplo, discutir não adianta... não adianta você ficar comendo bem... Ainda parece que está faltando algo. Eu vejo assim porque... eu acho que, a gente, eu mesmo, às vezes, preciso de coisas que me interessam, como as pessoas falando, ouvindo, assim, senão no silêncio. Porque, às vezes me enjoa, sabe? Barulho da televisão, música, até na brincadeira, meu jeito de ser mesmo. E meu jeito tem pessoa que até tem inveja de mim. Mas é meu jeito mesmo... não

estou inventando nada. Eu brinco com meus amigos, com a comunidade... as pessoas acham que não tenho respeito, mas não é isso, é meu jeito. Às vezes, eu brinco, eu falo para dar risada, mas falo de mim mesmo. Ou conto o que aconteceu de engraçado, não falo só das pessoas, mas de mim mesmo... tem pessoas que chega, vai, brinca, dá risada, já outras têm inveja, acha que estou aparecendo, mas não penso assim. Eu me acho diferente. Eu acho que... sou mais diferente aqui. Porque tem alguns lugares que eu vi pessoas assim, do meu jeito, que brinca, não só com as meninas, até com pessoas de idade... é o meu jeito assim... só eu que brinca mais aqui. E... às vezes... fico enjoado de sempre brincar muito porque isso não resolve nada em minha vida. Então, eu prefiro ficar na casa de reza... Mesmo não rezando fico lá pensando na vida, como que vou melhorar. Então, às vezes eu penso no meu filho. Para não acontecer nada...então, eu rezo... e o mais importante na minha vida é isso. Acho que me impede para sair no mundo do *jurua*. É parece que tem uma coisa que é desde muitos anos. Porque desde criança eu já vivia na aldeia, com meu pai, minha mãe... eu acho que não devo esquecer disso, dos costume, da reza. Por isso, que até hoje tenho esse sentimento. E parece que não tem explicação quando a tardezinha começa a escurecer para mim já não tem mais aquele barulho, tenho que me concentrar mais um pouco... aí não agüento mais pessoas brincando, não todo dia mas, tem dia que é assim. Lá na minha casa tem televisão e pessoal nem liga para esses momentos... vive perdoando... E Marinalva tem que ficar por fora mesmo. Parece que estão na novela. Às vezes, vai lá na casa de reza do Venâncio e tem também televisão lá... então, desço e volto 9 horas. Isso que eu acho mais importante na minha vida porque... é assim: você não pensa nada, eu penso mas se não rezar, se não meditar, não tem nada na minha vida. Porque o que vou ter, que coisas se eu saio à noite, eu ando por aí para tomar umas bebidas alcoólicas, vai nas baladas. Eu acho que... se não ... seguir isso, a reza, não sei me controlar muito. Se eu vou na casa de reza já é diferente. Eu falo no meu sentimento, já me concentro. Eu acho que o que eu não gosto mesmo é de briga, não gosto... nem de tapa, nada. Não gosto... da pessoa que bate, também não gosto. Por isso eu brigo... é verbalmente. De agressão física mesmo, eu não gosto... Eu acho que nunca mais vou brigar. Eu acho que isso vem dos meus avós, do meu pai. Que sempre, desde criança, já meus avós quando de manhã cedo a gente chama para ir lá na casa. E a gente fica rodando a fogueira e falam todos dias de manhã... que quando crescer como saber viver com nossos parentes, não só os parente... mas como nós vamos tratá-los. Tudo isso mas... enxerguei pouco. Só agora que enxergo tudo quando fui crescendo. Eu acreditei, tudo é verdade que eles falaram. E... eles falam que quando a gente derrama o sangue dos parentes, de ser humano, é o mais caro que tem no mundo. Porque diz os *nhanderú* que não tem direito de derramar sangue do próximo, dos parentes, do ser humano. E se matar o ser humano, gente, se matar ou derramar sangue, você nunca mais vai se perdoar. Então, eu acho que nunca vou brigar. Aí já começou um sentimento que já gravei. Eu vivi com meus amigos, vivia vendo meus amigos brigarem com outra pessoa, até estava junto, mas eu mesmo nunca bati, nunca briguei. E... umas vezes nós estávamos juntos, cinco pessoas, só que tinha três, tipo contrário. Rival. Às vezes, eles ficam bem comigo porque num bati neles, não sei como é. Mas começam brigar comigo e não quero. Eu acho que existe ainda muito violência, só que aqui mesmo já não tem muito, aqui não tem. Uma outra vez já teve alguma... por isso que tem gente, tem notícia como que mataram outro rapaz, foi morto mas aqui mesmo quase não tem isso aqui na aldeia. Tem só quando começam beber... já discute, leva tapa, mas não todos os dias. Agora eu acho que maioria pararam de beber, de descer lá em baixo, até forró mesmo, acho que ano retrasado teve esse caso, a meninada descendo tudo atrás, já começa tocar som, todo mundo bebe, passa mal, volta madrugada e tem pessoal que briga, mas eu mesmo nunca vi esses casos assim mais graves. Eu mesmo fico feliz em estar fazendo o curso de informática.... não tinha outra escola e... estou tentando me formar, para ensinar as crianças da aldeia, futuramente, não só agora, por isso que eu faço e estou pensando em ser professor de informática. Para mim é bom, vindo mais cedo, facilita mais, aproveito mais o dia também. Venho de ônibus para cidade... e foi sorte que cacique... fizeram carteirinha de passe. Batalhou e conseguiu trazer para ter carteirinha para todos da comunidade da aldeia. Com carteirinha não pago passagem. Facilita mais um pouquinho. Se não tivesse, gastaria os três dias. Dois dias para vir, R\$2,50, para voltar mais R\$2,50. Dez... noutro dia mais dez. Então, vou gastar trinta fora do lanche. R\$30,00. Tem que no mínimo arrumar R\$40,00. Quarenta ou sessenta reais. Eu gasto R\$2,00, R\$3,40 no

lanche por dia... Só que... eu mesmo já amadureci... mas se eu estudasse fora da aldeia, com menos por mais mal que fosse, acho que minha visão seria diferente. Porque eu vejo assim, hoje em dia o jovem que se acostuma tanto com a nossa cidade parece que ele tem, tem vergonha de ser índio, em geral. De falar indígena, de mostrar, de usar colar. Eu acho que isso não é certo para nós. Porque se eu fosse estudar com mais novo eu também teria. Só que agora, eu mesmo quero... Mas não sei, como valorizar minha cultura, meu modo de ser, meu jeito de ser. Como índio. Então, às vezes, eu me calço bem e... tenho aquela sensação que é para se achar, para me mostrar... só que não, não é bem assim. O jovem está se vestindo assim, quer usar roupa melhor porque hoje em dia... conhece roupa de marca, usa tênis que custa cento e pouco, então, tudo isso já faz parte do jovem. Eu mesmo nem sabia, antigamente, que existia isso. Quando cheguei aqui, comprei calça de R\$12,90, camiseta de R\$8,90. Parece que isso já é tudo para mim. Já dá para namorar um pouquinho. Mas o jovem de hoje em dia tem que usar roupa melhor, igual pessoal de fora. Os costume dos *jurua*... Às vezes, eu mesmo uso camisa, aí quando me aproximo do jovem e pergunto: quanto pagou? E eu falo: esse aqui eu paguei R\$37,00 ou eu falo o preço que eu paguei mesmo... paguei R\$9,90, R\$12,90. Tem pessoa que tira roda do baratinho, mas não ligo porque acho que... é direito de... todo adolescente... eu mesmo era assim. Então, por isso, que reconheço todo jovem, as criança da tem direito de ser assim. Eu comecei estudar... com 12 anos... eu acho que já falei para você – os Guarani não aceitavam fazer escola dentro da aldeia. Por isso que... O povo tem pouco tempo a escola. Por isso, não estudava. A gente morava na aldeia bem longe da cidade e tinha outra aldeia só que de outra etnia que chama Kaingangue. Bem antigo a escola de lá, tinha escola, farmácia tem tudo... e onde a gente vivia não tinha escola, era bem longe, a gente morava afastado da cidade e não estudei. Nem sabia se iria estudar. Quando saí do interior do Rio Grande do Sul, vim para capital e comecei estudar. Só que, antes disso, meu irmão me ensinou ler um pouquinho. Aquilo de “pa-pe-pi-po-pu...” e comecei a ler... E me inscrevi na escola, fiz inscrição. Matriculei-me na 1ª série com 12 anos. A professora achou que eu sabia ler, copiar frase... passei numa semana para 2ª serie. Porque já era grandinho. Eu passei e fiquei acho que dois meses e fui embora para Argentina... E depois voltei de novo. Eu fui para uma aldeia onde mora minha tia... ela é casada... e cresceu por lá mesmo, na Argentina. É igual. No Paraguai, Argentina e no Brasil é igual. Todo Guarani é igual. E... quando vim para Florianópolis eu estudei de novo mais quinze dias. Saí e vim para o Bracuí, e comecei estudar de novo... e acho que dois meses, por aí. Quando cheguei aqui estava Marco Antonio e ele que deu exemplo... para mim ... acho que foi ele mesmo. Eu vivia descalço. Não usava chinelo... eu vivia assim: com dois calças, duas camisetas e um tênis. Só que tênis, eu usava mais quando saía para cidade. E o Marco Antonio falou assim: pô, você não está usando chinelo, não? Aí falei: não ligo, não. Cara, tem que usar, tem que se cuidar mais, jovem, você rapaz ainda. Então... ele era crente... um rapaz vai todo sábado, aparece com violão cantando e o Marco Antonio pediu para eu seguir ele... mas eu não aceitei... Eu já tenho dois, três lugares para rezar, na casa de reza, lugar próprio para a gente. Porque para falar verdade eu não gosto muito de crente. Falam “você acredita em Deus... já chegou a acreditar”? Ah, não gostei, parece que todo crente, pergunta se a gente acredita em Deus? O Marco Antonio... ele é Pataxó. Só que a mãe é Guarani... Ele veio lá do Espírito Santo. Sete anos atrás que ele morava aqui. Ele falou do nome da Marinalva... Que única menina que estava estudando aqui da aldeia, que ela teria futuro, sabia falar em português corretamente. Única pessoa que via com interesse no estudo. E... se alguém casar... com ela vai... viver melhor. Ele falou assim. E eu fui atrás dela, eu gostava, mas não só por isso. E no comecinho eu já gostei dela. Valorizo-me mais. É... primeira... quando percebi... As coisas da realidade, do que está acontecendo, a gente vive, vê, porque na adolescência você não vê nada. Pode ver coisa ruim, coisa boa, mas para eles está tudo ótimo. Não tem nada de coisa ruim. Não só Guarani, todo ser humano na adolescência, na fase de adolescência eles pensam mais de curtir, de zoar, de várias coisa que adolescente faz. E... quando olhei para trás, vejo que parece que quando tinha 15, 16 anos demorava mais para chegar um ano. De janeiro para chegar no Natal. Parece que... nossa, demora ... bastante para chegar. Só que... penso, porque aconteceram assim, vejo no meu caso, eu faço num dia muitas coisas boas e não boas, tudo num dia. Por isso que fala que demora mais, num dia parece que eu fiz muitas coisas, e nos outros dias mesma coisa. Mas agora já é diferente. Faço trabalho, eu penso no trabalho... parece que só uma hora, se eu pensa

uma hora já chega um dia. Então, já vem outro dia e parece que o tempo corre pra caramba. Na adolescência a gente só fica zoando, curtindo. Vai procurar as meninas para namorar. É assim. E... agora já é diferente, tem que trabalhar. Por exemplo, para vir aqui na escola tem que acordar cedo para chegar na hora. Tem ainda para aproveitar mas... tem que cuidar do meu filho. Uma semana parece que é só cinco horas. Acho que deveriam conhecer melhor cada pessoa, se conhecer e respeitar cada pessoa e saber se respeitar. Mas a maioria de nós não pensa isso. Primeiro para ganhar, para ter amizade, para fazer amizade tem que... antes de pensar em você, começa valorizar as pessoas. Nossa, se você tem roupa boa, parece que isso significa inveja, parece que você não tem. A gente passa por isso também só que primeiramente você tem que se amar. Por isso que, às vezes, falo para Marinalva: nossa, por que você falou para muitas pessoas. E ele pensa igual você. Parece que ele está infectando as pessoas. Não é assim. Eu não acho certo... Se a gente chega e conversa. Primeiro tem que conversar e... perguntar sobre a pessoa... De onde é, ou qual trabalho que ele faz, ela faz?... eu acho que é isso, não é querer chegar e já... Parece que valoriza mais a aparência. Por isso que eu falo assim, que o que mais vale, o que é mais importante... é ser puro... você tem que ter o coração... Puro mesmo. Por exemplo, tem pessoa que é pervertido. Mas... isso não estou criticando, eu mesmo faço, estou criticando porque não é certo. Mas... às vezes, olha para mulheres. Falando para você a realidade mesmo que as meninas, as mulheres e os homens só que um problema mesmo... porque eu acho que os homens são animais mesmo. Na nossa cultura é assim: mais velho fala que as meninas vêm depois dos homens. Depois dos homens... as mulheres. E a lenda dos Guarani diz: que primeiro viveram os homens, só que tudo homem. E... já tinha aqueles e parece que eles... entre eles mesmos transavam... Na lenda eles engravidam... No corpo todo, na perna. Próprio homem. E diz que por isso que *nhanderú*, tinha aquele pó... fez aquele transformar... vou tirar a gente... se eu puder vou fazer coisa de valor. Então, por isso que fizeram a mulher. Para não ter judiação entre os homens. Por isso que fala que a gente tem que valorizar as meninas. Só que hoje em dia próprias mulheres não sabem se valorizar. Falo para Marinalva: nós homens, somos diferentes das meninas, tudo diferente. Como... como se comportaria. Os homens também. Por que antigamente, as meninas quase não sai. Saia, mas com a mãe. Só com a mãe. E não brinca muito. Fala, mas com respeito. Não fala bobeira. Hoje em dia, as próprias meninas procuram os rapazes. Aí já foi instinto dela. Os meninos eu acho que... já são diferentes. Eles é que vão procurar as meninas. Antigamente, se quisesse casar, namorar, ele que vai correr atrás. Depois as meninas vão e falam: tem que falar para o meu pai, tem que falar para minha mãe. Tinham medo, maioria não faz assim. Porque tem medo mesmo. Sem procurar pai, só se namorar escondidinho. E... a noite mesmo... as meninas já... Saem mais à noite ... Isso vem do pai. Porque... é muito complicado. Por exemplo... hoje em dia, os mais velhos que falam, o jovem... mudou, tentou seguir o costume dos *jurua*. Hoje não quer mais a comida típica dos Guarani, não quer mais, não gosta mais... só que não é assim. Porque, às vezes, têm pessoa que tem cinco, oito filhos e não pode tomar conta dos defeitos, aí ele vive do jeito que ele quer. Não dá conselho... Os próprios pais não mostram como deveria se comportar... como deveria respeitar pessoas. Porque não sabem como respeitar, na própria aldeia e não sai para cidade, mesmo assim, ele sai da casa vai vendo... Então, isso que faz grande mudança. Isso não é costume, hoje em dia não conseguem obedecer ao pai, não conseguem obedecer próprias leis dentro da aldeia. Porque se obedecesse a lei quando sair para cidade é mais fácil. Tem pessoa que tem o filho bem cedo, antes de amadurecer... nem ele sabe qual conselho que vai dar para o filho, então, próprio pai vai estar chato até na frente do filho com 20 anos, com 18 anos e o filho com 5 anos. Sai com o filho, na frente do filho mexe com menina, acho que isso que.... não é... costume dos *jurua*, isso é porque... a gente libera muito os filhos, dá muita liberdade para eles. Eu acho que não deveria... ser assim. Acho que pai tem que... no meu jeito de ser... com 15 anos já não ter que mais... aconselhar... parece que já fez tudo na vida – é ruim! O meu filho, eu peço muito para o meu filho, ele vai achar que está sabendo de tudo, mas para mim, para Marinalva, não dá certo, para nós mesmo que ele chore, se a gente ver que não é certo, não adianta. Os próprios professores têm que estudar mais, entre eles pensar... como melhorar, por onde que vai ensinar as crianças, por onde que vai mostrar como que vão se comportar. Eu também não sei, mas eu penso que na teoria eu sei, mas na prática... é que é o problema. Mas eu quero ser professor, eu penso assim. Se eu fosse professor, eu seria assim, dentro da sala de

aula... Eu falaria alto, eu enfeitaria todas as crianças, não brigando com elas. Eu acho que tem que conquistar as pessoas. Achar que os professores são legais e respeitosos. Tem que respeitar as crianças também, respeitar, para me respeitar. E brincando, às vezes, a gente pode... em vez de falar bobeira, até dentro da escola, movimentar, e às vezes o professor tem que pensar... Em como seria... como deveria fazer para respeitar, para conversar coisas ... desde criança. Porque, eu próprio notei... os adultos não mostram isso. Na frente de criança se fala besteira, fala palavrão. As crianças já começam falar bobeira para o mais velho. Porque no meu tempo quando eu era criança meu pai não ensinava isso, e falava para não ficar com mais velho, para não falar bobeira com mais velho. Se eu fizesse coisa que não gostou ou por que pessoa mais velha tem que obedecer. Meu pai, minha mãe me ensinaram assim. Por isso, nossa, é estranho mesmo, parece que criança quando a gente fala, responde: você não é meu pai, não é você que manda. Parece que reage. No meu tempo não era assim, se eu fosse na sua casa, o meu pai perguntaria se não fiz coisa errada lá fora da sua casa, não fez bagunça dentro da sua casa... Então pega e pergunta. E se fizer coisa errada leva chicotada ou... por isso eu tinha medo. Mas hoje em dia... teve reunião e... cacique e outros índios falaram para fazer projeto, para plantar palmito, para vender muda e parece que se aprovar, a comunidade vai fazer viveiro. Falaram para fazer mutirão, para trabalhar todo mundo junto e... acho que principal é o jovem. Aí quem que vai falar: quem que vai trabalhar, perguntar para os jovens... ninguém fala nada. Eu falei... acho que... deveria primeiro conversar somente as lideranças, os mais velhos. E tem que ter uma pessoa também... juntar com jovens. Entre eles vão se abrir e quem organiza com eles tem que respeitar o costume de cada um, cada pessoa. Porque o jovem, às vezes, está falando sério, mas ao mesmo tempo brinca. Só que na reunião não querem... até eu tenho um pouquinho de vergonha de falar na reunião. E eu mesmo brinco. A maioria dos jovens tem que ter uma pessoa que converse com eles, tem que tentar animar as pessoas, em cada um conversa... porque tem que entender como que vai pegar um acordo, porque se na aldeia... os jovens não se interessarem... não é que não se interessa. Primeiramente tem que descobrir por onde que você vai entrar, como você vai conversar com eles, tem muitas coisas para se pensar, mas sozinho não posso. Eu descobri... que eu tenho mais experiência, através das coisas que eu fiz, coisas erradas, não só das coisas erradas. Eu vi as conseqüências. E descobri que eu tenho mais experiência. É... Hoje... só que quantas pessoas falam: porque eu sou mais velho, mas eu não acreditei, só agora que eu estou vendo, quando falam... eu acho que tudo é a verdade, tudo que vai acontecer, tudo que você vai ver. Eu vejo muitas coisas, eu mesmo vi, testemunhei acontecendo isso... cada um falou mas eu acho que mesmo vi. Por exemplo... meu pai, minha mãe que deram conselho para mim: quando se casar... quando chegar seu filho, como que você vai fazer? Então eu falo tudo isso só que não acreditava em tudo isso. Porque eu vejo que se parecer uma mulher que está com criança parece que é legal. Eu já estou com três filhos, aí que eu vejo não, não é fácil a vida não. Assim que eu aprendi. Ouvir outra pessoa, antes de chegar, antes de ver. Quando chegou na minha vez, que eu aprendi muitas coisas mas vou aprender mais ainda. Por isso descobri que eu sei as qualidades do ser humano, problemas do ser humano, como, onde que está errado... por exemplo, meu pai falava assim: antes de casar, antes de namorar, tem que aprender a fazer a casa. Não acreditei! Eu achava que era fácil. Um dia vou trabalhar, vou mandar fazer a casa, só que, como eu não acreditei, e não fiz só por... ser preguiçoso mesmo. Quando comecei a namorar com a Marinalva, não construíram a casa e comecei a namorar e meu sogro começou a falar para fazer casa própria, para não morar na casa deles. Ele falava assim: eu não gosto do meu genro ficando dentro da minha casa. Tem que ter casa própria. Ele falou e tentei fazer, só que eu nem acertei. Até a porta mesmo se abre para fora, eu não acertei. Pensei que deveria ter aprendido antes quando meu pai falou, deveria ter obedecido. Então, por aí que eu vejo, que tenho mais experiência.

Terceira entrevista:

Por exemplo, aqui mesmo [centro reabilitação], o motivo é pesado e então nós temos que ajudar ela também, tem hora que ela [esposa] vem antes do meio dia, vai uma hora de atendimento, dependendo do dia, na hora que termina, às vezes, [o transporte] tem preguiça de trazer aqui e de voltar pra lá [aldeia], voltar pra fazer uma hora, então, [ela] tem

que vir antes, ela não acostuma assim, mas acho que eu concordo com ela, dela não querer vir sozinha, só que os outros já não entendem assim, os adultos, porque Marinalva num tem outro alguém, tem que fazer isso, tenho que vir e colaborar com ela e de lá tem que vir a pé, se vir direto com o Fernando [motorista] vai chegar aqui 11h30 e vai esperar até umas 13h00, então é longe pra vir a pé com ela, então, pra trazer é o filho Fernando e o Edu pra voltar com ela, não é fácil, é pesado, tem que carregar no colo e voltar, foi por isso que, 50, 60, eu acho 70% de valor, eu dou valor na mulher, que todas as mulheres tem valor, eu reconheço, os homens também tem que reconhecer, só que os Guarani sempre foram assim, parece que não vê situação do mundo, filho dela, pior que filho dele, só mulher que vai com ela, até hoje eu vejo assim, sempre alguém vai [para cidade], da aldeia, a mulherada vem sozinha, com o filho no hospital e se falar pra alguém é claro que vai se defender... E como que vai fazer, a gente trabalha sabe que não tem tempo, quem acompanha mulher é vagabundo, é assim que eles falam, só que não é bem assim, não tem tempo, só tem o dia e acabou só hoje, não dá pra acompanhar ela, quanto o filho, por isso que desde o começo, desde o comecinho eu não fazia, de ser machista, não deve, o homem que tem direito de se divertir, só que depois que tem filho, às vezes, ela chora porque não ajuda ela nem na casa, nem pra fazer limpeza, nem pra lavar panela, prato, porque o Luiz morava sozinho, desde quando eu casei com ela, ele expulsou, o pai dela, tinha a casa lá pertinho da casa de reza, mas nem colaborava com ela, o mais velho no sábado à tarde, ele queria sempre assim ficar com os amigos mesmo casado, ela reclama, depois que eu vi a realidade e que não era bem isso. Acho que... não sei, é experiência que todo mundo vai ter quando crescer e ser mais maduro, eu vejo isso, só que difícil também para todo mundo, às vezes, a maioria não aceita, não quer, em vez de pensar, imaginar como seria, as pessoas mesmo assim não querem aceitar, a gente muda ela, se quiser mudar muda, não é de aparência, às vezes, a pessoa, até a Marinalva mesmo fica reclamando, seu jeito é infantilidade, eu vejo assim, é meu jeito de ser, se eu mudar não vou mudar totalmente tudo, não tudo porque é meu sentimento, não de aparência, eu sou brincalhão, então, não vou mudar. Então, aconteceu comigo no começo, que eu já falei, só que eu mesmo, eu mesmo pensei e tentei me procurar, quer dizer, como seria com ela, pra entender ou pra ela me entender, se eu mesmo não me conhecia como é que eu vou conhecer ela, mesmo ficar junto com ela, vai continuar assim mesmo, no início pensava várias vezes, mesmo que ela não queira que eu saia para cidade à noite com meus amigos, eu, às vezes, meus amigos mesmos me dão força para não aceitar, dizem que é ruim de obedecer ela, jamais vão obedecer à mulher, é ruim de deixar minha mulher mandar em mim, então, eles que falam, eu obedecia meus amigos, sempre eles saíam, mesmo ela me puxando para ficar, fugia dela, sempre fiz isso no começo, depois que descobre tudo, acho que, agora mesmo não vejo ela assim, queria que ela voltasse a se transformar como antes, por exemplo, agora já tem três filhos, só quero que ela se arruma bem, porque ela tem o direito assim de voltar a se arrumar bem, acho que eu quero ver ela assim, claro que as mulheres vê isso, não sei se o nãnderu, as mulheres vem pra engravidar, só que não é bem assim, só que os homens também tem que ver o lado das mulheres, não vem pra sofrer tanto também, de ter criança, eu sempre falo pra ela a verdade, acho que estou errado para ela, eu falo assim, eu quero que você fique se arrumando, pois se de repente um dia, não sei a cultura é um mistério, de repente a gente separa, você vai ficar, se de repente a gente um dia mais pra frente, um dia que nosso filho cresce já tem vinte, quatorze anos, daqui dez anos, como é que, com trinta anos ela vai estar preparada, se ela quiser arrumar outro se a gente separar, vai, porque eu vejo que os Guarani quando casam e tem filho, parece que eles não vêem a mulher porque tem sete filho, é acaba, se acaba sozinho, o próprio marido estraga bastante, estraga, então, parece que até outro rapaz, outro homem pode até não querer mais, não estou falando mal mas, uma Guarani, quinto filho, parece que tudo acabado, ela não tem nem quarenta anos ainda, se um dia separasse, quem que vai querer, porque não quero velha assim. Eu vejo, até agora, quero que meu filho cresça, se ele começar a andar, daqui a três anos, porque ele tem a Marinalva, queria que ela aproveitasse alguma coisa, que ela não aproveitou na vida dela, porque quer passear, quer sair com os amigos dela, então, ela que vai decidir, não quero atrapalhar, só por ser o marido, não, acho que, ela que vai, porque eu confio nela, como pessoa. Eu sempre acompanho ela. Acho que eu, dou um trabalhinho também, coisa que a gente não faz tanto, mas a gente cansa, às vezes, a mulher vem sem acompanhante sofre também, tem filho, às

vezes, vem com bebê no braço e no outro o mais velho, mas eu sempre acompanho ela, porque ela já é minha companheira, vejo assim, acho que a gente, isso eu chamo de amor, amor por ela. Na cidade, acho que eles estão certos porque eu vejo mais o pai, principalmente, o pai tem que acompanhar, no hospital, vejo também no posto de saúde, o *jurua* acompanha e o pai é o principal, não tem que vir outra pessoa, o pai que deveria acompanhar, por isso, que eu mesmo não tenho vergonha de vir, acho que isso não é nada errado, porque o próprio Fernando (motorista) já começa a se acostumar, ele tem costume e sempre ele que trás a namorada, leva para fazer exames, a gente pega costume um pouco também, como por exemplo, ele trás a namorada e vem brincando, nós não, é diferente, fala que você não brinca mais e tem vez que nem fala, primeiro acha que a Marinalva, o próprio Fernando acha que a Marinalva é brava. Não, é só séria, mas até na casa dela, mesmo entre nós, ela é diferente, não é diferente, mas não gosta de muita brincadeira, de palavra, de palavrões, só que, às vezes, alguma coisa que ela não esta achando legal, não adianta, fala logo, fala na hora, responde se não esta certo, que até a Mariângela e Fernando acham que a Marinalva é brava, porque próprio equipe se acostumou com o indígena, porque quando acha que não está certo, enfermeira ou equipe, já fala com palavrão, parece briga, só que os índios não falam assim, então, acostumam com isso também, falam com qualquer pessoa até mexer com a Marinalva, só que a Marinalva já reagiu, deu o troco e até a Mariângela [enfermeira] acha já que ela é brava, quem que não vai responder, todo mundo tem o direito de se defender, acho que eu também, porque você acostuma mal, porque que as índias não falam, porque até os índios não respondem por causa da dificuldade de responder, tem dificuldade de entender melhor. Deixa eu falar porque eu falei para Marinalva que sem entender nada... Não sei se você assiste aquela novela nova, caras e bocas, essa novela foi feita para zuar mesmo, porque tipo cara e bocas, eu não entendo mais, acho que é mais do que o *juruzada* quando fala, parece que fala tudo a verdade, só que, por ter ibope e sabe falar, é isso mesmo e mostra que na cara dele parece que está sentindo e não está sentindo nada e isso, então, que os Guarani não entendem, é mais puro, claro que tem também os espertos, mas não todos, a maioria é puro e quando fala, tudo é verdade, só que o *jurua* não é sincero. Só lembrando, é isso que, às vezes, faz todos *jurua*s, quando fala é igual você falou, deixa assim sem transparecer que não dá pra reagir, só que a gente reage, só que se não souber falar, porque a gente, a língua portuguesa é para vocês mesmo que sabem falar, se eu falar mais eu me perco, me confundo, parece que você que ganhou, por exemplo, ganhou mais, sabe falar mais, é isso mesmo, parece que para ter mais apoio de outra pessoa, é assim mesmo, parece que passou para outra só que não é verdade, tem que saber falar, só que a gente não e eu acho que é isso mesmo, eu mesmo, eu acho que todo ser humano não tem diferença, e no índio eu observo muito, não sei falar muito, mas quando não sei parece que eu sinto aquele, não está certo, eu vejo, eu sinto. Quando está perto de um *jurua*. Acho que se todo mundo pudesse falar em português ficaria tudo igual, cada um enfrenta o outro, até próprio, por exemplo, se a Dona Santa soubesse falar em português corretamente, ela vai se sentir igual *jurua*, ela sabe falar, só que a maioria mesmo sem falar, fala assim, não, eu tenho se você falar, é na saúde, tem que fazer assim tal, se não souber responder, não sei falar, fala para os outros, só que deveria saber, só que na minha língua, isso lá na aldeia acontece, não se a gente, a maioria, a comunidade toda soubesse falar português corretamente. Acho que pra isso deveria a própria equipe que deveria ir bem, é a equipe ter que ser bem profissional, não qualquer pessoa que deveria ir na aldeia para trabalhar, porque o *jurua* está certo que é inteligente e é formado como enfermeiro, doutor, não sei o que, qualquer profissional, só que aqui fora, por exemplo, se for formado pra trabalhar no cachorro, tem que ser bem profissional mesmo assim, eu vou saber como lidar com ela, eu vou conseguir comunicar com ela, com a gente é diferente, com todo ser humano, até com jeito vou e entendo, mesmo você falando, com jeito vai entender, então, que é difícil, não só aqui, não estou falando que está faltando aqui, não, é em geral, igual o Paulo Celera... Ele mesmo é diferente, porque ele já foi indicado para trabalhar com Guarani e quando a gente fala ele tenta entender o que a gente fala, o que a gente sente, porque a maioria não faz assim, se eu falar parece que estou falando errado, entende de outro sentido, confunde tudo a própria pessoa, não deveria fazer isso. Tem que manter calma, tem que tentar entender, você que esta trabalhando com ele porque eu vejo assim. Igual quando eu fui na Nossa Caixa, tentei para Marinalva restituir o imposto de renda, fui no gerente, tentei falar só que não consegui

porque no banco, fala aqui, ali, como é que é, não aquele, então, ele, só na palavra e fiquei pensando, nossa, se é inteligente mesmo deveria procurar entender, mesmo não sabendo falar. Mas na Receita Federal foi diferente, tem um senhor de idade que trabalha, eu tentei falar e ele, calma, deixa eu explicar, não é assim, não é bem assim, deixa eu explicar, nossa para mim foi da hora, ele queria tentar, em vez de falar dois minutinhos para explicar, tentou falar mais de meia hora, uma hora, é assim que funciona, mas a maioria das pessoas não sabem, não procuram entender o que a gente quer falar, o que a gente fala, por isso tem quer ter, o pessoal que trabalha com Guarani, tem quer ser bem profissional e ter um pouco de, como é, entender um pouco de psicologia.

Quarta entrevista:

Acho que eu gosto mais de fazer na aldeia é, freqüentando a aldeia, isso. Eu mais faço na aldeia é pro lado da reza, que sempre, não todo dia, mas três vezes por semana vou na casa de reza e inclusive ontem mesmo; eu vejo os mais velhos falando na casa de reza que eles têm preocupação, daqui mais pra frente, daqui um ano, daqui dois anos, quando vai ter energia e falaram sobre isso, como será com as nossas crianças futuramente. Então, acho que eu me preocupo também, sobre essas coisas que vai estar modernizando, a aldeia cada vez mais melhorando, mas pensando bem acho que é um pouco negativo para nós. Não sei, eu mesmo penso que vai melhorar, é claro que vai melhorar, só que perdendo a cultura e o costume que a gente tem no dia-a-dia, o que a gente usa. É porque as crianças, quando tiver energia para frente, de cada casa, as crianças vão com certeza, assistir televisão, assistir programa, desenho, a cabeça das crianças também vão mudar. Então, devagarzinho vai esquecendo nossa cultura e o costume que tem na aldeia. Acho que me preocupa isso, porque vai esquecendo e para o filho o que vai dizer, daqui um tempo, então, acho que, eu penso assim, eu quero fazer sim, só assim... Mas ela mesmo que quis [ter mais um filho]. Então, ela mesma estava com dúvida primeiro, desde que, aquele dia falei para você, ela mesmo, como que vai ser, até a Jandira falou, depois que eles crescerem, fica mais velho, vou ter mais outro, não vai ter mais graça, a gente deu risada. Mas, mesmo assim, tendo com trinta anos, as crianças crescem rápido, mas Marinalva ficou quieta, só que pra mim, tanto faz, porque ela que vai ter, ela que quer essas crianças, por isso, fazer o que. Pediu para o médico, depois que tiver essa criança que está na barriga, ela quer operar, só que o médico fala assim, não, tem que ver primeiro, tem que pedir autorização, então, a gente primeiro reclamou, não falou nada, mas depois Marinalva falou na minha casa que, se não autorizar e se eu tiver mais um, quem que vai criar, quem que vai cuidar... É dela [cirurgia]. Ela pensou que para fazer, o que eu faço, porque pessoal falam que para o homem é mais fácil... Ela tomou remédio brasileiro, é da mata, ela pagou, acho que cem reais para alguém que pegou o remédio, só que próprio quem deu o remédio falou assim, depois de tomar, vai ter uma [filho] e depois ter mais um outro, falou e aconteceu isso. Porque dizem que tem outro remédio, só que se tomar esse, de acordo com o corpo dela, tipo, ela é nova ainda, vai sofrer muito. Pessoal sabe que tem remédio que o povo toma e não tem mais filho, só que, dói muito a barriga, dói, sofre, porque eu vi uma mulher que tomou, teve um bebê e tomou, só que ela era bem magrinha, ela fala que sentiu dor na barriga, direto, sofreu, num dá para comer, então, eu acho que ela tem mais de trinta anos, então, ela tomou remédio e parece que tomou outro remédio de novo para ter bebê, quando fui pra São Paulo mês passado, eu vi ela lá, deu a luz a um menino, de novo depois. É tipo um chá, é líquido, mas não sei que folhas, qual raiz... São os pajés... Eu não, só os mais velhos, mais de idade que sabem, que conhecem, qualquer pessoa, só que não é todo mundo também que sabe, por isso que pessoal fala que é bom respeitar o mais velho, acreditar, porque hoje em dia, o jovem não acredita mais quando a pessoa mais velha fala na nossa comunidade, por isso que até vou contar um pouco um segredo, que pra nós...

Quinta entrevista:

Futuro para mim, para o meu filho e para minha comunidade. Três coisas. Então, eu tenho que responder um de cada então? É melhor assim... Eu acho... espero assim... pra mim mesmo... É melhorar a qualidade de vida... principalmente de moradia... Ter espaço para o meu filho... para não sair porque aqui na aldeia é a casa mas para não estar passeando

direto de casa em casa... ele tem que ficar na casa para isso tem que ter... estrutura para morar na minha casa, ter espaço... eu penso de ter mais coisa, mais estruturado na minha casa para melhorar porque, no meu caso eu penso assim... Para o meu futuro. Acho que é estrutura um pouquinho de cada, dentro da minha casa e fora da minha casa também. É... acho que hoje em dia não é mais como antigamente... Então, a gente tem que ter casa... futuramente tem que ter outra casa... não é só uma casinha que não vai suportar todo mundo... nós vamos tendo outro filho pra nascer, então, acho que tem que ter outra casa, mais espaço, não como do *jurua*... não é como o costume do *jurua*, mas não só *jurua* que precisa de espaço, do conforto melhor... isso pelo seguinte... tendo a casa maior e pode ter uma sala [quarto] para cada filho, pelo menos para o mais grandinho, ele dorme conosco... igual... eu tenho a filha... eu acho que as mulheres têm que ser mais... cuidadas. As mulheres têm que ser cuidadas mais do que meu filho. Porque ela é mulher. Ela vai crescendo e tem que dar educação pra ela... igual... pegar exemplo do professor que eu estudei lá na cidade. Ele fala assim... "meu filho... eu tenho um filho de treze anos e filha de 16 anos." E ele conta pra nós dando aula e dando exemplo para nós. Falou assim... "meu filho sai de manhã cedo e minha filha também sai 8 horas da manhã. Dia de sábado. Coloquei ordem para ela, regra, pra cumprir. Antes de anoitecer tem que chegar na casa. Antes de sete horas tem que estar na casa." Então ele falou assim... E para o filho ele não falou nada... e a filha, ela foi e voltou, antes das sete estava na casa... e o filho, ele falou que foi e voltou quase madrugada ou no outro dia... Não aconteceu nada... porque ele falou "se engravidar minha filha o problema é meu". E meu filho se engravidar família dos outro, o problema é deles porque... como eu vou fazer. Para as meninas é mais complicado. É isso que eu penso também. Não pegando exemplo, mas isso mesmo que é realidade. Para se preocupar das meninas. Então, vejo assim, vai crescer minha filha, tem que dar outra educação para ela. Para se prevenir, para se cuidar... por isso eu quero ter mais espaço na minha casa e... ter alguma coisa... para não sair assim... tem que ter, eu acho assim, de saber ler, tem que gostar de ler, tem que... mesmo assistido televisão, tem que assistir coisas que servem para ela. Porque não quero passar assim... acho que nem novela vou querer que eles assistam. Eu mesmo, tem programa que por exemplo, claro que não vai gostar também. Pode assistir. Tem desenho que... Desenho também tem vários para escolher, desenho que cada exemplo não é bom para as crianças também. Tem desenho... igual aquele desenho que passa na tevê a cabo, tem que respeitar a diferença de cada um, junto tem macaco, tem urso, tem tartaruga. Eles se respeitam. É bom passar para as crianças. Não é porcaria, igual aquele ratinho com gato... só fica judiando... eu acho que para nós adulto é bom mas a gente entende que isso não é verdade. Para as crianças que estão crescendo, começando a desenvolver, pensar melhor, o que vai passando para as crianças. Acho que, por outro lado, meu filho penso isso. Tem que me obedecer. Não 100% mas pelo menos 70, 80% tem que obedecer, minha palavra. E... para o futuro da comunidade, da população... eu acho que espero... por enquanto eu mesmo não atuo como liderança, que eu atuava, só que depois eu desisti porque não deu certo... e agora estou esperando, acalmar um pouquinho, que... as lideranças se ativem. Porque daqui... Alguns anos vai parar tudo. Então, acho que... queria o passar o recado só que... está gravando? vou deixar de lado. Porque... várias aldeias... maioria das aldeias, dos Guarani, quando o chefe não está certo... quando percebem que o chefe não está certo... não está fazendo direito ou... de alguma coisa... pode ser fora ou pode ser dentro... Então, eles expulsam o chefe e coloca outro. Mas... nunca houve expulsão aqui, então, a gente, por isso que ficamos... cada um para um lado... cada família... porque ele não quer sair de jeito nenhum... parece que uma vez já se levantou com a voz e quase que brigou por que ele não queria entregar o cargo dele para outra pessoa. E... por isso é que não está indo esse projeto... E estamos vivendo assim. Parece que... É... cada um na sua. Porque... difícil, entende?... porque nós da aldeia mesmo que sabemos da realidade, porque está assim, o que está acontecendo, porque que estamos assim. E... eu só espero do mais novo, futuramente, que de repente a gente se organize com pessoas mais novos e consiga mudar... parece que este mês, este ano, não sei, teve Cristino da Funai que veio com o pessoal da ong, parece que tem o pessoal da associação aqui do camping de Patrimônio... então veio com eles, que essa associação, essa ong parece que vai trabalhar com três municípios da aldeia indígena dos Guarani. De Ubatuba, do Corcovado, do Araçuaia, do Parati-mirim e da Angra dos Reis. Parece que vai juntar... pelo que eu entendi... vai ter

oficina, tipo curso para... liderança. Para formar essa liderança para saber trabalhar com *jurua*. Como vai trabalhar de aldeia para fora, para ser independente... parece que vai ter dois anos de curso para esses jovens, que vai criar um grupo para liderança. Para saber... assinar... para onde vai mandar um documento, para fazer pedido... então, várias coisas até para depois... trabalhar sozinho... na aldeia... Então, acho que não vou nem entrar nesse grupo... porque não quero entrar mais... E tem para articulador também... da comunidade mesmo, que esse vai ganhar bolsa... acho que a bolsa é salário mínimo. Até estava querendo entrar, eu pensei assim de entrar nisso só que... é isso. Eu acho que eu penso assim. Eu acho que vai melhorar isso aqui... não vai ser fácil, não. Só que... esse grupo de liderança com vocês, com um ano vai mudar bastante. Só que esse grupo vai ter outra visão... esse grupo está com um monte de coisa nova. Já vieram aqui, me inscrevi de novo para escolherem quem vai ser articulador, quem vai estar no grupo... Então, eu acho que mais no turismo, só que... eu não tenho muita esperança disso, só que... Espero a gente se organizar mais, assim, conversar, a gente entender bem, porque é mais dificuldade para falar, para dizer, só que para entender é mais fácil, eu entendo essas coisas sim. Só que para falar até hoje eu tenho dificuldade. É... acho que, eu penso, à noite, ontem mesmo, quando não durmo, penso assim, fumando cachimbo... considerando... puxa vida: tem que parar com isso... tem que... ter outro estímulo, outro cargo, outro educador. A gente tem que remar, remar para frente. Criar outra coisa, outro carro para gente levar pra frente, não... Se ficar nesse carro antigo vai... não vai levar para frente. Penso isso. Eu acho que me preocupa mais assim... da comunidade, da aldeia. Porque a aldeia precisa de reforma. Porque a gente tem que ter, mais atividades dentro da aldeia para se distrair, para criança se distrair, porque não está tendo nada... até... como a marimba pode começar, se fosse cacique. Tem que trazer algo assim para as comunidades, para os jovens se distrair para não sair por aí. Senão, do jeito que está, vão sair para pedir esmola, leva até palmito que não serve para vender... então, deveria assim... se fosse cacique eu trazia o projeto de fazer as crianças, de ensinar aqui o próprio artesanato para fazer, fazer a feira, e próprio projeto pode ele estar pagando, comprando, só para fazer... Foi idéia minha, só... pagando bichinhos aqui 2 reais... o que ele vai fazer só para dar um... mas vai para ele mesmo, para ele aprender. Para construir uma casa e colocar para vender, ter uma casa de cultura para colocar como exposição. Se vem *juruzada*, assim turista e interessar pelo bichinho ele tem que vender de novo para nós, eu acho que tudo bem. Eu penso assim, de várias maneiras... acho que deveria... ter... mais esporte também. Porque... senão... fazer alguma coisa assim para as crianças, para os jovens, ficam tudo dentro de casa assistindo televisão... não vai... nem o pai leva ele, não vai obedecer mais, talvez até de repente nem vem no grupo, vai vir só 60% para escola, o resto fica em casa, que está doente ou... quando sair da escola todo mundo vai para casa correndo para assistir televisão. Não vai mais nem para o clube, nem não vai saber cantar mais... um grupo dos cânticos, das danças nem vai... igual hoje mesmo eu estou vendo, que ninguém vê a realidade da aldeia. Ninguém sabe, quem sabe é quem mora aqui, igual eu, estou morando aqui só que de cada família, de cada pessoa mesmo não vejo, mas vejo, em geral, antes tínhamos só nós, direto o Cleberson professor, agora está tendo o Claudinho lá no cacique e até o domingo mesmo o pessoal não estão mais jogando bola. Porque ficam vendo a televisão, enjoa, não tem coisa interessante para assistir. Só, às vezes, assisti aos jogos. Isso que... eu fui domingo à tarde, jogamos uma vez, todo mundo correndo, iam assistir o jogo, cada um foi para um lado, sumiram todos. Estava eu, o Daniel e o Airton, só, gritando: vem, vocês vão jogar bola? Então, está virando. Por causa da televisão, por causa do jogo. Parece que mais importante é isso. Eu falo assim: Pô... O que vai ganhar com isso, os jogadores que estão ganhando para gente... para gente apenas olhar pela televisão. E nós, eu acho que para nós é importante fazer atividade física. É saúde para nós. Por isso que eu aprendi também não dar tanto valor para outra pessoa. Não exatamente isso, mas acho que deveria fazer para você mesmo, dar valor para você mesmo, não assim. Só por causa que uma pessoa que chegou e parece bacana, especial, legal... todo mundo vai admirar: nossa, até... não qualquer tipo, mas qualquer coisa de novidade parece que... não é bem assim, tem que se preocupar com coisa que vai trazer bom resultado para você. Está mudando... pior que vai mudar mais ainda. Esperar a energia, mesmo. Porque com certeza cada um vai ter sua televisão... eu vejo, às vezes, ocorre, por causa da televisão na minha casa. Porque... às vezes, senti que queria ficar no silêncio, bem calmo, me concentrado, até sozinho. Estou falando do meu

problema, não dos outros, mas essas pessoas não querem saber mais das coisas, parece que não estão vendo as coisas mudando... igual... ligam o gerador 4 horas, 5 horas e começam assistir malhação até terminar novela caminhos das índias, nove horas. E pessoal parece que todo mundo olha para televisão, e que ela que é realidade... E não dá nem para conversar das coisas que são mais importantes, o que vai... parece que não tem nem plano para vida, nem para o futuro. Será que é assim? Eu mesmo sou contra isso... às vezes, eu falo para Marinalva que vou na casa de reza um pouco, as oito e meia, só que no Venâncio não tem casa disso, não tem mais. Tem um casinha de alvenaria, então, pessoal está ainda só que, antes era assim, a criançada, até rezava, aquele menininho do... não sei o nome português aquele da ...Rosemeire, ele mesmo canta com aquele violão. Pequeninho. Levanta, canta e reza mesmo. Agora a criançada de lá já está indo para casa do Cleberson. E permitiam que eles fossem para nova família. Então, acho que isso, quem resolve é a mãe e o pai, têm que dar exemplo é a mãe e o pai... entre eles tem que discutir com as lideranças, como que vai educar... quem que vai... eu acho que... deveria se preocupar com isso, mas... parece não estão vendo assim. Eu acho que não para o *juruá*, mas eu mesmo penso assim, de fazer para... acho que não exatamente para vender igual era... igual antigamente mas... eu acho que deveria se preocupar mais com língua... as crianças não estudam de manhã, então, de manhã eu acho que deveria conversar mais com professores e conversar em Guarani, contar história, levar fora de classe, fazer alguma coisa bem prática... e não escrever e escrever... parece que já vi aqui, às vezes, os próprios... às vezes não vem a Marinalva, não vem Adílio parece que... não tem nenhuma pessoa para tomar conta das crianças, então, as criançadas estão zoando, quem que vai olhar eles, quem que vai educar, quem que vai falar com as crianças para não gritar. Dar atenção para as crianças. Isso mesmo não está certo. Parece que as crianças e os adultos... é tudo igual. Por isso criançada não quer saber de nada. Porque o mais velho está parecendo igual eles. Por tudo que ele tem, como que fala aquele parece só brincadeira, só palavrão, que está falando que nem criança também. Puxa... então... como é que vai pegar exemplo, de quem vai pegar exemplo bom. Eu acho que os adultos, mais velhos, deveriam se mostrar também para as crianças, tem que respeitar... eu acho que... por isso que eu... colocaria pelo menos duas vezes por dia, para ter trabalho com oportunidade com jovem. Igual os adultos vão entrar na sala e catar lixo, os jovens vão catar lixo, as criançadas vão fazer alguma atividade e depois tem que... plantar mudas... Para as crianças poderem levar as mudas cada um. Os mais velhos fazem buraco para plantar muda, então, criançada deveria levar e ensinar. Acho que mais importante é isso... deveria ter toda tarde, pelo menos dois, três vezes por semana. Quem ensina tem que ter energia... Tem que mostrar que ele gosta. Não adianta mandar, só quer mandar. Como é que os adultos não gostam e as crianças vão gostar? Não adianta ele, tudo tem que ter energia para fazer. Igual, eu mesmo, acho que... fica com os filhos, brincando, dá risada, fala das coisas, coisas que aconteceu comigo. Como que chama isso? Você fala, de repente, você dá risada de alguma coisa que aconteceu com você. Mas tem pessoa que tem inveja. Agora... eu penso mais assim... para minha vida mesmo, hoje mesmo, mudei tudo o que eu quero até agora... Foram poucas semanas eu pensei assim, e já falei com minha sogra, com Marinalva, eu acho que deveria comprar carro para gente levar artesanato, vai ajudar a gente. Depois pensei, pensei e depois decidi não comprar de novo. Eu quero plantar muda... porque eu vi aqui perto, no Rio Silveira, que ele veio, parece que ele viajou várias vezes para Itália, que ele está divulgando. E... ele falou que está divulgando esse trabalho... mudas... mudas de juçara, açai. Ele falou do palmito pupunha que... se cada aldeia Guarani plantasse, ele falou que vai implantar... vai fazer aquele cooperativa, próprio dos Guarani, futuramente, para a gente exportar esse palmito de vários, tipos, de açai, polpa de açai... para gente vender pupunha. Então, por isso, que veio essa idéia para pensar melhor, parece que é bom, pois quem mora na aldeia, eu mesmo, a gente mora livre, estamos livres, então, têm muitos caminhos para gente, caminhos bons ainda para gente pensar. Não aquele de estudar, porque não é só isso que tem entrada. De porta de estrada para todo mundo. Acho que se quer ganhar dinheiro ou quer melhorar na sua vida, então, tem várias coisas para nós mesmos, grande possibilidade para gente crescer. Por isso que eu vejo assim... quero começar plantando mudas de palmito, açai, quero plantar... começar devagarzinho. Eu penso também em fazer projeto para criação de abelha. Eu acho bom, devagarzinho, eu vou amadurecendo minha idéia. Parece que agora não tem mais, mas teve criação de

abelhas. Não tem mais agora... tinha aquele do jataí. Então, só do jataí que tem. Eu acho que vou em frente nisso daí. Vou pensar melhor e vou começar plantar devagarzinho. Vou limpar perto da minha casa, vou usar primeiro minha semente. Com o tempo vou aumentar com essa muda, plantando. Então... o cacique falou que ele está plantando lá, só que ele não pára de trabalhar... com *juruá*, sai muito fora do país... viaja muito por Itália, Londres. Ele falou que... se tiver muitas mudas, pelo menos 5.000, 10.000 mudas, para avisar ele para achar comprador de mudas. É fácil, ele falou. Antes de vir para cá, ele vendeu 4.000 mudas. Ele falou assim: pô vendi baratinho, mas tudo bem. Vendi R\$1,50 cada muda. 4.000 mudas. Já pensou? Então... É, cada um deveria pensar melhor para nós. Para nossa família. Ele é lá de Boracéia. Do Rio Silveira [o cacique]. E... futuramente todo mundo vai enfrentar essas coisas. Por isso que eu tenho que tentar a partir de agora. Igual, até Marinalva fala: passava na propaganda aquele próprio ator que está cultivando tipo de muda, plantando as coisas. Futuramente vai ter tudo, qualquer pessoa. Igual, para combater até aquecimento global, está feio hoje. Puxa! Porque ninguém mora da outro lado do mundo. Todo mundo mora no mesmo planeta. Tem que cuidar cada um, cada um faz a sua parte. Eu acho que... por isso eu penso isso. De plantar muda. Plantar o açai... daqui a 5, 6 anos eu acho que já vou vender sumo de açai. Então, vou plantar devagar. Por isso eu falei para Marinalva: ah, então vamos deixar essa hipótese, estou dando idéia para ela. Futuramente daqui um ano vamos juntar dinheirinho e compra aquele tobata para levar muda de lojinha em lojinha. Sabe aquele tobata? Aquele motorzinho que parece tem igual trator, o pneu dele igual trator, só que pequenininho, vem com carroceria. Eu falo assim, comprar um daquele para levar mudas... porque no carrinho não vai caber tudo. Leva cada... 200 a 400 mudas de cada viagem que eu leva pode leva longinho... eu penso isso. Eu acho que... então vou dizer, eu falo, eu vejo... quem sabe futuramente... não vou secar isso daqui, mas, futuramente. Vou ter aquele... daqui cinco anos... se eu começar, hoje, vou devagarzinho, ter... aquela é minha plantação. Então, quem que vai querer deixar à toa, vai querer mudar para outra aldeia? Deixar todo aquilo de graça? Ah, não! Quem trabalha sabe valorizar o trabalho dele. Eu, é isso que penso. Futuramente, pegar e juntar mais velho, mais adulto, conversar com ele como seria, como vai funcionar à parte... na aldeia, como vai trabalhar dentro na aldeia e fora da aldeia. Como seria, então... vou discutir com eles. Futuramente, mas não agora. E... na aldeia para problema interno, como vai trabalhar com isso na prática. Tem que a gente por e saber trabalhar na prática também. Como seria. É igual assim, por exemplo, você é índia ou qualquer coisa. Um índio. Você tem família, tem esposa, tudo. Vou conversar com você. Porque os adultos, têm filho também. Se tem filho, a gente discute sobre isso, a gente fala, que você tem seu ponto de vista, então, a gente vai se entender. Como que vai ser, como que vai colocar uma lei para isso... como que vai funcionar a regra para os mais novos, para os mais jovens. Então, é importante a gente se entender. Pode até seu filho não gostar de mim, pode meu filho não gostar de você. Se é liderança. Só que a gente se entende, importante se entender, isso mais importante. Porque hoje em dia, não aqui, só que aqui não tem essa organização. Tentamos isso uma vez, colocamos lei, como seria para os jovens, colocamos essa lei que a liderança fez... eu participava como liderança, eu era presidente da associação e até estava participando, colocando como era, que quem fizer coisa que não deveria fazer, tem que levar de castigo, então... as leis, se eu chamar atenção de um filho da liderança, eu falo para o pai, para mãe e próprio pai e a mãe chega em mim e chama minha atenção. Como é que vai ensinar isso, cada um... Então, isso já aconteceu. Não só isso, tem várias coisas que não... igual uma vez... teve um índia, o marido já era liderança, antes de casar veio do Rio Pequeno, chegou aqui meio tarde na casa do cacique. E teve meu irmão que bebe, pior para mim, meu irmão mais novo, mais velho. Parece que eles levaram as meninas para o forró. Eles pegaram na reunião... foi meu irmão mais velho, deram castigo: raspou cabeça, cabelo, raspou tudo e mais dois deu chicotada e é bom, que isso é fora da lei, que ele descumpriu a lei. Porque foi no forró amanheceu por lá mesmo e meu irmão que, veio lá da outra aldeia, cacique falou assim; portanto não deu castigo. Eu chamei atenção mesmo. Tem que pagar todo mundo que estava no forró. Ela já tinha aquele cabelão, naquele tempo acho que ela tinha 16 anos. Cacique não falou nada para que não respondesse nada... ah, tem que pagar... esses dois. Pegou tesoura, tirou, cortou tudo aquele cabelão que tinha... por isso que até hoje ela conversa um pouquinho, mas ninguém esquece. Ela ficou chorando, com aquela careca assim... fazer o quê. Não quer pagar, se ninguém pagasse tudo bem. Mas já foram, os dois

ganharam chicotadas e raspou a cabeça. Então, quase estou contando história mesmo. Hoje é... cada um faz o que quer. Igual hoje mesmo comentou Fernando que parece que mais velho, própria liderança estão bebendo direto. Como é que vai... o exemplo que estão mostrando para os jovens. Por isso que, então, comentou, ele falou, não pode mais... por isso mesmo que os jovens não estão vivendo do jeito que ele quer. Ele faz coisa que... não obedece mais o pai próprio avô para dar... exemplos para os jovens.

Texto entrevista: Creuza

Primeira entrevista:

Ah eu gosto de fazer um monte de coisa. O que eu faço mais de artesanato é brinco... Eu nasci lá no Paraná, Paranaguá, porque antes minha mãe morava na ilha da Catinga. Então nasci lá e depois de três meses de vida minha mãe me trouxe pra São Paulo, e a gente morou no Rio de Janeiro durante um ano, depois a gente veio pra Boa Vista e agora a gente já estamos há 18 anos aqui. Já morei em outros lugares. Primeiro fui para Rio Silveira e morei uns dois anos, depois eu parei com meu marido, depois voltei pra São Paulo, na aldeia do Jaraguá, uns três meses, depois fui pra aldeia Krucutu, fiquei uns três meses também e eu sempre fazendo artesanato e vendendo, sempre tinha um dinheiro para me reconstruir. Depois eu fui pra Itaoca, de lá fui para Paranaguá e voltei, lá [Itaoca] fiquei quatro meses e voltei pra cá. E estou aqui mais de um ano já. Eu tinha parentes nestes lugares. Eu ficava na casa deles. Ah eu tenho dois filhos, uma menina e ele. Minha filha mora com o pai dela lá em Bertioga. E o Willian mora comigo, ele é de outro pai. Meu dia-a-dia, eu brinco com o Willian num dia, no outro, vamos pro campo jogar bola. As ajudas que eu tenho é só uma bolsa família, de 32 reais por mês, com aquele dinheiro eu compro roupinha pro Willian e a fralda e coisinhas para os brincos que eu vou fazendo. Eu acho bom de morar aqui, a aldeia é uma das melhores aldeias porque a gente não fica perto da cidade, é um pouco longe e num é misturado com branco... Eu vou na cidade pagar as contas, duas semanas só, e às vezes, não vou. Ah eu compro coisas, vou lá comprar fralda. Eu moro sozinha com ela na minha casa. Ela é minha tia, irmã caçula da minha mãe. À noite eu vou pra casa de reza. A casa de reza funciona toda noite, a gente vai e reza um pouco. Nas outras era bem diferente, tem algumas aldeias que tem necessidade de, num consigo falar certo... Vou começar daqui da aldeia da Boa Vista, que em São Paulo não tem uma pessoa, aqui tem da saúde, a Íris, que fica e num vai embora, até tarde umas cinco horas, ela está trabalhando ainda e nas outras aldeias é bem diferente, eles chegam nove horas e vão embora meio dia e fica só um período e quem fica pra lá e pra cá é agente de saúde, e acho bem diferente. Eu sempre precisei e até hoje eu preciso. É por causa do Willian porque ele sempre precisa, fica doente e fica precisando de médico. Aqui me sinto melhor. Nas outras aldeias eu fazia coisas diferentes. Em outra aldeia eu tinha que tirar as mudas de Bromélia. Sempre tirava Bromélia e levava pra cidade pra vender. A gente saía de manhã e voltava à tarde. Às vezes a gente vendia bem, às vezes a gente vendia quase nada. Sim, dava pra eu me sustentar. Ah eu comecei fazer artesanato lá em Boracéia, quando eu precisei, eu vi fazendo e deu vontade de fazer, e fui fazendo, depois eu fui acostumando. O que eu gosto de fazer no meu dia-a-dia é lavar roupa. Eu lavo roupa todo dia. Eu acho que eu cuido mais é da roupa, lavo todo dia, agora a casa, quem cuida é minha tia e eu ajudo. Não, só lavo a minha e do Willian. E quem faz a comida lá em casa pra gente comer é minha mãe, eu quase não faço. Ela cozinha na casa dela e a gente come lá. Às vezes, a gente não tem nada pra fazer. É bem pertinho a casa da minha mãe. Não, ela [mãe] também só tem o bolsa família, mas tem menos despesa que a gente e a gente almoça lá, mas na janta já não tem e a gente dorme sem comer. E nessa parte a gente já é acostumado, quase a gente não come, não toma café. E café da manhã é umas 9 horas e almoço umas 3 horas da tarde e café da tarde é umas 8 horas da noite, porque a gente já é acostumado. Ah de manhã a gente toma mais chá e come *typá* ou... que é feito de trigo também mas não sei. E almoço é arroz, feijão, às vezes, carne. O da tarde é igual o da manhã. Faz *typá* também. O chá é chá mate. Compra no supermercado. A dificuldade que tenho mais é pra criar meu filho que fica doente, e eu vou no hospital, 15, 20 dias, aí eu fico direto, ou levo ele e fico a semana, fim de semana lá. Voltava. A gente vai aqui, no hospital na cidade de Ubatuba. O pai dele é Guarani e mora em outra aldeia. Desde abril não vejo

minha filha, porque a gente tem que pagar passagem e não tem dinheiro pra ir e acaba não indo. Bem, é diferente, ele deixa eu ver, mas não consegui ir, mês passado eu falava que ia mas acabei indo pro hospital com o Willian e sempre não dá certo. Mas essa entrevista é uma por semana ou como vai ser, é que tem outras coisas que eu queria falar mas não é tão importante. É que eu to pretendendo ir embora pra outra aldeia agora. Aqui tenho minha família, minha mãe, tudo, mas tem coisa que é bem diferente das outras pessoas, eu penso umas coisas que são bem diferentes, meus pensamentos, eu falo sozinha, alguém aconselha mas eu consigo assim, se eu penso numa coisa eu faço, porque eu to querendo ir embora também. Acho que é que, sou eu que cuido do Willian e ele fica comigo e tem outras coisas que quero fazer, eu queria voltar a estudar, recuperar o tempo perdido, mas num dá porque não tem ninguém que pode cuidar do Willian, olhar pra mim e semana passada a gente foi pra São Paulo e minha sogra ficou sabendo que a gente ia na CASA1 com ele e ela foi e pediu pra eu levar ele na aldeia pra ela ver, ai levei ele e fiquei boba de ver como ela fica com ele e descansei um pouco dele e não quis que a gente voltasse mais pra cá, ele [pai] pediu pra gente ficar lá. Depois de uma semana voltei e ele me ajuda muito, se pedir pra ficar com Willian pra cuidar, eles ficam, ai to querendo ir porque parei de estudar na quarta série e depois nunca mais voltei pra aula e agora to querendo voltar estudar.

Segunda entrevista:

A gente acorda de manhã e a primeira coisa que a gente faz a gente toma o café da manhã... A gente dorme em casa separada [sua casa], mas café da manhã e o almoço a gente come na casa da minha mãe... o café minha mãe que faz e o *typá* sou eu que faço, todas as manhãs. Mas minha tia também faz e, às vezes, quando a gente acorda já está tudo pronto. Desde os 12 anos aprendi a fazer o *typá*... Depois a gente arruma casa, vai lavar roupa... Depois eu faço os brincos, pulseiras... quando dá tempo... Eu aprendi [fazer artesanato] vendo os outros fazer. A gente compra e eu aprendi vendo. Todas as coisas que eu faço pulseira, brinco, jacaré, tartaruga eu que aprendi. Ninguém me ensinou. Eu pedi tanto para eles me ensinarem, mas ninguém me ensinou. Eu acabei aprendendo sozinha. Minha mãe faz. Minha mãe faz cesta, colar. Quando eu era criança eu morava com minha mãe. Minha avó contava que quando minha mãe casou-se com Claudinho, ela deixou a gente morando com minha avó, também para ela [avó] ajudar a gente, pois ela [mãe] estava em Ubatuba, e ajudava com o que precisava... comida, roupa... até uns 10, 11 anos. Depois a gente voltou a morar com minha mãe. Eu morei com ela até 13, 14 anos, depois eu saí da casa da minha mãe. Fui morar em outra casa. Sempre mudava de casa... Quando tinha 14 anos casei com uma pessoa e eu fui morar com ele uns sete meses. Depois eu fui morar na casa da Beatriz que ela morava aqui na época. Ai depois fui morar na casa da Joana, na Jandira . Quando eu fiquei lá na Jandira eu já tinha a menina. Foi aqui mesmo [Boa Vista] meu primeiro casamento... Minha avó era Teresa. Ela já faleceu. Uns três anos atrás. É avó por parte de mãe... eu vivi uma experiência que algumas pessoas ajudavam, algumas não. Para arranjar dinheiro eu me virava. Na época que eu não fazia artesanato, eu tirava palmito e eu vendia, comprava o que precisava. Eu aprendi indo com um grupo. Tenho medo de ir sozinha. A gente sempre ia, na época, quem tirava era eu, a Luisa que foi embora, Adriana, a minha irmã também já tirava na época... a Rosemeire... íamos tudo junto e vendia tudo junto. Quem tem sorte vende, quem não tem também não vendia tudo. Agora eu não vendo mais por causa dele [filho]. Hoje eu iria mas minha mãe não está. Eu não tinha com quem deixar ele e então não fui. Era mais de mulheres... mas, todo mundo colhe o palmito, não tem diferença. Quando eu tirava, era para vender e um pouco para comer também. Com palmito a gente comia com arroz, só arroz branco sem feijão... que eu gostava de comer. E um, tipo um cuscuz, que prefiro, é muito gostoso. É... farinha de fubá, o cuscuz. O almoço acontece na casa da minha mãe. Vão todos os filhos, os netos... Quem faz o almoço é minha mãe. Ela faz todo dia... e o Claudino também ajuda fazer. Ele cozinha mas é bem difícil... agora ele não ajuda muito porque ele quebrou o braço faz uns dois meses e, então, ele está se recuperando agora. Eu fico até umas duas horas da tarde aqui em casa, depois vou na casa da minha mãe, volto... umas três, quatro horas da tarde, a gente vai no campo passar e brinca um pouco... A gente joga bola com as crianças... É mais o futebol mesmo. Quando eu tinha uns 14 anos a gente jogava aqui... Depois eu fui embora e nunca mais

joguei. E eu comecei agora de novo. Tinha em outros lugares, mas eu não participava... Aqui eu voltei faz um ano e um pouquinho... Depois do futebol a gente volta e toma banho. E vamos para casa de reza. Primeiro fuma cachimbo, depois a gente canta, dança. Depois o grupo das crianças cantam, estão começando. Ontem mesmo elas cantaram. Foi bom, é bom ir na casa de reza. Quando a gente vai, a gente reza e dorme tranqüilo, em paz. Quando a gente não vai, eu mesma, por exemplo, se eu não for na casa de reza não durmo bem. É importante para mim. Quando a gente vai na casa de reza e se a Dona Santa não estiver na casa de reza, faz falta. Acho que é... Por ela ser... mais velha do que a gente. Importante o que ela faz na casa de reza, a gente se sente à vontade. Eu sei mais ou menos o significado do meu nome e Ara é nuvens. O Tupã sempre cantava. Quando a gente fazia apresentação na cidade, quando a gente ia para outros lugares, ele sempre contava o que significava, então, eu só guardei o significado de Ara. Tem um monte de nome mas é muito difícil guardar o significado. O Willian é Karaí Poty, mas eu não sei o que significa. O que mudou na minha vida é que eu era igual às outras crianças... quando a gente entrava na casa de reza os mais velhos sempre falavam que quando a gente entra na casa de reza, tinha que dar valor, saber o que é rezar e eu nunca me interessei por isso. Eu pensava que a casa de reza era só uma casa que não tem nada lá dentro. E pensava, mas o que será que é importante aqui na casa de reza... não estou vendo nada. Não dava importância na reza... entrava era só para brincar mesmo... brincava, corre para cá, corre para lá... Agora vejo que ir na casa de reza é bem diferente do que eu pensava antes. A gente não vê nada quando entra lá mas... é bem diferente, eu não sei como explicar. Agora eu entro lá e vejo as outras crianças também e é o mesmo do meu passado... De quando eu era criança. Eles entram brincam, conversam, contam uma história, um para lá outro para cá, e a gente fala que a gente não faz mais porque a gente já cresceu e já sabe o que é a casa de reza e eles não... Mas a gente tem que conversar com eles como que é a casa de reza, o que é... Na casa de reza? Eu me sinto... bem lá. Toda vez que eu tenho vontade de ir, eu vou. Eu acho que é os dois, porque eu faço [artesanato] porque eu preciso e outro porque eu gosto de fazer também. E quando faz, vende, e arruma alguma coisa. Eu acho que é importante continuar. Uma coisa que a gente começou a fazer tem que sempre ir fazendo... Porque senão, a gente pára de fazer e daqui para frente não vai ter mais nada. Eu mesma parei de fazer já faz uns três meses e perdi um pouco de vontade. Sempre que eu vou começar ele fica doente, tenho que deixar tudo o que tinha começado. Agora mesmo não estou fazendo mais nada. E ele está recuperado agora. Começando a dar uns passinhos. E eu tenho que ficar atrás dele. Agora ele está bem melhor. Estou recebendo o Bolsa-Família que é R\$82,00. Aí compro fralda, que ele precisa mais, alguma coisinha, roupa. A comida mesmo eu não ajudo a comprar. Por ser 82 não vale nem valor de 80. Nem vale como se fosse 40, 50 reais. Minha família ajuda um pouco. Alimentação quem compra é minha mãe e minha tia. Ela [tia] continua morando comigo. Ela ficou aqui enquanto eu estava em São Paulo... eu fiquei um mês lá porque eu gosto. Pessoas já me conheciam. Então... eu já faço parte, converso com todo mundo. Quase não saio também. Eu fico quase direto em casa com ele, ele brinca, fico olhando nele... só fui... na cidade quando ele ficou internado de novo. Ficou internado dia 16 e ficamos duas... uma semana e um pouquinho. Depois voltei para aldeia. E eu fui assim só duas vezes na cidade... Para pagar as contas... e depois eu fico mais é direto na aldeia. Lá eu também participava da casa de reza. A casa de reza é maior que aqui... tem bem pouquinho que participava. Maioria... Não sei se não interessa... já é costume de lá... Eu participava. Atenderam bem no hospital, perguntaram o que a gente estava precisando, sobre o que eles poderiam fazer para gente. E a medicação também, sempre perguntavam, o que era, para que, explicava tudo. Aquele hospital não é da Casai, é Hospital de Pedreira que chama. Fica quase perto da aldeia. É uma hora e meia. É, tudo longe lá. Recuperou-se bem, graças a Deus. Ele não precisou tomar medicação em casa. É da minha ex- sogra a casa onde fiquei. Foi tudo bem. Ela me ajudava muito, ela conversa, me pediu para voltar mais vezes, ela queria que a gente ficasse perto, para ela poder ajudar. Falei que eu iria embora de novo e pensaram que eu fosse voltar. Eu voltei [Ubatuba] porque o Willian tem consulta de novo lá em São Paulo agora na segunda-feira que vem [mas tem que ir pela Boa Vista], então, eu não queria perder essa consulta dele que ele precisa muito desse tratamento. Eu prefiro morar ... lá na Barragem. Morei em vários lugares. A diferença que eu sinto [das outras aldeias] é... aqui. Aqui tem que como ficar perto da cidade, bem próximo da cidade, então, acho bom morar

aqui, mas eu prefiro morar lá. É... pelas pessoas e pela minha sogra também. Às vezes, quando vou para cidade é para vender o artesanato, vai porque precisa, a gente tem que ir. Sempre ia mas, como, às vezes, vende, às vezes não, os branco acha o artesanato muito caro. A gente também vai na cidade para comprar alguma coisa, comida, por exemplo. O que eu acho difícil na cidade é vender o artesanato. Acho que é difícil na hora de ir embora... quando a gente ia embora o ônibus já tinha saído e a gente tem que esperar mais um pouco. O último ônibus é 11:45 [noite] e se a gente perde aquele ônibus a gente só tem 4:30 da manhã. A gente fica esperando lá, no terminal, quando perde o ônibus. Fica todo o tempo... sempre ia em grupo mesmo para cidade. É bem diferente... porque quando a gente vai na cidade a gente tem que olhar... quando vai atravessar a rua, tem que olhar os dois lados da rua ou se o carro está vindo ou não... aqui não, não precisa ficar se preocupando com a rua, com carro, ou de atravessar a rua. Aqui está tudo tranquilo. Acho que mudou tudo. Quando eu era criança... não pensava nada. Só brincar, conversar, rir. A gente ia sempre na cachoeira tomar banho todo dia. E agora não.. eu não vou mais para cachoeira, quase não tenho contato com minhas amigas. Eu só converso, o necessário. Não sei se sou eu que mudei... Nem com o Willian eu vou mais [cachoeira]... se eu levar também ele come areia. Mesmo se for casada ou sem marido, para mim não faz diferença. É bem melhor ficar sozinha do que com companheiro que, às vezes, não dá certo, mesmo que a gente está junto, sempre briga, então, eu prefiro ficar sozinha para ... ficar sem brigar... E quando está casado também não ajuda, aí eu prefiro ficar sozinha. Acho que a comunidade entende. A minha mãe mesmo não quer que eu case de novo, tão cedo. Ela me pediu um monte de vezes para eu esperar o Willian crescer mais... ter 4 anos. Não quero casar de novo agora. Eu acho que não, não, tenho certeza. Quando estou sozinha é bem melhor, quando quero ir passear tenho liberdade. Quando vou na cidade passear um pouco, tenho liberdade. Quando se é casado já é outra coisa. Quando quer ir ele não quer que a gente vá. Quando fala alguma coisa, ele fala que não. Bem, ao contrário, do que a gente quer fazer. Agora mesmo eu fui lá na Barragem não tinha ninguém para brigar quando voltar. Eu acho bom não ter um marido. Onde eu gosto de passear? Eu vou mais na casa da Jandira que eu quase passo o dia inteiro. A gente conversa, brinca, ri tudo junto. Na cidade não vou passear... eu vou muito só quando eu preciso ir. Onde eu sempre vou é no postinho. Ficar um tempo... às vezes, eu vou lá conversar com a Íris [enfermeira]. Deixa eu ver se eu lembro alguma coisa... eu só sei que uma coisa que eu não gosto de fazer é usar short, eu nunca usei. Acho que é só isso que eu não gosto. Tem algumas que usam [short] mas eu mesma não gosto de usar. Eu não sei porque desde criança que eu nunca usei. Ela [mãe] só usa saia. Ela [avó] também só usava saia. Eu só uso calça, de vez em quando, quando eu saio. Mas aqui na aldeia eu uso mais é a saia. Antigamente... Só usava saia mesmo. A gente não podia usar calça. Mas agora já mudou tudo... Tudo modernizado... Acho que a gente sempre comprou a roupa. Mas para fazer a saia... a minha mãe mesmo comprava tecido para fazer. Ela fazia saia para gente. Só a saia. Acho que... os homens sempre usaram calça. Eu acho que é importante... era para usar mais saia aqui na aldeia. E a maioria está usando a calça. Eu, por exemplo, na casa de reza, peço para usar a saia todo mundo... tem algumas que entram com short, calça... eu mesma quando vou na casa de reza, eu vou mais é de saia, por que já uso a saia... Fica melhor para dançar. Tem uma coisa... não é da minha vida, mas é das crianças. Que agora as crianças estão na escola e não tem professor branco, só tem professor indígena. Eu acho que poderia ter um professor branco para dar aula. Eles iam ter a língua portuguesa e a língua guarani. Quando eu era criança tinha professor não-indígena e indígena, então, a gente estudava primeira e segunda série em guarani. Quarta e quinta série estudava com professor branco. Então, a gente aprendia mais rápido a falar português, escrever. E hoje parece que é bem diferente. A minha sobrinha mesmo está estudando na quarta série, ela não sabe nem escrever, nem falar, só sabe ver e falar o nome e as outras palavras não. Eu acho que poderia ter um professor não-indígena aqui na escola, dando aula, eles iam aprender mais escrever português, falar. Mas pelo que eu vejo está difícil de ensinar... eu sei que é certo dar aula em guarani para não perder a cultura, para não perder a língua, mas podia ter um professor branco também... Acho importante ter os dois professores. Acho que não estão aprendendo bem o português com professor guarani. Nem escrever em guarani... acho que eles nem escrevem. Só na escola mesmo e escreve o que está escrito na lousa. Mas sozinho mesmo não escreve, não fala, não sabe o que é... eu mesma estudei até a quarta série, mas

aprendi quase tudo, não muito. Mas entendia o que era... porque escrever, falar um pouco, mesmo que esteja tudo errado. Eu escrevo um pouco... Em guarani não... Eu só falo. Mas aqui eu não interessei de escrever em guarani. Era o professor Roberto na minha época também. E era a professora Deise que foi embora para o Rio. Eu não gostava muito de estudar. Nunca fui muito de escrever em guarani. Era importante a gente aprender, mas não é todo mundo que se interessa saber uma coisa. Eu mesma me arrependi agora porque nunca me interessei de estudar, escrever. Eu tinha muita preguiça. Não era difícil, acho que eu não gostava mesmo. Agora descobri o que é não gostar! Ia na escola só para brincar mesmo. Um pouco do português... Eu aprendi a falar, a conversar... Quando eu fui embora daqui, eu sempre ia para lá e para cá... Eu tinha muita vergonha de falar quando a pessoa perguntava e só ficava rindo... eu não falava. Acho que tinha vergonha... Porque eu não sabia falar direito. Na primeira vez que eu falava, errava tudo, aí eu dava risada. Depois eu aprendi a conversar ... agora mesmo eu não tenho mais dificuldade de ir para longe. Antontem mesmo eu vim lá da Barragem. Eu não sabia para onde que eu ia para pegar um ônibus que vinha para cá, eu nunca tinha ido na Rodoviária Tietê. Fui indo e perguntando como que chegava... aí eu vim. Eu consegui chegar direitinho. Eu tinha que pegar o metrô para poder descer no Tietê. Eu peguei... Eu gostaria que quando o William crescesse que aprendesse os dois. O guarani e o português. Ele tem que aprender escrever e para talvez ele possa trabalhar fora. Aprender os dois, guarani, o português. Guarani é para não perder a cultura que a gente tem... Acho importante, mas... Se a gente não tem um diploma, a gente não pode arrumar trabalho. É, um monte de pessoas que eu vejo na rua, converso se a gente podia trabalhar fora. Eu falava que podia, mas não tem o diploma, eu só terminei até a 4ª série. Gostaria de trabalhar fora. Mesmo se eu trabalhasse fora, a gente continuaria morando na aldeia. A gente sempre vai morar na aldeia. E trabalhar fora, vai porque precisa, hoje em dia, já não tem quase nada para plantar. Quem tem vontade planta, mas agora tudo... é dinheiro. Para comprar comida têm que ter dinheiro... Comprar roupa tem que ter dinheiro. Acho que a gente sempre vai morar na aldeia, mesmo se trabalhasse fora.

Terceira entrevista:

Quando a gente vem vender a gente sai da aldeia umas quatro e meia da tarde pra pegar o ônibus de 5 e 40 e a gente chega aqui umas 6, 6 e 30, a gente arruma um pano pra gente colocar o artesanato, cesta, colar... É dividida por família, cada artesanato tem o seu dono, cada venda. Por exemplo, se a minha irmã vender a cestinha, é dela. Já é diferente. O dinheiro também vai pro dono, aí você não divide, cada um vende o seu. O dinheiro é da pessoa que vende. É, por favor quando fazemos para os outros. Eu acho bom quando dá pra vender o artesanato, sair um pouco da aldeia. Ver o pessoal de fora. Às vezes, a gente quase não vende nada mas a gente... sei lá, a gente fica contente de estar aqui, às vezes a gente vende. Faz diferença, saber que a gente quando está lá [aldeia] a gente vai na casa de reza a noite quando sai pra cidade a gente vai vender artesanato ou talvez o palmito. É bem diferente. Muda o dia a dia. É tranqüilo o movimento. Ele [filho] não estranha. A gente já é acostumado também de ver os brancos. Ah, quando eles chegam pra conversar, perguntam, a gente conversa normal, mas a gente mesmo não vai chegando e conversando. É mais quando eles perguntam como que é, como que é a reserva indígena, como que funciona, a gente explica como que é. Eu trouxe bem pouquinho. Eu trouxe [artesanato] mais é da minha mãe. Acho que é importante pra gente, a gente também já acostuma a vir toda final de semana. Então, acho que é bem legal a gente vir, e vez em quando vender. Parece que eles acham interessante, pergunta de que é feito a cesta, como que é... do que é feito... a gente fala. Pergunta como que é... A pena também chama atenção, pena de quê, se é pena de passarinho ou não é. Eles olham tudo. Ah, eu gosto... Tem coisas que eu não sei explicar direito, tem coisa que eu explico. Ah, eu falo assim, que... eu só explico mais ou menos porque eu não sei direito o nome, às vezes, como que chama a matéria prima. Cada matéria prima tem um nome. Aquele negocio de artesanato natural também tem aquele desenho tem um cipó natural, mas eu não sei o nome daquilo. Então eu falo que não sei o nome. Ah, só falo o preço do cesto, do chocalho, do colar, só... falando o preço, quanto que é. A gente que traz... eu trouxe o Jean pra me ajudar trazer a sacola de cesta. Ele vem e vai passear. Fica pra lá, pra cá dando volta. E ele também me

ajuda a cuidar o William. Levar pra passear um pouco. Pra ele eu não sei como que é, mas acho que é... mais ou menos. Ir longe de mim eu acho meio difícil pra ele ficar longe. Eu tenho medo das pessoas pegar ele [filho] e levar embora. É só isso que eu tenho medo. Ele gosta de vir pra cidade. É, a gente vem cedo. Hoje mesmo a minha mãe veio na feira vendeu palmito com minha irmã... meu irmão tirou do mato, não tinha feijão, não tinha nada, só tinha arroz e macarrão. Aí eu fiz só o arroz e o macarrão e o William não comeu quase nada porque ele tava dormindo. Eu acordei ele e a gente veio. A gente veio sem comer nada. Aí ele tava pedindo pipoca. Às vezes a gente vem com R\$5,00, R\$10,00, quando a gente não tem nada, se não tem, a gente vem sem um centavo mesmo. Hoje mesmo eu vim sem, nem tinha R\$1,00. A gente acaba indo sem comer mesmo. Fica com fome... Quando a gente vende a gente compra o que a gente quer comer. Daqui da feira... a gente não compra quase nada, não. Aqui da feira hippie? A ultima vez que eu comprei foi um colar de semente de... como chama? Açai e... outro nome que tem. Aquele vermelhinho. É... semente de pau-brasil. A gente compra mais é pra fazer brinco. É usar como material. A gente sempre vai embora uns 11 e 20 da noite pra poder pegar ônibus de quinze pra meia-noite. A gente junta tudo, a gente guarda tudo e a gente vai embora. Tem alguns que vão cedo. Que tem ônibus de 11 e 10 e 11 e 45. Quase sempre as mesmas pessoas. Ela mesma vem quase todo sábado. A gente quase não vem. É a... Helena. Ela também vende palmito, os filhos dela. A ultima vez que a gente veio foi em março, parece... foi em fevereiro ou foi em março. Acho que foi em março que a gente veio da ultima vez. A gente está começando vir agora. Esse pano branco é do Ailton. Aquela outra que está no painel já é... ela também é índia, mas é... etnia Pataxó. A gente conversa com ela também. É bem diferente a língua. O cachimbo e cigarro são diferente. Cigarro a gente pode tragar mais, mas o cachimbo não. É bem forte. Tontura e... como que é? Náusea. E eu fumo bem pouquinho. Eu não acostumei ainda. Quando eu fumo eu fico assim... É a gente fuma sempre juntos. Alguém pergunta. O que é cachimbo. Alguns falam que a gente usa maconha, mas eu falo que não é. Fumo de rolo. Ah, tem vez que tem pra vender, mas é difícil de vender. É, um tipo de árvore. Lá na aldeia não tem, como que chama? Pinheiro, aquele que dá... é feito de pinho. Tem que ter alguém específico pra fazer. Conhece meu irmão? Giovanni, ele é tímido... Nem com a gente mesmo ele quase não fala. Ele só fala o necessário. Participa um pouco das rezas. Ele é bem difícil de falar em português. Mas com os amigos dele ele brinca tudo, conversa. Mas com a gente ele quase não fala. Mais em Guarani. Eu gosto de fazer, de plantar as mudinhas que acho assim na beira do mato, pego mudinha de bromélia e eu planto. A que eu plantei já está florescendo, lá em casa. Não, bem embaixo da árvore, lá perto da casa mesmo. O Claudino também plantou uma bromélia pra ele, tem o nome de tigresa... sei lá. Ta bonito também. Já vingou. Plantou num filtro velho. Está bem bonito lá em casa. Eu gosto de flores, tudo que eu vejo na rua, pode ser no mato, eu gosto de tirar muda. Eu não sei porquê. Meu nome em Guarani é Ara. Ara é nuvens. Ele [irmão] trouxe palmito pra vender amanhã na peixaria. Ele vai ficar aqui até amanhã. Ah, acho que ele vai ficar na rodoviária e amanhã ele vem de novo. Cansa, e a gente fica com sono. Não, ele veio com o primo dele. Hoje mesmo dentro do ônibus ele [filho] tirou a sandália, a meia, fez assim e deu pro homem. Ele não pegou e tacou nele. Porque ele é assim se ele começou a comer alguma coisa, salgadinho, por exemplo, aí eu ensino ele dar pra todas... pras crianças e ele dá, e se a gente não pegar ele joga fora. Lá [aldeia] também ele usa sapatinho. Ele não pode ficar descalço que ele começa a tossir na friagem. Ontem também dormiu bem pouquinho. Chegou as meninas que moram lá em Campinas. Elas também chegaram lá em casa e perguntaram as coisas. Um pouco só... mas elas também fazem pesquisa de costume da gente... o que a gente acha de ter a casa nova... se é melhor que morar naquela casinha de antigamente. Eu falei assim, acho que não faz diferença. Não mudou quase nada. O costume continua o mesmo. Só mudou mesmo a casa. Qual que eu prefiro? Eu prefiro... se for pra escolher, eu escolheria essa casa mesmo que é bem, a gente fica mais à vontade e aquela casinha era pequena pra gente. Tem algumas casas que não estão pronto ainda, tem algumas que faltam porta, janela... Todo mundo vai ter. A minha irmã mesmo não tem ainda. Ah, frequentei porque é perto a casa da Maria Helena. É sogra da minha irmã. A eu gosto de passear lá porque a gente brinca, toda vez que eu vou a gente dá risada. Ah, a gente... não fala de coisas muito importante... a gente fala mais assim de brincadeira, besteira... Lá o enfermeiro perguntou: nossa o que você comeu que não deu pra fazer o exame... a última vez que

você comeu foi o que? Falei assim: não sei. Ai perguntou de novo: você comeu o que mesmo? Por exemplo eu comi pedaço de pão. Você tenta esconder mas lá na sala de exame eu descobri que você comeu. É, eles conversam quando vê se a gente precisa de alguma coisa, aí fala, conversa... É, eles tentam entender. Antes mesmo de a gente passar na consulta, o enfermeiro que acompanha a gente, já pergunta o que a gente sente, o que a gente precisa mais. A gente fala e quando chega na sala do doutor ele já fala que a gente precisa de passar não sei aonde. Brincadeira [na Maria Helena] é mais... de mim que eles falam... elas falam assim que... ah, nunca mais vou casar... como que é... você é encalhada, não sei o que... e aí a gente dá risada. A gente fala: ah, você precisava arrumar um marido e a gente dá risada. Engraçado. É normal, brincadeira. Eu queria falar também... sobre a feira hippie. Que, às vezes, a gente precisa vir vender e na hora que está enchendo a feira hippie, a gente tem que ir embora. Umas 11 horas da noite. E a feira hippie dura até duas horas da manhã. E a gente está vendendo mas tem que ir embora. A gente não tem lugar pra dormir... A gente usa banheiro... Ali [restaurante]... e quando chove também a gente tem dificuldade de vender... a gente tem que ficar só olhando. Ah, podia ter uma barracinha pra gente ou lugar pra gente dormir. Ah, pra usar barraca a gente tem que comprar, tem que pagar luz, tudo. É mais peso. É precisa mudar bastante coisa.

Quarta entrevista:

Hoje eu vim... como que é... ver se tem cartão [bolsa família] ou não. Eu vim à toa hoje. Não tem cartão e nem o dinheiro estava disponível. Então só vim passear mesmo. É, tem a bolsa família. Quem pediu foi a Nadia. Ela perguntou... a primeira vez... se o Willian fica doente, se eu tinha... alguma renda, eu falei que eu tinha da menina, só. Aí o dele eu não tinha. Perguntou... se eu arrumo dinheiro, do que eu arrumo... aí eu falava que era do artesanato, mas que o Willian fica sempre doente e eu nem tenho tempo de fazer o artesanato. Aí ela pediu, pra fazer pro Willian. Acho que faz mais de quatro meses que ela pediu. Vim ver se já tinha mas não. Só vai ter dia 18. A gente fica sentado na praça vendo o pessoal pra lá pra cá. Tava falando pra ela... ela falou que não sabe nada da bolsa família... ela ligou porque quer que volte e vou embora com Fernando amanhã. Ah, às vezes a gente entra na loja, vê o que tem de bom, a gente só fica olhando. Dando uma olhada. Depois sai, vai no outras. Às vezes a gente vai na [cidade]... E as coisas que a gente sempre compra. Acho que é só também. É só ficar aqui mesmo. Como você está? Eu vou falar assim: mais ou menos... porque facilitaria a nossa vida na venda do artesanato acho que seria um ônibus pra trazer, para levar a gente até na aldeia... é isso que eualaria mesmo. Eu falo assim, a gente precisa quando vem vender o artesanato, a gente tem que embora 11 horas. E não tem nem como vender direito por causa dessa hora. Então, podia ter um ônibus que levaria a gente até na aldeia. Ah, eu falava isso. A minha vida... acho que... eu gosto de vir na cidade mesmo. Como já falei, eu gosto de vir às vezes, mas eu não venho todo dia. Venho de vez em quando... sábado mesmo eu não venho direto, só às vezes. Faz parte vir pra cidade. Ah, eu deixei de mudar pra lá porque... tem uma coisa que eu não gostaria de falar... Lá é bem diferente. Já falei a outra vez que fica perto do bairro. A aldeia já não tem mato, não tem mais paisagem pra gente ver. Aqui na aldeia Boa Vista tem. Tem mato bem perto da aldeia. Mesmo assim eu decidi ir embora... É, eu preferia ficar aqui. Ah, só fiz um de artesanato. E vou continuar com o artesanato. É que na minha casa eu tenho [lugar] pra mim mesmo, pra Willian. A gente podia estar ficando em casa mas... pra mim está muito difícil... eu penso de ficar mas acho que não dá mesmo pra mim ficar. Eu me sinto... sei lá...

Quinta entrevista:

Antes de ir pro Jaraguá eu fiquei 13 meses lá na Barragem, e nesse tempo eu não fiz nada... O Willian estava [doente]... depois a gente começou a não se entender mais com os avós dele, com a tia... porque... ah, eu vou falar de outra coisa. Porque não dava pra mim ir passear. Se eu vou passear na casa das pessoas que eu conheço, eles não gostam que eu vou. Então, em setembro eu fui ver de embora de novo, procurar, procurar outro lugar que não seja, não traga problema, então, fiquei de vir embora... eu fui embora. Eu cheguei no Jaraguá e fiquei na casa de uma pessoa, acho que uma semana depois eu mudei pra outra

casa... fiquei durante um mês. Nesse tempo não dava... não dava certo, não tinha nada, fui dependendo dos outros, depois... ajudaram a fazer a casinha pra mim. Eu procurei uma pessoa, conversei, comprei uma casinha pra mim... paguei. Pediram pra terminar essa casinha. Eu não tenho minha casinha, as pessoas vão me ajudando, perguntava o que eu precisava, ainda davam o alimento... Está melhorando a minha vida. Antes ficava só dependendo dos outros mesmo. Comida, um monte de coisa era só [doação]. Agora não. Eu tenho minhas coisas, eu tenho privacidade, o que todo mundo precisa. Na casa dos outros eu não tenho privacidade porque não era minha casa. Toda vez que levava ele, quando morava na casa dos outros, eu perdia as minhas coisas, roubavam a roupa dele. Monte de coisa que eu perdi. Depois que eu morei sozinha melhorou bastante. Toda vez que eu saía ninguém entrava. Ninguém ficava incomodando. Acho que está melhorando... Em abril a gente ficou quase um mês lá no hospital... fiquei no hospital e quase duas semanas na casa da [avó]. Ele estava com pneumonia muito forte, estava no isolamento, fez o exame de tuberculose, ele não tinha. Agora ele está bem, engordando, comendo de tudo. Lá no Jaraguá é um lugar bem gostoso pra gente viver, mas aldeia bem pequena, mas tem tempinho pra gente jogar. A gente joga quase toda tarde quando não chove. Faço mais é isso. Lavo roupa todo dia, levo o Willian pra comer no Ceci. Todo dia quase mesma coisa que a gente fazia. Pro futuro? Acho que... gostaria que o futuro mudasse a nossa vida de hoje. Pra melhor. Porque lá no Jaraguá eu estou [bem], mas eu dependo de doação que o pessoal leva quase toda semana. Tô dependendo de doação mesmo... Então, gostaria que mudasse pra melhor, pra aldeia melhor. Viver um pouquinho mais longe da cidade, tentar plantar mandioca, milho, pra não ficar dependendo de arroz, feijão, macarrão. Todo mundo gosta. Porque antigamente não era assim. Não vivia bem no meio da cidade, não dependia do dinheiro pra arrumar [alimento]. Agora não. Precisa do dinheiro, precisa fazer o artesanato pra vender, conseguir comprar sapato. Falando da terra eu acho que... a gente vai mudar daqui, uns dois, três meses... é perto [o local], quase perto do... nome é Mairiporã. Parece que são dois, três quilômetros da rodovia. Parecia bem longe da cidade mesmo. Lá todo mundo vai mudar... todo mundo sonha que vai plantar mandioca, milho. Alguns falam que vai criar galinha, horta. Parece que tem duas cachoeiras perto da terra que eles compraram. Então, parece que vai mudar a vida dos Guarani daqui pra frente. Viver mais na aldeia do que perto da cidade. E tem outra coisa também que é bem... assim: tem família que está indo no centro, lá na Praça da Sé pra pedir esmola, todo dia vai com três, quatro filhos. Então, isso vai melhorar, vai ser bem longe. Até eu mesma estava indo lá no centro, mas eu não ia pra pedir esmola, mais pra vender, tentar vender um cestinho que eu fiz. Foi mais porque o Willian estava com gripe de novo. Acho que isso também vai mudar. Pro meu futuro, depois que o Willian crescer eu gostaria de voltar a estudar. Porque ficar dependendo dos outros pra alguma coisa não dá, não é todo mundo que dá pra ajudar a gente. A gente tem que tentar... alguma coisa. Gostaria mesmo de voltar a estudar. Um dia ter um trabalho... Gostaria mesmo. Mudar a minha vida pra melhor. Minha irmã, acho que mês passado ela veio. Ah, ela ficou feliz de ver o Willian, brincou com ele. Ela estava muito feliz. A minha mãe também veio. Mas eu quase não conversei com a minha mãe. Conversei mais com a minha irmã... um monte de roupa [ganhou] também, pro Willian... no mês passado. Depois disso eu não falei mais nem no telefone, nada. Pra mim conversar no telefone fica muito caro. E minha mãe não melhorou. Eu não sei como que está? O que é importante hoje pro Guarani é em relação à cultura. Porque a cultura Guarani... A gente não pode perder costume, a gente, Guarani está todo modernizado, usa roupa, já tem televisão, tem alguns que tem casa de alvenaria e a gente acha que já está tudo juruá, que falam. E a gente não pode perder costume e... como que fala... não perder a língua Guarani, sempre tem que continuar. Ah, eu gosto de ser... eu tenho orgulho de ser Guarani, eu nasci Guarani. Eu acho importante manter a nossa cultura, falar a língua Guarani e não misturar a língua em português. Mas o que é importante por mais que muda tudo, usa roupa, é importante manter nosso... até criança também estão perdendo a língua, não sabe mais o que é... não vê mais plantação, só vê... Conhece o lado do branco que do Guarani. Pro futuro... não sei mais o que falar.

ANEXO E DEPOIMENTO IRMÃ LUISINHA

Na minha congregação nós trabalhamos muito com pessoas necessitadas, pessoas pobres, o pobre, nós optamos pelos pobres e São Vicente de Paula que é o nosso protetor e nossa fundadora que é uma Condessa fundou essa congregação baseada tudo nos trabalhos de São Vicente de Paula. Então nossa congregação é das irmãs de São Vicente de Paula de Gysegem, que é lugar que tem na Bélgica, então, esse lugar chama Gysegem, então essa fundadora baseada em todo trabalho de São Vicente de Paula fundou essa congregação virada pro trabalho com os pobres. Então nós temos escolas, temos trabalhos em hospitais, asilos pra velhinhos, crianças abandonadas, todo esse trabalho que precisa e na minha congregação algumas irmãs tiveram contato com indígenas lá de Mato-Grosso, porque elas eram professoras, em Miranda, Pontaporã e começaram a ter contato com indígenas, na minha congregação foram pouco contato, eles iam à escola, alguns Terena, estavam estudando e iam à escola das irmãs e às vezes elas iam às aldeias pra visitar. Agora o meu trabalho foi (pode desligar um pouquinho, chegou uma pessoa). Então, eu fui morar em Mato-Grosso, mas eu não tive trabalho com índio, sou professora de matemática, dei muitos anos aula, fui para Mato-Grosso e como Vicentina, eu gosto de dar aula, a matéria também era uma matéria que gostava de dar aula, mas pra mim faltava alguma coisa porque na minha congregação a gente tem que ta em contato direto com pessoas pobres porque a nossa opção foi essa e em geral nas escolas, também tem crianças pobres que aceitamos, mas em geral você tem crianças de classe média pra alta, não é que a gente esteja discriminando, mas, e aula de matemática qualquer pessoa pode dar, mas lidar com pessoas necessitadas não é qualquer um, que aceita ou que quer isso. Então eu fiquei muitos anos dando aula e pensando, pensava que pelo menos a metade, em um trabalho eu tenho que fazer com pobre, necessitado, tanta gente necessitada na cidade, no campo, em todo lugar. Quando fui pra Mato-Grosso eu fiquei um ano em Terenos, perto de Campo Grande, aí um dia uma pessoa falou pra mim, olha, falou pras irmãs: Mas hoje eu vou levar vocês pra passear na aldeia dos índios, lá em Aquidauna. Falei, puxa, eu vou conhecer uma aldeia de índio e que são as pessoas mais sofridas do Brasil, porque injustiçados do jeito que foram, aí eu fui passear com aqueles padres e as irmãs lá na, visitar os índios. Ah quando eu cheguei ali, eu falei, nossa, é esse lugar que eu quero, é esse povo que eu quero trabalhar, Porque tem muita gente necessitada, mas cada um tem o seu, seu ideal, então eu gostei muito dos Terena, de conhecer os índios. E voltei sempre pensando, eu quero trabalhar com esse povo. Depois eu tive, uns outros contatos, assim de encontros com índios que passavam pela casa, lá em Mato-Grosso tinham muitos andando. Chegou no fim do ano vim para São Paulo, de novo, para lecionar, ali na Bela Vista, lecionava matemática e contabilidade, no curso de contabilidade que eu fiz também essa especialidade e sempre pensava, eu sou religiosa, tenho que obedecer, tenho que fazer o que a congregação pede, mas eu queria tanto trabalhar com índio e como eu vou fazer isso trabalhando em São Paulo agora. Eu conversava com Deus até, assim, de repente conversando com meu irmão, que um dia fui visita lá e falei ah eu conheci uma aldeia de índio lá no Mato-Grosso e ele disse, você sabe que tem índio aqui em São Paulo? Eu não sabia, e falei, não, não sabia; ele falou tem, eles vendem artesanato ali em Parelheiros, isso foi em 1976, quando voltei do Mato-Grosso. ele disse, se você quiser, nós vamos lá, aí montei na moto dele e fomos, fomos lá de moto; cheguei lá conheci os índios, primeiro índio foi, num vou falar o nome dele porque algum dia alguém pode escutar e, primeiro Guarani que conheci foi Nivaldo, lá de Barragem, a Barragem você já ouviu falar? A Barragem era uma aldeia que tinha só sete famílias, hoje em dia, tem mais de noventa famílias, já tem mais de mil índios lá e naquele tempo só tinha sete famílias e eles estavam tão necessitados, estavam abandonados por tudo que era autoridade, eles não tinham saúde, terra demarcada, as crianças, a gente ia lá, tinha sempre criança com pneumonia, além de ser periferia de São Paulo, aquele lugar era muito frio, hoje quando tem a temperatura baixa em São Paulo, então os termômetros mostram que o Krucutu e Parelheiros onde tem as aldeias dos índios é o lugar mais frio, quando aqui ta sete graus lá ta cinco, então é frio. As crianças tinham muita, muita pneumonia, morriam, e aí, mas na visita que eu fui, os índios a primeira coisa, em pensei em visitar primeiro pra depois pensar no que fazer, nós não podemos chegar numa aldeia de índio, um povo diferente, de cultura diferente e querer fazer alguma coisa de pretensão,

eu pensava, tem que conhecer primeiro, o que é o índio, a gente conhece de livro da história do Brasil e completamente diferente da realidade, daí, mas eles logo já mostraram o que queriam de mim, que era socorrer. Então meu primeiro trabalho com os índios foi de socorrer os índios, eu socorria um grupo, eu dava aula, tinha vez, que depois que eles se acostumaram, conheceram onde eu morava, às vezes eu tava dando aula, chegava três, quatro índios e ficava lá embaixo me esperando quatro, seis horas, espera eu dar aula de matemática e contabilidade no colegial, pra eu poder depois socorrer, porque quando eles, naquele tempo, 1976, se eles quisessem pedir socorro por eles mesmos, primeiro que eles não sabiam falar português, segundo, quando eles chegavam no hospital, logo perguntavam cadê a carteirinha de INPS, cadê seu documento, não tinha documento, não tinha registro de nascimento, nem isso não tinha, então, o índio achava naquela conversa que eles não entenderam nada e o outro também não entendeu, então eles não eram atendidos e voltavam pra casa sem ser atendido e morriam e assim era adulto e criança e outra coisa grave que tinha, tinha muita tuberculose, ela tava lá, tava direto, passava, passava, era velhinho, era criança, teve criança que nasceu, a mãe grávida, de tuberculose, nasceu a criança com tuberculose, já nasceu e no dia seguinte tava com pneumonia e no dia seguinte do nascimento, essa, por exemplo, faleceu porque não deu tempo, quando eu ia socorrer, também, da minha casa lá, naquela época, eu levava quarenta minutos, hoje leva duas horas pra eu chegar lá de trânsito. eu ia correndo mesmo assim, muitas vezes não deu, eu trabalhava com carro velho, era uma caminhonete, então de carro que eu socorria, naquele tempo podia carregar atrás e a polícia não proibia, então eu enchia atrás de teve uma vez que eu levei seis crianças e quatro adultos, dez pessoas dentro da caminhonete e fui pro Hospital São Paulo, tudo com pneumonia; atrás da pneumonia e o médico falava ta com pneumonia e depois era tuberculose por baixo, muitos ficavam internados e foi assim começando, isso durou mais ou menos dois, três anos, só socorrendo, levando, buscando pra quando tava bom, e eu dando aula também, eu dava muita aula, eu dava aula de manhã e de tarde, teve uma época que dei também de noite, tomava conta do curso a noite, então eu ficava limitada pra sair sábados e domingos pra Barragem, três aldeias na periferia de São Paulo naquela época. A Barragem, em Parelheiros, tinha a aldeia do M'boi mirim, que ficava perto do Jardim Ângela, graças a Deus essa aldeia não tem mais, hoje em dia, porque o bairro mais violento de São Paulo, tinha uma aldeia de índio, então tinha a M'boi mirim e a aldeia do Krucutu que também tava com pouquinhos famílias lá, mais tinha, então, essas três aldeias eu percorria. Só que com esse meu trabalho com os índios, eles mesmo me trouxeram pro litoral, porque o litoral também estava abandonado, tinha Ubatuba, São Sebastião, tinha Monguaguá não morava ninguém, era aldeia de índios, mas foi abandonada pelos índios, hoje tem, tinha Peruíbe que a Funai tomava conta só lá, tinha na época do Alvaro Villa-Boas, irmão do Orlando Villas-Boas, ele era o chefe do posto que tomava conta de todo o estado de São Paulo, lá em Bauru, então ele também era responsável por Peruíbe, única aldeia que foi reconhecida, os índios. A Funai, as autoridades, nem sabiam que tinham índios por aqui e tinha mais índios nessas aldeias do que lá e alguns que passavam por lá, mas lá era terra dos Tupi-Guarani que era outro também, que não é esse grupo. Ai eu, por causa de trabalho, de benzimentos, porque os índios também se tratam, naquela época se tratavam mais por benção do pajé, hoje foi incluído o trabalho também da saúde dos brancos, dos civilizados, mas naquela época, como eles não tinham, eles iam muito procurar esse pajé, muitas vezes eles pediram pra mim, ao invés de levar no médico, levar no pajé, e eu comecei, então, a viajar pra Barragem, São Sebastião, onde tem o pajé antigo D'djocó, que é do Tupi- Guarani, da tribo. Então eu comecei a trazer índio pra fazer o tratamento, teve muitos resultados, eu ficava admirada de ver o índio curar algumas doenças, agora tinha doenças que precisava, o próprio pajé falava, e eu sempre preocupada de preservar a cultura do índio, mas às vezes tem doença que o próprio pajé dizia, olha eu, já tirei a doença do índio, eles acham que o índio tem dois tipos de doença tem a doença que é do índio mesmo, espiritual, é mais espiritual, então, às vezes ela aparece como uma doença normal, uma dor aqui, um mal-estar, que a gente procura o médico, eles procuram o pajé; o pajé vai saber o que é, se é espiritual, se for, às vezes é espiritual e também uma doença de branco, então, o pajé fala, agora já tirei a doença espiritual, agora você pode levar, sempre a gente obedeceu a essa regra, primeiro uma pessoa doente tem que passar no pajé, depois que vai pro médico; isso foi um problema que a Funai não, às vezes o pessoal não entendia muito naquela época,

porque, por exemplo, se uma criança está com pneumonia, o índio não quer que leve no médico, porque primeiro o pajé quem vai falar, porque se levar ele no médico com doença espiritual ele não vai salvar lá, ele vai morrer no hospital, mas se ele passar no pajé, o pajé vai ver que, qual, ele pode ter as duas doenças, então o pajé vai tirar primeiro a espiritual pra ele ter força depois pra agüentar o tratamento do branco, então, isso que eu entendi logo no começo, então eu mesma já quando eles perguntavam se, eu to doente Luisinha, me leva, eu falava, você já passou no pajé, se passou tudo bem, e o próprio pajé já falava, olha Luisinha agora você pode levar, eu fui criticada muito porque eu levava no médico, até da igreja que trabalha com índio, assim com certo exagero, já que a tuberculose estava alastrada no meio deles e a pneumonia direto, então, não podia falar uma coisa assim, então...Então ontem eu tava falando sobre já o início do trabalho e falava sobre a saúde, como que era que os índios naquela época não tinha assistência á saúde eles às vezes tinha muita tuberculose, quase todos estavam contaminados por esta doença, quando nasciam crianças logo já pegava muita pneumonia, então a primeira coisa que eles pediram pra mim, era pra socorrer, então esse foi o início do meu trabalho, socorria muito, às vezes eu chegava de uma aldeia lá em São Paulo, uma vez eu cheguei daqui de Ubatuba levando criança com pneumonia, quando eu cheguei lá tinha telefonema de São Sebastião pra ir buscar doente, então, ficou muito apertado, depois eu ficava nas aldeias e os índios faziam a reza deles que se chama m'borai, e nessa época quem fazia muito m'borai rezava direto era Didjocó o cacique lá de São Sebastião, então cada vez que eu chegava na aldeia, às vezes eu chegava de tarde, saía de São Paulo eu dava aula, às vezes na sexta feira eu saía de São Paulo durante a semana eu não podia vir, mas quando terminava a ultima aula eu já saía, chegava às vezes anoitecendo lá, escutava na marta lá o canto deles lá bem longe, então aquilo me emocionava, chegava lá eles estavam rezando, dançando e cantando, a reza é a dança e o canto, o canto chama m'borai, comecei a aprender com eles, participar, sempre com a idéia de aprender a cultura deles, aprender não levar a nossa, a religião, porque como religiosa, como freira eu achei que não é certo a gente e chegar e mostrar nossa sabedoria, mas aprender a deles diferente então eu sempre respeitei isso e também para levar para hospital crianças ou adulto qualquer pessoa que tivesse doente, eu aprendi com eles sempre perguntar pro doente se passou primeiro no pajé, o pajé porque, eu não sei falei ontem das duas idéias que eles têm de doença, eles têm a doença do índio e eles falam que tem a doença do branco, então a doença do índio, sempre antes de descobrir o Brasil eles também ficavam doente, mas era uma doença espiritual. Pra eles, então toda doença era curada pelo pajé, então não tinha assim muito vírus, inclusive eles falam que antes não existia nem gripe, os índios não conheciam esse catarro que fica, mas eles tinham outras doenças, então era sempre pelo pajé, por isso que no início também sempre eu fiz assim, antes de, antes a gente esperava três dias, porque às vezes o tratamento em geral são três dias, a criança ta doente com pneumonia, mas tem outra também talvez junto por isso que ficou porque quando ta forte não pega, então forte espiritualmente também não pega e como a criança é fraquinha eles querem tirar primeiro o espiritual pra depois mandar pro médico, e é isso que foi a dificuldade da funai que quando começou a trabalhar de qualquer lugar a criança ta doente já quer correr com ela pra, muitas vezes eu ia socorrer, telefonavam pra mim pra eu ir socorrer, chegava lá eu pensava que o índio ia pedir pra ir pro hospital, eles falavam não eu quero que você me leve não é no hospital, eu quero que você me leva é na aldeia tal onde tem o pajé que eu quero que me dê, e às vezes eu ficava com medo da pessoa morrer no caminho de tão mal que tava, mas eu acreditando neles porque eles viveram tantos anos sem precisar de nós, porque que eu ia passar na frente e teimar e disser não tem que levar pro hospital tem que, nós temos que socorrer logo, eu levava pro pajé e muitas vezes depois que passou pelo pajé não precisava ir mais pro hospital, eu vi isso, muita cura, naquela época os pajés também estavam muito fortes, 1976, e o que atrapalha muito a força do pajé também, por exemplo, é a bebida alcoólica, então naquela época tinha menos bebida alcoólica, eles bebiam já, mas não era tanto, então eles diziam assim que a coisas do branco, as coisas do civilizado atrapalha muito a força deles, a comida, essa comida pesada do juruá, juruá quer dizer branco então dos civilizados, então essa comida pesada também tira a força espiritual deles pra tirar doença, um pajé forte continua. forte, mas se for um pouquinho fraco já atrapalha, a bebida alcoólica então atrapalha demais, eu conheci vários pajés que deixaram de ser pajé por causa de bebida alcoólica, bebeu demais, bebeu demais, não vinham mais, então eles falavam assim, eu

conversei uma vez com um, ele era um grande pajé daí ele falou pra mim, agora eu não sou mais porque eu esqueci, eles falam assim eu esqueci, esqueci de ser pajé, então todas as, tudo que é de invasão de cultural do branco, do juruá, do civilizado, tudo isso influi na cultura deles, até a comida, a comida é uma coisa muito difícil porque aqui, por exemplo, aqui os índios comia bastante milho, é o costume deles, não tinha arroz, feijão era mais o milho, tem várias comida do milho que eles fazem, então eles eram mais forte, tinha muita caça antigamente, antes de descobrir o Brasil então eles eram muito fortes, depois foi ficando fraco ficaram sem terra, ficavam andando, não plantava, veio à tuberculose foi nessa época que eu peguei o trabalho, e foi assim, eu fiquei socorrendo muito, uns dois, três anos direto, e com essa reza que a gente freqüentar e participar tinha uma reza, um ritual que eles fazem, o maior ritual deles é o batismo indígena, chama nimongaraí, eles fazem uma vez por ano no tempo do calor, no tempo do verão, então só pode fazer nessa época, então nessa época que eles estão mais fortes, você vê que a religião indígena ta toda ligada à natureza, então na época do calor chama arapuau, é na época que eles faz o nimongaraí, faz o batizado indígena, então nesse batizado tem muita cura, muita reza a noite toda, são três dias, três noites de reza direto e assim foi esse trabalho até mais ou menos em 87 que eu fui liberada da escola, as irmãs viram que os índios estavam, muitas vezes eu tava dando aula até falei isso ontem, não sei se eu falei, eu tava dando aula, quatro aulas em seguida e tinha índio me esperando para socorrer lá embaixo, porque eles aprenderam onde estava minha casa, às vezes já vinha, as vezes telefonava quando era muito ruim, quando era mais ou menos eles vinham e ficavam me esperando, até isso aconteceu tantas vezes, que uma irmã uma vez falou vamos dar um quartinho pra eles ficarem esperando, porque lá era na escola, ficava por ali, ficava mal alojado, eles me deram um quartinho com banheiro pra poder ele ficar me aguardando ali e às vezes dormia lá, por que a gente ia pro hospital e voltava tarde e pra ir pra aldeia aquele dia não dava, então já ficava lá e no outro dia a gente levava ou então espera o dia que eu podia ir, porque pra ir viajar, eu tinha escola, em 87 então eu fui liberada da escola, as irmãs falaram, vamos deixar ela só com os índios e eu fiquei só com eles, então melhorou o trabalho porque eu já ficava nas aldeias, participei mais das rezas, aprendi todos os cantos, dança com eles e fumava cachimbo pra ajudar, acreditando também, porque Deus é um só, o modo de rezar que é diferente, então muitas pessoas perguntavam pra mim, mas como que a senhora é religiosa e não ensina a sua religião pra eles, a senhora acredita nessas coisas? eu sempre falo, Deus é um só, o modo de rezar pra Deus o que vale é o que ta dentro, o espiritual, então se eu estou ajoelhada rezando com o terço na mão, é a mesma coisa de estar dançando e cantando que é uma alegria muito grande, naquela hora que a gente ta rezando, a emoção tudo, tudo isso é oração, eu posso rezar de qualquer religião, se a pessoa está rezando do jeito deles, agora a gente numa aldeia, por exemplo, introduzir essas coisas nós estamos estragando a vida deles, estamos atrapalhando a cultura, então sempre isso eu pensei, sempre respeitar, dar valor nas coisas deles, na língua, procurar aprender um pouco guarani pra dar valor, não ficar falando só português e naquela época a maioria só falava guarani não falava muito português, inclusive senhoras, crianças não sabiam falar português, então sempre respeitando, quando foi em 87, nessas rezas eu comecei a levar para nimongaraí, eles não faziam isso porque não tinham condições, mas como eu tinha o carro, chegava na época da festa era, não é festa, é um ritual guarani, o nimongaraí, muita gente fala festa do guarani, porque dança, canta, o Juruá quando vão assistir eles fala festa, mas é o grande ritual guarani, então eu vinha buscar aqui um grupo, levava lá e era uma alegria, porque uma aldeia ia visitar a outra pra participar junto com a reza, e começou a ficar aquele nimongaraí com muita gente, e alegria muito grande, e começou a surgir um tipo de liderança religiosa, então, às vezes o pajé ia numa aldeia, eu levava ele numa aldeia, lá fundava uma Opý Guasu, quando não tinha Opý Guasu, aqui, por exemplo, Ubatuba quando eu vim tem o pajé tudo, mas não tinha Opý Guasu, então, o Altino quando eu levei ele lá pra ver o primeiro nimongaraí do D'djocó, ele quis fazer também aqui, então foi aumentando, até que todo ano no fim do ano tinha aquela festa, então surgiu um pouco de trabalho religioso junto, e nesse trabalho religioso depois de alguns anos começou a surgir uma idéia de liderança, com a demarcação de terra, porque a vida deles pra defender aquela cultura, então nós começamos com os índios pedindo pra demarcar terra, porque tinha muito branco entrosado nas áreas onde eles freqüentavam, aqui por exemplo, ali na estrada tava cheio de casa de branco até lá embaixo, a terra

sempre tinha um dono que era um branco, quase todas as terras tinha um que deixou os índios ficar lá , mas não era que era dono, eles eram grileiros, como lá no Silveira tinha o Peralta que se achava dono da montanha inteira de todo o litoral lá do, perto de São Sebastião, aqui em Ubatuba tinha o Lacerda que era, ele dizia que ele era dono daqui, que trouxe os índios aqui, pros índios tomar conta do pedaço pra ele e pra fazer alguma cultura aqui, até cacau eles plantaram pro Lacerda aqui, só que a terra não era dele, a terra era do governo, então começou a surgir essa idéia de uma terra pro índio , e onde eles estavam, e nós começamos então a organizar umas lideranças pra lutar pela demarcação das terras pelos direitos dos índios e naquela época teve muita rivalidade, porque tinha umas ONGs que trabalhavam com os índios, então naquela época tinha o CTI, tinha o CIME, Conselho indigenista missionário, esse conselho de indigenista missionário é da igreja católica, é o presidente dele sempre é um bispo mas quem trabalha nas áreas chamam missionários, algumas pessoas, podem ser casais, podem ser jovens que gostam de trabalhar com isso, então eles se unem naquele grupo de, um tipo de associação , do conselho de indigenista missionário dessa ong, eles iam na, nas aldeias, não pra ensinar religião, eles iam também pra ensinar os direitos dos índios, muito bom isso daí , mas tinha certas coisas que, no meu caso por exemplo pra socorrer os índios havia muita critica que eles achavam que não devia levar pro médico, é o pajé que tinha que curar, só numa situação de extrema doença de tuberculose, não tinha outra coisa, tem que salvar a vida vale muito, muito mais do que ficar segurando uma cultura, porque a vida vale mais. Então teve essa divisão , eu continue fazendo porque eu achei que tinha que fazer e outra coisa que deu uma dificuldade, foi porque nós discutindo entre como demarcar uma terra eu disse olha quem demarca a terra é o governo porque essas associações, essas ONGs, falavam que eles iam demarcar a terra, chamava auto- demarcação, então os próprios índios iam demarcar, eles iam ver onde que é a área deles e eles iam fazer as picadas e tomar conta da li, só que não é bem assim que acontece, porque a intrusão dos brancos continuava, eles também brigava, então era perigoso até como aconteceu em alguns lugares que o índio entrou em atrito com posseiros, então sem autoridade, então eu falei olha quem demarcar a terra de índio é a Funai, é a Funai, é o governo, mas através do seu órgão que é a Funai, eles também vêm saúde, então começamos ir pra Brasília, pra demarcar, pra ver problema, resolver esses problemas de saúde, que ninguém tava dando conta, começamos a viajar pegava um líder de cada aldeia, no principio nos fomos de trem porque a gente não tinha dinheiro, mas um pouquinho que a gente conseguia, a gente foi de trem, chegamos lá sem muita alimentação na estrada, quando eles saíam também a família ficava sem alimentação, as mulheres às vezes ficavam com as crianças, elas tinham que se virar naquela época que tava, ia pra lá ficava quinze dias fora, isso fazia falta na aldeia o homem que tava sustentando, mas lá em Brasília no começo a gente tinha uma idéia muito ruim da Funai, mas a gente foi muito bem recebido, eles alojavam bem os índios que alimentavam direitinho, na volta dava passagem, isso depois de um tempo quando a gente ia pra lá, eles mandavam a gente ligar que eles mandavam o dinheiro pros índios poder viajar, e assim foi crescendo esse trabalho, começaram a vir visitas de engenheiros, topógrafos pra região, e acirrou mais aquela idéia de que não é pra mexer com a Funai, ONGs e os próprios o peralta mesmo que se dizia dono da terra lá, eles sempre falavam não procura a Funai não, que a Funai não vai defender os índios, não é que to defendendo a Funai não, porque a Funai fez muita coisa que em algumas aldeias, muitas coisa erradas, mas é o órgão que tinha que fazer é a obrigação deles, então começaram vir a demarcação, tinha a secretaria do meio ambiente lá de São Paulo, o CPI fazia tempo que estavam pra demarcar a terra, mas tava difícil naquela época, e eles deviam ter muita dificuldade porque não era do governo e essa alta demarcação também fica uma luta muito longa, então eu enviei a Funai e começou a demarcar, começou, primeiro começou a fazer a medição da área, então veio a visita, e acirrou muita discussão sobre isso , mas isso quando foi em 87 mais ou menos 88, teve a constituinte, foi uma representação muito boa através dessa, desse trabalho de liderança, foi feito a nova, o novo estatuto do índio e o trabalho da Funai, o interesse deles de demarcar a terra dos índios também aumentou, e começou então a demarcação das terras todas, sempre dividido com aquelas ONGs, não se juntavam, nós formamos uma associação chamada AGUAI, Ação Guarani Indígena, está associação foi a primeira que teve fundada em 84, e essa associação começou com muita luta dela pela demarcação das terras, pela união dos guarani, de todas as aldeias e a força foi maior , tanto que quanto a

gente falava, ligava pra lá que ia pra Brasília falar com o presidente da FUNAI era o contrario, antigamente era o contrario a gente ia pra lá ficava esperando ele atender agora a gente que liga e ele que espera a gente chegar, então melhorou muito assim, a passagem eles pagavam e fundaram, essa associação também desenvolveu muito aquela timidez que o índio tinha pra falar em publico, falar com o branco, eles tinham muita timidez, porque o índio ficou muito tempo isolado, abandonado assim das autoridades no litoral, depois eles ficaram falando tão bem que, aqui em Ubatuba tinha os políticos que admiravam muito o Tupã que é o filho do Altino, como ele falava igual a um deputado viu, foi até convidado pra ser da política mas ele não quis, porque desvia tudo, então veio a demarcação, veio a saúde que foi importante, a veio a primeira enfermeira ficar aqui e foi a Carla e já começou a tomar conta da saúde, depois veio o chefe do posto lá de São Sebastião, que foi o, aqui não teve posto, os índios não quiseram posto, só enfermeira, lá eles quiseram o posto porque a invasão lá era forte, era o peralta, dono daquela rede de supermercado e eles queriam que os índios saíssem de lá, então tinha que ter uma pessoa da autoridade pra enfrentar, então foi o Márcio primeiro chefe de posto lá dessa aldeia, e também veio a saúde pra lá, então nessa parte já foi caminhando, essa parte do governo da FUNAI, ouve uma época que a FUNAI tomava conta de tudo, de saúde, de educação e de agricultura do índio, só que agricultura nunca foi feito aqui, pouquíssima, mas porque também aqui é difícil, porque aqui é o tipo da terra pra cultura, uma plantação de milho, uma roça de milho só pode ser uma roça familiar, uma roça de milho grande pra se sustentar não tem condição, mas sempre então a agricultura foi mais familiar e de vez em quando tem uma ajuda da FUNAI, uma ajuda assim de alguma semente pra plantar e assim foi até a época da demarcação também, agricultura e saúde e demarcação de terra, e eu fui me retirando um pouco desse trabalho e partindo pra outro, fiquei muito na parte religiosa deles, e acompanhando trabalho de saúde, depois venho a escola, modificou muito a educação das crianças dentro da aldeia, a escola ela, ela modifica a cabeça das crianças, aquela educação que o índio tem ela tem um antropólogo, Padre Bartolomeu Meliá, ele escreveu um livro sobre isto, então ele fala que a educação da escola do branco, porque é do branco, não tem uma escola só pra índio, então essa educação atrapalha a cultura do índio e é verdade, então hoje eles lutam muito com isso, então eles tem que fazer a parte deles também, eu falo sempre pra eles, vocês tem que fazer a parte de vocês, por exemplo, tem uma dança que chama xondaro, tem a dança que da reza, não pode deixar as crianças participar disso porque elas são índios, tão na escola aprendendo português, aprendendo matemática, mas não pode partir só pra lá, não pode esquecer esse lado de cá, então sempre minha luta agora é essa e esses cantos assim eu não sei se você já viu esses cantos que as crianças cantam, tem o cantinho delas que é também religioso e elas tem apresentado fora, mostrando a cultura do índio, isso dispersou também muito, porque algumas tiveram idéias que viraram artistas e ouve uma evasão no trabalho na participação das crianças na roça, no trabalho de plantação, então hoje o jovem não ta plantando mais, eu vejo assim nas aldeias, você ao vê mais lavouras, só os mais velhos que plantam um pouquinho só, então vem o problema de saúde também porque nem que for um pouquinho de plantação, milho, de batata doce, de mandioca, tem que ter, agora tem famílias a maioria das famílias hoje não planta nada e vão comprar tudo na cidade e alimento que é bem abaixo do poder saúde, que dava a na cultura deles eles tinham aqueles alimento bem melhor, bem mais forte, bem mais natural, agora tem, o que ta me preocupando muito agora que as crianças e as próprias mães, os próprios pais e as vezes alguns compram muito salgadinhos pras crianças, muito doce, pirulito, bala, hoje, ontem mesmo tava vendo é bala pra todo lado, papel de bala, porque criança ta comendo muito isso, apesar que teve dentista aqui que sempre combateu pra eles não comer muito doce, porque além de dar muita cárie no dente, perder os dentes logo, a criança também perde saúde, muito sal, então eu fico falando isso hoje, hoje meu trabalho mais é esse, acompanhar e ficar falando o que é perigoso o que não é, o que eles devem aceitar dos brancos, muitas coisas devem aceitar, porque do jeito que eles estão vivendo hoje é impossível voltar pro antigo, a comida antiga, era importante aquela comida dentro da cultura deles era importante, mas hoje a caça já é mais rara, hoje eles tem que criar galinha, também não dá pra criar muito, tem que comprar aqueles frangos de granja que nós sabemos bem como é que é criado que nó mesmo já evitamos pra comer, tem que tirar pele aquela coisa toda, porque tem muita gordura, muito colesterol, muita e a saúde deles melhorou um pouco na parte de

assistência, mas na parte da comida ficou assim , como que eu vou falar agora, quando o índio mora na mata como aqui eles tem muita mais possibilidade de se virar, ficar mais independente, então ele pode plantar, ele pode fazer as coletas dele na floresta, caçar , ele faz o artesanato, ele tem o material todo na mata e o índio sabe fazer isso sem depredar, o guarani ele é muito delicado, ele vai colher uma inguira muita gente critica, a os índios também depreda a mata, fica cortando inguira e destruindo a mata, eles sabem cortar sem destruir aquela árvore, que ela depois sabe repor aquela inguira que foi tirada, o cipó imbé eles não arranca a planta como faz outras pessoas pra fazer o artesanato pra tirar a fita do aningaúba que chama, pra fazer a fita eles tira aquele cipó que cai lá do alto, então eles puxam arrebeta só o cipó, a planta fica lá pra dar mais , então essa idéia de que o índio destrói a mata não é bem assim, eles tem o cuidado de conservar, sabe viver com a natureza , e então eles fazem o artesanato, tem mais possibilidade de vida na mata, infelizmente tem muitos índios que vieram de outros lugares e foram se alojar na periferia das grandes cidades , em são Paulo nos temos três aldeias que estão na periferia, uma bem, bem no bairro do Jaraguá por exemplo ali é uma dificuldade pro índio viver ali, ali eles vivem dependentes, então isso me entristeci muito porque eles são pessoas tão dignas, tão boas no entanto eles tem que ficar vivendo como um tipo de favela ali, e muitas vezes, a gente vê índio pedindo ajuda na cidade, vende artesanato, o artesanato deles tem muito valor, mas quando eles vão com aquele pouquinho de artesanato vender na São Francisco, na praça da Sé, eles, pra eles não é, eles não acham que é deprimente eles ficarem sentadinhos ali na calçada, com as crianças, vendendo artesanato, mais o civilizado quando ele olha o índio lá, ele acha um mendigo, considera como um mendigo, então as índias às vezes estão com a cestinha pra vender, então passa um olha, num compra a cestinha, mas dá uma moedinha, e as crianças estão aprendendo agora, agora não já faz tempo, algumas crianças pediam esmola, estender a mãozinha e fala me dá um trocado, aprender cobrar, esse é muito deprimente, porque não é pro índio viver assim e eles depois aquela historia que fala assim, o índio num trabalha, o índio é preguiçoso, então essa historia que foi inventada desde a colonização, porque naquela época os índios também não sabiam trabalhar como branco , e eles também pegavam muita doença, então ficavam doentes, morria muitos índios com gripe, então aquela escravidão negra que veio pra substituir o trabalho que era pro índio fazer que o branco achava, então o índio foi considerado assim, não consideravam que eles tinham outro modo de vida, outra cultura, outro modo de viver, pra cortar uma árvore não cortava com moto serra e nem com machado, era com pedra, demorava muito mais e ele então pra fazer a casinha deles, ele usava o mínimo, cortava o mínimo, então quando o português chegou aqui o Brasil tava inteirinho, a mata, os índios vivendo aqui milhares de ano, a mata tava inteira, então não foram, muita gente fala, a os índios também desmata, quando o branco usa o índio pra fazer isso, sempre é prejuízo que vem da civilização pra eles, então quando o índio vive na mata a possibilidade de ser independente é muito maior, na cidade eles ficam dependendo, tem lugares que os índios ficam esperando essa alimentação, ajuda, porque não pra plantar, não dá pra fazer artesanato, quando eles vão plantar não tem pedacinho, por exemplo, essa aldeia do Jaraguá não tem nada, mesmo assim eles tentam plantar alguma coisa, não tem nada lá pra plantar, então não é o lugar, agora como que o índio era dono da terra o único que morava aqui, chegou numa situação de ficar num lugarzinho tão pequeno pra viver, ali passa aquela, barulho muito grande, que é aquela estrada, tem a anhanguera que vai pra Jundiáí, então tem aquela Bandeirante estrada que vai pra Jundiáí, pra Campinas, ela passa bem ao lado da aldeia, mas bem assim uns metros, quer dizer faz um barulho terrível direto, dia e noite, do lado de baixo tem a estrada turista Jaraguá, também muito movimento, então é muito barulho dos dois lado, é uma aldeia barulhenta, o índio precisa de silencioso, como aqui ó, então lá tem uma reza muito forte, tem o pajé forte, ele mantém a reza, mantém aquela cultura sabe, mas é bem difícil , depois as casa são muito junto uma da outra, não é o costume do guarani, quer dizer tudo saiu do costume , mas assim mesmo eles lutam pra conservar a cultura e a dependência é a falta de terra, a falta e o lugar pra eles trabalhar, quanto mais eles ficarem perto da cidade, mais dependentes dos brancos, e vão adquirindo novos costumes, costume de comida pras crianças por exemplo, comer as coisas que os brancos comem porque ta prejudicando os próprios civilizados, é, esses iogurtes, essas comidas salgadas, frituras que a gente ta, que os médicos ta pedindo pra nos mesmo evitar dar isso pras crianças, e os índios às vezes não tão sabendo bem isso

vai pra cidade e volta com aquele monte de coisa , agora esses uns que tão na mata já é menos, mais na cidade é pior ainda, porque ta pertinho , bebida alcoólica aumenta muito, começa a violência, intrusão dos brancos, miscigenação, tudo isso, isso eu vejo e fico muito triste, preocupada porque o índio tem o direito de viver, por isso eu me dediquei pra eles, faz mas de trinta anos que eu estou com eles, eu assisti muita modificação, na aldeia, na vida deles a criança é o centro da atenção deles, então a gente vê que na aldeia deles não existi em todas as aldeias criança abandonada, criança jogada, quando acontece alguma coisa com os pais, ou separam ou morrem a criança fica sem pai, nem mãe, sempre o tio ou o cacique toma aquela criança pra eles, e cuida dela como filho mesmo, ela não tem diferença, e quando a gente pergunta pra eles, quando filhos você tem? Ele fala o número de filho que tem, contando com aquela, quer dizer não tem separação, ele é criado igualzinho, então não tem criança abandona, não tem velho abandonado, não tem asilo pra velho e nem orfanato pra criança, então a gente devia aprender isso com eles, a gente vai lá ver lá em São Paulo, quanta criança vivendo na rua, de baixo daqueles pontilhões, às vezes juntos com os pais, às vezes sozinhas, às vezes elas fogem de casa porque não agüenta e fica vivendo na rua aprendendo delinqüência , então nos devíamos aprender isso ter o cuidado com as crianças, muitas vezes essas crianças sofrem também, porque a bebida alcoólica é que faz muito sofrimento também na aldeia, como faz lá na cidade dos brancos e também surge doenças, como no caso, quando era a paralisia infantil, lembra. Da FUNAI , qualquer coisa assim que eles precisam ver conversar comigo que o que a gente pode fazer, faz , mas eu já deixei esse trabalho pra eles, eu fui junto com eles procurar isso pra eles fazer, então eu agora fico mais nesse acompanhamento e eu percebi que na parte de saúde e na parte de educação todas as aldeias vivem e já estão fazendo parte disso também, são professores, eles são agente de saúde, então já ta caminhando, mas na parte de auto-sustentação, essa que eu não vejo trabalho de ninguém, então eu fiquei mas nessa parte, eu também dou ajuda pra eles, às vezes, teve uma época que trabalhava com cesta básica, mas sempre usando pra fazer trabalho, a gente fazia casa, fazia ponte, essa Opý Guasu aqui por exemplo olha, eles ganharam a telha dos políticos das cidades, a madeira, mas você não podia fazer que não tinha dinheiro pra isso, mas pra trabalhar tem que comer, então eu trazia o alimento pra eles fazer trabalho, vinha todo mundo, muita gente, a gente dava a cesta básica ou o alimento que trazia, eles iam ter comida pra família por quinze, vinte dias , esses que iam trabalhar aqui e eles também tinham alimentação, podia largar e fazer artesanato, podia deixar de fazer a roça deles, pra vir fazer esse trabalho da religião, porque se não fosse assim eles, não vinha trabalhar, porque tem que cuidar da família, então foi assim que eu sempre pensei, não dá como lá nessas aldeias, dá pra comer, dá pra comer, independente, é um trabalho e ajuda só, hoje já não tem mais cesta básica, então muitos médicos quando cuidavam dos índios, falavam assim, olha o que vocês comem lá, precisa comer verdura, índio não tem costume de comer verdura, é até uma dificuldade comer verduras pra eles, comida dos índios sempre foi a caça , a pesca, aqui não tem pesca também, porque é litoral, só tem no mar e os índios não são de pescar no mar, então eles tem que criar galinha, porco também, eles não se adaptam muito com esse porco, ele a caça também, tem o porquinho do mato que é diferente, a carne é muito melhor, é só carne, não é aquela banha de porco, mas eles também comem isso , mas quando eles compram ou quando alguém traz faz um, raramente comem carne de porco e carne de gado é muito caro e os médicos tem passado isso, eles tem que comer uma carne forte, de caça ou de gado, não pode comer só frango, ainda mais frango comprado de granja e verdura era quase nada, teve uma época que teve um índio aqui que ficou com cirrose hepática muito forte e o medico quando ele melhorou falou assim, você tem que comer verdura, comecei a fazer a primeira horta, então nessa parte de auto- sustentação eu dou uma mãozinha pra eles, eles mesmo que tem que se sustentar com a plantação deles e tem outra agora, agora muitos tem INPS, aposentadoria, então já ajudou pra eles comprar o que precisa, só que alguns pararam de roça e só compra as coisas da cidade, tem que ter alguém pra alertar os índios sobre o problema dos salgadinhos das crianças, desse pirulitos, dessas balas, desses doce, muito doce, o doce deles antigamente era só o mel, o mel era o doce deles, agora tem muito tipo de doce, até nós evitamos, então tem alguém pra fazer isso, agora nesses últimos tempos estão fazendo horta incentivando eles a comer verdura pra ajudar na parte da saúde, então hoje nós estamos terminando três hortas aqui em Ubatuba, tem uma lá no Mauricio, outra lá em cima na dona Irma e tem outra lá aqui no Venâncio, mas já

houve muitas hortas aqui anos atrás que eu fiz , e depois que começou esse trabalho do CDHU pra fazer essas casas , atrapalhou bastante, porque vem o burro pra trazer essa, os tijolos, material de construção aí o burrinho que traz, porque carro não entra aqui e pra trazer nas costas é muito difícil, então eles vem, tem uma meia dúzia de burro que trabalhou , morreu burro, morreu dois burro , fiquei morrendo de dó dos burros, carrega tijolo, cimento, pedra, pra fazer essas casas , esse material foi tudo os burros que trouxe, e esses burros ficavam tudo solto aqui e começaram a comer roça, comer palmito, comer tudo que eles plantavam, e um pouco a roça também, se bem que a roça é cercada, houve uma atrapalhação, agora que nós estamos de novo começando a fazer horta e já estão com as casinhas algumas prontas, já estão morando em algumas , e de vez em quando eles param o trabalho, a gente fica esperando então vamos fazer horta , agora voltaram a fazer trabalho, tão fazendo a parte de cá, porque isso daí vai dar uma grande modificação na cultura deles, esse modo de casa, a casinha também aquela tipo, por isso que a Opý Guasu tem que ser de terra, muitos não estão gostando da telha, mas a telha não tem problema por ela também é da natureza é barro , é o barro, não pode aquela telha de brasiliti, então eles estuda tudo isso na cultura deles, a telha ainda pra gente ter porque ela dura muitos anos, porque que eles optaram pra isso, porque aqui não tem sapé, tem um pouquinho, não dá pra cobrir casa, então eles pegam guaricanga que é um tipo de uma palmeirinha e dá no máximo uns três metros de altura e ela tem uma folha forte com essas folhas eles cobriam as casas com guaricanga, só que cada dois anos, cada ano tinha que trocar, então a guaricanga também demora muito pra crescer é como palmito, é demora quatro, cinco anos, até mais pra ficar adulta e dando folha, depois você corta aquelas folhas, também vai demorar, então quer dizer, chegou num ponto que aumento a aldeia, aqui era sete famílias, hoje ta mais de trinta, então aumentou muito a comunidade, então aumentou a procura dessa guaricanga e ela tem muito pouquinho não deu, então eles optaram por essa telha, mas no auguaçu eles querem que seja de, alguns lidera religiosos quer que seja de capim como antigamente, mas isso ta incluído na cultura deles , tudo, alguns como as crianças estão estudando, estão ficando sabidas na parte de ler e escrever e os pais não, o que que acontece, a sabedoria deles acha que ta maior do que a do antigo, então começa a surgir, começou a surgir não muito forte, mas é uma coisa bem sorrateira assim de os índios antigo não isso, não sabe aquilo , então sem o trabalho desses antigos em cima dessas, dessa aprendizagem que eles tem lá na escola, sem o movimento deles pra ajudar criança, elas vão virar pro outro lado, vão ficar só dando valor nas coisas do branco, então por isso eu fico incentivando as crianças a fazer isso, não pode parar a reza, vamos reza, vamos cantar, lá tem o tatapua das mulheres, lá tem o mbaracá, o violão, tem o todo os instrumentos pra não deixar , eu fico incentivando isso também em todas as aldeias que eu vou, agora ultimamente meu trabalho diminui muito porque tudo ficou mais caro e a uma verbazinha que eu tenho das irmãs que trabalha não dá, então eu não estou indo em várias aldeias por isso, só aqui em Ubatuba, faço umas visitas em São Sebastião, faço mais umas pouquíssimas visitas no Krucutu que uma das aldeias da periferia de São Paulo, mas que ta um pouquinho mas afastada e deixei a barragem há muito tempo que foi aonde comecei o trabalho, lá hoje tem mais de mil índios, então você imagina como é que misturou , então a dificuldade, eles devem ter muita dificuldade, mas de fez em quando eu encontro com eles, em algum lugar ou então raramente eu vou visitar porque não da tempo e não sobra dinheiro pra você ir, eu mudei pra um bairro muito difícil lá em São Paulo, São Paulo também mudou muito, uma, quando eu vou pra aquelas aldeias da periferia, mas difícil pra elas do que você pegar um carro, pegar a estrada e vir pra uma aldeia no litoral, outro dia eu fui pra Krucutu e sai da minha casa, levei quase três horas pra chegar na aldeia, pra atravessar São Paulo inteiro com aquele transito, então isso vai fazendo a gente modificar o trabalho e deixar, então eu achei melhor ficar com pouco e ajudar nessa parte de religião, de sustentação e mais no que eles precisarem, surgir algumas índias que queriam aprender ler e precisar a ler, porque crianças de oito anos ta lendo e não sabe ler, não sabe explicar alguma coisa que a criança fala, não ta sabendo, ta ficando pra trás , então quer saber e faz muito bem delas aprender ler, e aqui dentro, eu peguei umas folhinhas da aula de alfabetização,mas agora eu fiquei muito contente porque quando eu vim dessa vez, eu já vim preparada pra dar aula, fiquei muito contente porque tem um índio que veio de Silveiras pra cá e ele vai dar aula para adulto, então, os adultos vão poder estudar e nesse meio de adultos que eu dava aula surgiu a Mariana, ela veio até pedi pra mim que ela gosta de,

então eu comecei a pensar o que eu poderia fazer pela Mariana, percebi como ela melhorou, como ela está melhorando bastante, ela é uma menina esperta, entende tudo que a gente fala, ela não fala, mas entende português e guarani, você fala com ela e é muito alegrinha, fica muito contente quando a gente se dedica assim pra lá, então eu agora pretendo continuar com ela, quer dizer eu agora eu vou me dedicar mais pra lá porque eu vou ter tempo, quando tinha meia dúzia de alunos eu tinha que me ocupar com eles, agora que eles vão ter aula de adulto eu vou ficar mais com ela e posso também auxiliar qualquer coisa que eles precisarem, então meu trabalho está resumido à isso. Olha no Brasil a perspectiva de vida pra todo mundo ela tem é bem duvidosa pra todo mundo, para os indígenas é em duvidoso também tem que ter uma força muito grande religiosa no meio deles para que eles na perca a cultura, o Guarani ele é famoso porque o Guarani foi contatado já desde a colonização desde o início e ele conservou até hoje muitas tribos desapareceram, foram exterminadas, muito índio acabou, mas o guarani, muitas tribos estão sendo ainda descobertas hoje, tem tribo que nos ainda não conhecemos tão vivendo na Amazônia, algum lugar escondido por ai, mas o guarani ele foi contatado há muitos anos, então os escritores, os antropólogos que trabalham nessa parte de, muitos escritores falam em seus livros sobre guarani, elogiando esse povo a religião deles muito forte , eles acharam um jeito durante todo esse período de viver no meio dos brancos sem mostrar que, muito que ele é um índio que preservou a cultura, às vezes ele ta na cidade ninguém pensa que, olha lá um coitado é o índio, então ele conseguiu conviver sem muitos anos, sem deixar muita intromissão dentro da cultura deles, isso foi desde a colonização até alguns anos atrás, ele era bem fechado, dentro da auguaçu não entrava ninguém branco essa casa aqui é sagrada, não podia entrar ninguém nem a reza também ninguém podia entrar, o pajé nunca bem via ninguém perto de ninguém, e canto deles até hoje eles não querem que grave, o canto do *m'borai* das crianças, então os pais quiseram perceber, do *m'borai* não, porque, eles falam que Deus não quer essas coisas então eles fazem as curas tudo escondido, então essa intromissão dos brancos começou de mais, foi de uns anos pra cá, a necessidades que eles tinham de algumas coisas também colaborou, então eles precisavam de tratamento de repente precisou de um encanamento de água, vieram aqui e viram que a água é assim assado, tem que fazer encanamento, fazer caixa d'água, fazer privada, sabe, só que eu já percebi aqui que a privada, tudo bem tem que privada , só que a privada ela tem o esgoto, só que o esgoto vai cair igualzinho o de lá, o esgoto por mais que você faça aquela caixa um dia ele vai estourar, vai descer, eu já, eu já vi lugar que já estourou e já foi pro rio, já mino pra lá, então aqui já aconteceu algumas coisas assim de esgoto mais o, já foi encanado também, mas já houve vazamento, então essas coisas também fica introduzindo, agora as casas e a escola depois da fundação da escola foi uma invasão bem muito, já falei que houve um prejuízo na educação , as crianças eram mais calmas, elas entravam aqui na auguaçu era tudo mais calmo, hoje elas já são elétricas, numa parte é bom em outra parte, então por isso que tem que, na parte de cá da cultura deles tem que pagino também pra não deixar dominar a outra , pra conservar a cultura tem que acontecer isso, então houve muita invasão, de comida, de bebidas alcoólicas principalmente, de guaraná, coca-cola, essa coisarada toda e invasão de conhecimentos, invasão de interesses de pessoas que vem na aldeia que pra adquirir alguma coisa pra eles também , mesmo pessoa que ta estudando gosta de vir aqui, então aqui todo tempo do índio toma, toma não no seu caso que no seu caso é a saúde é outra coisa, no caso de vocês da, estão ajudando, se não fosse isso também como é que ia ficar com aquela tuberculose tinha que ter, só que então a gente ta observando isso, os erros que tem e a perspectiva que eu tenho é que vai depender deles se eles tiverem muito amor à cultura deles, a vida deles, essas crianças que estão nascendo hoje, às vezes eu fico pensado o que será que os pais quando nasci um nenenzinho hoje vai pensar, eu quero que meu filho seja o que, índio, ele nasceu índio ele tem o sangue de índio, mas será que vai ser índio, se eu não segurar esse aqui, se eu não segurar a cultura ele não vai ser um índio guarani, então vai depender deles, então não da pra você fazer uma previsão como vai ser o futuro deles, eu rezo pra que seja bom pra eles, que eles não percam aquela fé que eles tem em Deus , na cultura, dentro da cultura deles a religião é um elo muito grande principal , tem religião que a cultura vai embora , por isso que nos temos que respeitar não tocar na religião deles, nos podemos até participar deles mas não trazer coisas pra eles, então tem muitas religiões que tem nas aldeias, que agora eu estou preocupada porque teve muitos

crentes que vem aqui e ensinar a ser crente, ninguém vai se salvar se não é crente, as cabeças das pessoas, então, vem na aldeia e quer salvar o índio, fala assim eu vim pra salvar o índio, então isso ai é muito ignorância, porque o índio ele é filho de Deus, Deus criou igual todo mundo, cada dentro da sua cultura e nós o civilizado ele quer que seja tudo massificado como , com a idéia de que seja tudo uma coisa só, agora a religião tem respeitar a religião deles, a língua deles , respeitando isso ta respeitando os índios, da respeitando a cultura, está preservando eles, agora eu tenho me preocupado muito porque teve uma aldeia, que chama aldeia do Peruíbe lá teve o, em 1950 começou a invasão de religião, invasão tudo quanto é tipo de religião, crente, é todo tipo de crente, muitos divisões que tem os crentes e teve também invasão de espiritismo, então isso me preocupa porque vai mexendo com o centro da vida deles, da religião , então às vezes tem espíritas que vai na aldeia, porque o espiritismo tem vários tipos de espiritismo tem uns que é bom , mas tem uns que são bem, às vezes esses que são bem adiantados assim no trabalho de espiritismo eles querem o índio, eles falam que o índio é espiritual, então vai procurar a força do índio, fica invadindo a aldeia e fica querendo que o índio faça mágicas como eles, aquelas coisas, já aconteceu aqui também, ta acontecendo então isso me preocupa bastante, por isso que essa perspectiva de futuro vai depender muito deles, de algumas pessoas que fica dando conselho pra eles como que tem que, porque no mundo de hoje nós mesmos ficamos tão perdido, imagine os índios, agora tem televisão, tem computador, tem tanta coisa que ta invadindo dentro da cultura dos índios, tem muito índio aprendendo todas essas coisas e esporte também, tem esse jogo de futebol é uma coisa boa, mas o índio em fez de ajudar na roça o pai ou a mãe fica lá jogando futebol o dia inteiro e não leva a nada, porque vai levar aonde, leva que quebra perna, quebra braço, há pouco tempo acabou de sarar um, quebrou o braço aqui no futebol e noutras aldeias, quer dizer eles tem que se divertir também, mas não pode ser exagerado, eles tem uma diversão deles que é a dança deles o xondaro, e tem jogos deles, tem luta deles, então deixa isso pra ficar jogando futebol que gosta, e eles a maioria das aldeias ficaram atento nesses jogos olímpicos, mas isso é importante também claro, só que não é deles, então, pode até fazer mas sem exagero, quando algum branco vem na aldeia, por exemplo, vamos supor que vem aqui, olha vamos organizar um time de futebol, agora vocês vão ser jogador tal eu já fico preocupada, porque ta tirando o índio do costume da vida dele e as roças te falar viu, inchada se você contar aqui quantas tem é, tem acho lavoura disso ai, em todas as aldeias, em São Paulo é zero não tem nada, pro índio fumar tem que ganhar o fumo, pro índio reza pra fuma o cachimbo pra benzer tem conseguir o fumo, porque tem lugar que ele faz o fumo o próprio índio planta e faz, agora como é que vai plantar fazer isso na periferia, pra ele, pra ele, vamos supor que tenha algum lugarzinho pra fazer roça, vai ter que ganhar enxada porque eles não tem dinheiro pra comprar, ele não tem artesanato pra vender, eles não tem, então ou não faz nada ou então ele fica, ai vem aquele nó, o índio é indolente, esse nome que usava, preguiçoso e ele não é preguiçoso, o índio ele é trabalhador, só que ele não é igual ao branco assim com horário, com aquele exagero de, que também o branco vive a vida, ele não vive, ele não vive com a família, fica só trabalhando, sai de manhã, depois volta de tarde, com esse trânsito de São Paulo por exemplo eu fico imaginando que vida essa homem tem, chega em casa, sai de manha a criança dormindo, volta de noite a criança já ta dormindo ou assim ta na televisão e nem liga quando ele chega, e tem isso ai, então essas influencias que vão dentro da aldeia vai prejudicar demais, mas eu rezo e espero que eles consigam atravessar, se eles tiver fé em Deus ele vão conseguir atravessar essas crises e feliz, perpetuamente, agora quem é que tem segurança nessa vida, nem os civilizados não tem , alias nos temos um pensamento bem negro pela frente, do jeito que os brancos tão fazendo, os brancos a gente fala branco mais é civilizado , tem negro junto, você vê é, tem negro tem várias, tem vários povos , você nos outros países estrangeiros a poluição como está, tão acabando com o mundo, tão acabando com água, tão acabando com tudo, então nós também não temos uma perspectiva de vida , a recentemente vieram aqui na aldeia fico todo mundo assustado por causa dessa usina nuclear que tem ai no Angra dos Reis, ai eles vieram aqui não sei se você soube, vieram aqui falando que tinha que arrumar uma outra terra porque aqui é um lugar de perigo por causa da usina nuclear, ela ta dentro do diâmetro que foi medido pra, lugar de perigo, perigoso ficar perto dessa angra, então tem três aldeias pra lá, Angra dos Reis, Arapongas, Paraty mirim e mais umas pequenininhas que tem pra lá, ta tudo pertinho de Angra dos Reis , então que futuros nó vamos ter , e nó temos só essa,

porque agora diz que vai, eles vão fazer funcionar a terceira, vão começar, tão construindo a terceira usina, ai vai ter luz com toda força, porque até agora tem funcionado com a metade da força não é isso, tem um negocio assim, e que agora vai ser com toda força e o perigo desse lixo atômico essas coisas e tem só uma, imagina se tiverem a idéia de fazer outras, agora a perspectiva de vida do guarani é essa que eu to falando, mas veja a perspectiva de vida dos índios que estão na Amazônia, no Mato Grosso, Roraima, a gente lê nos jornais como que estão destruindo a natureza, a Amazônia então podia, não adianta dizer que ta controlado que de repente eles mostram lá na televisão tudo que tão fazendo lá na Amazônia e os índios pegando doenças, os índios do Xingu que a gente achava que tava seguro, eles estão passando uma série de filmes de cada tribo que mora no Xingu, são dezesseis tribos, cada tribo que tão sofrendo de influência mas do que aqui, muito mais, eles falam também desse problema de escola, de criança lá quem da aula são os próprios índios, uma ou outra mulher fica, branca e civilizada fica lá ensinando, precisa pra orientar também os outros, mas o resto tudo é índio, mas eles também já foram preparados com a cabeça dos civilizados pra ensinar os índios, então a maioria dos jovens já não quer também, e algumas tribos deles já não estão falando mais a língua, eles falam português entres eles, porque são varias tribos cada tribo fala uma língua diferente, qual é a língua que vai ficar no meio, ficou português, então tão falando muito português, tão casando-se entre eles, ai vai miscigenação entre eles, assim vai, eles mesmo falaram que viu um cacique de um das tribos, falou que tava assim, desse jeito nó vamos acabar, o Xingu vai acabar porque a água já ta poluída, as fazendas de soja em volta da, do Xingu, das aldeias do Xingu, fez com que elas virassem uma ilha de mata, quando mostra pela televisão você vê tudo fazenda de sojas, quando joga agrotóxico na soja vai tudo pro rio, uma pessoa me contou que tinha três crianças com problema de vista no Casai, lá em São Paulo, fazendo tratamento de vista, uma tava cega, as outras tava com a vista toda inflamada, então ai eles, tem um medico lá no hospital São Paulo, hospital São Paulo tem um trabalho com os índio do Xingu, na parte de saúde, então esse médico pesquisou, mas como que foi a água, levou muito tempo eles descobriram que a soja cai dentro do rio, essa soja alimentou um caramujo desenvolveu muito com aquele, com a soja não, com o veneno que joga o agrotóxico que joga na soja, alimentou esse caramujo, ele desenvolveu tanto que ele fica na água, então ele solta alguma coisa assim que fica na água, e descobriram que da água que deu aquela cegueira na criança, foi do agrotóxico direto mais ele introduziu aquele, você vê como é difícil, então nós estamos minados de destruição pra todo lado e o rio Xingu ele nasce nas fazendas e vem passa no meio, em volta do rio tem outro lado outro rio, mas os dois vem já com poluição, pra melhorar, pra piorar a situação vão criar agora a usina, uma usina de Belo Monte, eles tão querendo, já tão começando a construir, só que o Xingu não quer, porque ai vai acabar o peixe que é o alimento principal deles, quer dizer eu que achava que o Xingu tava, imagina eles são famosos até nos Estado Unidos e vinha dos Estados Unidos de avião pra assistir aquelas festas deles lá, tudo isso prejudica, levaram uma vez, sabe aquela, não levaram coca-cola não, levaram a caixa de coca-cola, sabe aquele caixão cheio, pelo avião, ai quando as índias foram danças apareceu a caixa escrito coca-cola lá no Xingu, lá ta pior, que coisa, então a perspectiva vai depender deles, assim mesmo não sei se vai depender só deles não, porque essas invasões, então os índios de lá que ta na mata mesmo, ta muito mais perigoso e a Yanomami que ta bem na Amazônia lá, Venezuela, ele também ta com perigo, ele ta pegando muita doença de poluição de agrotóxico, então infelizmente a previsão pra isso não é boa não, mas a gente tem que ter fé em Deus, Deus é que sabe da nossa vida, e eles tem te muita fé em *ñanderu*, Deus pra eles é *ñanderu*, quer dizer nosso pai, criador, o que criou, então eles acreditam muito, tanto que a cura que eles fazem é pela fé, eu já vi muita cura, alguns tem que ir pro médico também, mas eles mesmos falam, que, quando termina o trabalho eles falam pode levar no médico, agora alguns só batem o pajé e já sara, pode ta mal mesmo a gente nem sabe o que tem, ele cura, eles falam assim, se tivesse pajé muito forte, pajé pra ser forte ele tem que mudar a alimentação dele, não pode comer essa alimentação do branco, ai ele come, toma muito uma bebida chamada *cauim* que é feita do milho, essa bebida a gente toma *nimongaraí*, eles faz só pro *nimongaraí*, mas o pajé antigamente eles tomavam mais e mel esse era a bebida deles e comia mais coisas leves, então eles mesmo falam, hoje o pajé tem, come a comida dos brancos, às vezes bebe pinga, porque tem força ainda, não é só que não é igual o outro, então eles contam coisas que os outros pajés tinham e conseguiam

na força tão grande e eles até chegava a saber aqui, sem sair da casa, aonde é que tinha mel no mato e ele não ia lá, ele mandava os jovens falava olha em tal lugar tem um árvore, lá tem mel pode trazer , era um, estavam presente em vários lugares, eles tem isso ai, só que hoje não tem mais, é difícil a pessoa com essa alimentação, com essa vida que tem assim já ter aquela força de antigamente, por que era tudo fechado, ninguém entrava na auguaçu, branco, civilizado, qualquer um, era um lugar muito sagrado hoje abriu o branco gosta de vir pescar tudo, só que não sabe que ta , de vez em quando eles falam mas tenho que fechar a auguaçu, ai fizeram a casa de cultura lá, agora os artesanatos tão aqui ainda, não é pra ficar aqui, porque vem ai, ai tem que trazer a pessoa pra vim aqui dentro, então eles falam que o lugar perde a força, esse lugar, lá é um *abá*, é como se fosse o lugar onde eles rezam virado pro lado do sol, o sol simboliza o *kuaray* que é Deus também que está no lado leste, então todos os índios tem religião, todas as tribos tem, só que cada um, o do guarani é muito forte por isso até hoje durou porque não era pra durar mais, quase quinhentos anos de contato com o branco , então a gente tem que dá valor isso pra eles também , talvez com essa força que eles tem continua, então é isso.